

Autore:
Matteo Bifone

titolo: **Le cooperative della logistica e le lotte degli immigrati organizzati dal SI Cobas**

Marilia

2023

titolo: Le cooperative della logistica e le lotte degli immigrati organizzati dal SI Cobas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. como parte das exigências para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais. pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração: ciências sociais
Linha de pesquisa: Determinações do mundo do trabalho

Orientador: Prof. Dr Anderson Deo

Marília
2023

B591c	Bifone, Matteo
	Le cooperative della logistica e le lotte degli immigrati organizzati dal Si Cobas / Matteo Bifone. -- Marília, 2023 123 p.
	Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília Orientador: Anderson Deo
	1. Sociologia do Trabalho. 2. Imigrantes. 3. Cooperativismo. 4. Logística. I. Título.

**Título do trabalho: Le cooperative della logistica e le lotte degli immigrati
organizzati dal SI Cobas**

autor: Matteo Bifone

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais... .

Área de concentração: Ciências Sociais

Linha de pesquisa: Determinações do mundo de trabalho

Banca Examinadora

Prof. Dr. Anderson Deo
UNESP – Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Marcos Tadeu del Roio
UNESP – Câmpus de Marília

Prof^a. Dr^a. Celia Aparecida Ferreira Tolentino
UNESP – Câmpus de Marília

Prof. Dr. Devi Sacchetto
UniPD- Universidade de Padova-Italia

Prof.Dr. Antonino Infranca
Ministero dell’Istruzione, dell’Università e della Ricerca

Marília, 3 de março 2023

ABSTRACT: The subject of this thesis will be the struggles that have developed in the field of logistics in Italy since 2008, which have seen immigrants from various countries of the world in the forefront organized by SI Cobas, a recently established trade union, which his objective is to encourage the resumption of the political-trade union conflict after decades of concertation by the major trade unions. The objective of this work is to demonstrate that immigrants do not necessarily constitute an element of reduction of the rights of native workers but rather that their struggles can favor the improvement of the living and working conditions of the entire working class present in the country .

To reach it we will start with a Marxist analysis of the economic crisis, through the works of authors such as Meszaros, Chesnais and Vasapollo as regards the Italian situation, then we will describe in depth a history of immigration towards our country starting from Second World War which was historically a country of emigration, we will try to define the origins and motivations of those who migrate to our country.

The third and fourth chapters will respectively describe racism in our country, from fascism to the present day, and the development of the cooperative movement, from its origins as a mutual aid tool for workers up to its transformation into an instrument of exploitation.

In the fifth chapter the attention will focus on logistics, as a place of valorisation of capital in the distribution sector, on the origins of the SI Cobas union, on the objectives of the struggle achieved and to be achieved.

In the sixth and final chapter, interviews with militants and delegates will serve to verify whether the theoretical premises related to the presence of immigrants in the struggles as a positive element can be denied or confirmed.

Key- words: Logistics, immigrants, union struggles, cooperative

Riassunto: Oggetto di questa tesi saranno le lotte che si sono sviluppate nel campo della logistica in Italia a partire dal 2008, che hanno visto in prima linea immigrati provenienti da diverse paesi del mondo organizzati dal SI Cobas, un sindacato di recente costituzione, che si pone come obiettivo quello di favorire la ripresa del conflitto politico-sindacale dopo decenni di concertazione da parte dei maggiori sindacati. L'obiettivo che si pone questo lavoro è dimostrare che gli immigrati non costituiscono necessariamente un elemento di riduzione dei diritti dei lavoratori autoctoni ma che anzi le loro lotte possono favorire il miglioramento delle condizioni di vita e di lavoro di tutta la classe lavoratrice presente nel paese.

Per raggiungerlo si partirà con un'analisi marxista della crisi economica, attraverso i lavori di autori come Meszaros, Chesnais e Vasapollo per quanto concerne la situazione italiana, in seguito si de-

scriverà in maniera approfondita una storia delle immigrazioni in direzione del nostro paese a partire dalla Seconda guerra mondiale che è stato storicamente un paese di emigrazione, si proveranno a definire le origini e le motivazioni di coloro che migrano verso il nostro paese.

Nel terzo e nel quarto capitolo saranno descritti rispettivamente il razzismo nel nostro paese, dal fascismo ai giorni nostri, e lo sviluppo del movimento cooperativo, dalle sue origini come strumento mutualistico dei lavoratori fino alla sua trasformazione in strumento di sfruttamento.

Nel quinto capitolo l'attenzione si concentrerà sulla logistica, come luogo di valorizzazione del capitale nel settore distributivo, sulle origini del sindacato SI Cobas, sugli obiettivi di lotta conseguiti e da conseguire.

Nel sesto e ultimo capitolo interviste a militanti e delegati serviranno per verificare se le premesse teoriche legate alla presenza di immigrati nelle lotte come elemento positivo possano essere smentite o confermate.

Parole-chiave: Logistica, immigrati, lotte sindacali, cooperative

Resumo: Objeto dessa tese serao as lutas que começaram na area da logistica em 2008, que vieram os imigrados de diferentes paises do mundo em primeira linha, organizados por um sindicato chamado SI Cobas, recém-constituído, que se coloca como objetivo aquele de favorecer a retomada do conflito politico-sindical, apos decadas de anos de paz social por parte das maiores centrais sindicais da Italia. Objetivo desse trabalho è demonstrar que os imigrantes nao constituem necessariamente um elemento de reduçao dos direitos e do salario dos trabalhadores italianos, pelo contrario que as suas lutas podem favorecer a melhora das condiçoes de vita e de tranalho de toda a classe trabalhadora que mora no pais.

Para consegui-lo vamos começar com uma analise marxista da crise economica, por meio dos trabalho de autores como Chesnais, Meszaros e Vasapollo por aquilo que se refere a situação italiana, em seguida vamos descrever de forma aprofundada uma historia das imigrações em direção ao nosso pais, que historicamente era um pais de emigração, tentando tambem de definir as origens e as motivações daqueles que migram em direção ao nosso pais.

No terceiro e no quarto capitulo serao descritos respectivamente em primeiro o racismo no nosso pais, desde o fascismo até hoje em dia, e o desenvolvimento do movimento cooperativo, desde as suas origens como meio mutualista de defesa dos trabalhadores até a sua transformação em meio de exploração da força de trabalho.

No quinto capitulo focaremos nossa atençao na logistica, como meio de valorização do capital no setor distributivo, nas origens do sindicato SI Cobas, nos objetivos de lutas conquistados e naqueles ainda para conquistar.

No sexto e ultimo capitolo as entrevistas para militantes e delegados sindicais serao utilizadas para verificar se as premissas teoricas ligadas a presena de imigrados nas lutas como elemento positivo poderao ser confirmadas ou nao.

Palavras-chave: Logistica, imigrados, lutas sindicais, cooperativas

LISTA DI ABBREVIAZIONI E SIGLE

AICA- Alleanza italiana cooperative agricole

ADL COBAS- Associazione difesa dei lavoratori Cobas

BCE- Banca centrale europea

BNL- Banca nazionale del lavoro

CAAT-Centro agro alimentare Torino

CARA-Centro accoglienza richiedenti asilo

CAS- Centri di accoglienza straordinaria

CCNL-Contratto collettivo nazionale di lavoro

CECA- Comunit  economica del carbone e dell'acciaio

CEE- Comunit  economica europea

CENSIS-Centro studi investimenti sociali

CEPR-Center of economic policy research

CGIL- Confederazione generale italiana del lavoro

CISL- Confederazione italiana sindacati dei lavoratori

CIE-Centri di identificazione ed espulsione

CPT- Centri di permanenza temporanea

CUB-Confederazione unitaria di base

DC- Democrazia cristiana

DPI- Dispositivi protezione individuale

ECA-Ente centrale approvvigionamenti

ENC- Ente nazionale per la cooperazione

ENI- Ente nazionale idrocarburi

IDE- Investimenti diretti esteri

INEA-Istituto nazionale economia agraria

INPS-Istituto nazionale previdenza sociale

IRI- Istituto per la ricostruzione industriale.

ISTAT-Istituto nazionale di statistica

FED- Federal reserve

FEDIT- Federazione italiana trasportatori

FILT-Federazione italiana lavoratori trasporti

FIS-Fondo integrazione salariale

FMI- Fondo monetario internazionale

OIL-Orgamizzazione internazionale del lavoro

PDCI-Partito comunista d'Italia

PCI-Partito comunista italiano

PD-Partito democratico

PDR- Premio di risultato

PDS- Partito democratico della sinistra

PIIGS- Portogallo, Italia, Irlanda, Grecia, Spagna

PPI- Partito popolare italiano

PSI- Partito socialista italiano

PIL-Prodotto interno lordo

QE-Quantitative easing

OCSE- Organizzazione per la Cooperazione e lo Sviluppo economico

OGM-Organismi geneticamente modificati

RSA- Rappresentante sindacale aziendale

SCM-Supply chain management

SI COBAS- Sindacato intercategoriale Cobas

SLAI COBAS- Sindacato lavoratori autorganizzati italiani Cobas

UE- Unione europea

UIL- Unione italiana lavoratori

USB-Unione sindacale di base

Indice-sumario

1) Introduzione pp. 3-13

2) Capitolo 1 pp. 14-52:

La crisi globale del capitalismo

1.1 Caratterizzazione e periodizzazione della crisi capitalista pp. 14-21

1.2 Particolarità della crisi europea: conflitto valutario e crisi del debito pp. 21-27

1.2.1 Il Quantitative easing come tentativo di soluzione monetaria della crisi europea

1.2.2 La crisi globale e l'elezione di Trump

1.3 La realtà del capitale oggi: mondializzazione o globalizzazione? pp. 28-37

1.4 Finanziarizzazione e globalizzazione: il legame tra loro nella crisi del capitalismo pp. 37-41

1.5 La particolarità dello sviluppo italiano nel contesto internazionale: il capitalismo italiano dal 1945 alla crisi del 2008 pp. 41-51

3) Capitolo 2 pp. 52-90:

Storia delle migrazioni in direzione dell'Italia dal 1945 ai giorni nostri

2.1 Excursus storico sui flussi migratori in direzione dell'Italia pp. 52-69

2.2 Origine di chi emigra: l'Africa verso l'Europa? pp. 69-79

2.3 Analisi socio-economica dell'immigrazione in Europa dopo la crisi del 2008 pp. 80-82

2.4 La specificità della logistica dentro il contesto delle migrazioni globali pp. 82-84

2.5 Un approccio politico alle migrazioni pp. 84-86

2.6 Un'analisi della relazione tra stigma populista e migrazioni pp. 86-90

4) Capitolo 3 pp, 91-122:

Storia del razzismo contro gli immigrati in Italia: dal fascismo ai giorni nostri

3.1 Il concetto di razza nella storia contemporanea pp. 91-98

3.2 La particolarità del razzismo fascista: l'ambito spirituale pp. 98-101

3.3 Il razzismo contro i migranti nell'attualità pp. 101-3

3.4 Il razzismo istituzionale in Italia dopo la crisi del 2008 pp. 103-8

3.4.1 Caratteri specifici del Pacchetto Sicurezza

3.5 L'Islamofobia come strumento del razzismo istituzionale pp. 108-111

3.6 Violenza contro gli immigrati: il volto crudele del razzismo istituzionale pp. 111-5

3.7 Il lavoro degli immigrati nei campi e la loro lotta contro il razzismo istituzionale pp. 115-20

3.7.1 Le rivolte degli immigrati nelle campagne

3.8 Prospettive della lotta contro il razzismo pp. 120-2

5) Capitolo 4 pp. 123-157:

Storia e contraddizioni del movimento cooperativo in Italia: dall'unità d'Italia alla crisi del 2008-9

4.1 Storia del movimento cooperativo dall'unità d'Italia ai giorni nostri pp. 123-30

4.2 Le principali correnti teoriche del movimento cooperativo pp. 130-8

4.3 La legislazione dello Stato italiano sulle cooperative pp. 138-142

4.4 Il movimento cooperativo nell'attualità pp. 142-5

4.4.1 La specificità delle cooperative sociali

4.5 La trasformazione delle cooperative: dalla solidarietà agli scandali finanziari e di gestione degli appalti pubblici pp. 145-157

4.5.1 Una testimonianza diretta sulla trasformazione del mondo delle cooperative

6) Capitolo 5 pp. 158-187:

La logistica italiana nel contesto di crisi globale: tra sfruttamento e lotte sindacali

5.1 Logistica italiana: sviluppo e prospettive pp. 158-169

5.2 L'insorgere delle lotte e la necessità del sindacato: gli operai si raccontano pp. 169-182

5.2.1 La lotta nei magazzini romani della SDA

5.2.2 La repressione giudiziaria contro il movimento sindacale

5.3 Quale tipo di sindacato? Il congresso fondativo del SI Cobas nel maggio 2015 pp. 183-7

5.3.1 Gli obiettivi del sindacato

7) Capitolo 6 pp. 188-209:

Interviste a militanti e dirigenti del SI Cobas

6.1 Introduzione p. 188

6.2 Interviste pp. 188-208

6.2.1 Intervista 1

6.2.1.1 Analisi intervista 1

6.2.2 Intervista 2

6.2.2.1 Analisi intervista 2

6.2.3 Intervista 3

6.2.3.1 Analisi intervista 3

6.2.4 Intervista 4

6.2.4.1 Analisi intervista 4

6.3 Commento alle interviste pp. 208-10

8) Conclusioni pp. 211-217

9) Bibliografia pp. 218- 235

Introduzione

Questa tesi di dottorato, il cui oggetto è **“Le cooperative della logistica e le lotte degli immigrati organizzati dal SI Cobas”** nasce da un percorso di ricerca che abbiamo sviluppato nel corso degli anni 2017-8, nel momento in cui ci siamo resi conto dell'importanza di dare risalto anche accademico a quella che ci appariva una delle esperienze più significative del decennio, le lotte nelle cooperative della logistica guidate dal SI Cobas ma organizzate in prima persona da lavoratori immigrati di differenti nazionalità, che stavano ottenendo significativi risultati, e che scardinavano il paradigma che voleva gli immigrati semplice “esercito industriale di riserva” di marxiana memoria, che sarebbero serviti a erodere progressivamente i diritti dei loro omologhi italiani, tradizionalmente più garantiti, e che li considerava come semplice pedine di un “piano di sostituzione etnica” nel caso dell'estrema destra italiana e non solo, o come soggetti passivi bisognosi di accoglienza e cure nel caso della componente liberal-democratica, senza che nessuna delle due componenti riconoscesse un qualsiasi ruolo attivo alla componente degli immigrati nel nostro paese, che li considerasse portatori di un pensiero proprio, di proprie aspirazioni, aspettative ecc; ebbene le lotte da essi intrapresi, nella logistica ma non solo, tenderebbero a rompere paradigmi pre-costituiti.

Compito di questa tesi sarà per quanto possibile dimostrare che non solo i lavoratori immigrati non sono un soggetto unicamente passivo nel conflitto sociale, latente o esplicito, tra capitale e lavoro, che non abbassano automaticamente i diritti dei loro omologhi italiani, ma le loro lotte congiunte ai loro colleghi autoctoni elevano le condizioni degli uni e degli altri e più in generale di tutta la classe lavoratrice, aprendo scenari interessanti per la ricostruzione di un sindacato di massa, conflittuale e non concertativo, che si ponga come obiettivo il superamento dell'attuale sistema economico-produttivo.

Per inquadrare meglio l'oggetto della tesi abbiamo scelto di partire nel primo capitolo da

un'analisi della crisi capitalistica in cui l'Occidente è invischiato almeno dalla metà degli anni 70 del XX secolo, con diverse cicli di ascesa e discesa dell'economia, senza che la crescita del PIL raggiungesse o superasse mai i livelli precedenti lo scoppio della crisi. Nel primo capitolo definiremo una periodizzazione della crisi a partire dall'opera di quattro intellettuali marxisti: Meszaros, Chesnais, Schettino e Vasapollo. Con Meszaros vedremo l'importanza del complesso militare-industriale e della riduzione del tempo di utilizzo degli oggetti come strumento di contenimento della crisi capitalistica, con Chesnais la fase di mondializzazione capitalista e l'espansione del potere del capitale finanziario e delle sue istituzioni a livello globale.

In particolar modo per Chesnais esiste una grande differenza tra mondializzazione e globalizzazione, la seconda infatti è servita per presentare la rimozione delle barriere commerciali a livello internazionale come benefica per tutti, mentre la mondializzazione è risultata la somma di due processi, un lungo ciclo di accumulazione capitalistica e le politiche di deregolamentazione dei mercati finanziari, cominciate da Reagan e Thatcher e poi proseguite da politici neo-liberali in tutto il mondo. La globalizzazione dunque come vedremo, lungi dal diminuire le differenze tra paesi del centro e della periferia non ha fatto altro che approfondirle, per effetto da un lato dell'aumento degli IDE, favoriti anche dall'aumento degli accordi di libero scambio, dall'altro dall'espansione del mercato finanziario, grazie ai bassi di interesse, che hanno favorito dinamiche speculative attraverso l'espansione dei cosiddetti “derivati”, il cui valore è legato ad altri prodotti finanziari e non all'economia reale.

Attraverso l'analisi di Schettino vedremo nello specifico la fase di crisi che si è aperta nel 2007-8 con la bolla dei mutui sub prime che si è estesa progressivamente a tutto il mondo, dando particolare rilevanza all'attacco speculativo contro i paesi PIIGS e i loro debiti sovrani nel 2012, volti ad attaccare gli anelli deboli dell'Unione monetaria europea per far collassare un rivale del dollaro, costringendo la BCE ad intervenire con acquisto massivo dei titoli di Stato dei paesi in difficoltà, per evitare che l'Unione monetaria implodesse¹. In seguito altri fenomeni destabilizzanti si sono avuti come descritti da Schettino con la Brexit, che ha fatto uscire una delle principali economie dall'unione monetaria e l'elezione di Trump che ha inasprito e aumentato le politiche protezionistiche cominciate da Obama per scaricare gli effetti della crisi sull'Europa.

Da Vasapollo riprenderemo sia la sua analisi sulla globalizzazione, intesa come legame tra finanziarizzazione dell'economia e affermazione del neo-liberalismo a livello politico, sia la sua analisi sulla specificità dello sviluppo del capitalismo italiano in questo quadro, a partire dal contesto successivo al secondo conflitto mondiale. Ci soffermeremo molto su questo secondo

¹ Celebre il “whatever it takes” dell'allora governatore della BCE Mario Draghi.

aspetto, poiché l'autore inserisce il nostro paese, definito “*Un capitalismo piccolo piccolo*”, nel quadro europeo di ricostruzione dopo le distruzioni della seconda guerra mondiale. La crescita economica sostenuta del nostro paese negli anni 50 e fino al 1963 sarà descritta dall'autore come favorita sia dai bassi salari, dalla ripresa del commercio internazionale, dalla creazione di grandi imprese di Stato (ENI, IRI, ecc.) e dalla possibilità di utilizzare a basso costo le tecnologie prodotte all'estero. Dalla fine degli anni 60 e fino a tutti gli anni 70 viceversa vedremo una forte ripresa del conflitto sociale, con risultati consistenti sia dal punto di vista sindacale (Statuto dei lavoratori, miglioramenti retributivi ecc.), civile (diritto al divorzio, all'aborto ecc.) e politico, con l'ascesa di formazioni e partiti di sinistra radicale alternativi al PCI.

I decenni successivi verranno analizzati da Vasapollo con la necessaria riorganizzazione produttiva seguita alla crisi degli anni 70, con la creazione di migliaia di piccole e medie imprese export-oriented, che riescono meglio delle grandi fabbriche a essere flessibili e a cambiare produzione, modello questo entrato in crisi nel 2007-8, a cui si è cercato di rispondere come vedremo con la trasformazione dei centri storici abitati delle grandi città metropolitane in enormi centri di attività ricettive per turisti.

Nel secondo capitolo proveremo a ricostruire, seppur parzialmente, una storia delle migrazioni verso il nostro paese dal 1945 ai giorni nostri partendo dal libro di Colucci, provando a descriverne i momenti salienti. Nei primi decenni dopo il secondo conflitto mondiale l'immigrazione verso il nostro paese sarà limitata a flussi migratori provenienti dalle ex colonie e minoritariamente dal Portogallo, mentre a partire dagli anni 60 del secolo scorso vedremo che si collocheranno nei settori meno qualificati dell'ambito lavorativo, come il settore alberghiero. La crisi degli anni 70 evidentemente imporrà dei mutamenti e le battaglie porteranno alla parificazione dei diritti tra lavoratori autoctoni e stranieri anche grazie alle lotte del sindacato.

Nei decenni successivi vedremo come da un lato l'accordo Schengen sulla libera circolazione delle persone all'interno delle frontiere europee da un lato, dall'altro la dissoluzione del blocco socialista e della Jugoslavia apriranno a flussi ingenti di immigrati in fuga dai “nuovi” paesi che si verranno a costituire; mentre la politica italiana solo con ritardo produrrà delle leggi e con intenti sempre più espliciti di rendere l'immigrazione regolare sempre più complessa. L'attacco alle Torri Gemelle nel 2001 e le conseguenti guerre contro Afghanistan e Iraq costituiranno infatti la giustificazione ideologica dei dispositivi repressivi contro gli immigrati, principalmente ma non solo di origine nord-africana o medio-orientale, presentati tutti come potenziali terroristi.

Le leggi che seguiranno questa fase, la Bossi-Fini del 2003 e poi il Pacchetto sicurezza del 2010 saranno oggetto di un'analisi più accurata nel corso del capitolo ma rappresentano entrambe in forme diverse il tentativo di rendere gli immigrati sempre più ricattabili, vincolando il possesso del

lavoro al mantenimento del permesso di soggiorno, ed evitare che possano organizzarsi per migliorare le loro condizioni di vita. Ma il decennio che comincia nel 2010 sarà come vedremo un decennio di grandi lotte da parte degli immigrati, che si organizzeranno principalmente nel campo della logistica, nel settore agricolo e nell'ambito delle lotte per occupare case.

Le primavere arabe e la guerra in Libia hanno portato ad un consistente aumento dell'immigrazione verso il nostro paese, senza che si adottassero politiche strutturali di accoglienza da parte di un paese come il nostro in cui la popolazione invecchia, c'è una consistente immigrazione giovanile verso l'estero; si è invece scelta la strada di fare accordi con le autorità libiche, prorogati da tutti i governi, per contenere i flussi e favorire i respingimenti, a costo di far stare gli immigrati in veri e propri lager.

Successivamente proveremo attraverso il polemico libro di Smith *“Fuga verso l'Europa”* a riflettere sulle ragioni che spingono centinaia di migliaia di africani verso l'Europa, cercando di andare oltre il criterio meramente demografico o meramente economico di queste migrazioni, provando piuttosto a ragionare in maniera più complessiva: se infatti indubbiamente in alcune regioni dell'Africa c'è come vedremo un problema di sovrappopolazione e di squilibrio tra giovani e anziani e l'Europa ha indubbiamente problemi di invecchiamento costante della sua popolazione, in assenza di una politica di integrazione di coloro che arrivano e di regolarizzazione dei flussi migratori il rischio è che si importino solo braccia e non persone, approccio tipico del capitale.

Infatti nell'era della globalizzazione possono spostarsi liberamente merci e capitali ma le persone, soprattutto se provenienti da alcune regioni del mondo, devono affrontare lunghi viaggi, spesso a rischio della propria vita, per giungere in Europa. Dopo dovranno sottostare a tutta una serie di leggi e regolamenti, spesso fatti apposta per tenerlo in una condizione ibrida tra illegalità e legalità, perennemente sospeso e con enormi difficoltà a stabilizzarsi.

Cercheremo in seguito di sviluppare un'analisi sociale ed economica dell'immigrazione verso il nostro paese nella sua complessità, tralasciando sia la prospettiva integrazionista che vede solo benefici per l'economia e quella del dumping che viceversa vede solo effetti di abbassamento di diritti e tutele dei lavoratori italiani, cercando viceversa di comprendere ad esempio il ruolo svolto dalle lavoratrici domestiche nel settore domiciliare della cura degli anziani dopo il progressivo smantellamento del Welfare State o il fatto che molti immigrati abbiano perso il posto di lavoro dopo la crisi del 2008 perché maggiormente impegnati nel settore informale dell'economia con lavori dunque temporanei e più precari; analizzeremo anche la difficile ma necessaria sindacalizzazione dei lavoratori immigrati, a causa della precarietà delle loro esistenze e le diverse provenienze linguistiche, culturali ecc.

Valuteremo anche la logistica all'interno di questo quadro, visto che la creazione di corridoi

logistici strutturali per il passaggio delle merci prodotte sempre più lontano dal luogo di consumo potrebbe entrare in contrasto con una forza-lavoro sempre più mobile. Non mancherà poi un'analisi più strettamente politica delle migrazioni, provando a comprendere chi sia il migrante dal punto di vista politico attraverso ad esempio il pensiero di Sayad che considera l'immigrato come non nazionale, perché non in possesso della cittadinanza, da cui discendono tutta una serie di diritti, e tende ad escluderlo dallo spazio politico in cui tramite le sue lotte per il riconoscimento proverà ad inserirsi.

Nell'ultimo parte del secondo capitolo ci dedicheremo invece all'analisi della relazione tra la crescita dei movimenti populistici-sovrani e l'immigrazione, specialmente in paesi come l'Italia e la Francia più interessati di altro dai flussi migratori attraverso un saggio di Luca Alteri; proveremo a comprendere le ragioni della crescita di questi movimenti, non necessariamente legate direttamente alla crisi economica ma magari ad alti tassi di disoccupazione tra i nativi, ma piuttosto a politiche pubbliche che tendono ad esempio a presentare i figli degli immigrati come un problema nelle scuole per i figli degli italiani, perché costringerebbero a rallentare il processo di apprendimento a scuola; politiche che hanno successo se come vedremo nessun partito ha difeso lo *ius soli* contro l'ormai sempre più vetusto *ius sanguinis*, senza cadere nell'inganno che il problema del razzismo sia culturale o lessicale, ma cercando piuttosto di collocare gli immigrati come lavoratori all'interno del conflitto di classe tra capitale e lavoro.

Nel terzo capitolo ad essere approfondito sarà il tema del razzismo, partendo dalle sue origini più antiche nel mondo greco-romano, passando per l'epoca moderna, il fascismo e il razzismo contro gli immigrati nell'attualità. Cercheremo di far emergere il carattere di classe del razzismo, che se all'epoca del mondo romano si legittimava con l'idea agrippina di una società alla stregua di un corpo umano, in cui alcuni organi avevano un'importanza superiore ad altri, in epoche più recenti con Gobineau individua l'elemento di decadimento di una razza nella sua mescolanza con razze inferiori, difendendo la necessità di mantenere dunque la razza dominante, quella ariana, razzialmente pura, contrastando le pretese democratiche e egualitariste delle classi (definite dalle razze) inferiori. E dunque riprendendo il pensiero colonialista europeo si concepisce un mondo in cui alcune razze sono nate per “comandare” e altre per servire.

Ma il razzismo come vedremo non si limita a ciò: il taylorismo fordista ha imposto all'operaio di diventare una mera appendice della macchina, compiendo quella che il professor Basso definisce una razzizzazione dell'operaio, che evidentemente non è adeguato a svolgere lavori più complessi; nemmeno la donna si salva da ciò, razza inferiore per definizione destinata ad essere sottomessa all'uomo.

Distaccheremo in particolar modo i caratteri specifici del razzismo fascista che, essendo il

nostro un paese storicamente misto dal punto di vista delle culture e delle origini, ha tentato di ritrovare nelle politiche razziste dell'impero romano un suo precursore, focalizzando l'attenzione con la "*Dottrina della razza*" di Julius Evola sul carattere spirituale del razzismo fascista: un razzismo che distingue tra razze del corpo, dell'anima e dello spirito, e che prevede una precisa gerarchia anche dentro la razza dominante, con un ruolo estremamente importante dello Stato per crearla e renderla conscia del suo ruolo.

Negli ultimi decenni invece proveremo a vedere come si è evoluto il razzismo a livello di discorso pubblico e ideologico, visto che lotte per l'emancipazione dalla colonizzazione avevano portato i popoli "inferiori" sulla scena si è costretto il razzismo sulla difensiva, ma a partire dagli anni 90 esso si è ripresentato sotto le insegne della "differenza tra le culture"(De Benoist) non a livello gerarchico ma di qualità o sotto quelle dei differenti livelli di QI(Murray) che richiedono politiche pubbliche che difendano gli stati sociali con il QI più elevato, reintroducendo così il razzismo precedente sotto altre forme.

Analizzeremo poi con particolare attenzione il "Pacchetto Sicurezza", elaborato dal governo di centro-destra nel 2009, con l'intento di responsabilizzare gli immigrati della crisi economica in cui il paese si stava avvitando, individuando così un bersaglio facile su cui indirizzare l'indignazione pubblica, particolarmente degna di nota è a tal proposito l'introduzione del reato di clandestinità, con il quale si puniva l'immigrato non per un reato che avesse commesso ma per la situazione di irregolarità in cui si venisse a creare, anche se indipendentemente dalla sua volontà.

Ad essi viene inoltre richiesto di "italianizzarsi", definendo un insieme di valori artatamente costituiti a cui dovrebbero adeguarsi, mentre non si fa nulla per aiutarli ad integrarsi. Diversi dispositivi di questa legge rasentano peraltro l'incostituzionalità visto che prevedono ad esempio pene maggiori per chi commette un reato in condizioni di clandestinità o quelle, poi abrogate, che impedivano all'immigrato irregolare la possibilità di registrare i figli all'anagrafe, privandoli di diversi diritti fondamentali.

In seguito vedremo anche come il razzismo istituzionale faccia un salto di qualità importante con l'islamofobia a seguito degli attacchi del 2001 e poi in seguito in diverse capitali europee, cercando di presentare tutti gli immigrati musulmani come potenziali terroristi o presentando l'Islam come una religione che discrimina le donne, senza considerare le disparità salariali e le disuguaglianze di genere nel nostro paese.

Altro tema che sarà affrontato è quello della violenza contro gli immigrati, che si esprime in forme e modi diversi: attraverso la pratica illegale dei respingimenti in mare, attraverso la detenzione nei CPT-CIE, nello sfruttamento della prostituzione in cui sono invischiati le donne immigrate vittime della tratta, nei luoghi di lavoro, dove essendo gli immigrati collocati nei gradini

più bassi perché più ricattabili sono quelli più a rischio di incidenti ed infortuni, nelle abitazioni, essendo infatti costretti a vivere in condizioni fatiscenti e degradanti, nella scuola, dove i loro figli vengono emarginati perché spesso più lenti nell'apprendimento.

Nell'ultima parte del capitolo ci concentreremo invece sulla situazione degli immigrati nel settore agricolo e sulle loro lotte per il riconoscimento e contro il razzismo. In questo settore infatti gli immigrati sono costretti spesso per lavorare a rivolgersi a dei “caporali”, intermediari paramafiosi che sostanzialmente trovano braccia a poco prezzo e ricattabili per il padrone che effettivamente le utilizzerà. Questa attività di intermediazione è spesso svolta “legalmente” da agenzie per il lavoro privato senza che le condizioni semi-schiavistiche di lavoro cambino di una virgola.

Le rivolte che sono scoppiate negli ultimi 15 anni hanno fatto spesso seguito ad attacchi di cui sono stati vittime, dimostrando la loro capacità di reagire; rivolte a cui si è reagiti a sinistra spesso con pietismo e a destra con il solito livore razzista, rivolte che però hanno sedimentato un humus da cui sono nati collettivi di immigrati, che hanno proseguito la lotta nonostante gli episodi di violenza nei loro confronti e l'omicidio di un sindacalista nel 2018 da parte di un piccolo proprietario. Per quel che concerne la lotta anti-razzista proveremo ad evidenziare quali caratteri essa debba assumere, partendo dal presupposto che fondamentale è e sarà l'autorganizzazione dei lavoratori immigrati, supportati dai loro colleghi italiani con il perno fondamentale delle lotte che deve basarsi sull'eguaglianza di trattamento a tutti i livelli.

Nel quarto capitolo tratteremo una breve storia del movimento cooperativo in Italia, per poterci successivamente interrogare sui motivi che hanno determinato la sua mutazione genetica. Partiremo dalle origini di questo movimento, che nel corso del XIX secolo aveva visto i lavoratori costituire strumenti di mutualismo, come gruppi d'acquisto, istituti di credito popolare, che concedevano prestiti ai piccoli produttori, forni e gruppi di affitto collettivi; nel frattempo le cooperative diventavano come vedremo motivo di scontro tra socialisti e cattolici per controllare politicamente e elettorale i lavoratori. Analizzeremo l'ascesa delle cooperative di ispirazione socialista nei primi decenni del Novecento, la repressione e l'irreggimentazione delle cooperative durante il periodo fascista, la ripresa del movimento cooperativo nel secondo Dopoguerra, con il maggior controllo esercitato dalla componente cattolica grazie agli appoggi governativi, la crisi degli anni 90 seguita allo scandalo di Tangentopoli, che vide coinvolte negli scandali di corruzione molte cooperative, la riorganizzazione delle cooperative dopo gli attacchi dei governi guidati da Berlusconi che voleva ridurne il potere fino alla creazione delle cooperative sociali negli ultimi decenni, che provano a riscattare almeno parzialmente il lascito originario del movimento cooperativo.

Passeremo poi ad un'analisi del movimento cooperativo a livello teorico, cercando di evidenziarne le origini mazziniane in Italia come luogo del compromesso e della possibile pace sociale tra capitale e lavoro contro il classismo marxista, in seguito il movimento socialista le analizzerà come luogo del compromesso e dunque le abbandonerà ai cattolici, per poi provare a recuperarle nel primo dopoguerra, proprio mentre si tentava di istituzionalizzarle. Il successo nelle elezioni politiche del 1919 porterà il partito socialista ad abbandonare le cooperative a sé stesse, cercando di organizzare gli operai al conflitto durante il cosiddetto Biennio rosso, prima che il fascismo provvedesse a sostituire tutti i vertici del movimento cooperativo per sottometterlo ideologicamente e politicamente al suo dominio.

Vedremo anche l'evoluzione della legislazione italiana rispetto alle cooperative, analizzando come lo Stato italiano incoraggi la formazione delle cooperative all'inizio del XX secolo per contenere l'avanzata socialista, successivamente come il fascismo le irregimentò e ne fece un organo di speculazione economica, fino alla ripresa del movimento con l'inserimento del ruolo delle cooperative nella Costituzione all'articolo 45. Questo inserimento resterà sulla carta e si favoriranno elusione e evasione fiscale che apriranno la strada alla trasformazione delle cooperative da organo mutualistico a strumento di sfruttamento dei lavoratori; la riforma del codice civile del 2003 distinguerà chiaramente tra cooperative mutualistiche e non per usufruire dei benefici fiscali.

In seguito definiremo meglio la situazione del movimento cooperativo nell'attualità, analizzandone numeri e vedendo la percentuale di lavoratori stranieri impiegati in questo settore, con particolare attenzione alle cooperative della logistica, dove sono oltre un quarto del totale della forza-lavoro; descriveremo anche lo sviluppo delle cooperative sociali che, nate per favorire l'inserimento delle persone con difficoltà d'inserzione o per ragioni di salute, sono state investite da numerosi scandali di malversazione dei soldi pubblici.

Per comprendere meglio la “mutazione genetica” che ha riguardato le cooperative abbiamo deciso di riferirci a due libri che pur in forme diverse trattano del tema “*Coop Connection*” di Amorosi e “*La Coop non sei tu*” di Mario Frau. Dal primo prenderemo lo studio condotto del legame tra cooperative e sistema politico emiliano, che conduceva le cooperative legate al PCI e poi ai DS di avere appalti in cambio di una percentuale del valore, i fallimenti architettati a tavolino per non pagare lavoratori e creditori, lo sviluppo del prestito sociale che consentiva di avere capitali da investire in attività speculative, arrivando addirittura a tentare una scalata ad una banca nazionale chiamata BNL, che ha condotto a molti arresti e a un grande scandalo politico. Il sistema emiliano come vedremo vedrà l'intreccio anche tra politica e criminalità organizzata, che ha trovato in questo territorio terreno fertile per reinvestire i guadagni fatti illegalmente altrove; nel sistema romano delle cooperative ad essere investite dai maggiori scandali sono state quelle cooperative che si

occupavano di accoglienza per i migranti, per la gestione irregolare dei fondi ricevuti e per i maltrattamenti a danno dei migranti.

Il secondo testo sarà ancora più utile, perché scritto da un ex dirigente del movimento delle cooperative per 20 anni, che ha potuto constatare con mano nella sua regione, il Piemonte, questa trasformazione. Qui, il movimento cooperativo, storicamente guidato dal PCI, aveva avuto storicamente un'inserzione sociale di rilievo nel territorio grazie ai legami politici, ma a partire dagli anni 80 aveva cominciato a modificarsi dal momento che le logiche del profitto e del business ad ogni costo cominciarono a prevalere su quelli mutualistici, dal momento che i lavoratori spesso venivano fatti lavorare in condizioni insalubri come in presenza di amianto, si entrava in conflitto con i sindacati per fare dei lavoratori soci della cooperativa per ridurne le tutele² e i diritti, le cooperative di consumo venivano trasformate in veri e propri supermercati, con una partecipazione estremamente irrisoria dei soci, il cui voto dovrebbe essere in teoria fondamentale per le decisioni, dimostrando chiaramente quanto la “mutazione genetica” di cui parla l'autore sia realtà.

Nel quinto capitolo entreremo nel merito della questione centrale della nostra tesi, la logistica, attraverso un'analisi economica dell'importanza della logistica nel contesto di esternalizzazione produttiva a livello globale, evidenziando i ritardi e le mancanze del sistema logistico italiano, concentrato in pochi interporti e che sconta un trasporto che si svolge ancora troppo su gomma vista la rete ferroviaria non adeguata. Vedremo anche però come il settore logistico sia in piena ascesa, contribuendo oggi a circa il 5 per cento del PIL nazionale e con ulteriore potenziale di crescita una volta che saranno superate le arretratezze del sistema di trasporto, ad esempio con l'adesione alla Via della Seta cinese e attraverso la creazione di una rete di interporti adeguati allo scopo.

Valuteremo poi con attenzione i motivi che hanno condotto all'espansione del settore logistico, dalla privatizzazione del settore dei trasporti e dei servizi postali fino ovviamente alla dispersione delle filiere produttive in tutto il mondo. Cercheremo anche di verificare a livello teorico che cosa sia oggi la logistica, attraverso l'analisi sia di chi con Shapiro tende a vedere la fase attuale come un just in time 2.0, sia di chi invece come Bologna invita a non fare della logistica l'unico perno dell'analisi. Successivamente proveremo a concentrarci sulle condizioni di lavoro nel settore logistico, evidenziando come le cooperative siano il grimaldello attraverso cui si possono pagare meno i lavoratori, i diritti non vengono riconosciuti attraverso una serie di escamotage giuridici e molto spesso i principali sindacati sono complici di questa situazione o ne sono direttamente parte attiva, nel caso che il capo della cooperativa sia vincolato a loro da legami

² Tale istituto sarà molto presente come vedremo nel campo logistico.

politico-personali.

Tenteremo anche di far emergere però il ruolo della componente immigrata nella lotta per l'assunzione diretta dei soci-lavoratori direttamente presso la committenza principale e contro la repressione governativa e padronale. Vedremo anche come l'interconnessione dei flussi logistici determini il fatto che un blocco su un singolo punto possa provocare danni consistenti alla committenza.

Passeremo in seguito ad analizzare attraverso il libro *“Carne da macello”* del 2017, scritto da militanti del sindacato SI Cobas, la fase di lotte nei magazzini della logistica cominciata nel 2008 alla Benne di Origgio grazie all'appoggio del sindacato SLAI Cobas(da una cui costola nascerà il SI Cobas nel 2015), in seguito come vedremo le lotte si estenderanno a centinaia di magazzini in tutta Italia basandosi su due assi principali: assunzione diretta dei lavoratori dalla committenza e attuazione del CCNL Logistica. Molte sono le testimonianze raccolte nel libro, che permettono di comprendere bene quale fosse il clima in cui i lavoratori fossero costretti a stare prima dell'ingresso dei sindacati, da stipendi pagati sempre sotto i minimi previsti, estensione dell'orario di lavoro senza riconoscimento dello straordinario, fino all'umiliazione di chi lavorasse apparentemente sotto ritmo.

Oltre a tutto ciò distaccheremo la repressione che hanno dovuto subire, e subiscono tutt'ora, i lavoratori in lotta, dal trasferimento presso sedi più lontane, i licenziamenti con il rischio di espulsione dal territorio del paese, alla vera e propria violenza padronale, realizzata attraverso l'impiego di picchiatori privati o tramite l'utilizzo di crumiri; violenza conclusasi tragicamente anche con l'omicidio di due lavoratori in due diversi episodi, a causa dell'investimento di lavoratori che stavano facendo sciopero e bloccando i cancelli della fabbrica da parte di camionisti che hanno voluto forzare il blocco.

Concentreremo poi la nostra attenzione sulle lotte nel magazzino SDA della provincia di Roma, situato a Corcolle, dove nel 2013 gruppi di lavoratori immigrati che erano venuti a sapere dei risultati ottenuti altrove erano entrati in contatto con il sindacato, in seguito ai successi ottenuti dalle lotte degli immigrati una parte dei lavoratori italiani, inizialmente non sindacalizzati, si sono anch'essi come vedremo avvicinati al sindacato nella lotta della TNT; in questo secondo caso non sono stati lavoratori sindacalizzati a prendere l'iniziativa, ma alle prime esperienze di lotta che si sono fidati del sindacato visti i successi ottenuti altrove.

Descriveremo anche le modalità con cui si è definita la repressione anche a livello giudiziario, attraverso il tentativo di presentare i sindacalisti del SI Cobas come potenziali estorsori per aver chiesto un contributo per una cassa di resistenza durante una trattativa per concludere uno sciopero nel modenese, dove nel settore carni si applicava il contratto logistico perché meno oneroso per l'azienda, tentativo saltato grazie alla solidarietà che come vedremo si scatenerà in

molti magazzini d'Italia in poco tempo, portando all'assoluzione dei sindacalisti da tutte le accuse.

Successivamente approfondiremo il documento programmatico scaturito dal primo congresso dei SI Cobas, nel quale il sindacato descrive la sua visione della crisi come una crisi di valorizzazione del capitale, la cui esternalizzazione produttiva rende strategico il settore della logistica a livello internazionale, da cui discende l'importanza di costituire un sindacato che oltrepassi le limitate frontiere nazionali per organizzare una strategia comune con altri sindacati combattivi europei e mondiali; definisce un modello di sindacato che in assenza di un partito politico di riferimento per la classe possa fornire l'humus da cui costruire il soggetto politico, un sindacato che superi il tradizionale riformismo dei sindacati tradizionali e che costruisca organismi sindacali unitari con precari e disoccupati, cercando altresì di costituire un fronte unitario di lotta dei lavoratori indipendente dalle sigle sindacali a cui ciascuno è iscritto. Gli obiettivi principali che il sindacato si è dato sono fondamentalmente due: riduzione dell'orario di lavoro a parità di salario, per aumentare l'occupazione, e un salario minimo, che eviti di creare una forza-lavoro eternamente ricattabile dal padronato.

Nell'ultimo capitolo attraverso delle interviste a lavoratori iscritti al SI Cobas cercheremo di comprendere meglio quali sono le storie personali e sindacali dei lavoratori, quali sono gli obiettivi del sindacato, quali sono le aspettative dei lavoratori rispetto al sindacato. Abbiamo scelto di intervistare lavoratori con storie e provenienze diverse, un italiano, due peruviani e un eritreo, per comprendere quali siano le differenze di analisi e prospettiva tra i lavoratori.

Proveremo a far emergere le condizioni di lavoro prima e dopo l'ingresso del sindacato, il ruolo dei delegati nel tentare di elevare la coscienza dei lavoratori, le origini migratorie dei lavoratori stranieri e le loro difficoltà nel raggiungere il nostro paese, tenteremo di intendere il loro giudizio sulla politica italiana, valuteremo il loro grado di coscienza sugli obiettivi economici del sindacato considerando il rischio del tradunionismo, la percezione eventuale della necessità di collegarli con gli obiettivi politici, il loro giudizio sulla politica nel loro paese di origine.

Faremo anche un focus sulle modalità con cui si è svolto il lavoro durante la pandemia da Covid-19, visto che il settore logistico è stato considerato come essenziale e dunque non si è mai fermato nemmeno nei periodi più duri del lockdown, spesso mettendo a rischio la salute e la sicurezza dei lavoratori impiegati nel settore.

Approfondiremo il modo con cui il sindacato gestisce il rapporto tra lavoratori di differenti culture e nazionalità, visto il carattere internazionale che il sindacato aspira ad avere, provando a far emergere la modalità con cui si cerca di evitare da parte del sindacato che i lavoratori cadano nella logica del divide et impera fomentato dai mass media sia tra lavoratori italiani e stranieri, che tra stranieri di differenti nazionalità, analizzando la modalità attraverso la quale si promuovono il

rispetto reciproco e il fare fronte comune tra i lavoratori in vista della realizzazione degli obiettivi di lotta.

In coda alle interviste proveremo a fare un'analisi di ciascuna intervista, distaccandone i momenti salienti, facendo emergere i possibili spunti di approfondimento e gli eventuali elementi da sottoporre a critica, alla fine delle quattro interviste faremo un bilancio complessivo di quanto emerso nel corso di tutte le interviste, definendo a quali risultati si è giunti e quali possono essere in prospettiva gli elementi di miglioramento su cui può lavorare il sindacato.

Cap. 1 La crisi globale del capitalismo

1.1 Caratterizzazione e periodizzazione della crisi capitalista

In questo primo capitolo della tesi analizzeremo i caratteri dell'ultima crisi capitalista, cominciata negli anni 70 con lo shock petrolifero, i suoi sviluppi nei decenni successivi fino allo scoppio della crisi del 2008, erroneamente considerata come finanziaria, attraverso l'analisi di autori come Meszaros, Chesnais, Vasapollo. Nell'ultima parte di questo capitolo vedremo invece la particolarità dello sviluppo economico italiano a partire dal 1945 fino all'esplosione della crisi del 2008, rimarcando quali siano gli elementi di specificità dell'economia italiana nel contesto europeo e mondiale; elementi che ci saranno estremamente utili per la nostra analisi, concentrata sul settore della logistica italiana nel contesto delle reti di scambio globali.

Per Meszaros(2016) la diminuzione del tempo medio di utilizzo di una merce è una delle principali tendenze dello sviluppo capitalistico. “L'emergere del complesso militare-industriale, [...] rappresenta invece un fatto molto diverso. Le manifestazioni distruttive di questa legge tendenziale [...] sono drammaticamente emerse nel ventesimo secolo”(MESZAROS,2016, p 548). Lo sviluppo capitalistico si incontra in una fase di costante contrapposizione tra la sua valorizzazione e le esigenze della popolazione. Se l'obiettivo del capitale era inizialmente il consumo, con lo sviluppo del sistema militare è possibile invece fare in modo che la distruzione prenda il posto del consumo. È stata la Luxemburg per prima a evidenziare tale possibilità: “Sotto forma di commesse militari dello stato, il potere d'acquisto delle masse consumatrici, [...] viene sottratto all'arbitrio, alle fluttuazioni del consumo personale, per assumere una regolarità quasi automatica, un ritmo di sviluppo costante”(LUXEMBURG, 2015, p.466).

Facendo ciò il capitale adotta per Meszaros la linea di minor resistenza, ossia nel suo sviluppo trovando un elemento che gli permetta di crescere meglio rispetto al naturale sviluppo del suo corso, lo adotta. In questo modo esso riesce a risolvere il problema della possibile limitatezza del consumo. Secondo Meszaros (2016, p.552) “Lo stesso vale per il rapporto tra plusvalore

assoluto e relativo. [...] Sembra ovvio che il dinamismo dello sviluppo capitalistico non sia spiegabile senza il suo più sofisticato motore di sfruttamento, la produzione di plusvalore relativo”. In tal modo si trascura però il fenomeno del sottosviluppo, relazionato da un lato alla presenza costante del plusvalore assoluto come base dello sfruttamento e dall'altro il ruolo delle lotte di classe per rompere, almeno parzialmente, questo dominio, spostando il capitale su questa nuova linea di minor resistenza. Nonostante ciò il pericolo di crisi è sempre presente, per questo motivo è necessario mantenere sempre attivo lo sfruttamento tramite plusvalore assoluto. “Questo è chiaramente evidenziato dall'uso che nei paesi capitalisti avanzati viene fatto di immigrati, cottimo a domicilio, eccetera”(MESZAROS,2016, p 553).

Tali meccanismi permettono al capitale di posticipare queste tendenze, aumentando il proprio margine di manovra. Infatti diminuendo il tempo medio di utilizzo, è possibile continuare ad escludere fette ingenti di popolazione mondiale dalla sfera del consumo. Il tasso decrescente diviene dunque al tempo stesso uno strumento per la produzione su larga scala, dall'altra un obiettivo da realizzare, cercando di ridurre al minimo, possibilmente zero, il tempo di utilizzo³. Questa tendenza progressivamente si afferma in tutte le aziende.

Il complesso militare—industriale ha assunto invece un'importanza sempre più rilevante dopo la crisi avvenuta tra il 1929 e il 1933. Le strategie keynesiane di stimolo della domanda interna riuscirono a funzionare infatti solamente con lo sviluppo del settore militare. Ovviamente vi furono delle differenze tra paese e paese, in funzione del marxiano sviluppo diseguale, ma in ogni caso la Seconda guerra mondiale prima e la guerra fredda poi, produssero una enorme espansione di tale settore. Da questo punto di vista sono forti i legami tra Stati Uniti e potenze europee d'accordo con Meszaros(2016,pp. 554-5): “Tutte le società capitalistiche avanzate, [...] dipendono pesantemente dall'espansione del mercato statunitense, che a sua volta è impensabile senza quegli astronomici budget militari, [...] su cui si fonda tutta la dinamica espansionistica dell'economia USA”.

Lo sviluppo di tale apparato porta ad una differente distribuzione delle risorse sociali, che in luogo dello sperpero dell'antichità descritto da Marx(2022) come gratuità in decadenza, producono uno spreco di risorse presentato come qualcosa di patriottico. Inoltre esso elimina il naturale limite al consumo individuale, creando un settore dagli illimitati bisogni.

Il capitale ha incontrato la contraddizione tra valore d'uso e valore di scambio fin dai suoi primordi.

Per giustificare il crescente consumo improduttivo si sono spesso usate formulazioni retoriche, come ad esempio la favola delle api di Mandeville⁴. In ogni caso la contraddittorietà

3 Cfr. MESZAROS, “*Oltre il capitale*”, p.554-5.

4 In tale favola lo spreco viene presentato come qualcosa di positivo, perché nel perseguimento dell'interesse individuale ciascun ape collabora al benessere dell'alveare.

sembra qualcosa di intrinseco allo sviluppo del capitalismo, Meszaros(2016,p.558) “Da qui l'approvazione, [...] di salari più alti per i lavoratori di altri capitalisti, -[...] insieme con l'esortazione alle virtù del contenimento dei salari in nome della riduzione dei costi e della sana economia”. Per evitare questa contraddizione si sovrappongono uso e consumo, permettendo di trascurare se effettivamente ci sia consumo o meno dopo lo scambio. Già Locke(2007) ad esempio evidenziava come l'accumularsi delle ricchezze era qualcosa di assolutamente naturale e lo spreco fosse eliminato proprio da questa concentrazione della ricchezza⁵.

Il settore militare permette di ampliare questo meccanismo, facendo anche: “un salto qualitativo, nel senso che lo scopo e la misura delle operazioni redditizie diventano incomparabilmente più grandi di quanto si potesse concepire nelle prime fasi dello sviluppo capitalistico” (MESZAROS,2016, p 560), facendo apparire le fasi precedenti come semplici truffe, adesso aumentate esponenzialmente e implementate su larga scala. Infatti l'ambito militare fa di tutta la nazione il proprio mercato di riferimento, creando una domanda pagante pressoché infinita.

Il capitale nel secondo dopoguerra ha saputo innovarsi, scegliendo di volta in volta la linea di minor resistenza migliore possibile, tra cui anche lo Stato sociale, come forma di contenimento di parte delle sue contraddizioni. E d'altra parte, storicamente, la distruzione di forze produttive è il modo classico con cui il capitale ha risolto le sue crisi, secondo Meszaros(2016,p.561): “cioè distruggendo senza scrupoli unità di capitale sovrapprodotte e non più utili, incrementando così la concentrazione e centralizzazione del capitale, e ricostituendo la redditività generale del capitale sociale totale⁶”, in tal modo riuscendo ad evitare, almeno temporaneamente, il problema della sovrapproduzione e minimizzando lo sviluppo delle crisi.

In ogni caso sarebbe impossibile al capitale, per la sua contraddittorietà intrinseca, la costruzione di una società generalmente laboriosa o uno sviluppo dei bisogni corrispondente al consumo. Lo stesso avviene con la scienza, piegata alle esigenze del profitto in tutti i campi, da quello industriale a quello sanitario e a quello militare. Per questo motivo i bisogni umani sono alienati e artificialmente reificati per le esigenze del capitale.

Ma il modo più importante con cui il capitale per Meszaros gestisce la propria linea di minor resistenza è il modo con cui affronta le sue crisi. Secondo l'autore infatti nel corso del XX secolo il capitale è riuscito ad evitare i grandi sconvolgimenti descritti da Marx nel Capitale. La caratteristica nuova del capitale non sarebbe quindi la sua capacità di autoregolarsi, come affermerebbe Marcuse, ma Meszaros(2016, p. 565)

lo spostamento dai modelli tradizionali di consumo verso un tipo molto diverso, in cui

5 Cfr. LOCKE “*Due trattati sul governo*”.

6 MESZAROS, “*Oltre il capitale*”, p.561.

dominano gli interessi del complesso militare-industriale. [...] E' precisamente questo cambiamento nel rapporto tra produzione e consumo che permette al capitale di evitare, per ora, i collassi spettacolari del passato.

Finché questa relazione riuscisse a tenersi in piedi sarebbe possibile per il capitale evitare le grandi crisi attraverso piccoli sconvolgimenti, che, lungi dal risolvere il problema, danno alla crisi un carattere di continua depressione, di crisi strutturale. Ma il miglioramento della gestione della crisi capitalistica non significa che si sia riusciti a risolvere i limiti strutturali di tale sistema. “Del fatto che il capitale pone ciascuno di questi limiti come ostacolo e quindi idealmente lo ha superato, non consegue in alcun modo che esso lo abbia superato realmente”(MARX, 2015, p.377). In ogni caso il capitale sembra in grado di gestire la sua crisi grazie all'intervento dello Stato, che interviene nell'economia per salvarlo.

Per Meszaros(2016, p.565) “Per capire queste sconcertanti caratteristiche del capitalismo contemporaneo, bisogna tracciare una distinzione vitale fra produzione e auto-riproduzione. [...] Il capitale non è minimamente interessato alla produzione in quanto tale, ma solo alla sua auto-riproduzione”. In alcuni casi, soprattutto nelle prime fasi di sviluppo del capitalismo, i due elementi possono andare di pari passo e il capitale può migliorare le condizioni di vita della società; ma oggi la divergenza tra produzione e auto-riproduzione è sempre più accentuata, potendo il capitale riprodursi solo in forma distruttiva. “In questo senso, non si possono più teorizzare i limiti del capitale come puri ostacoli materiali a un maggiore incremento della produttività e della ricchezza sociale, [...], bensì come sfida diretta alla sopravvivenza del genere umano”(MESZAROS,2016, p. 566).

Questo perché il capitale nella sua anarchia produttiva è totalmente privo di limiti. L'obiettivo non è più infatti, ammesso che lo fosse mai stato, quello di creare abbondanza superando la scarsità, né quello dello Stato può essere appena di obbligare al lavoro i poveri e di promuovere lo sfruttamento delle risorse in ambito internazionale, d'accordo con Meszaros(2016, p.566) “la differenza radicale è che lo Stato capitalistico deve ora assumere un ruolo di intervento diretto su tutti i piani della vita sociale, promuovendo attivamente e gestendo il consumo e lo spreco distruttivo della ricchezza sociale su scala monumentale”

L'attuale crisi capitalista affonda le sue radici in quella crisi, che Mandel ha definito come crisi del capitalismo tardivo, che scoppiò dopo il trentennio di sviluppo e ascensione del capitale(1945-75) che aveva fatto seguito alla fine della seconda guerra mondiale. Il concetto di capitalismo tardivo di Mandel(1973) fa riferimento non tanto ad aspetti cronologico-temporali, quanto ad aspetti di concetto, che sono relativi alle profonde trasformazioni che il capitalismo mondiale sviluppò in questo trentennio di ascensione. Per tale autore questa epoca fu caratterizzata

dal miglioramento delle condizioni di valorizzazione del capitale, derivante dall'intenso sviluppo tecnologico. Tra gli elementi di maggiore importanza di questa epoca vi furono indubbiamente lo sviluppo del mercato mondiale finanziarizzato.

In ogni caso nonostante la tendenza alla caduta del tasso di profitto fosse già presente, fu un evento di matrice politica, l'aumento del prezzo del petrolio, a determinare lo “scoppio”, almeno formale, della crisi. La caduta del saggio di profitto si congiunse in questo contesto con una grande crisi di sovrapproduzione e con la crisi fiscale, indubbiamente peggiorata dalla fine degli accordi di Bretton Woods⁷, che aveva garantito stabilità fino a quel momento al sistema finanziario. Questo perché si passò da un sistema di cambio fisso a uno di cambio fluttuante, creando grandi occasioni speculative per il settore finanziario. D'altronde la crisi del 1973-5 aprì lo spazio per uno sviluppo in senso completamente mondiale del capitalismo. Nel “*Manifesto del partito comunista*” del 1848, Marx e Engels già anticiparono, sebbene di forma ancora embrionale, il carattere ciclico delle crisi di sovrapproduzione del capitalismo. Citandoli Marx, Engels(2008, pp 13-4)

La società si trova improvvisamente ricacciata in uno stato di momentanea barbarie, una carestia, una guerra generalizzata di annientamento sembrano averle sottratto tutti i mezzi di sussistenza[...] e perché? Perché la società possiede troppa civiltà, troppi mezzi di sussistenza, troppa industria, troppo commercio.

Tali crisi sono relative evidentemente anche dalla caduta del tasso di profitto, che impone ai capitalisti di aumentare la produzione, determinando la sovrapproduzione delle merci.

Lo sviluppo del settore finanziario rappresentò la principale via d'uscita, almeno provvisoria, alla crisi di sovrapproduzione. Ma la valorizzazione che deriva dallo sviluppo del mercato finanziario determinò unicamente una valorizzazione fittizia del capitale, non producendo impatti, se non in forma parziale, sull'economia reale. La crisi condusse inevitabilmente a una ristrutturazione produttiva, con l'obiettivo di creare una nuova forma sociale.

Gli anni 80 furono dunque gli anni della transizione al capitalismo globalizzato, o meglio, d'accordo con Chesnais(1994), alla fase di mondializzazione del capitalismo. Il paese guida di questa nuova fase furono indubbiamente gli USA, che con i paesi dell'attuale Unione Europea e con il Giappone, rappresentavano il blocco dei paesi centrali, in contrapposizione ai paesi impropriamente definiti in via di sviluppo. Tale periodo di transizione fu caratterizzato da un acutizzarsi della lotta di classe, conseguenza anche della fine del trentennio di espansione del capitalismo e delle sue possibilità “distributive”.

Gli anni 80 furono d'altronde anche gli anni dell'affermazione delle forze neo liberali in paesi come il Regno Unito e gli Stati Uniti, anche per rispondere ai movimenti politici di contestazione degli anni 60 e 70. Ma indubbiamente lo sviluppo di questa nuova fase del

⁷ Tali accordi, sottoscritti nel 1944 stabilivano un cambio fisso di tutte le valute nei confronti del dollaro, che a sua volta era agganciato all'oro creando un sistema stabile di cambio, cosiddetto gold exchange standard.

capitalismo fu accentuato da alcuni eventi, come la caduta del muro di Berlino, la fine dell'Urss e l'affermazione del consenso di Washington, che permisero a questa nuova fase di dispiegarsi con tutta la sua forza. Non a caso il 1989 è stato considerato da Eric Hobsbawm(1994) la fine del secolo breve, cominciato con la rivoluzione russa del 1917.

Gli anni 80 furono d'altronde gli anni di affermazione delle grandi istituzioni internazionali che hanno permesso l'affermazione piena del dominio del capitalismo finanziario(tra le altre distacciamo FMI, OMC e Banca mondiale). Anche gli stati nazionali attraversano una fase di trasformazione, per adeguarsi alle nuove esigenze della fase neo liberale del capitalismo.

Secondo Giovanni Alves(2018) l'apice di questo processo furono: l'entrata della Cina nell'organizzazione mondiale del commercio nel 1999 e l'adozione dell'Euro da parte di alcuni paesi dell'Unione europea nello stesso anno. Nel primo caso tale ingresso significò la possibilità di entrata di grandi multinazionali in territorio cinese anche in settori storicamente protetti come le telecomunicazioni e la fine delle restrizioni alla possibilità di circolazione dei cinesi all'interno del territorio nazionale; nel secondo caso l'adozione dell'euro rappresentò la creazione di un polo egemonico a guida tedesca, che facesse da contraltare all'avanzo cinese e che allo stesso tempo entrasse in competizione anche con il capitale nordamericano, che tentava di rivaleggiare al capitale europeo attraverso l'accordo di libero scambio chiamato Nafta.

Allo stesso tempo però del suo massimo sviluppo tale sistema mostrava però i sintomi di una strutturale debolezza: l'esplosione di varie e frequenti bolle finanziarie.⁸ Tali crisi imposero profonde modifiche anche in ambito geopolitico, con un sempre maggiore avvicinamento geopolitico tra Cina e Russia, e una maggiore aggressività statunitense nei paesi del medio Oriente(Afganistan, Iraq, etc.) In questa fase ci fu dunque allo stesso tempo l'ascensione e la crisi del capitalismo mondializzato. L'espansione degli anni 90 si accompagnò alle crisi dei primi anni 2000. Tale movimento si accompagna con l'egemonia degli Stati uniti a livello internazionale, seguita al crollo dell'Urss e dei paesi del blocco socialista.

La prima bolla finanziaria negli Stati uniti scoppiò nel 2001, sotto l'impatto dell'azione terroristica del settembre 2001. Come reazione a ciò la Fed adottò politiche anti-cicliche, con la riduzione dei tassi d'interesse che avrebbe reso possibile lo scoppio della bolla successiva nel 2007-8 e l'espansione dei prodotti derivati finanziari. Ma fin dall'inizio era chiaro gli indicatori macroeconomici non erano stabili e che una nuova crisi si profilava all'orizzonte.

Differentemente però dalle crisi finanziarie che attraversarono negli anni 90 i paesi “periferici” del capitalismo, la bolla del 2007 esplose nei principali paesi capitalisti mondiali, tra cui USA, UE e Giappone, dimostrando la fragilità del sistema. Il giorno dell'esplosione fu il 24 luglio

8 L'ultima di esse, ma forse anche la più rilevante, è quella del 2008-2009, i cui strascichi proseguono ancora oggi.

2007, quando la caduta dell'indice Dow Jones, motivata dalla crisi dei mutui sub prime, condusse molte banche a una situazione d'insolvenza. I mutui sub prime erano concessi per carte di credito, compravendita di immobili, ecc. a persone senza reddito, né patrimonio e con un cattivo registro per quanto riguardava i pagamenti. Tali prestiti erano pagati attraverso l'ipoteca sugli immobili, i cui prezzi continuavano a crescere. Quando i tassi d'interesse tornarono a crescere in modo rapido, ci fu una forte ondata di mancati pagamenti, che provocò a una volta una veloce riduzione del prezzo degli immobili. Per diminuire il rischio di insolvenza grandi banche crearono pacchetti di derivati, la cui base erano questi crediti deteriorati, a cui era attribuito il punteggio di “AAA”, ossia titolo estremamente solido. Con questa categorizzazione ci fu la corsa ad accaparrarsi questi titoli, il cui valore continuava ad aumentare esponenzialmente, fino al luglio 2007, quando una crisi di fiducia provocò una difficoltà in alcuni casi anche solo per prelevare denaro dagli sportelli del bancomat.

Per Schettino(2021, p.21) : “Il capitale da più di cinque decenni sta vivendo una crisi che si materializza innanzitutto nell'assottigliamento tendenziale del saggio di profitto, dovuto principalmente all'aumento dell'impiego di capitale costante (macchine e strumenti) rispetto a quello variabile⁹”. Al tempo stesso della diminuzione del saggio di profitto, si assiste a una crescente sovrapproduzione di merci. Questo perché la diminuzione dei salari, legata all'estrazione del plusvalore, rende praticamente impossibile trovare una domanda pagante adeguata per le merci prodotte.¹⁰

Per questo motivo nel corso degli ultimi decenni il capitale ha cercato di contenere gli effetti di questa crisi con il meccanismo del marketing da un lato e dall'altro con il crescente ricorso all'indebitamento privato. “Questo tipo di strategia, si è avvalsa principalmente dello strumento del feticismo della merce, che, come ogni altra forma di religiosità, ha utilizzato dei mezzi adeguati a permetterne l'elevazione spirituale(Schettino, 2021, p.23)”. I meccanismi pubblicitari ad esempio conducono sempre più persone ad affollare i centri commerciali, per comprare quella merce che la televisione e i mass media gli hanno “consigliato” di comprare.

Nel caso specifico della crisi del 2008 era necessaria la vendita di merci su cui i grandi capitalisti avevano cominciato un attacco speculativo. Per questo fu necessario vendere immobili dal prezzo sempre più alto a lavoratori o disoccupati che non avevano la minima possibilità di pagarli. Ciò si rese necessario per far fronte all'eccesso di capitale monetario, che, dopo l'euforia della speculazione sui debiti dei paesi più poveri, non trovava altre forme di valorizzazione. Schettino(2021, p.25):

9 SCHETTINO, F. CLEMENTI F., “*Crisi, diseguaglianze e povertà*”, p.21.

10 Quest'interpretazione della crisi come prolungata da decenni non è l'unica possibile, i dati di crescita dei paesi asiatici negli ultimi decenni sembrerebbero contrariare quest'ipotesi, sebbene a nostro avviso questa sia la più corretta.

In una situazione del genere non deve sorprendere la scelta, [...] di decidere di speculare prima sulla proprietà immobiliare e poi, sulle merci di prima necessità, pur affamando e causando la morte di milioni di individui”, avendo il capitale compreso che essendo casa e alimenti beni primari, qui la speculazione garantisce un rapido e sicuro saggio di profitto.

La creazione di derivati è servita solo a spostare in avanti il problema, non a risolverlo.

La situazione sembrò fin da subito complessa, costringendo gli analisti finanziari ad aggiornare le statistiche, perché quelle precedenti erano troppo ottimistiche. L'impossibilità di utilizzare l'enorme massa di capitale in eccesso ha condotto ad utilizzare in modo massiccio l'ambito speculativo. Ma “il tentativo di incolpare il sistema finanziario di altre condizioni altro non è se non il frutto di una precisa strategia che ha tentato e ancora oggi tenta di celare una crisi sistemica reale del modo di produzione capitalistico”(SCHETTINO, CLEMENTI, 2021, p.27). Tale mistificazione serve a celare il fatto che tale crisi non è in nessun caso qualcosa di episodico nel capitalismo, ma piuttosto è connaturata al suo sviluppo.

Sicuramente di grande importanza in questo caso è stato il ruolo delle agenzie di rating, ossia quelle agenzie private che avrebbero dovuto vigilare sulla solvibilità dei titoli emessi. Nate oltre un secolo fa, tali agenzie hanno assunto un ruolo sempre più importante, perché dai loro giudizi, solo apparentemente neutrali, discendono grandi implicazioni sul valore dei titoli e sulla loro capacità di essere rimborsati. Nonostante la loro parvenza di neutralità, diversi sono stati gli errori di queste agenzie tra cui in Italia rimase famoso il giudizio positivo dato alla Parmalat fino alla settimana precedente al suo crollo¹¹, che ha costretto le agenzie a risarcire i risparmiatori per le errate valutazioni. Al di là di questi errori, che in ogni caso evidentemente hanno favorito qualche operatore e sfavorito qualcun altro, crescente è stato il loro ruolo proprio in relazione al venir meno delle opzioni “tradizionali” di valorizzazione del capitale. Ma soprattutto, come vedremo, esse avranno un ruolo fondamentale nell'attacco speculativo del dollaro contro l'euro, condotto contro i paesi cosiddetti PIIGS per colpire mortalmente l'euro attraverso i suoi anelli più deboli. Essendo possedute da grandi capitalisti, esse sono parte integrante del conflitto in corso, e Schettino(2021, p.36) “il loro modus operandi è inevitabilmente poco trasparente seguendo le logiche che la concorrenza capitalistica impone, soprattutto, quando il loro oggetto diviene uno stato o un'azienda nemica”.

1.2 Particolarità della crisi europea: conflitto valutario e crisi del debito

Lungi dal costituire un mero feticcio, per Marx(2022) la moneta ha un ruolo di grande importanza nell'economia. Essa, che apparirebbe all'occhio popolare come una follia, ha invece un ruolo di grande rilevanza, esprimendo la forma denaro del capitale stesso. Le crisi monetarie, ancora oggi spesso viste come il male da molti economisti di impronta monetarista, servivano a

¹¹ <https://www.ilgiornale.it/news/crac-parmalat-sp-valut-male-rating-adesso-costretta.html>

celare l'origine di esse, ossia la crisi del sistema capitalista.

Il conflitto valutario rimette invece alla necessità di definire per ogni prodotto il suo prezzo in dollari e nelle altre monete, dovendo il capitale a base dollaro, sempre più indebitato e in profonda crisi, evitare che altre monete possano prendere, anche se solo parzialmente, il suo posto come moneta di riferimento su scala mondiale¹². Questo anche perché essendo ormai la produzione totalmente mondializzata, ciò che è più importante non il dove risieda l'azienda ma piuttosto la moneta in cui è espresso il valore della merce prodotta, valore definito dal conflitto valutario e dal ruolo regolatore delle banche centrali che emettono moneta. “La capacità di influenza transnazionale di ogni moneta(dollaro in testa) è dunque legata al controllo delle aree valutarie di riferimento¹³” (SCHETTINO, CLEMENTI, 2021, p.40). Ciò perché evidentemente la riduzione dei costi solamente nell'ambito della produzione, magari delocalizzando parte di essa, non risolve totalmente il problema, dovendo agire non solo nell'ambito dei costi, ma anche in quello dei prezzi di vendita.

La decisione di fare quest'attacco speculativo sarebbe avvenuta nel febbraio 2010 durante una riunione a Manhattan tra i gestori di alcuni dei principali fondi speculativi. In particolar modo la strategia, descritta da un articolo di un prestigioso giornale internazionale¹⁴, sarebbe stata quella di mettere in atto un attacco contro l'euro, con l'obiettivo di portare il cambio da 1,50 a 1 nei confronti del dollaro, facendo leva sull'alta esposizione debitoria dei paesi del Sud Europa, principalmente la Grecia. Il contesto economico europeo, già in profonda recessione dopo l'esplosione della crisi del 2008, si trovò così di fronte a una situazione ancora più complessa.

Dal punto di vista mediatico si è cercato di additare gli speculatori come responsabili di questa situazione, trascurando le dinamiche proprie dell'accumulazione capitalistica. Già Marx(2016) infatti sottolineava come la produzione non necessariamente fosse l'unico mezzo per creare valore, e che il ciclo D-M-D(denaro-merce-più denaro) potesse ridursi D-D', ossia denaro che genera altro denaro. Analizzare dunque come spesso si fa l'andamento delle borse come se realmente ci fosse la possibilità di produrre o distruggere valore in quell'ambito è fuorviante, per non dire erroneo.

Detto ciò bisogna invece definire quali furono i motivi che portarono a scommettere sul possibile successo di quest'attacco speculativo contro l'area dell'euro. Tra i fattori scatenanti sembra esserci stata la scoperta da parte di alcuni analisti economisti, dell'occultamento del reale tasso di indebitamento greco dichiarato dal governo¹⁵. Il potenziale default scatenò dunque una corsa alla vendita dei suoi titoli di Stato, riducendone di molto il valore, rendendo necessario un piano di

12 Cfr. La contraddizione, numero 89, articolo di Gianfranco Pala, “*Il conflitto tra aree valutarie*”.

13 SCHETTINO, F. CLEMENTI F., “*Crisi, disuguaglianze e povertà*”, p.40.

14 Cfr. WSJ “*Hedge funds try to “carrer trade” against euro*, 26-2-2010.

15 Cfr. <https://www.ilsole24ore.com/art/il-debito-greco-lunga-storia-errori--AEPQskFF>

salvataggio da parte delle istituzioni europee, che più che salvare la Grecia aveva l'obiettivo, neanche troppo velato, di salvare le banche tedesche, che detenevano molti titoli del capitale greco. La BCE, Schettino(2021) concesse a tal fine prestiti per migliaia di miliardi a tassi super agevolati, prestiti alle banche private per fargli acquistare titoli del debito pubblico degli Stati in difficoltà. Tutto ciò fu necessario perché l'esplosione della bolla speculativo che si era creata avrebbe messo in difficoltà tutto il sistema.

Di certo il caso greco è stato un caso di scuola, per tutto ciò che ha implicato dal punto di vista della stabilità dell'area euro e per aver costretto la BCE a svolgere con forza il suo ruolo di market maker, acquistando sul mercato secondario ingenti quantità di titoli del debito pubblico dei paesi più in difficoltà¹⁶. Nel maggio 2012, Schettino, Clementi,(2021, p.52): “la BCE emanava un maxi-scudo di 750 miliardi di euro, [...] con l'obiettivo di fornire stabilità ai mercati borsistici europei, e garantire lo sblocco di liquidità che gli operatori lamentavano¹⁷”. L'ingente risposta della BCE provocò il forte aumento degli indici in borsa, ma poco o nulla cambiò dal punto di vista valutario.

In ogni caso è necessario sottolineare che se la crisi del 2007-8 ha avuto il suo epicentro negli USA e quella post 2010 nell'UE, non è possibile renderle un fenomeno specifico dei due continenti, visto che la crisi è propria del sistema capitalistico nella sua interezza e non di appena una parte di esso. Parlare come si è fatto negli ultimi anni di una popolazione europea che avrebbe vissuto al di sopra delle proprie possibilità moralizza una crisi che tutto è meno che morale¹⁸.

Le condizioni economiche dell'area euro rimanevano comunque estremamente complicate, e a inizio 2012 si cominciò a parlare di un possibile downgrade della Francia, seconda economia in ordine d'importanza dopo la Germania. La situazione dei paesi del Sud Europa, i già citati PIIGS rimaneva però ancora più grave, nonostante le politiche di austerità adottate da tutti questi paesi, tra cui si distaccava l'Italia, dove “i tagli alla spesa pubblica [...]e soprattutto alla spesa in conto capitale, insieme all'innalzamento del livello di tassazione diretto ed indiretto(Imu, Iva, ecc.) è stato talmente pesante che, [...] i conti italiani, da questo punto di vista, erano divenuti i più virtuosi”(SCHETTINO, CLEMENTI, p.63). L'Italia praticava e pratica tuttora una politica molto forte di avanzo primario(la differenza tra ciò che si spende e ciò che si ricava) ottenuta attraverso la riduzione della spesa pubblica e la riduzione costante del salario complessivamente pagato alla classe lavoratrice(diretto, indiretto, differito). L'obiettivo neanche tanto implicito era creare una massa di lavoratori precari e con bassi salari, che fossero assimilabili a quelli dell'Europa orientale,

16 Lo Statuto della BCE le impedisce di acquistare i titoli del debito pubblico direttamente sul mercato primario, potendo farlo solo sul mercato secondario, dovendo però remunerare il capitale.

17 SCHETTINO, F. CLEMENTI F., “*Crisi, disuguaglianze e povertà*”, p.52.

18 Cfr. ad esempio <https://www.ilgiornale.it/news/crisi-premier-i-paesi-dellunione-europea-hanno-vissuto-sopra.html>.

dove progressivamente molte aziende avevano esternalizzato la produzione.

Dopo una fase di relativa tranquillità la crisi europea ebbe un nuovo capitolo con il referendum sul quale il popolo greco fu chiamato ad esprimersi, accettando o meno l'accordo con le istituzioni europee per la riduzione del debito. Il governo greco sosteneva la strada della lotta all'evasione fiscale, mentre il FMI pretendeva la diminuzione dei salari e l'allungamento dell'età pensionabile. La mancanza di un accordo tra il governo riformista di centro sinistra guidato da Tsipras e le istituzioni aveva messo in stato di allerta tutti i principali mercati, europei e non solo, che si trovarono di fatto costretti a dipendere dall'esito di questo referendum¹⁹. In realtà la situazione non era poi così grave come era stata descritta, sia per le limitate dimensioni dell'economia greca rispetto al totale dell'area euro, sia perché la maggior parte dei titoli del debito pubblico ellenico erano stati acquistati dai singoli Stati europei. In ogni caso il dogmatismo con cui le istituzioni europee hanno gestito questa situazione sembrano Schettino, Clementi(2021, p.66): “l'ipotesi di una strategia indiretta; in sostanza, l'atteggiamento apparentemente [...] irrazionale e allo stato dei fatti controproducente, avrebbe avuto come obiettivo primario quello di minacciare tutti gli altri paesi a rischio”. In questa crisi hanno comunque cercato di inserirsi anche Russia e Cina, provando a trarre vantaggio da un possibile indebolimento dell'area euro. Proprio per questo motivo Obama intervenne chiedendo al presidente della Commissione europea Juncker di fare di tutto per mantenere la Grecia nell'area euro. Il referendum comunque a sorpresa vide la vittoria del NO all'accordo, con la conseguente spaccatura del governo greco, le dimissioni del ministro dell'economia ellenico e l'accettazione da parte del premier di un programma lacrime e sangue che a distanza di alcuni anni non è riuscito ad ottenere nessuno dei risultati attesi dal punto di vista macroeconomico, peggiorando unicamente le condizioni di vita della popolazione²⁰.

Ma i tentativi di uscire fuori dalla crisi non si sono limitati unicamente alla riduzione dei costi, hanno riguardato anche il tentativo di costruire un mercato unico UE-USA per contrastare la crescente influenza cinese e favorire il libero scambio. Per dare forza a questa ipotesi sono stati commissionati molti studi, tra cui distacchiamo quello del Cepr²¹ con l'intento di lodare i virtù e i vantaggi a livello mondiale che sarebbero scaturiti dalla firma di questo accordo. Viceversa studi più autonomi, come quello di Capaldo(2014), sembrano descrivere situazione tutto fuorché positive per la classe lavoratrice europea e per il capitale vincolato all'euro²².

Diversi erano i punti controversi di questo accordo, dal mercato alimentare, con

19 Cfr. <https://www.internazionale.it/notizie/2015/07/13/crisi-greca-cronologia>

20 Cfr. <https://www.ilsole24ore.com/art/la-grecia-e-crisi-che-non-finisce-piu-cosa-spinge-giovani-emigrare-AFF5OIL>

21 Cfr. <https://cepr.org/content/independent-study-outlines-benefits-eu-us-trade-agreement>

22 Cfr. CAPALDO J, “The Trans-Atlantic Trade and Investment Partnership: European Disintegration, Unemployment and Instability”.

l'introduzione massiccia in Europa di alimenti derivanti da OGM(organismi geneticamente modificati), l'ambito della proprietà intellettuale su diversi settori e infine su come regolamentare la mobilità del cosiddetto capitale speculativo. Ad ogni modo l'elezione di Donald Trump a presidente della Repubblica negli USA a novembre 2016 ha definitivamente stoppato questo progetto, vista la sua idea di promuovere partnership bilaterali con i diversi alleati, accordi dove gli Usa possano far sentire con più forza il proprio peso economico²³.

1.2.1 Il quantitative easing come tentativo di soluzione monetaria della crisi europea

Le dichiarazioni di Draghi nel maggio del 2012, allora presidente della BCE, con cui secondo SCHETTINO, F. CLEMENTI F(2021, p.78) “manifestò la volontà di fare di tutto per difendere l'euro(whatever it takes), rappresentarono un messaggio inequivocabile, [...] che in qualche maniera si sarebbe alzata una cortina a difesa degli interessi del capitale legato alla valuta continentale”, diminuendo fortemente l'impatto dell'attacco speculativo di cui abbiamo parlato in precedenza. Il principale strumento di tale politica è stato il quantitative easing(che potremmo trovare in Italiano come aiuto al credito) con il quale la Bce mise a disposizione oltre 1000 miliardi di euro con i quali le banche centrali nazionali avrebbero dovuto comprare titoli del debito pubblico sul mercato azionario. Molti furono gli economisti che si ingannarono a tal proposito, pensando “erroneamente che una inondazione di denaro di questo tipo si sarebbe tradotta, in maniera automatica, in maggiore produzione, superiore occupazione e attraverso questo viatico, verrebbe raggiunta, secondo costoro, la anelata luce in fondo al tunnel”(SCHETTINO, F. CLEMENTI F., 2021, p.80) Altri, più lungimiranti, si posero la questione del perché la BCE non potesse fungere da prestatrice di ultima istanza, non dovendo più sottostare alle fluttuazioni del mercato. Il problema era l'impostazione marginalista dominante all'epoca, che riteneva che aumentando la massa monetaria si sarebbe creato un aumento inflazionario oltre il 2 per cento annuo, obiettivo dei trattati costitutivi.

Secondo Schettino, Clementi,(2021, p.81):“Ciò che è cambiato, significativamente, attorno al 2015 rispetto al passato non è l'impianto normativo che regola le azioni della BCE, bensì il quadro economico dei paesi aderenti all'unione monetaria. [...] L'andamento degli indici dei prezzi è stato negativo(deflazione) in alcuni Stati”.L'iniezione di liquidità è stata dunque considerata positiva. Viceversa negli USA la Banca centrale(FED) ha iniettato oltre 2000 miliardi di dollari nell'economia americana, per scaricare i costi della crisi sull'euro, potendo addirittura permettersi il lusso tra il 2013 e il 2014 di varare un QE settimanale dall'importo totale illimitato.

Nonostante ciò gli effetti del quantitative easing statunitense sono stati molto minori di

23 Cfr. <http://dream.luiss.it/2017/01/30/trans-pacific-partnership-le-prime-iniziative-di-donald-trump/>

quanto ci si sarebbe aspettati, visto che solo una piccola parte è finita nella produzione, ma non è questo il punto. Le teorie monetariste, come dimostrato efficacemente da Micheal Roberts(2020) nel suo libro, occultano il valore della moneta e presentano i valori sociali come immutabili. In generale non è indifferente il momento in cui viene fatta l'iniezione di liquidità: se in una fase di espansione può svolgere un ruolo positivo, l'esatto opposto “avviene nelle fasi in cui la radice dell'interruzione del ciclo di accumulazione è l'eccesso di sovrapproduzione di merce che a sua volta determina una contrazione del tasso di profitto e una pletora di capitale monetario”(SCHETTINO, F. CLEMENTI F., 2021, p.84). In questo caso immettere nuova liquidità nel mercato non farà altro che aumentare la quantità di capitale fittizio investito nell'ambito speculativo, visto che non sarà conveniente elargire prestiti a famiglie e imprese, le cui condizioni di solvibilità rimarranno inalterate dalla maggiore o minore disponibilità di denaro sul mercato.

I capitali legati all'euro e al dollaro si sono così trovati costretti a dipendere da iniezioni sempre più grandi di liquidità, per evitare il collasso del sistema. Non a caso quando il governatore della BCE Mario Draghi ha annunciato a metà del 2016 una riduzione del piano di acquisti di titoli del debito pubblico, in un contesto di generalizzata riduzione del valore dei titoli azionari, c'è stata subito la richiesta da parte degli operatori finanziari di mantenerlo in vita, portando Draghi nel settembre 2019 a considerare il QE a tempo indeterminato²⁴.

Sebbene come detto in precedenza le iniezioni di liquidità da parte delle banche centrali non necessariamente sono risolutive, “la tempistica con cui le diverse Banche centrali, strumento di diverse cordate di capitalisti, è intervenuta, ha fatto senza dubbio la differenza²⁵”(SCHETTINO, F. CLEMENTI F., p.89). L'economia messa peggio, quella statunitense, è riuscita ad intervenire per prima, rendendo meno efficaci le mosse tardive adottate dalla BCE. Dal punto di vista internazionale ciò che ha sparigliato le carte è stata però la strategia messa in atto dalla Cina di una svalutazione competitiva, che le ha permesso di sottrarre ingenti quote di mercato ai concorrenti euro e dollaro. Ma in ogni caso la guerra valutaria è solo uno degli aspetti del conflitto Inter-imperialistico²⁶, ma è comune a tutti i blocchi economici speculare sul cambio per dare ossigeno ad un'economia asfittica.

1.2.2 La crisi globale e l'elezione di Trump

È evidente come l'elezione di Trump abbia cambiato almeno in parte le carte in tavola, visto il suo appoggio tra la classe media in via di proletarizzazione americana, mentre la Clinton aveva avuto il supporto di gran parte dell'establishment americano. Ad ogni modo il processo di proletarizzazione non è nuovo alla storia del capitalismo, di esso parlavano a loro tempo anche

24 Cfr. <https://www.money.it/riunione-bce-12-settembre-2019-attese-previsioni-qe-taglio-tassi-forward-guidance>

25 SCHETTINO, F. CLEMENTI F., “*Crisi, disuguaglianze e povertà*”, p.89.

26 Cfr. articoli sul tema ad opera di Gianfranco Pala sul sito www.contraddizione.it

Marx ed Engels(2008), e spesso ha costituito anticipazione dell'affermarsi di tendenze reazionarie, come avvenuto nel corso degli anni 30. Spesso però si tende ad occultare il carattere di classe di tale fenomeno, concentrandosi unicamente sull'aspetto reddituale, come fatto per esempio da Piketty(2016).

Tale fenomeno ha favorito l'emergere in molti paesi di movimenti xenofobi e proto fascisti, che in questa crisi cercano ad esempio di fare leva sulla contrapposizione tra lavoratori autoctoni e immigrati, occultando così le reali cause della crisi. In Italia durante il primo governo nel 2018 Salvini ha provveduto ad esempio a fare due decreti sull'immigrazione, volti a peggiorare le condizioni degli immigrati e a renderli più facilmente ricattabili sul mercato del lavoro²⁷. Evidentemente le contro-riforme del mercato del lavoro fanno da contraltare per quanto riguarda la forza lavoro italiana.

Ma per comprendere meglio questa situazione è necessario riportarla sul piano dei rapporti di produzione. Per SCHETTINO, F. CLEMENTI F.,(2021, p.96) “Ciò che sembra si stia verificando in questa fase matura dell'imperialismo è l'inversione temporale tra sottomissione formale e quella reale ossia del rapporto tra le figure struttura e sovrastruttura”. Tale fase si caratterizzerebbe per il vincolo tra una crisi molto forte e un altrettanto forte repressione sulla classe lavoratrice.

L'amministrazione Trump si è caratterizzata fin da subito per il tentativo di riportare negli USA le fabbriche che avevano delocalizzato all'estero in cerca di più bassi costi del lavoro e di produzione e per la volontà di uscire dai principali accordi internazionali, come quello di Parigi sul clima, giudicato dannoso per l'economia americana, adottando politiche che potremmo definire protezioniste. Tale ipotesi è tipica del capitale in fase di crisi, ma si scontra con le catene globali della produzione, rischiando di essere velleitaria. “Anche la Brexit deve essere letta in quest'ottica: non è un caso che una parte del capitale britannico [...] abbia tentato di evitare il problema [...] provando più volte a sovvertire l'esito referendario”(SCHETTINO, F. CLEMENTI F.,2021,p.96). Nonostante ciò la crisi capitalistica sembrava prossima al crollo già prima del Covid-19, che ha avuto un effetto scatenante di tutte le contraddizioni, come un moderno vaso di Pandora²⁸.

La crisi del 2008 aprì la strada alla lunga depressione dell'economia mondiale, che, forse solo con l'eccezione della Cina, non accenna a finire. Per Michael Roberts(2016), ad esempio, l'economia mondiale si trova in una crisi tale non solo da non riuscire a recuperare i tassi di crescita

27 Cfr. <https://espresso.repubblica.it/plus/articoli/2019/10/07/news/decreti-sicurezza-mostruosita-1.339494>. In seguito tali decreti sono stati parzialmente modificati, seppur in modo insufficiente, dal successivo governo di centro-sinistra nel 2020.

28 Nella mitologia greca in tale vaso erano conservati tutti i mali del mondo, Pandora aprendo inavvertitamente il vaso li scatenò nel mondo, provocando sofferenza, guerre e conflitti. Dopo averlo chiuso fu costretta a riaprirlo nuovamente, per permettere agli uomini di avere la speranza del cambiamento.

precedenti alla crisi del 73-75, ma anche quelli anteriori alla crisi 2007-8.²⁹ Depressione non significa evidentemente che l'economia non cresca, ma che cresce a dei tassi così bassi, che in poco tempo è possibile trovarsi di nuovo in una situazione di recessione. In ogni caso depressione non può essere confusa con recessione: nel primo caso c'è un andamento altalenante, nel secondo caso unicamente una caduta. Negli ultimi dieci anni, dopo la grande crisi del 2008, la crescita delle economie centrali non è tornato agli standard anteriori, ma si mantiene ancora basso o quasi insostenibile se comparato con la crescita media degli anni prima della crisi.

1.3 La realtà del capitale oggi: globalizzazione o mondializzazione?

Nel suo libro *“La mondializzazione del capitale”*³⁰, pubblicato per la prima volta in Francia nel 1994, Chesnais ci invita a riflettere sui concetti di globalizzazione e mondializzazione, e le reciproche differenze tra l'uno e l'altro.

L'aggettivo globale sarebbe sorto secondo l'autore francese nelle famose scuole di “business” statunitensi, con l'idea di passare il messaggio attraverso il quale la deregolamentazione avrebbe permesso di rimuovere tutti gli ostacoli allo sviluppo del profitto. CHESNAIS, 1994, p. 24: “Tali termini, pertanto, non sono neutrali. Essi invasero il discorso politico ed economico quotidiano, con maggiore facilità per il fatto di essere contemporaneamente pieni di caratteristiche e al tempo stesso vaghi³¹”.

Il termine mondializzazione ebbe al contrario più difficoltà ad imporsi, anche perché sminuisce la portata del termine globale. Inoltre se l'economia fosse mondiale, servirebbero organizzazioni atte a governarla, ma ciò è proprio quello che i grandi gruppi capitalistici e finanziari meno vogliono.

La globalizzazione è stata presentata come un processo benefico per tutti e al quale bisognerebbe adattarsi, senza tenere minimamente in conto gli inconvenienti e gli squilibri del processo. Chesnais ad esempio osserva che ci fu una liberalizzazione molto ampia del commercio internazionale. Ma l'effetto principale fu quello di facilitare gli scambi internazionali delle grandi multinazionali, che basano le loro attività principalmente nella terziarizzazione della produzione. Ma la mondializzazione non è ovviamente legata unicamente all'ambito industriale, ma soprattutto a quello finanziario. Basti pensare che nel 1993 la liquidità in mano ai fondi di investimento americani era superiore al 126 per cento del PIL americano.

La mondializzazione sarebbe per Chesnais risultato di un doppio movimento: “da un lato la

29

30 Cfr. Chesnais *“A mundialização do capital”*.

31 Non essendo stato il libro tradotto in italiano le citazioni sono traduzioni dell'autore della tesi di dottorato dall'edizione portoghese del testo.

più lunga fase di accumulazione capitalistica post 1914 e poi le politiche neo liberali applicate a partire dagli anni 80 dai governi Thatcher e Reagan. C'è una relazione dialettica tra l'uno e l'altro: senza intervento politico tali deregolamentazioni non sarebbero state possibili”CHESNAIS, 1994,p. 34.³²

Ma la globalizzazione ha significato anche una profonda trasformazione nella relazione tra capitale e lavoro. L'abbandono del modello fordista, a favore di quello toyotista, fondato sul “just in time” ha permesso di ridurre fortemente il numero degli operai presenti in fabbrica e di renderli molto più “flessibili” dal punto di vista contrattuale. Nella zona UE la piena deregolamentazione ha permesso di avere profonde differenze salariali all'interno della comunità europea.³³

Inoltre secondo Chesnais la globalizzazione ha approfondito le differenze tra i paesi della periferia e del centro del capitalismo, invece di ridurle. Questo perché, salvo poche eccezioni, i paesi cosiddetti periferici non riuscirono a stare al passo delle trasformazioni tecnologiche imposte dai paesi dominanti, dovendo così ripiegare sulla produzione di materie prime da esportazione o di semi-lavorati industriali. Allo stesso tempo la globalizzazione ha imposto la riduzione dei salari nell'Europa occidentale, perché la minaccia della delocalizzazione spinge i salariati ad accettare stipendi più bassi piuttosto che perdere il lavoro.

L'analisi di Chesnais nel libro comincia con la riflessione sul ruolo degli investimenti esterni diretti nell'economia mondiale. Il ruolo subordinato di molti paesi nell'economia mondiale deriverebbe infatti dagli investimenti diretti, spesso compiuti quando questi paesi non si erano emancipati dal ruolo di colonia.³⁴ Oggi la situazione non necessariamente è mutata, ma la Cina ha assunto un ruolo molto superiore agli ultimi decenni, con un progressivo aumento degli IDE in Africa ed Asia, e poi con il lancio della via della seta, come grande progetto per il XXI secolo³⁵.

L'aumento consistente degli IDE cominciò negli anni 80 obbligando molti economisti, che fino a quel momento l'avevano ignorati, a prenderli in considerazione. Secondo la definizione data dal FMI nel 1977, CHESNAIS, 1994, p.55: “l' IDE rappresenta un investimento che vuole realizzare un interesse duraturo in un'impresa la cui origine è differente dal paese dell'investitore, essendo l'obiettivo di questo ultimo quello influire direttamente sull'impresa in questione”. La definizione data dal FMI fa luce sugli aspetti qualitativi degli IDE, ma non permette di incontrare parametri efficaci per verificare le dimensioni effettive di questo controllo, permettendo al massimo di poter misurare tendenze, e non di avere dati certi.

32 Chesnais “*A mundialização do capital*”, p.34.

33 Basti pensare che diversi paesi europei non hanno un valore stabilito di salario minimo e anche nei paesi dove esso è presente il valore presenta variazioni molto significative.

34 Tra le opere principali sul tema c'è “*Imperialismo. Fase suprema del capitalismo*” di Lenin, ma significherebbe ampliare troppo l'oggetto di questa tesi.

35 Cfr. <https://www.iusinitinere.it/la-nuova-via-della-seta-uniniziativa-economica-di-pechino-19236>

Gli IDE hanno un ruolo importante anche per quanto riguarda il mondo dei servizi. Questo soprattutto per quando riguarda i servizi finanziari, che ebbero una crescita esponenziale a partire dagli anni 70 del novecento. La loro crescita fu marcata da due fenomeni distinti e complementari: gli investimenti incrociati e la supremazia delle fusioni sugli investimenti creatori di nuove capacità. Le fusioni furono favorite per Chesnais(1994) da meccanismi di incentivo, che venivano incontro alle esigenze delle grandi imprese di recuperare il profitto perduto a causa dell'aumento dei costi fissi del capitale.

Gli anni 80 furono in ogni caso anche anni di grande espansione degli IDE nei paesi in via di sviluppo, il cui importo triplicò tra il 1980 e il 1988. Tale percentuale cominciò a diminuire alla fine del decennio, in coincidenza con la recessione nei paesi dell'OCSE.

Ma tale fase fu caratterizzata soprattutto dall'aumento della dimensione delle imprese attraverso il processo di concentrazione capitalistica. “La concentrazione si diede, simultaneamente, sul piano nazionale, in scala europea e a livello propriamente internazionale, ossia trino”(CHESNAIS, 1994, p. 91).

La forma più frequente del mercato mondiale è quella di oligopolio³⁶. Tale mercato non è caratterizzato unicamente dalla concorrenza, ma anche dal reciproco “aiuto” tra imprese dello stesso ramo. Ovviamente la concentrazione tra imprese di uno stesso settore non rappresenta nulla di realmente nuovo, per esempio nel campo petrolifero o del ferro. Secondo Chesnais, 1994, pp 94-5: “Ciò che è caratteristico della fase della mondializzazione è l'estensione delle strutture dell'offerta molto concentrate, per la maggior parte delle imprese di alta tecnologia, così come i numerosi settori di fabbricazione in grande scala”.

Ma dal punto di vista della concorrenza sarebbe indubbiamente interessante verificare quale apporto positivo ha avuto la liberalizzazione commerciale sui prezzi delle merci. In realtà si assisterebbe secondo Chesnais al passaggio da una concorrenza tra oligopoli a un oligopolio mondiale.

Dal punto di vista produttivo si assiste però ad un processo per certi versi opposto: alla concentrazione dell'impresa multinazionali corrisponde la tendenza costante ad esternalizzare quanto più possibile la produzione. Tali esternalizzazioni non creano nessun problema dal punto di vista gerarchico, ma sono semplici strumenti che permettono alle grandi imprese di costruire relazioni asimmetriche per rafforzare il loro potere economico.

A tal proposito può essere utile fare riferimento a uno studio condotto negli anni 80 su un'impresa multinazionale di origine italiana, la Benetton. L'autore di tale studio, Antonelli (1988), mostra come la telematica abbia consentito una riduzione dei costi medi di coordinamento,

³⁶ Intendiamo per oligopolio un mercato in cui poche imprese hanno condizioni per disputare lo stesso mercato.

permettendo di internalizzare aziende esternalizzate, basandosi su reti informatiche.

E' molto importante verificare il ruolo della concorrenza nell'economia internazionale secondo Chesnais, nella fase che Porter(1986) definiva come caratterizzata dalle industrie globali. In questo senso l'industria non sarebbe unicamente considerata come apparato produttivo, ma come fetta di mercato che deve essere controllata.

Le imprese nella fase della mondializzazione capitalista soffrono inevitabilmente il peso degli accordi di libero scambio che aprono circuiti che fino a quel momento erano stati relativamente "protetti". Ma ciò vale soprattutto per le imprese di piccole e medie dimensioni, perché le grandi imprese multinazionali si sentono già a proprio agio, o perlomeno si difendono meglio, nella fase attuale della mondializzazione del mercato.

Chesnais individua 3 livelli di mondializzazione: "il primo relativo al vantaggio nazionale di ogni impresa, il secondo è relativo all'acquisizione dei beni necessari per la produzione e il terzo è quello fondamentale della commercializzazione delle merci prodotte"(CHESNAIS, 1994, pp. 117-8). Evidentemente il primo punto risente molto del paese d'origine dell'impresa multinazionale e della sua capacità di creare un mercato interno(nell'Unione europea il paese guida in questo senso è indubbiamente la Germania). Ci sono molti fattori, positivi o negativi, che influenzano quest'attesa. Tra gli altri vogliamo distaccare l'importanza di avere un settore bancario solido, che permette alle imprese di trovare sempre supporto per i propri investimenti.

Dentro questo processo di internalizzazione dell'economia un ruolo rilevante è stato indubbiamente svolto dalla possibilità di delocalizzare la produzione, grazie alle aree di scambio che esistono praticamente ovunque a livello mondiale. La delocalizzazione e la scomposizione del sistema produttivo hanno consentito dunque di distanziare progressivamente luogo di produzione e luogo di consumo, costruendo poi reti logistiche per il trasporto delle merci verso il loro luogo di destinazione finale. Ciò ha permesso in ambito europeo di creare dei paesi "satelliti", che creano prodotti industriali per le grandi imprese di altri paesi.³⁷ Ovviamente i guadagni non sono stati relativi unicamente alla questione salariale, ma anche a ridurre i costi determinati dalla specializzazione produttiva. Le filiali secondo Chesnais, 1994, p.213: "si specializzano in una o più linee di produzione che hanno il carattere di sistema completo; il gruppo gli dà autonomia quasi totale nell'organizzazione della produzione".

Tale attività di delocalizzazione non è più relazionata agli IDE. Le forme sono differenti: ingresso in società con quote di minoranza, un'unione tra delocalizzazione e importazione proveniente dai paesi con i più bassi salari.

³⁷ Ciò è avvenuto per i paesi dell'Europa centrale e orientale, come Ungheria, Repubblica ceca e Serbia, che sono diventati sub fornitori della Germania.

Evidentemente è stato fondamentale il ruolo degli accordi di libero scambio per favorire questo processo. Tale apertura commerciale non si diede in un contesto economico egualitario, ma in un sistema mondo già fortemente gerarchizzato. Questa fase degli scambi non avrebbe coinciso con l'eliminazione delle diseguaglianze tra paesi, ma in un loro approfondimento (CHESNAIS, 1994) Il tasso di crescita del commercio estero è oggi molto più intenso del PIL, con l'eccezione dei periodi di esplosione della crisi, come ad esempio tra il 1974 e il 1975, e tra il 2008 e il 2009.

Dopo la crisi del 1974-75 molti paesi, anche del Terzo mondo, si aprirono al commercio estero, accumulando un gigantesco debito. Secondo CHESNAIS (1994, p.220): “Il peso del servizio del debito e i piani di taglio strutturali imposti dal FMI e dalla Banca mondiale imposero una serie di misure, che obbligarono i paesi debitori a pagare i tassi d'interesse del debito e riorientare la loro politica economica”. Ciò provocò l'accentuazione della concorrenza tra i paesi esportatori di materie prime per tentare di mantenere quote di mercato.

Ma dal punto di vista dei principali paesi capitalisti si è assistito negli ultimi decenni alla creazione di unioni regionali, a dimensioni variabili, per competere meglio su scala mondiale. L'UE è nata nel 1992 con il trattato di Maastricht, e oggi conta 27 paesi, di cui 19 hanno in comune anche la stessa moneta, l'euro, con l'idea di poter unire i capitali per reggere meglio il confronto a livelli internazionale. In realtà il processo di integrazione europeo, come vedremo successivamente, ha scontato e sconta ancora oggi profondi squilibri.

Ciò ebbe come risultato inevitabile la crescita dell'interdipendenza tra i paesi, e l'aumento della reciproca “dipendenza”. Ma è necessario che ciascun paese adotti misure volte a favorire l'equilibrio della bilancia commerciale. Ma tale equilibrio dipende oggi solo in misura ridotta dalle scelte dei singoli governi, sempre più dipendenti dal potere d'influenza delle grandi multinazionali. La riduzione delle garanzie sociali del Welfare state non ha significato la fine dell'intervento dello Stato, ma una sua rimodulazione, a supporto della competitività delle sue imprese, per quanto riguarda il commercio interno ed estero. Il risultato di queste politiche è per Chesnais (1994) la fine delle illusioni sulla teoria dei vantaggi comparativi: che se ciascun paese si specializzasse in quel prodotto che gli riesce meglio, tutti ne risulterebbero vincitori.³⁸

Ma è nell'ambito finanziario che la mondializzazione capitalistica raggiunge i suoi massimi livelli.

La finanza è passata da avere un ruolo di semplice comprimario a quello di avere un ruolo fondamentale nel processo di valorizzazione capitalistica. D'accordo con Chesnais (1994, p. 240): “E' nel campo monetario e finanziario, più che in ogni altro, che ci fu la maggiore responsabilità dei governi, [...] nel creare le condizioni che permettevano al capitale di attuare a proprio comodo, con poco o nessun controllo” La finanza passò ad essere considerata un'industria come qualunque altra,

38 Cfr. La teoria dei vantaggi comparati formulata da David Ricardo.

nonostante l'origine del suo capitale dovrebbe rimettere necessariamente all'apparato produttivo.

L'integrazione del mercato finanziario ha raggiunto vette incomparabili con gli altri mercati. In alcuni settori, come il mercato di cambio, già all'epoca della pubblicazione del libro di Chesnais l'integrazione era pressoché totale.

Nonostante ciò esiste una grande divergenza tra integrazione a livello finanziario e dei settori produttivi. La circolazione e l'integrazione del capitale finanziario sono estremamente più rapidi che quello “produttivo”. Ma il fatto che la sfera finanziaria si stia automatizzando non significa che non ci siano vincoli tra l'una e l'altra. Già Marx nel terzo libro del *Capitale* faceva riferimento alla capacità del capitale finanziario di approfittarsi della creazione del valore nella produzione, e successivamente Hilferding fece riferimento all'interrelazione tra capitale bancario e industriale.

Per Marx(2016, vol. III, p.35) il capitale fittizio rappresenterebbe: “la forma più alienata e più feticizzata della relazione capitalista”³⁹; la mondializzazione finanziaria ebbe come unico effetto quello di accentuare questa tendenza.

Il secondo elemento di trasferimento della ricchezza, che oggi ha a nostro avviso un'importanza preponderante, è quello dei tassi d'interesse sul debito pubblico. Il meccanismo, che aveva originariamente un andamento Nord-Sud, oggi vede ad esempio paesi del Sud Europa fortemente indebitati con banche francesi e tedesche.

L'elemento cardine di questo passaggio è stato la fine del sistema di Bretton Woods, decisa dagli USA nel 1971, per fronteggiare il rischio di non riuscire a garantire più la convertibilità oro-dollaro. Tale sistema si fondava su una moneta “guida”, il dollaro, e su un tasso fisso di convertibilità con l'oro, definito internazionalmente(CHESNAIS, 1994) . Ciò corrispondeva dal punto di vista economico a garantire sì l'egemonia degli Usa sul mercato monetario mondiale, ma permetteva allo stesso tempo di creare un sistema di autorità statali, il cui compito era quello di regolamentare il settore finanziario e per quanto possibile subordinare il mercato finanziario alle esigenze dell'apparato industriale. Ma la fine di questo sistema, dovuta soprattutto all'esplosione del debito federale degli USA, condusse all'apertura di un sistema nuovo, senza regole o freni di sorta, che condusse alla creazione di un'economia fortemente vincolata al debito pubblico.

Se Keynes riteneva che fossimo prossimi all'eutanasia del capitale rentista negli anni 30 del XX secolo, quello a cui abbiamo assistito è l'esplosione del suo potenziale di crescita. Ciò evidentemente anche a causa della riduzione della capacità di valorizzazione del capitale industriale. In Europa la prima “piazza” finanziaria è stata quella di Londra, ma oggi praticamente tutti i paesi hanno la loro sede dove si vendono e comprano titoli finanziari. Ovviamente i governi

39 Cfr. Marx “*Il Capitale*”, libro III, cap. 35.

ebbero un ruolo fondamentale nel favorire la formazione di questo mercato.”L'euromercato è, in primo luogo, un mercato interbancario”(CHESNAIS, 1994, pp. 254-55) Si attivò così un circuito di scambi che passò dal comprare e vendere solamente titoli finanziari, a scambiarsi anche e soprattutto titoli finanziari.

La seconda tappa della mondializzazione finanziaria coincide per Chesnais con la fine degli anni 70, quando l'ascesa dei conservatori al potere negli USA e nel regno unito condusse alla totale deregolamentazione di 2 delle principali piazze finanziarie mondiali. Ciò produsse l'incapacità di reggere la concorrenza dei fondi pensione internazionali, con capitali largamente superiori a quelli di qualunque banca(CHESNAIS, 1994) Tale deregolamentazione produsse la possibilità per i governi dei paesi indebitati di finanziarsi attraverso le obbligazioni finanziarie. Il primo a beneficiarsi di ciò fu il governo degli USA, ma poi progressivamente tutti i principali paesi capitalisti furono obbligati ad aderire al nuovo “sistema”, per non restare tagliati fuori dal mercato internazionale.

Il principale effetto della deregolamentazione fu l'impossibilità per le banche centrali di controllare i tassi d'interesse sul debito pubblico, seguito dall'eliminazione del valore fisso dei prezzi bancari. Per Bourguinat(1994,p.92) “ il movimento di deregolamentazione e le innovazioni conversero per dare garanzie agli operatori contro l'incertezza e anche per permettergli di fabbricare il lucro che preferissero”.

Ovviamente tale processo riguardò anche i fondi per il risparmio privato, che passarono ad offrire condizioni di maggiore interesse ai clienti che cambiassero fondo.

L'ultimo elemento che ha favorito la mondializzazione finanziaria è stata l'apertura dei mercati nazionali, che ha riguardato sia l'eliminazione dei confini tra applicazioni bancarie e finanziarie, che quelli che dividevano i mercati nazionali da quelli internazionali, con l'unione con le nuove piazze finanziarie dei paesi emergenti, come Hong Kong e Pechino.

Oggi che la situazione debitoria di molti paesi e banche si è ulteriormente aggravata è stata ampliata la portata dei titoli derivati, che sarebbero stati definiti da Marx come capitale fittizio, ossia prodotti di origine propriamente finanziaria, svincolati dalla produzione. “Per esempio uno stesso credito può produrre transazioni [...] su più mercati, prima come credito e poi come “derivato” di questo credito”(CHESNAIS, 1994, pp. 268-9).⁴⁰

Ma il problema maggiore sono le crisi che l'economia finanziaria ha prodotto e continua a produrre. Tali crisi si susseguono con brevi intervalli ormai da decenni, e ogni volta con maggiore intensità. In tutto ciò si assiste a una narrazione mediatica, tesa a rappresentare i mercati come persone, che mandano segnali, sono nervosi, etc.

⁴⁰ Chesnais “*A mundialização do capital*”, pp. 268-9.

Ciò implica una profonda modifica del carattere dei gruppi industriali, che oggi sono in realtà gruppi di finanza che hanno partecipazioni in industrie nazionali e internazionali. Se non esistesse più secondo Chesnais(1994) la distinzione tra attività legate alla valorizzazione del capitale produttivo e a quello dell'ottenimento del lucro di carattere finanziario, rimane però la differenza tra capitale produttivo e capitale-denaro, legato alla speculazione finanziaria.

Ovviamente ciò non significa che la relazione dei gruppi industriali con le banche sia lineare, e che essi non incontrino, soprattutto nelle fasi di crisi, difficoltà di finanziamento. Nonostante ciò, tali gruppi industrial-finanziari creano flussi finanziari di scambi internazionali, che riguardano le varie “filiali” dello stesso gruppo. Tali flussi permettono di creare attivi liquidi, che possono essere utilizzati per ulteriori operazioni finanziarie.

Ovviamente tale processo ha avuto fasi differenti, che passano dall'utilizzare la moneta come fonte di scambio, a far sì che la totale deregolamentazione faccia di questi gruppi strumenti fondamentali della globalizzazione finanziaria, mentre la dimensione industriale perdeva progressivamente campo nella strategia aziendale e quella finanziario-speculativa diventava dominante.

Ma “la relazione tra la mondializzazione del capitale produttivo e la sua maggiore finanziarizzazione si dà, evidentemente, in entrambi i sensi”(CHESNAIS, 1994, p.281). Nuovi strumenti finanziari nascono, e cresce progressivamente il loro peso nelle borse mondiali. Pensiamo nei tempi a noi contemporanei ai mutui sub prime⁴¹, ma anche alle semplici fusioni e acquisizioni di grandi gruppi industriali, con il contributo fondamentale per quest'ultime del supporto di un grande istituto bancario.

Ma nonostante il credito sia funzionale al normale svolgimento dell'attività imprenditoriale, i tassi d'interesse sui prestiti appaiono alle imprese come elementi negativi che pesano sul bilancio annuale. Secondo Chesnais, 1994, p.285: “Fu così che, negli anni 80, si assistette alla costituzione dei gruppi finanziari in banche, quando i gruppi avevano già settori specializzati, sia per il metodo classico in caso di urgenza: le acquisizioni/fusioni”. Il mercato di cambio è, come abbiamo detto in precedenza, la prima attività finanziaria che questi gruppi intrapresero. Ma oggi, soprattutto dopo che il mercato di cambio è passato dai tassi di cambio fissi a quelli variabili, il potere di acquisto di questi fondi, e dunque anche il lucro corrispondente, sono aumentati in modo esponenziale. C'è stata e c'è ancora oggi una tendenza alla concentrazione di questi gruppi che investono, con il ruolo sempre più rilevante di fondi pensioni e compagnie assicurative.

È necessario a questo punto fare una breve digressione sul significato differente di capitale finanziario in Marx ed Hilferding. Se per il primo capitalista finanziario è colui che guadagna nella

41 All'origine dello scoppio della crisi finanziaria tra il 2007 e il 2008.

sfera D-D', ossia denaro che si valorizza di forma autonoma, per Hilferding il capitale finanziario si crea nella fusione tra le grandi banche e la grande industria, che conduce dal punto di vista politico a una concentrazione del potere e dal punto di vista economico ad un aumento del potere del monopolio. In qualche modo la problematica di Hilferding(2011) sarebbe più semplice di quella di Marx(CHESNAIS, 1994).

Gli sviluppi degli ultimi decenni hanno di fatto confermato l'aumento del potere di questi gruppi finanziari, giunti a influenzare anche le scelte dei governi nazionali e degli organismi internazionali.

Indubbiamente sono stati questi gruppi che hanno beneficiato maggiormente della globalizzazione. Il loro obiettivo fondamentale è garantire la valorizzazione dei loro attivi, indipendentemente da quanto può costare in termini sociali.

Nell'ultimo capitolo del suo libro Chesnais fa una serie di previsioni sulla condizione dell'economia e le possibilità di stagnazione. Le previsioni di crescita dell'inizio degli anni 90, non trovarono riscontri negli anni successivi. Secondo Chesnais(1994, p.302):“Al contrario, i paesi dell'OCSE hanno conosciuto, all'inizio degli anni 90, la terza recessione in 15 anni, seguiti da una congiuntura particolarmente piatta, con tassi di crescita comunque non superiori al 2 per cento”. Gli anni successivi, come vedremo, mantennero tendenze simili, fino allo scoppio della crisi del 2007-8. Nonostante ciò, già per altri analisti, come Sweezy(1994), appariva evidente che si sarebbe prodotta una fase di lunga stagnazione. Una fase di crescita sarebbe comunque stata dentro un'ondulazione avendo come base una lunga depressione.

La deregolamentazione dell'economia, unita alla possibilità di delocalizzare la produzione alla precarizzazione del mercato di lavoro, condusse a una riduzione del numero dei lavoratori occupati nell'industria, senza che il settore terziario riuscisse, se non in minima parte, a creare posti di lavoro corrispondenti.⁴² Tutto ciò aggravato da un quadro politico in cui sono le imprese a imporre agli Stati le legislazioni da adottare sul mercato del lavoro, e non lo Stato a porre limiti alla libertà delle imprese.

Per Chesnais(1994, pp. 306-7) “L'investimento diretto estero non crea nuove capacità. [...] Per molte piccole imprese l'unico cammino per sopravvivere, [...] è l'adesione a un'impresa rete, come il gruppo Benetton, ossia imprese terziarizzate”.

Gli effetti della mondializzazione sono stati molto forti anche nella riduzione dei consumi interni. La precarizzazione del lavoro ha condotto a una riduzione dei salari, e a una maggiore tendenza al risparmio, per timori di crisi future.⁴³ In secondo luogo è avvenuta una redistribuzione

42 La tecnologia è diventato lo strumento per giustificare la perdita di posti di lavoro, che costituirebbero un eccesso di personale.

43 L'Italia è un paese storicamente con un alta quota di risparmi, “bruciati” o ridotti consistentemente dalle ultime crisi

della ricchezza a favore del settore rentista, a causa dell'aumento dell'importanza dei mercati finanziari.

In terzo luogo si è fortemente ridotto il volume degli investimenti pubblici, dovuto alla difficoltà di riscuotere le tasse dalle grandi imprese multinazionali e dalla diminuzione delle entrate, in conseguenza dell'aumento della disoccupazione. Inoltre la mondializzazione contribuì ad aumentare il profitto derivante dagli investimenti. Secondo Chesnais(1994, p.309):“I meccanismi descritti qui sopra hanno carattere cumulativo. [...] ma l'investimento, o più precisamente il capitale, non vede nulla al di là del mercato, ossia della rendita rapida nel tempo”⁴⁴

Il problema è però evidentemente che non si crea ricchezza dal niente. La finanza può redistribuire ricchezza creata dall'economia, non può crearla da sé. Il tentativo di risolvere la crisi di lucratività creando i prodotti cosiddetti derivati, è stato dimostrato come fallace dalla crisi del 2008. Le grandi banche, che si sono riempite di questi titoli spazzatura, si incontrano frequentemente in crisi di liquidità.

In generale per Chesnais(1994) già all'inizio degli anni 90 la crisi che ci trovavamo a fronteggiare non era una crisi capitalista, ma la crisi del capitalismo come modello di sviluppo. Il capitalismo non costituiva più un punto di riferimento per i paesi in via di sviluppo, ma qualcosa a cui guardare con sospetto, anche perché l'estensione dei modelli di consumo occidentali al resto del mondo significherebbe con ogni probabilità il collasso ambientale e sociale.

Sarebbe necessario dunque capire non come uscire dalla crisi capitalista, ma dallo stesso sistema capitalista, che oggi si è esteso praticamente in tutto il mondo. Nonostante ciò non è possibile pensare che la storia sia finita. La configurazione mondiale dell'economia è in costante evoluzione, per questo è necessario rinnovare costantemente l'analisi. Per questo motivo d'accordo con Chesnais(1994, p.318): “diversi autori universitari, (per esempio Bourguinat e Reich) si unirono a Michalet nella difesa dell'idea dell'inversione metodologica, ossia, dalla necessità di partire dall'economia mondiale per analizzare le economie nazionali”⁴⁵. Oggi anche il paradigma della globalizzazione sembra prossimo a lasciare spazio al tutti contro tutti.⁴⁶

1.4 Finanziarizzazione e globalizzazione: il legame tra loro nella crisi del capitalismo

Anche Vasapollo comincia la sua analisi parlando del concetto di globalizzazione. Per Vasapollo(2009, p.133): “E' ormai entrato nell'uso corrente del lessico economico e del linguaggio comune il termine globalizzazione come segno irrinunciabile della tendenza del liberismo

economiche.

44 Chesnais “*A mundialização do capital*”, p.309.

45 Chesnais “*A mundialização do capital*”, p.318.

46 Tutto ciò dimostrato chiaramente dalla guerra commerciale scatenata lo scorso anno dagli Usa nei confronti della Cina.

economico ad essere l'unico modello di sviluppo che la storia non riuscirà a contraddire e superare"⁴⁷. In questo contesto gli investimenti finanziari sono sempre di più scollegati dalla logica della produzione, creando le cosiddette “bolle finanziarie”. Vasapollo(2009) distingue tre tipi di liberismo: dottrinario(modello inglese), social-liberismo(Germania e Svezia)e liberismo di facciata, che sarebbero Giappone e USA.

In tutti questi paesi il liberismo è stato ed è tuttora l'elemento guida delle politiche economiche, esportando in giro per il mondo non solo il modello capitalista, ma anche le sue contraddizioni. I modelli produttivi, come abbiamo visto, cambiano e con essi le mediazioni dell'epoca fordista sono via via cancellate.

La crescita dell'economia, fino allo scoppio della crisi nel 2008, è stata “drogata” dalla possibilità di fare speculazioni finanziarie. Le imprese hanno dovuto adeguarsi a questa situazione creando un modello gestionale flessibile, che permette l'adattamento rapido alle necessità dell'economia. Secondo Vasapollo(2009, p.134): “La flessibilità tecnologica consente, contemporaneamente, sia di incrementare la produttività sia di creare flessibilità nella produzione, producendo così una notevole contrazione del volume della forza lavoro e una diminuzione del tempo necessario alla produzione”.

Il predominio dell'economia finanziaria su quella “produttiva” è stata dovuta al fatto che i tassi di interesse sono sempre stati superiori ai tassi di crescita dei paesi. L'idea che a uno sviluppo della finanza avrebbe corrisposto uno sviluppo dell'economia reale è stato totalmente smentito dai fatti.

La globalizzazione è in quest'ottica intesa come elemento della fase contemporanea dell'imperialismo. Esso non sarebbe unicamente militare, ma anche politico-economico. “E' importante riflettere circa la stretta relazione esistente tra la dinamica dei cicli lunghi della riproduzione capitalista e lo svolgimento dell'internazionalizzazione del capitale”(VASAPOLLO, 2009, p.157) . Il capitale si è internazionalizzato seguendo vari cicli di espansione: 1790-1823, 1850-1873,1894-1914 e l'ultimo prima della crisi degli anni 70 è avvenuto tra il 1945 e il 1973.

Come abbiamo già visto precedentemente, la crisi coincise con una modifica tecnologica di estrema rilevanza, con il passaggio dal sistema fordista a quello toyotista(cosiddetto just in time”) e con l'espansione del commercio internazionale che ad esempio tra il 1980 e il 2002 moltiplicò per 3 volte il suo volume(VASAPOLLO, 2009).. I paesi periferici sono quindi inseriti in forma subordinata ai paesi centrali capitalistici, come sub-fornitori di materie prime e semi-lavorati industriali.

Il paradigma fordista si era esaurito a causa della fine del ciclo di crescita dei consumi nei

47 Vasapollo, L. “*La crisi del capitale*”, p.133.

paesi centrali, senza che i paesi periferici potessero compensare la perdita, vista la loro incapacità strutturale di fornire un mercato di sbocco. Inoltre nei paesi centrali si era pressoché raggiunta la piena occupazione, che permetteva ai lavoratori di avere maggior forza contrattuale nella gestione degli orari e dei ritmi di lavoro. Tutto ciò ebbe come principale effetto quello di diminuire il lucro dei capitalisti. A ciò si aggiunse sia la fine del sistema di Bretton Woods, sia l'aumento dei prezzi delle materie prime con la crisi energetica del 1973.

Il nuovo ciclo economico cominciò basandosi sull'apporto di tecnologie informatiche ed elettroniche. Lo Stato perde il suo ruolo di equilibratore e si converte in uno strumento a tutto vantaggio delle imprese. Nello spazio europeo i trattati fondativi dell'UE hanno permesso di trasferire ad un organismo sovranazionale le politiche economiche, togliendo il potere di controllo sulle istituzioni dalle mani dei cittadini dei singoli Stati europei. Tali trattati però hanno avuto come principale effetto quello di accentuare le disegualianze tra i paesi europei, non di ridurle.

Per Vasapollo(2009, p.218):“Ed infine, nella terza rivoluzione industriale, includendo le tecnologie dell'informazione, si è prodotta l'automazione dei processi”. Il processo produttivo si frammenta, ed è più semplice esternalizzare la produzione. L'informatica ha avuto in questo contesto un ruolo fondamentale, per permettere di ottimizzare le risorse e ridurre il numero di lavoratori necessari alla produzione.

Ma per Vasapollo(2009, p.331)

Una crisi (strutturale) si differenzia da una recessione o una depressione (ciclica) quando si combinano un'insieme di disfunzioni che interagiscono mutuamente, rinforzando un modello di comportamento instabile che sbocca nell'arresto del modello di sviluppo, nell'interruzione della regolarità del processo di accumulazione.

La crisi, che teoricamente dovrebbe essere qualcosa di anomalo nel processo di accumulazione capitalistico, è diventato sempre di più qualcosa di comune(basti pensare che quello odierno è almeno il terzo ciclo di crisi). Essa diventa dunque qualcosa di funzionale allo sviluppo capitalistico, diventa strutturale. Nell'ambito marxista(MARX, 2016, Vol.1) la principale forma di essa è la sovrapproduzione di merci, cioè quando il numero delle merci sul mercato è così alto che la vendita non produce profitto. Il problema non sarebbe dunque una riduzione dei consumi, perché il finanziamento della domanda da parte dello Stato avrebbe come unico effetto quello di posticipare il problema. Secondo Vasapollo(2009, p.219):“La crisi di sovrapproduzione è ineliminabile perché immanente al modo di produzione capitalista, ove il capitale, assetato di (auto) valorizzazione, spinge sempre oltre il limite(temporaneo) ultimo, a superarsi, ad incrementarsi”.

L'ultima crisi, scoppiata all'inizio degli anni 70, giunse con l'esaurimento del ciclo di espansione proporzionato dagli USA. L'egemonia conquistata nel secondo dopoguerra entrava in crisi nel momento in cui le economie dei paesi occidentali si recuperavano e il ciclo di

internazionalizzazione del capitale il suo culmine, seppur temporaneo. Il capitale industriale, come unione di denaro, merce e produzione, “diviene capitale industriale a livello internazionale”(VASAPOLLO, 2009, p.344). L'egemonia statunitense a livello economico non avrebbe potuto avere effetti diversi da quelli che ebbe: quando la crisi cominciò negli USA rapidamente molti paesi furono coinvolti.

Ma, come abbiamo visto in precedenza, ad avere il sopravvento nei maggiori paesi occidentali sono stati negli anni 80 i neo liberali, che imposero misure di: precarizzazione del mondo del lavoro, subordinazione completa dello Stato alle necessità dell'impresa e il controllo delle politiche economiche dei paesi del cosiddetto Terzo mondo. Ciò fu fatto sia attraverso il sostegno politico a dittature militari, sia attraverso una ridefinizione delle relazioni internazionali nelle istituzioni economiche. In questo periodo le imprese hanno visto aumentare enormemente i loro profitti, contemporaneamente a ciò hanno visto ridurre le tasse, ossia hanno incrementato in modo consistente i loro guadagni.

Le imprese si sono dovute rapidamente trasformare e adattarsi alle esigenze di un mercato divenuto più che mai globale. La produzione anche ha avuto profondi cambiamenti, dovendo passare da una basata su un alto impiego di manodopera e un minore impiego di capitale, ad una in cui l'impiego di capitale è preponderante.

La globalizzazione non si è determinata come mondializzazione delle culture, ma come mondializzazione finanziaria. Ciò ha creato notevoli problematiche a livello di singoli Stati, nella gestione dei rapporti giuridici ed economici. Inoltre l'apparente “scomparsa” del lavoro manuale nei paesi a capitalismo avanzato non ha coinciso con la fine di esso, ma con una diversa divisione del lavoro su scala mondiale.

Secondo Vasapollo(2009, p.357):“La genesi della globalizzazione risiede nella vocazione internazionale del capitale”. La sua tendenza universalizzatrice contrasta con la marxiana tendenza allo sviluppo diseguale. Dunque a uno sviluppo del mercato mondiale, si è contrapposto un aumento delle disuguaglianze tra i paesi.

Il concetto di globalizzazione andrebbe per Vasapollo radicalmente rivisto. Si tratterebbe piuttosto di rilevare che stiamo vivendo una fase di competizione globale per l'egemonia imperialistica. Lo scoppio della guerra in Afghanistan ha posto il tema di una possibile crisi della globalizzazione, che invece ha acquisito solo maggiore forza. C'è stato infatti un aumento della rivalità UE-USA e contemporaneamente un aumento della rivalità con la Cina.

Bisognerebbe dunque distinguere tra il fenomeno oggettivo di espansione globale dei mercati e la traduzione politica di questo processo. Tale meccanismo, che è cominciato nei principali paesi occidentali, si è irradiato progressivamente nei paesi “periferici”. “Tali dinamiche

si svolgono contro le economie deboli, determinando super profitti a favore delle istituzioni finanziarie, in particolare non bancarie, su cui si basa la crescita degli attuali processi speculativi”(VASAPOLLO, 2009, p.366).

Le occasioni di valorizzazione sono molteplici, tra le altre va sicuramente sottolineato il processo di privatizzazione del sistema pensionistico, che ha di fatto obbligato i lavoratori ad aderire ad un fondo pensione. Essi secondo Vasapollo(2009, p.368): “gestiscono cifre impressionanti che si spostano da un paese all'altro inseguendo gli investimenti a maggiore redditività, [...] producendo così in fase di rialzo un sostenimento del corso dei titoli e impressionanti cadute quando l'incertezza diventa dominante”. In questo modo i fondi pensioni si sono trasformati in fattori d'instabilità, e non sempre riescono a garantire i rendimenti sperati. Questo perché invece di perseguire l'obiettivo primario, che dovrebbe essere quello previdenziale, si è cercato unicamente il profitto.

1.5 la particolarità dello sviluppo italiano nel contesto internazionale: il capitalismo italiano dal 1945 alla crisi del 2008

L'Italia come sappiamo, si unificò nel 1861, e fece di Roma la sua capitale nel 1870. Non essendo possibile qui una descrizione dettagliata di questo periodo storico, passeremo direttamente al secondo dopoguerra. Gramscianamente in ogni caso l'unità d'Italia è stata il risultato di una rivoluzione passiva, visto che la maggior parte della società civile è rimasta esclusa dalla direzione del processo unitario, a puro appannaggio delle classi dirigenti del Nord Italia. Nello specifico Gramsci attribuisce tale carattere del processo di unità nazionale alla mancata risoluzione del problema urbanistico, con il mantenimento della contrapposizione tra città e campagna. L'esistenza infatti di nuclei sociali nelle campagne che si contrapponevano ai nuclei urbani, socialmente più avanzati, così come in città di nuclei ostili alle campagne, fece sì che nel momento dell'unità nazionale tale contrapposizione permanesse viva, esponenzialmente aumentata dal conflitto tra il Nord rappresentante delle città e un Sud rappresentante delle campagne.

Dal punto di vista sociale infatti se al Nord i nuclei sociali urbani assicuravano il legame tra la nascente classe capitalistica e lo Stato, al Sud i nuclei dominanti assicuravano tale vincolo con la società civile e con una classe di possidenti, desiderosi unicamente di conservare il proprio status quo. L'esito di rivoluzione passiva non si sarebbe prodotto unicamente se le forze urbane del Nord fossero riuscite a fare egemonia su quelle del Sud. Non producendosi ciò l'unità non è stata affatto, come sostengono gli storici liberali, un processo nazionale, ma un insieme di eventi, talvolta casuali, da cui la maggior parte degli italiani è rimasta estranea, visto che non erano affatto volenterosi di realizzarla. In breve, non potendoci soffermare ulteriormente su importante tema, il

processo non è stato affatto unitario né tantomeno nazionale, essendo stato il Piemonte, la più importante delle regioni italiane all'epoca, a realizzare un'unità territoriale e istituzionale al servizio unicamente dei suoi interessi, non riuscendo a determinare un'autentica unificazione, e creando le condizioni per governi deboli dal punto di vista del consenso che hanno potuto governare unicamente attraverso la repressione delle istanze che gli si opponevano (GRAMSCI, 2014).

Secondo Vasapollo (2008, p.99): “Nel quadro generale della situazione europea, l'Italia del dopoguerra presentava le caratteristiche difficoltà dei paesi ex belligeranti che avevano peraltro subito gli effetti dell'invasione sul proprio territorio nazionale”. Il sistema produttivo italiano si presentava destrutturato e fortemente dipendente dall'intervento pubblico. Inoltre sono pochi i gruppi industriali attivi che dominano pressoché interamente tutto il sistema. Tra di esse un ruolo molto importante era rivestito dalla compagnia Edison, responsabile per la produzione di energia elettrica. Dal punto di vista della produzione industriale un ruolo preminente era esercitato dalla FIAT, che alla politica della moderazione salariale opponeva un aumento dei salari, il cui principale obiettivo più che la “pace sociale” era evitare la diffusione degli scioperi.

L'egemonia della Democrazia cristiana nella gestione della transizione condusse all'esclusione di socialisti e comunisti dal governo e all'adesione dell'Italia al piano Marshall, con l'ingresso nel Patto atlantico, poi divenuto Nato. In ogni caso, il potere di pressione dei comunisti e la necessaria mediazione dei democristiani condussero a un sistema politico economico fondato su 2 pilastri: esecutivo debole e assenza di pianificazione economica dello Stato, con il meccanismo di moderazione salariale che diveniva modello da estendere a tutto il paese.

Sono questi, gli anni appena dopo la fine del secondo conflitto mondiale, un periodo di estrema convulsione sociale, e di frustrazione delle aspirazioni al cambiamento generate dall'onda lunga della Resistenza. Anche per i contadini si annunciavano tempi difficili, con la strage del 1 maggio 1947 a suggellare il fatto che nulla, o quasi, sarebbe dovuto cambiare.

Gli anni 50 videro invece una fase di “boom” economico, con tassi di crescita estremamente sostenuti, “con l'aumento notevole delle capacità produttive che derivava dalla liberalizzazione degli scambi internazionali, dalla stabilità dei cambi, dall'esplosione demografica e dalla crescita conseguente della domanda interna di beni di consumo e strutture sociali” (VASAPOLLO, 2009, p.119). Tale movimento fu favorito dall'intervento statale attraverso l'utilizzo dell'IRI, sebbene senza una vera e propria pianificazione.

Dal punto di vista della politica economica si scelse il modello Einaudi, il cui obiettivo era garantire la stabilità monetaria, per paura delle pressioni inflazionistiche. Vasapollo (2007, pp.125-6)

Il lavoro decennale del governo fu agevolato, sin dall'inizio degli anni 50, dal ritmo sostenuto dell'economia, che consentì entrate fiscali in misura nettamente superiore alle

previsioni. [...] Il PIL fu incrementato nel decennio ad un tasso medio annuale del 5.2 per cento, inferiore solo a quello della Germania ovest e del Giappone, non a caso due paesi ex belligeranti che erano usciti sconfitti dalla seconda guerra mondiale.

Particolarmente importante per questo sviluppo fu la creazione nel 1953 dell'ENI, società che si occupava di raffinazione e distribuzione del petrolio. Lo Stato si trasformava così in imprenditore, capace di garantire una base per lo sviluppo economico dagli anni 50 fino alla crisi petrolifera di inizio anni 70. Nonostante quest'indubbia presenza lo Stato rimase pressoché estraneo alla gestione dei rapporti produttivi, da due punti di vista secondo Vasapollo(2009, p.131): “da un lato la rinuncia a sopperire in caso di squilibri del sistema economico-produttivo, dall'altro la decisione di non intromettersi nelle relazioni tra classe industriale e lavoratrice”. Contemporaneamente a ciò nasceva una borghesia industriale, rappresentativa dei piccoli e medi imprenditori, che si affiancava ai grandi gruppi industriali.

Dal punto di vista del mondo del lavoro gli anni 50 permisero un grande sviluppo economico a causa del basso costo della manodopera, che veniva soprattutto dal Sud Italia e si dirigeva verso le grandi fabbriche del Nord. Per Canteri(2004,p.161)

Qui giunti, se andava bene, si riusciva a entrare nella FIAT, e se no, rimaneva la speranza di essere assunti in qualche cooperativa privata, [...]. In ogni caso si veniva presi in un meccanismo speculativo che sfruttava ogni più piccolo bisogno dell'immigrato, che gli riservava sovente i lavori più nocivi e pericolosi, che lo vincolava alla mal retribuita occupazione con contratti a termine trimestrali.

La decisione a favore di questa immigrazione derivava dalla bassa sindacalizzazione di queste categorie e dalle minori richieste sindacali. All'aumento dell'occupazione nell'industria fa da contraltare una diminuzione del lavoro nei campi.

Questa fase coincise inoltre con un momento di estrema debolezza e frammentazione del movimento sindacale, diviso anche dalle tensioni politiche della crescente guerra fredda, di cui l'attentato contro Togliatti del 1948 fu l'apice della tensione. L'adesione della CISL(sindacato di ispirazione cristiana) e della UIL(sindacato di ispirazione liberale) al piano Marshall significò l'isolamento della CGIL e la rottura del patto unitario(MUSSO, 2002).

Le condizioni del Sud del paese rimanevano però estremamente diverse da quelle del Nord. Neanche la riforma agraria del 1957, riuscì a colmare queste lacune, e le differenze tra un Nord industriale e un Sud agricolo non poterono che aumentare. Inoltre mentre il Nord aumentava a ritmo sostenuto lo sviluppo tecnologico, al Sud era ancora diffusa una produzione tradizionale, con alta intensità di sfruttamento della forza-lavoro.

La fase del boom economico si concluse nel 1963. La migliore analisi di questo periodo è d'accordo con Vasapollo(2008, p.157): “da individuarsi nel basso costo della manodopera (emigrazione dalle campagne), nella compressione dei diritti sociali, e, in parte, nella possibilità di

utilizzare a basso prezzo il know how prodotto all'estero. L' Italia sembra configurarsi come economia marginale di sistemi più avanzati”. Ciò permise al paese di utilizzare le tecnologie prodotte all'estero e avere un ritorno per il capitale estremamente alto. Fu questa anche la fase del benessere e della diffusione degli elettrodomestici più comuni (televisore, frigorifero, lavatrice ecc.) nelle case degli italiani. Sapelli(1981) a tal proposito parla di americanizzazione, da intendersi come adeguamento del management italiano al modello fordista degli USA. La disoccupazione diminuì in modo consistente, anche grazie all'emigrazione in direzione del Nord Italia e all'estero. Va considerato ad esempio che tra il 1951 e il 1961 più di 15 milioni di persone chiesero, e ottennero, il cambio di residenza.

L'inizio degli anni 60 secondo Vasapollo(2008, p.191):“registrò in Italia il passaggio cruciale dal dominio della crescita a quello della crisi e del conflitto”.Il clima di unità nazionale derivante dal secondo dopoguerra si era interrotto, lasciando spazio al conflitto di classe, principalmente nell'area dell'industria.

Dal punto di vista politico questo decennio fu caratterizzato dalla fase politica definita come centro-sinistra, definita nell'alleanza tra Democrazia cristiana e Psi. Importanti risultati furono ottenuti: scuola media obbligatoria per tutti, miglioramento dell'alimentazione e urbanizzazione più organizzata. Indubbiamente l'influenza del PCI si fece sentire in questi settori, visto il suo consistente consenso elettorale, pur se dall'opposizione; mentre dal punto di vista internazionale forte era l'influsso dell'URSS, nella quale molti dei diritti sociali per cui si combatteva in Italia erano una realtà da decenni.

Il 1963 rappresenta però l'apice del boom ma al tempo stesso anche l'aumento dell'inflazione a causa delle lotte sindacali, con la sponda politica del PSI, che “incoraggiarono l'aumento delle retribuzioni lorde, come accadde nella stipulazione del contratto dei metalmeccanici, che risultò più del doppio rispetto all'aumento della produttività, determinando il crollo dei profitti”(VASAPOLLO, 2008, p.196).

L'autorità monetaria cercò con vari interventi di mitigare il problema inflazionario, ma avendo come effetto contrario un aumento della disoccupazione, per la prima volta oltre il 3 per cento nel 1964. In più gli industriali reagirono a queste politiche governative con ostilità, promuovendo una massiccia esportazione di capitali. Per Bertone(2005, vol.1, p.99) sarebbe questa la fase della peste “perché la peste agisce sulle comunità umane come un fattore improvviso di assenza di legge”causata dalla fine del patto sociale sul finire degli anni 60 e aggravata dallo shock petrolifero del 1973. I tentativi del governo di elaborare una programmazione economica non diedero gli effetti sperati, un po' per la difficile condizione del tessuto economico italiano e soprattutto per l'ostilità della classe industriale.

Anche la classe dominante cambia i suoi connotati, si afferma infatti una nuova “borghesia di Stato”, vincolata all'IRI e alle grandi aziende pubbliche, soprattutto dopo la nazionalizzazione dell'energia elettrica, avvenuta nel 1962.

Nel frattempo l'industria manifatturiera viveva una fase di grande ascesa, con un costante aumento del numero di addetti e l'estensione della produzione in altre aree del paese, anticipando tendenze in cui per Becattini(1999, p. 153) “si possono scorgere già in questi dati delle tendenze che si affermeranno nel decennio successivo”, quello degli anni 70.

Gli anni 60 si conclusero con l'aumento del conflitto sociale, causato dal movimento del 68', e con l'emersione di una sinistra che contrastava il PCI e la sua deriva “moderata”. Tra gli elementi più importanti vi fu la rivista dei “*Quaderni rossi*”, che nasceva con l'idea di raccontare le nuove trasformazioni in seno alla classe operaia. Il 68 studentesco fu seguito dall'ancora più rilevante 69 operaio. Per Vasapollo(2008, pp. 213-4):“La battaglia operaia si basava sulle rivendicazioni salariali che ormai sei anni di rallentamento della crescita avevano reso impellenti. [...] La lotta, [...] era gestita dai comitati di base, in polemica con i sindacalisti, accusati di condurre le trattative a rilento”.

Gli scioperi, prima in forma “selvaggia” poi più organizzata, ebbero un impatto estremamente rilevante. Per tentare di fermare l'onda lunga degli scioperi cominciò la famigerata “strategia della tensione”⁴⁸, con l'attentato a Piazza Fontana a Milano, del 12 dicembre 1969. L'accordo sottoscritto alla fine del mese riconosceva solo in parte le richieste, evidentemente influenzato dal clima di tensione che si erano venute a creare.

Nel frattempo nascevano le prime organizzazioni di base, con la creazione di comitati di fabbrica e nel 1970 l'approvazione dello statuto dei lavoratori sanciva, almeno parzialmente un quadro di regole minime per il rapporto tra imprenditori e lavoratori. Questo ciclo di lotte discendeva dalla fine del ciclo del boom economico. Allo sviluppo economico non aveva fatto da contraltare una reale emancipazione operaia, che adesso premeva per realizzarsi. Inoltre vi era stato un aumento dei casi di stress nervoso, derivante dagli alti ritmi di lavoro.

Gli operai non vedevano riconosciuto adeguatamente il loro ruolo all'interno della produttività, obbligati come erano a compensare gli aumenti salariali con aumenti sempre più consistenti di produttività.

Negli anni 70 l'esplosione della crisi condusse al tentativo di scaricare la crisi sulle spalle dei lavoratori. “Le politiche di compressione dei costi del lavoro, d'altronde, non ebbero buon esito soprattutto grazie alla forza della classe operaia, che non consentì l'attacco ai salari oltre un certo

48 Serie di attentati di varia natura con l'obiettivo non dichiarato di indebolire il movimento sindacale, terrorizzare la popolazione e tentare svolte autoritarie.

limite”(VASAPOLLO, 2008, p.221). Il movimento sindacale seppe tenere botta, almeno temporaneamente.

Nel frattempo cambiavano consistentemente gli stili di vita, con un aumento consistente del livello dei consumi e con l'avanzo dei diritti civili, con la legalizzazione prima del divorzio e poi dell'aborto.

Nel 1970 numerose furono le lotte per migliorare le condizioni di lavoro e superare la logica del cottimo. I tentativi di unità sindacale tra le 3 confederazioni non riscuotevano però gli effetti sperati. Ciò in conseguenza della fine della stagione del centro-sinistra, con l'uscita dall'area di governo del partito repubblicano. Ma nel 1973 le difficoltà del governo di centro-destra condusse al ritorno alla stagione delle alleanze del centro-sinistra. Nonostante ciò la fase di crisi che si aprì rendeva difficile ampliare i cordoni della borsa da parte del governo. Per Vasapollo(2008, p.229)“Dal 1973 al 1979 il movimento sindacale fu costretto a concentrarsi sulla salvaguardia dello status quo trascurando la forza riformatrice che proveniva dal mondo del lavoro; così la strategia delle riforme e del cambiamento del sindacato era destinata a divenire ininfluenza politicamente”.

Lo scoppio della crisi petrolifera nel 1973, con l'aumento repentino dei prezzi del petrolio, produssero una fase di estrema instabilità a livello mondiale, e dunque anche a livello italiano. Furono gli Usa, con le loro difficoltà economiche, a trainare la fase di crisi. Dal punto di vista politico invece gli anni 70 si caratterizzarono per la fine delle dittature fasciste in Spagna e Portogallo, per la fine del processo di decolonizzazione africana e per la distensione tra Est e Ovest. Il settore industriale italiano scontava già prima della crisi problemi legati sia ad “una domanda insufficiente, ma anche di un'offerta inadeguata, legata ai limiti storici del sistema produttivo italiano. La crisi del 73 aveva radici profonde: era il frutto di un problema ancestrale mai compiutamente affrontato”(VASAPOLLO, 2008,p.244). Le possibilità di un'uscita rapida dalla crisi apparvero subito come estremamente difficili. Molte imprese industriali uscirono dalla crisi scorporando produzioni e riducendo in modo consistente il volume della forza-lavoro, anche grazie all'ingresso di consistenti capitali stranieri.

Dal punto di vista politico gli anni 70 videro il progressivo aumento dei voti al PCI e la necessità di allargare la base di governo a questo partito, con il patto passato alla storia come compromesso storico, durato solo 2 anni, per i crescenti contrasti interni.

Questi, come sappiamo, furono gli anni della fine del sistema di Bretton Woods, con la fine dei tassi di cambio fissi e l'avvio di quelli variabili. Per salvaguardare la lira si scelse di svalutarla rispetto al mercato tedesco e mantenerla stabile rispetto al dollaro, per tutelare il mercato estero. Alla fine del decennio, con l'adesione al sistema monetario europeo, si definiva invece un sistema di cambio fisso tra i paesi aderenti.

La politica economica dello Stato italiano rimase invece legata a vecchi modelli, che potevano al massimo mitigare gli effetti della crisi, non risolverli. Aumentavano infatti i sussidi al settore produttivo, ma senza le innovazioni necessarie. Neanche le infrastrutture, che pure avevano necessità e progetti per l'alta velocità sui treni, riuscirono nell'intento sperato. Questa fase fu soprannominata come “capitalismo assistito” perché la produzione era sostenuta dall'intervento statale, ma senza prospettive di programma. Non esistevano criteri specifici, con il risultato finale di disperdere risorse, invece che investire(VASAPOLLO, 2008).

Ma non tutta l'industria era in difficoltà. Una parte di essa cominciava a rinnovarsi e a ragionare su decentramento produttivo e flessibilità. Paradossalmente è la piccola e media impresa a uscire meglio da questa crisi, con le imprese familiari. Esse secondo Bertone(2005, vol II, P.14): “di piccole dimensioni, sono le autentiche perle del paese, quelle in grado di offrire alcuni specifici vantaggi competitivi. [...] Un folto gruppo di piccole e medie imprese, fortemente export oriented è stato capace, negli ultimi dieci-quindici anni, di raddoppiare vendite e profitti ogni due-tre anni”.

Si assiste inoltre in questo decennio a un fenomeno definito come contro-urbanizzazione, che produce fenomeni di deindustrializzazione, la costruzione di città periferiche e la creazione di sistemi produttivi locali. Il modello industriale diventa così decentrato, e nasce un capitalismo quasi molecolare. Sarebbero presenti 2 tendenze: l'ingresso di nuovi soggetti nel business con origine legata a economie locali e la disgregazione verticale di molte imprese, che permetta ai lavoratori espulsi dal processo produttivo di essere contrattualizzati dalle nuove imprese sub fornitrici(Beccatini, 1999). Tale modifiche anche a seguito del cambiamento dello stile di consumo in Italia, con la ricerca di nuove più differenziate e legate più al benessere che alla necessità.

Nasceva così un modello produttivo legato alla logica distrettuale. Per Becattini(1999, pp.58-9) il distretto industriale è :“un'entità socio-territoriale caratterizzata dalla compresenza attiva, in un'area territoriale circoscritta, naturalisticamente e storicamente determinata, di una comunità di persone e di una popolazione di imprese industriali”, le imprese legate ad un determinato territorio non rivaleggiavano più tra loro, ma tendevano a collaborare e a scambiarsi informazioni. A livello locale si sviluppavano inoltre reti di credito, che supportavano l'innovazione tecnologica.

Il modello politico-amministrativo non era però adeguato alle esigenze della produzione, soprattutto le province erano considerate un ente obsoleto perciò fu deciso un impulso alla regionalizzazione.

Anche l'agricoltura subì in questo decennio importanti variazioni. Il modello distrettuale si estese progressivamente anche alle campagne. Ovviamente non tutto il territorio nazionale fu investito dal processo allo stesso modo. Per crearsi un distretto di questo tipo erano infatti

necessarie univocità di struttura territoriale, mentre in Italia viceversa la struttura agricola era invece marcata da numerose tipicità. “Ancora adesso, organizzazioni distrettuali di fatto delle produzioni agricole non hanno ancora trovato strumenti legislativi e organizzativi adeguati alle loro esigenze”(VASAPOLLO, 2008, p.270).

Gli anni 70 furono però anche anni di aumento della disparità tra il Nord e il Sud del paese. La dicotomia tra Nord e Sud aveva radici antiche, risalenti almeno al periodo dell'unità d'Italia. Per Vasapollo(2008, p.272): “Il sottosviluppo del Sud appare dunque come una distorsione dello sviluppo non solo congiunturale ma strutturale, fondata cioè sulle stesse modalità di crescita”.

I problemi economici degli anni 70 crearono notevoli squilibri a livello finanziario. Il capitale, che non incontrava più sufficiente lucro nella produzione, cominciò ad essere dirottato per fini speculativi. La grande industria abbandona gli investimenti in ambito tecnologico, per investire maggiormente su ambiti finanziari.

Gli anni 70 furono anni di profonda riduzione della portata del capitalismo italiano. Secondo Vasapollo(2009, p.278):“Le economie del distretto non sostituiscono quelle delle grandi imprese, le nuove dinamiche occupazionali non coprono i danni subiti da quelli tradizionali, le conquiste dei lavoratori liquidate non vengono sostituite da un diverso sistema di tutele”. Tali difficoltà non sono imputabili soltanto alle errate sovvenzioni statali, ma piuttosto alla comparsa di nuovi competitor che sfruttano il basso costo della manodopera, come fatto dall'Italia pochi decenni prima. Inoltre alla crisi petrolifera i paesi risposero in ordine sparso, cercando soluzioni tampone invece di definire strategie più complessive.

Il decennio successivo fu caratterizzato, come noto, dall'affermarsi del neoliberismo politico, con le elezioni di Reagan negli Usa e della Thatcher nel regno unito. In Italia il corrispondente politico fu il governo Craxi(1983-87) che tentò di applicare lo stesso programma in forma più “temperata”. “Senza gli eccessi tatcheriani, il corso craxiano mirò al contenimento delle richieste del mondo del lavoro, culminato in una strategia di aperta opposizione ai sindacati e nell'abolizione per decreto di alcuni punti della scala mobile, il meccanismo che stabiliva l'adeguamento automatico dei salari al costo della vita”(VASAPOLLO, 2008, p.285). La ripresa economica fu stimolata in questo periodo dall'effetto trainante della ripresa americana.

Dal punto di vista sindacale questo decennio fu disastroso: molte conquiste andarono progressivamente perdute e le condizioni produttive tornarono ad essere quelle richieste dalla classe padronale. La vicenda della Fiat fu emblematica di questo mutamento: la sconfitta dello sciopero del 1980 condusse all'emarginazione degli operai più sindacalizzati e alla progressiva perdita del potere di contrattazione dei sindacati.

Si arrivò per Vasapollo(2008, p.287) a “una massiccia ristrutturazione produttiva- con

conseguente calo dell'occupazione- e l'incidenza del costo del lavoro sul fatturato scese, ritornando alle percentuali degli anni 60". Ciò consentì all'Italia di oltrepassare il Regno unito e diventare la quinta potenza capitalista. La nuova morale abbandonava il collettivismo e si faceva individualista.

La politica monetaria anche cambiava radicalmente: si abbandonava la politica della svalutazione competitiva, in luogo si utilizzava l'austerità fiscale, nel tentativo di integrarsi con le economie europee. Mentre si tagliavano i salari si provvedeva però a favorire le imprese e si diffondevano progressivamente pratiche di corruzione.

Il modello produttivo fu rinnovato attraverso l'intervento pubblico negli investimenti di ricerca e innovazione, nei quali le imprese non avevano modo di farcela da sole e con tentativi di liberalizzazione. Secondo Vasapollo(2008, p.294):“Sul piano della trasformazione socio-produttiva, dunque, l'Italia degli anni 80 si caratterizza per due importanti fattori: l'emergere della nuova realtà industriale delle piccole e medie imprese, [...] la formazione di un nuovo ceto medio di massa legato al terziario”. Il distretto diviene la realtà industriale di riferimento.

Nonostante ciò l'aumento della piccola impresa non fu sufficiente a compensare la perdita nel settore industriale, producendo una perdita consistente in termini occupazionali e di reddito. D'altro lato, a far da contraltare alla perdita della produzione industriale giungeva almeno parzialmente il settore terziario.

Il 1980 rappresenta da questo punto di vista lo spartiacque: la sconfitta dello sciopero alla FIAT con il licenziamento degli operai più combattivi, e la marcia dei 40.000 colletti bianchi rappresentano un passaggio storico di grande portata simbolica. Revelli(1992, p.31):

Iniziò a delinearsi negli anni 80 un nuovo tipo di società, che fu definita postindustriale o post-fordista, proprio per indicare il ruolo minore che vi avevano le attività tradizionali e il lavoro operaio. Ed era inevitabile che tutto ciò fosse vissuto dagli operai con un forte senso di smarrimento collettivo, e soprattutto nel caso delle persone più anziane e meno qualificate, come un vero e proprio dramma esistenziale.

Il sindacato confederale aveva peraltro totalmente introiettato la logica dei sacrifici, che scambiava riduzioni salariali con mantenimento, almeno parziale, dei livelli occupazionali. All'indebolimento del sindacato fece da contraltare il rafforzamento della parte datoriale, che scaricò i costi della crisi sui lavoratori.

L'ultimo decennio del XX secolo fu caratterizzato dalla disgregazione del blocco socialista, con una serie di conseguenze molto rilevanti sul piano politico. In Italia, ad esempio, il Partito comunista decise di cambiare nome in PDS.

La crisi politica si congiunse con quella economica, d'accordo con Amatori(p.753) con una progressiva “liquidazione dello Stato imprenditore, un percorso tutt'altro che lineare e privo di ostacoli, la pressione del sempre più ampio processo di integrazione internazionale ha costretto il paese ad accettare regole [...] che lo rendano omogeneo agli altri nuclei forti del capitalismo

mondiale”⁴⁹. Le difficoltà economiche condussero nel 1992 il governo a varare una mega manovra di bilancio che per impedire il fallimento dello Stato portò al fallimento di molti artigiani e lavoratori. Questa ristrutturazione economica ebbe come fattore principale la precarizzazione del lavoro, per cercare di favorire la ripresa del ciclo di valorizzazione, da tempo in grave crisi.

Tale partecipazione statale si estrinsecò anche e soprattutto nello smantellamento delle partecipazioni pubbliche, fiore all'occhiello dell'economia italiana. Per Vasapollo(2008, p.310):“ la struttura industriale italiana ha attuato questo passaggio dal pubblico al privato in modi diversi. In particolare si è assistito, nel tempo, a cessione di quote di controllo, cessioni di aziende e rami d'impresa, cessione di quote di minoranza, cessioni di immobili e cespiti”. Tale meccanismo, che partiva dal presupposto che una maggiore concorrenza avrebbe ridotto i prezzi, si estese progressivamente a tutti i settori dell'economia. Nel frattempo la crescita produttiva rallentò fino a fermarsi, in virtù delle difficoltà della grande industria a investire in tecnologia.

Tale processo è stato giustificato con la struttura distrettuale dell'industria, formata da piccole e medie imprese. “Tutto il sistema si basa, però, sull'idea che all'interno del distretto continui ad operare una spinta alla cooperazione e, soprattutto, che le imprese operino in un contesto sistemico e coeso, conservando ciascuna la propria capacità concorrenziale e una sostanziale libertà d'azione sul mercato”(VASAPOLLO, 2008, p.321). La realtà è però molto più complessa, dato che i distretti si sono spesso trovati in difficoltà di svilupparsi.

Negli anni 90 nascono le aree metropolitane, definite da Fubini, Corsico(2005, p.565) come “un territorio più o meno esteso, che comprende diverse città, tanto da costituire un sistema urbano [...] caratterizzato da realtà diverse correlate tra loro e poste in un rapporto di interdipendenza”.

Le imprese hanno reagito alla crisi precarizzando fortemente i rapporti di lavoro, con l'ausilio di governi compiacenti che hanno creato i presupposti affinché questo processo avesse successo. Inoltre l'entrata dell'Italia all'interno dell'UE ha condotto all'esigenza di fare tagli alla spesa sociale per stare dentro i parametri di Maastricht.

Nasceva così tutta la foresta di lavori atipici: part-time involontari, collaborazioni a progetto ecc. Aumentano così i fenomeni di depressione e di ansia per il futuro da parte dei giovani, i più colpiti da questi processi di precarizzazione. La presenza di contratti a tempo parziale produce un apparente aumento dell'occupazione, favorito dal pacchetto Treu del 1997, con il quale si ampliavano i margini per il lavoro precario. Secondo Vasapollo(2008, p.328):“La conseguenza naturale della precarizzazione del lavoro e della diminuzione generale del potere d'acquisto dei salari è il calo sensibile della domanda interna, che si è andata progressivamente restringendo”⁵⁰.

49 Amatori, F. “*La grande industria*”, p.753.

50 Vasapollo, L. , “*Storia di un capitalismo piccolo piccolo*”, p.328.

Il primo decennio del XXI secolo fu scosso da un evento di portata internazionale: l'attentato alle Torri gemelle dell'11 settembre. Ciò provocò, come sappiamo, 2 guerre sanguinosissime: quella contro l'Afghanistan e poi quella del 2003 contro l'Iraq, ad entrambe l'Italia partecipò con un ruolo da protagonista. L'Italia viveva dunque un periodo di forti contraddizioni, soprattutto nel tentativo, seppur vano, di conciliare interessi differenti. Il “consociativismo”, che per tanto tempo aveva ispirato le politiche pubbliche del paese, entrava in una crisi apparentemente irreversibile.

Il governo Berlusconi, cominciato nel 2001, si caratterizzava per un'allineamento quasi totale agli Usa in politica estera e per la difesa del capitale finanziario e l'eliminazione dei diritti dei lavoratori dal punto di vista economico. Il governo di centro-sinistra che lo seguì non cambiò quasi niente a livello sostanziale.

La situazione di questo decennio vide inoltre un drastico calo nel rapporto tra importazioni e esportazioni. Per Barca(2006, p.51)“Alcuni sostengono che questi risultati riflettono una composizione settoriale dell'industria italiana sfavorevole all'attuale paradigma tecnologico e alle tendenze in atto, perché concentrata in produzioni a basso consumo tecnologico o a bassa intensità di manodopera qualificata”.

Nel frattempo le aree metropolitane assumono un'importanza sempre maggiore. Emblematico è il caso di Roma, che contribuisce per oltre il 7 per cento al PIL nazionale, soprattutto grazie ai settori del turismo e dei servizi. Tutto ciò è stato possibile solo attraverso un processo di disgregazione produttiva e gentrificazione delle città. Ciò ha prodotto un aumento considerevole anche dei problemi ambientali: dalle discariche al sotterramento di rifiuti tossici in campi coltivati⁵¹. Ciò ovviamente ha creato però anche intensi cicli di lotta contro la devastazione ambientale, di cui il più importante è quello del conflitto della tratta ad alta velocità Torino-Lione. Vasapollo(2007, p.348):

Alle figure tradizionali del lavoro, [...] si sono sovrapposte quelle diseredate e senza diritti rappresentate dai migranti, che un sistema legislativo, che non è esagerato definire di stampo razzista, consente di utilizzare indiscriminatamente nei processi produttivi, per poi liquidarli quando le esigenze del capitalismo lo richiedono.

La precarizzazione del lavoro ha assunto dimensioni enormi, con la riforma Biagi del 2003 le forme contrattuali cosiddette atipiche, superavano il numero di 40. In questa fase progressivamente i sindacati di base si trasformavano e cercavano nuove forme di conflittualità.

51 Celeberrimo è il caso della terra dei fuochi a Napoli.

Cap 2 Storia delle migrazioni in direzione dell'Italia dal 1945 ai giorni nostri

2.1 Excursus storico sui flussi migratori in direzione dell'Italia

L'Italia storicamente ha una grande storia in termine di emigrazione verso l'estero e negli ultimi decenni di immigrazione dall'estero in direzione dell'Italia, soprattutto dai paesi africani ma non solo.

Secondo Colucci(2018, p.17): “In Italia l'immigrazione straniera compare in modo ricorrente nel panorama sociale e politico della ricostruzione successiva alla seconda guerra mondiale, anche se è difficile riscontrare nel linguaggio dell'epoca la definizione di <<immigrazione straniera>> Questi movimenti avevano carattere di transitorietà, ed erano slegati da una dinamica di stabilità; piuttosto erano vincolati alla crisi economica successiva alla seconda guerra mondiale. L'Italia, non va dimenticato, era stata attraversata dal fronte e dunque da eserciti provenienti da varie nazionalità. In Italia a fine conflitto tornano i soldati prigionieri all'estero, e gli esuli derivanti dalla ridefinizione dei confini orientali.

Nascevano così campi profughi, di varia natura in relazione al fatto di essere predisposti per essere luogo unicamente di transito o di fungere da residenza, almeno temporanea, per migliaia di persone. Il caso più eclatante è quello dell'emigrazione dal confine giuliano-dalmata, dopo l'attribuzione di tale area alla Jugoslavia, con il conseguente afflusso degli italiani di rientro da quei territori. Altro movimento rilevante è quello degli ebrei che si recano nel neonato Stato di Israele e che usano l'Italia come luogo di transito, grazie alla sua posizione strategica nel Mediterraneo.

Nonostante ciò il numero degli stranieri ufficialmente registrati nel paese risultava estremamente basso: il censimento del 1951 collocava un numero di stranieri prossimo alle 130 mila unità(2018).

Il diritto di asilo venne riconosciuto dalla nostra Costituzione all'art. 10, ma le riserve geografiche e temporali ne limitavano fortemente l'applicazione: con la prima infatti si escludevano

coloro che provenivano dai paesi socialisti, con la seconda si limitava l'applicazione solo ai casi antecedenti il 1951. Una vera e propria regolamentazione del fenomeno fu approvata solo nel 1990.

In questo senso, un'analisi storica del processo migratorio ci appare estremamente rilevante per le finalità del nostro studio. Nel secondo dopoguerra è possibile osservare in Italia 2 tendenze (COLUCCI, 2018, p.25):

da un lato l'organizzazione di un sistema di competenze che ruota prevalentemente attorno a quattro soggetti: il ministero dell'interno, il ministero del lavoro e previdenza sociale, il ministero degli esteri e la presidenza del consiglio, [...] dall'altro [...] quello della percezione del fenomeno migratorio tra le classi dirigenti, da cui nascono le scelte di politica migratoria.

Gli indirizzi a cui tali politiche rimettono sono relativi in primo luogo all'idea che l'immigrazione sia qualcosa di temporaneo correlata al dopoguerra, destinata a sparire nel tempo; in secondo luogo a una percezione di paura e allarme, che porta a tentare di scoraggiare l'emigrazione interna, soprattutto nella difficile relazione campagna-città; infine vi è una tendenza più pragmatica, che nel fare i conti con la necessità dell'immigrazione cerca di offrirgli canali legali di assistenza.

Indubbiamente l'Italia cercherà inoltre di favorire l'emigrazione in direzione dell'estero, nel tentativo di lenire almeno parzialmente l'annoso problema della disoccupazione, piaga strutturale soprattutto nel Meridione. L'adesione alla CECA rappresentava un tentativo di convivere gli altri paesi aderenti ad aprire le frontiere all'Italia, tentativo che ebbe successo solo negli anni Sessanta.

Tale decennio fu caratterizzato da una fase di aumento del numero dei migranti presenti sul territorio nazionale, come da censimento del 1971. Per Sacchetto (2013, p.52): “La peculiarità di questi insediamenti costituiranno la cartina di tornasole dell'immigrazione straniera verso l'Italia degli anni successivi”. In modo particolare aumenta la presenza degli studenti stranieri, che provengono soprattutto dai paesi del cosiddetto terzo mondo. Tre sono le ragioni di questa presenza: la possibilità di ingresso legale in Italia con il visto di studio, i problemi politici di molti dissidenti, che trovano in Italia un luogo di rifugio, in ultimo la loro situazione sociale, con le difficoltà di integrazione tipiche di qualunque sistema migratorio.

Va fatto peraltro notare come negli anni 60 aumentò considerevolmente l'immigrazione post-coloniale, da paesi che furono colonie italiane, come la Libia o l'Etiopia, principalmente di lavoratrici domestiche, che seguono la famiglia italiana tornata in patria dopo la fine della guerra.

Ma il flusso delle lavoratrici domestiche non riguarda solo questi paesi, ma anche paesi mediterranei, come il Portogallo. Per Lopez (1972, vol. VIII, p.25): “Il flusso portoghese in Italia è costituito principalmente da lavoratrici domestiche, in grandissima maggioranza singole (97%) la cui assistenza spirituale e culturale è articolata sui centri d'incontro, in genere dipendenze di chiese o di case religiose”. Ovviamente trattandosi di numeri piccoli esistono variazioni anche consistenti

sul territorio nazionale.

In tale periodo l'intervento delle istituzioni su questa materia attraversa una fase transitoria. Le norme discriminatorie di epoca fascista sull'immigrazione interna vengono abolite nel 1961 ma rimane in piedi un sistema di norme che sfavorisce l'immigrazione legale. Le difficoltà di questa strutturazione furono relative al fatto che l'immigrazione in Italia era un fenomeno meno visibile rispetto ai paesi del Nord Europa. Per Campani(2008, p.182)

In Europa del Sud, in assenza di legislazioni specifiche e in presenza di un mercato del lavoro caratterizzato dall'importanza dell'economia informale, il fattore di attrazione è stato rappresentato, inizialmente, da specifiche nicchie del mercato del lavoro – occupazione domestica, pesca, agricoltura stagionale, vendita ambulante, servizi di basso livello-disertate dalla manodopera autoctona.

Nel 1963 c'è il primo intervento legislativo, con il quale si impone la necessità di un visto per lavoro all'ingresso in Italia e il non essere disponibile nessun italiano per quel posto. Di fatto si imponeva così un'assunzione all'estero, con tutte le difficoltà che ciò comportava.

Gli anni Sessanta sono peraltro, come anticipato nel capitolo precedente, anni di grandi conflitti sociali e non è casuale secondo diversi analisti che gli immigrati si inseriscano proprio in quei settori dove il movimento sindacale aveva avuto una penetrazione ridotta rispetto ad altri contesti. Il caso della pesca, con l'immigrazione in Sicilia proveniente dalla Tunisia, è un caso emblematico di ciò. Colucci(2018, p.40): “Per contestualizzare i primi arrivi in Sicilia bisogna guardare anche alla realtà tunisina, dove gli esiti contraddittori della riforma agraria nel corso degli anni Sessanta avevano generato un rafforzamento dell'emigrazione verso l'estero”. Ciò creò notevoli tensioni tra lavoratori autoctoni e immigrati, con frequenti episodi di razzismo, con il contributo complice anche di parte dei sindacati. Le autorità locali decisero la strada del respingimento di questi immigrati che sbarcavano in Italia, con il conseguente effetto di irritare le autorità tunisine, che minacciarono ritorsioni a danno degli italiani residenti in Tunisia.

Un altro filone migratorio è quello dei lavoratori provenienti dalla Jugoslavia. “Ma al contrario di quanto succede in Sicilia, i sindacati scelgono di elaborare un percorso comune di rivendicazioni presso il governo italiano insieme al sindacato jugoslavo”(COLUCCI, 2018, p.43). La maggior parte di essi erano impiegati nel settore alberghiero, ma vi era anche chi lavorasse nel settore estrattivo e in quello marittimo.

La situazione nelle zone del confine orientale era differente, visto che la città di Trieste confinava direttamente con la Jugoslavia. La numerosa presenza di slavi era vista come un fattore destabilizzante dalle autorità locali, che temevano le minacce all'italianità che ciò avrebbe significato. Come abbiamo detto c'è in ogni caso una maggiore collaborazione tra sindacati italiani e jugoslavi, che serve a creare piattaforme di elaborazione comuni e a firmare protocolli con i governi.

Durante tale periodo, dunque, l'immigrazione cresce poco dal punto di vista quantitativo, ma già apre diversi nodi che avranno una rilevanza crescente nei decenni successivi, dal problema dell'illegalità a quello degli squilibri sul mercato del lavoro.

Nel decennio successivo le cose cambiarono profondamente. Innanzitutto perché aumentano i rimpatri degli italiani emigrati dall'estero, a causa degli impatti occupazionali della crisi petrolifera, e al tempo stesso molti paesi europei adottavano politiche restrittive sulla manodopera, già che erano mutate le esigenze delle imprese. L'Italia sembrava prossima a un aumento costante dei flussi dall'estero. Secondo il rapporto Censis del 1979, "l'Italia registra una presenza crescente di manodopera straniera, per lo più clandestina, per lo più impiegata nei posti invisibili o poco visibili della nostra economia, per lo più addetta a compiti ignoti, faticosi e dequalificati"(COLUCCI, 2018, p.50). In realtà la percezione di questa trasformazione è fallace, perché l'aumento dei ritorni è derivato da una congiuntura sfavorevole, non da una reale volontà di ritorno. Le difficoltà legate a questa situazione sono visibili anche nella costante crescita delle migrazioni interne.

Negli anni 70 aumenta l'attenzione nei confronti degli immigrati, dunque aumentano le ricerche a riguardo. Secondo Natale(1979, p.265): "nel 1978 il ministero dell'interno registra la presenza di 191.328 stranieri, a cui bisogna aggiungere 36.509 studenti". L'aumento della presenza degli immigrati sul suolo nazionale conduce ad una pressione per interventi legislativi ad hoc. Nel 1978 infatti è creato il comitato interministeriale per l'emigrazione, che avrebbe dovuto coordinare l'attività di governo sul fronte emigrazione. Il problema era che molto spesso si analizza il problema migratorio con metodi d'analisi non più adeguati, ancorati a logiche ormai superate.

Il risultato più importante di queste elaborazioni è il rapporto Censis del 1979. Il problema è però che Censis(1979, p.13):

la percezione delle dimensioni e delle caratteristiche del fenomeno risulta del tutto approssimativa, in quanto è legata da una parte a dati che registrano, e neanche con esattezza, la sola immigrazione regolare, dall'altra parte a stime di carattere impressionistico e allarmistico che, ad una prima verifica, sembrano altrettanto infondate.

Successivamente lo studio decise di focalizzare la propria attenzione su poche zone di concentrazione dell'immigrazione, per cercare poi di generalizzare queste tendenze. Da notare come emerga da questi studi la presenza di comunità di rifugiati provenienti dal Latinoamerica, testimonianza delle reti di solidarietà a sostegno di chi fuggiva dalla dittature esistenti all'epoca in Italia.

La consistente immigrazione araba in Sicilia viceversa permise di adottare un approccio maggiormente scientifico alla questione, uscendo dalla cornice secondo Sacchetto(2013, p.54) "che diventerà il principale luogo comune: gli immigrati occupano i posti di lavoro non più appetibili per gli italiani che preferiscono rimanere disoccupati o scegliere determinate attività, seppur saltuarie,

piuttosto di occuparsi in mansioni dequalificate”. Spesso tali argomenti erano utilizzati a livello di mezzi di comunicazione per dimostrare come non vi fosse più interesse a determinati tipi di lavori, soprattutto da parte delle persone più giovani. Per Prodi, allora ministro dell'economia e poi premier italiano per 2 volte ciò sarebbe stato estremamente pericoloso : “Com'è possibile che tutto questo avvenga mentre esistono tanti disoccupati? [...] Io credo che, al punto in cui siamo, sia una follia ripercorrere la via degli altri paesi europei, aggiungendo ai problemi che abbiamo anche quelli di una difficile convivenza razziale”(PRODI, articolo 19 agosto 1977 sul Corriere della sera). Tra l'altro non mancava nemmeno chi accostasse l'immigrazione all'aumento della microcriminalità. La verità è invece molto più complessa secondo Colucci(2018, p.63):

gli stranieri sono ricattabili perché se licenziati perdono il permesso di soggiorno e le loro condizioni di vita sono peggiori di quelle degli italiani: guadagnano la metà a parità di salario e pagano di più, ad esempio, di affitto. Non manca inoltre, a loro avviso, razzismo vero e proprio, soprattutto nel settore domestico.

Per quanto concerne i motivi di questi movimenti migratori va rilevato che l'ambito lavorativo era solo uno degli elementi, a cui si aggiungeva come abbiamo visto quello politico. È sicuramente di interesse notare che non esiste un gruppo nazionale prevalente sugli altri, come accadeva nei paesi che avevano avuto un ampio impero coloniale. In secondo luogo gli immigrati tendono a spostarsi sul territorio nazionale più di quanto facevano in passato. Per Colucci(2018, p.67) “Ulteriori caratteristiche della nuova immigrazione straniera sono l'elevato livello medio di istruzione e una presenza femminile molto significativa, elementi che resteranno una costante anche nei decenni successivi”.

Dal punto di vista legislativo l'Italia se apparentemente lasciava le porte aperte all'immigrazione, in realtà faceva di tutto per rendere difficoltosa l'immigrazione regolare, per rendere più ricattabili i migranti. Ma l'ipotesi che l'Italia abbia ricevuto più migranti degli altri paesi in virtù della chiusura operata da altri paesi dopo la crisi petrolifera è smentita da Colucci(2018, p.69):

il primo elemento è che lo sviluppo dell'immigrazione straniera in Italia precede e accompagna la crisi petrolifera, [...]. Ancora, i flussi che emersero nel corso degli anni Settanta avevano a che fare prevalentemente con percorsi migratori che erano molto legati all'Italia e che difficilmente si sarebbe ritrovati altrove[...]. Guardando all'articolazione dei primi flussi di ingresso emerge la sensazione che l'Italia non rappresenti quindi una seconda scelta per chi arriva dall'estero ma costituisca un obiettivo piuttosto definito.

Importante è il ruolo in questa fase dell'associazionismo, che riuscì ad influenzare almeno parzialmente le scelte del decisore politico. Le modalità di azione scelte sono diverse: si va dai corsi di italiano, a campagne di denunce politiche, a pressioni per interventi legislativi ad hoc, fino ad arrivare al finanziamento ad attività di ricerca. Tra le altre organizzazioni attive va sottolineato il

ruolo della Caritas e della Cgil. La prima apre nel 1981 un centro di ascolto per stranieri, il principale sindacato italiano invece sviluppa tra il 1978 e il 1980 un'intensa attività di ricerca. Secondo Colucci(2018,p.77): “Un importante momento di cesura in ambito sindacale avviene nel 1981, quando al X congresso della CGIL viene approvata la mozione sulla difesa degli emigrati italiani e stranieri, che per la prima volta pone all'interno del lavoro congressuale il riferimento all'immigrazione”

Tale intervento, lungi dall'essere mero integrativo di quello istituzionale, aumenta considerevolmente il suo peso specifico, soprattutto a partire dal progressivo smantellamento del sistema di Stato sociale.

Di fondamentale importanza è in questo periodo la ratifica della convenzione del 1981 dell'OIL, che parificava i diritti tra lavoratori autoctoni e immigrati. È in quest'ottica che viene approvata la legge Foschi, la prima che tracci un quadro chiaro sulla questione dei diritti degli immigrati. Ma per Colucci(2018, p.75):“la Foschi regola in modo per la prima volta organico il ricongiungimento familiare, [...]. Rispetto all'ingresso per motivi di lavoro, dispone un complicato sistema di collocamento all'estero sviluppando il nucleo già abbozzato nella circolare del ministero del Lavoro del 1963”, di fatto riformulando le circolari ministeriali degli anni precedenti.

Inoltre l'anno precedente era stato varato il trattato di Schengen, con il quale i paesi aderenti alla CEE promuovevano un processo di libera circolazione delle persone tra le loro frontiere. L'Italia inizialmente resta fuori da questo patto proprio per l'assenza di una legge organica sull'immigrazione e lo firma solo nel 1990.

Tra la fine degli anni 80 e l'inizio degli anni 90 vi sono grandi cambiamenti sul piano geopolitico, che implicano grandi trasformazioni anche sul piano migratorio. Gli immigrati non occupano più solo un ruolo marginale nella società, ma diventano soggetti attivi, in lotta per ottenere il riconoscimento dei loro diritti. Alcuni fatti di questo breve periodo storico meritano di essere distaccati. Il primo è il dibattito tra il giornale “*La Stampa*” e il “*Corriere*” sul modo di considerare gli immigrati: “a poche settimane dalla diatriba tra i due quotidiani, il 20 aprile 1989 un'affollata manifestazione attraversa le vie di Roma. [...] l'iniziativa pone in modo rivendicativo la richiesta di soluzione per molti dei problemi legati alla presenza di lavoratori, richiedenti asilo, studenti provenienti dall'estero”(COLUCCI, 2018, p.80).

Ma soprattutto la notte del 24 agosto viene ucciso un immigrato, Jerry Masslo, presso Villa Literno, scatenando rivolte. Egli era uno dei leader della lotta per l'aumento degli stipendi agli immigrati che lavoravano nei campi di pomodori. Già a partire da maggio erano nati movimenti egemonizzati dalla destra neofascista per cacciare gli immigrati. Ma non furono i fascisti ad uccidere Masslo, ma ladri di zona desiderosi di mettere le mani sui mesi di stipendio dei migranti

che vivevamo a Villa Literno. Nei giorni successivi si cominciano a mobilitare i suoi compagni, desiderosi di operare una svolta. Ne nasce una coalizione che sfila nell'ottobre 1989 a Roma. Secondo Colucci(2018, p.85): “Alla testa c'è uno striscione che ricorda Masslo. [...] il corteo chiede una nuova legge sull'immigrazione e allo stesso tempo intende lanciare un messaggio forte di ostilità al razzismo”. Tale mobilitazione sarà fondamentale nell'elaborazione della legge Martelli, del febbraio 1990.

Le novità introdotte dalla legge sono diverse: viene abolita la riserva geografica, vengono riformate le tipologie di permesso richiedibili, e viene operata una sanatoria che regolarizza 200 mila immigrati. Ma le difficoltà rimasero in piedi: poco o nulla c'era sul versante dell'integrazione, e mancavano strutture che permettessero di dare piena attuazione alla legge. In ogni caso le tensioni non accennarono a placarsi, anche perché la destra soffiava sull'odio razziale, come dimostrato dai numerosi episodi di intolleranza riportati dai giornali nella primavera del 1990. Per COLUCCI(2018,p.89):

Oltre alla presenza costante dell'immigrazione nel dibattito interno, il 1990 è un anno decisivo anche dal punto di vista della collocazione internazionale dell'Italia. [...] i rapporti di collaborazione e scambio intrattenuti dall'Italia con paesi quali Tunisia, Marocco ed Egitto erano infatti difficilmente compatibili con i vincoli in termini di visti, chiusura delle frontiere e pianificazione dei flussi previsti da Schengen.

Dopo Schengen l'Italia aderisce alla convenzione di Dublino, con cui accetta che i migranti chiedano asilo nel paese di primo ingresso.

Nell'estate del 1990 si svolge anche la prima conferenza nazionale sull'immigrazione, i cui punti principali sono l'incentivo alla cooperazione internazionale e la preparazione della società italiana ad un aumento dei fenomeni migratori. Nonostante ciò non si placano le polemiche, e l'estate del 1990 risulta anch'essa violenta quanto se non più della precedente. A Roma invece viene occupato da oltre 1000 immigrati un ex deposito industriale in disuso. Nessuno si muove per trovare una soluzione dignitosa a queste persone e “l'esito dello sgombero”, avvenuto nel gennaio del 1991, “rende palese a tutta la cittadinanza la totale assenza di pianificazione e organizzazione in tema di accoglienza : gruppi di centinaia di immigrati si trovano a essere palleggiati da una parte all'altra dell'hinterland romano, senza alcun concreto intervento sul loro destino abitativo”(COLUCCI, 2018,p.92). Gli studenti solidarizzano con questo movimento, che in poco tempo arriva a cercare un dialogo diretto con le istituzioni.

L'anno successivo è l'anno dell'immigrazione albanese. La fine del regime di Enver Hoxa, unito a una grave crisi economica, creò una grande pressione sulle coste pugliesi, pressoché confinanti con l'Albania. Molti cittadini accolgono nelle case i rifugiati, evitando che possano essere espulsi, come prevederebbe la legge. Nonostante ciò il governo promosse migliaia di rimpatri, e a fine anno sono poche migliaia gli albanesi in Italia. Nell'agosto però un tentativo di respingimento

si era trasformato in una “guerriglia strada per strada tra le forze dell'ordine e le persone sbarcate, reduci da giorni di digiuno, ammassate in condizioni disperate, con molti feriti gravi, molti ammalati, bambini piccoli e piccolissimi”(COLUCCI, 2018, p.95). Gli immigrati sbarcati vengono reclusi in uno stadio e successivamente rimpatriati con l'inganno dopo avergli promesso che sarebbero rimasti in Italia. Negli anni successivi l'Italia rafforza i controlli sulla costa, per evitare episodi simili, ma senza contribuire a risolvere, se non parzialmente, le cause strutturali di queste migrazioni.

Il rapporto ISTAT del 1991 vede un aumento degli stranieri residenti, arrivati allo 0,6 per cento della popolazione. La ritrovata importanza del tema migratorio è testimoniata dal congresso della CGIL, che si concentra per la prima volta non solo sull'emigrazione italiana all'estero, ma anche su quella straniera in Italia(LORETO, 2018).

L'inizio degli anni 90 coincide con la fine della Jugoslavia, producendo una disgregazione statale che ha come principale effetto quello di determinare grandi flussi migratori sulla rotta balcanica. La guerra che ne consegue apre il dibattito sulla questione pacifista.

Ma a tenere banco è soprattutto la legge sulla cittadinanza, sempre del febbraio 1992. una legge che aveva come obiettivo non integrare gli immigrati residenti da lungo tempo nel paese, ma determinare(Colucci, 2018, p.101):

un approccio risarcitorio verso il mondo dell'emigrazione, mentre il tema dell'immigrazione straniera e della cittadinanza ai nuovi residenti e ai loro discendenti è sistematicamente marginalizzato. [...] La scelta italiana, [...] si configura come quella di una comunità sbilanciata che non vuole guardare alla realtà dell'immigrazione straniera ed è protesa in modo palesemente squilibrato verso una concezione della cittadinanza slegata dalle recenti trasformazioni del paese.

Il decennio successivo rappresenta un periodo storico di aumento della presenza degli immigrati in Italia, che raggiunge il numero di 90.000 nuovi ingressi all'anno tra regolari e irregolari(MACIOTI, PUGLIESE, 2010). D' accordo con il censimento ISTAT del 2001(principale istituto di rilevazione dei dati in Italia) possiamo notare: un maggiore equilibrio nel rapporto di presenze tra uomini e donne, con una presenza delle donne leggermente superiore; una crescita delle presenze a tasso medio del 14 per cento annuo, con ancora una maggiore presenza degli immigrati provenienti da altri paesi europei rispetto a quella di altri continenti; un'età media più bassa rispetto a quella della popolazione italiana. Per Colucci(2018, p.107):“Il punto di rottura più importante rispetto al passato è costituito dalle traiettorie nuove legate all'apertura delle frontiere dei paesi dell'Europa orientale e al ciclo che si apre a seguito della crisi dei paesi socialisti, il cui frutto più visibile in Italia è costituito dagli arrivi provenienti dall'ex Jugoslavia e dall'Albania”.

Gli anni 90 sono però anche gli anni in cui per la prima volta diviene negativo il saldo tra morti e nuovi nati, sollevando un dibattito politico sull'utilità dell'immigrazione per ridurre questo

gap, presentando, in forma pretestuosa, l'immigrazione straniera come unica possibilità per invertire la tendenza. Il problema per Maurizio Ambrosini è che non si è creata una struttura adeguata per l'integrazione: “parlare di immigrati e lavoro straniero negli anni Novanta, specialmente in Italia, significa parlare di un processo che si è sviluppato al di fuori non solo di ogni programmazione, ma di un'adeguata consapevolezza degli avvenimenti e delle necessità di idonee misure di accompagnamento”(AMBROSINI, 1999, p.119).

Nel frattempo cominciano ad essere discusse a livello politico-istituzionale riforme che impattano sulla vita socio-economica dei migranti, la prima è legge Turco-Napolitano del 1998, la seconda più estesa è la Bossi-Fini del 2003. Dal punto di vista del diritto d'asilo l'abolizione della riserva geografica, che impediva il riconoscimento a stranieri da paesi a rischio, permise un aumento delle domande, che però spesso venivano rifiutate. In ogni caso lo scoppio della guerra nell'ex Jugoslavia a fine anni 90 riporta il tema in primo piano, riaprendo nuovi flussi migratori. La partecipazione dell' Italia alla guerra contro la Serbia produce un inasprimento delle norme per l'ingresso in Italia. È questo il periodo in cui aumenta anche la presenza della popolazione nomade nel nostro paese, proveniente dalla penisola balcanica, genericamente definita come “etnia rom”.

L'immigrazione diventa così elemento di dibattito tra i partiti politici che si presentano alle elezioni del 1994. la vittoria del centro-destra, guidato da Berlusconi, con l'appoggio della formazione neo-fascista chiamata Alleanza nazionale, porta alla ribalta il tema della restrizione degli ingressi e dell'adozione di politiche di repressione. Nel campo del centro-sinistra, viceversa, si alternano esponenti che vorrebbero una politica più dura e altre che vorrebbero una maggiore integrazione. Nel frattempo la sanatoria del 1995 aveva portato all'emersione di circa 240.000 immigrati irregolari.

Per Colucci(2018, p.114):

“Il tema della frontiera acquista una nuova centralità, non solo sulla scia dell'arrivo degli albanesi, ma anche perché iniziano ad emergere con più chiarezza i movimenti transnazionali delle organizzazioni criminali per gestire il traffico dei migranti, che crescono parallelamente all'irrigidimento delle politiche migratorie europee”

Dunque i gruppi criminali approfittano di queste difficoltà per ricavarne del lucro, mettendo spesso a rischio la vita degli immigrati, come testimoniato dall'alto numero di migranti morti in mare. Tra gli episodi più spiacevoli c'è indubbiamente il naufragio della nave albanese nel marzo del 1997, speronata da una nave italiana, dopo essersi rifiutata di invertire la rotta e tornare verso l'Albania.

In ogni caso si comincia a discutere di una nuova legge sull'immigrazione che integri la legge italiana al quadro europeo. La legge approvata, la già citata Turco-Napolitano, introduce una serie di importanti novità: la carta di soggiorno, che dopo cinque anni di residenza stabile da alcuni diritti, il permesso di soggiorno per lavoro stagionale o per ricerca di lavoro, ma anche meccanismi

repressivi come i Centri di permanenza temporanea(CPT) luoghi di incarceramento di persone destinate all'espulsione, in cui spesso vengono documentati abusi ai danni dei reclusi.

Anche in questo caso si procede con una sanatoria che “ prosegue un ciclo di sanatorie che andava avanti dalla metà del decennio precedente: lo strumento della sanatoria si conferma il principale regolatore della politica migratoria italiana”(COLUCCI, 2018, p.120⁵². Si amplia nel frattempo il livello di protesta da parte degli immigrati esclusi dalle sanatorie, con l'appoggio dei movimenti anti-razzisti in Italia. Tali movimenti si differenziano dai loro omologhi europei per 2 ragioni: la grande partecipazione degli immigrati, indipendentemente dal paese di origine e l'unità del movimento sindacale a supporto delle richieste dei migranti. L'unità del movimento è messa in discussione dall'approvazione della Turco-napolitano, che provoca una divisione tra sostenitori e avversari di essa. Anche gli immigrati creano le proprie strutture, che riproducono purtroppo le spaccature del movimento sindacale.

Si diffonde il tema immigrazione anche in ambito letterario, con la pubblicazione di romanzi e racconti di immigrati che raccontano la loro esperienza in Italia, in forma autobiografica. Allo stesso tempo anche la scuola diventa luogo di formazione per gli immigrati, e dunque di direttive politiche in merito, che fanno riferimento all'importanza dell'educazione interculturale, che “ avvalora il significato di democrazia, considerato che la diversità culturale va pensata quale risorsa positiva per i complessi processi di crescita della società e delle persone”⁵³. Nascono scuole d'italiano per stranieri, attività dopo-scuola per i bambini più in difficoltà e cominciano analisi sulle forme d'integrazione dei figli degli immigrati nelle scuole. Le difficoltà, secondo l'analisi di Giusti, non sono mancate. Tra gli elementi sottolineati con più forza nelle interviste ci sono: la mancanza di informazioni sulla documentazione necessaria per l'iscrizione a scuola, le difficoltà linguistiche nell'approccio alla scuola(GIUSTI, 1999) L'aumento degli studenti di origine straniera è costante, arrivando progressivamente ad essere di più dei cittadini di cittadinanza italiana.

Per Colucci(2018, p.133)“Nel primo decennio del Duemila l'immigrazione continua a sviluppare un processo di crescita quantitativa molto marcato, sulla scia di quanto era avvenuto nel decennio precedente: tra il 2001 e il 2011 il tasso medio annuo di crescita si attesta all'11,7 %”. L'Italia si avvicina così numericamente come esperienza ai paesi del Nordamerica, molti immigrati inoltre sono figli di immigrati ma nati in Italia, dunque hanno una formazione italiana sebbene non gli sia riconosciuta dal punto di vista della cittadinanza. Il censimento ISTAT del 2011 dimostra ciò con chiarezza: la maggior degli immigrati residenti in Italia si colloca nella fascia tra i 20 e i 39 anni, con un aumento consistente di coloro che vengono dall'Europa orientale, favoriti anche dal

52 COLUCCI M. “*Storia dell'immigrazione straniera in Italia*”, p. 120.

53 Circolare Ministero della pubblica Istruzione n 205, 26 luglio 1990.

recente ingresso di alcuni di questi paesi nell'Unione europea, il che consente liberi spostamenti all'interno dei paesi aderenti.

Aumentano allo stesso tempo le richieste di asilo politico da parte di migranti che provengono dall'Oriente medio, a causa dello scoppio di guerre in Iraq e Afghanistan.

Il 2001 è anche l'anno in cui si chiude l'esperienza della "Commissione parlamentare per l'integrazione degli immigrati", a causa della sconfitta della coalizione di centro-sinistra, che aveva cercato di definire gli interventi pubblici necessari a quest'attività. Il decennio precedente si era infatti chiuso con l'incidente che aveva comportato la morte di tre tunisini nel Centro di permanenza temporanea di Trapani, riaprendo il dibattito sull'invivibilità di questi centri. La questione dell'immigrazione diventa il centro del dibattito politico alle elezioni politiche del 2001, conclude-si con la vittoria del centro-destra che fa leva sul binomio immigrazione= insicurezza.

L'attentato alle Torri Gemelle fornisce al nuovo governo il pretesto per poter mettere in discussione una nuova legge sull'immigrazione più repressiva della precedente. Per Colucci(2018, p.141)“Il testo della Bossi-Fini si muove in sostanziale continuità con l'impianto generale della Turco-Napolitano, intervenendo in diversi punti con l'obiettivo di rendere la presenza straniera più precaria e meno protetta da tutele sociali e giuridiche”. Innanzitutto per entrare regolarmente in Italia è necessario essere in possesso di un contratto di lavoro, con il quale si ottiene il permesso di soggiorno, perso il lavoro si perde però anche il diritto al permesso. In tema di CPT è estesa la permanenza da 30 a 60 giorni mentre ad avere la competenza sul rilascio o meno del diritto d'asilo sono incaricate le commissioni territoriali di ciascuna regione, e non la commissione centrale nazionale.

Ma è questo anche il decennio degli studi sull'importanza del contributo economico degli immigrati allo sviluppo del paese. In primo luogo si rileva un consistente aumento di essi nel mercato del lavoro, giungendo a raggiungere il considerevole numero di oltre due milioni di persone nel 2011, corrispondente al 10 per cento della forza-lavoro impiegata, collocando l'Italia tra i paesi europei al vertice per numero di immigrati impiegati(MINISTERO DEL LAVORO E DELLE POLITICHE SOCIALI, 2011). La regione con il maggior numero di immigrati impiegati è la Lombardia, con una forte concentrazione nel settore dei servizi. La questione salariale è centrale in quest'ambito, gli immigrati guadagnano infatti dal 30 al 40 per cento in meno dei loro colleghi italiani, con particolare riferimento alla questione di genere.

Ma gli immigrati non sono solo lavoratori ma in questo decennio cominciano a essere anche imprenditori. Zucchetti ne individua quattro tipi: il primo è quello che traccia un passaggio dal lavoro dipendente a quello in proprio, [...] . Il secondo percorso di lavoro in proprio si impernia sulla valorizzazione delle risorse personali e delle buone condizioni di partenza dei soggetti. [...] Il

terzo tipo [...] potremmo chiamarle para-imprese e lavoro eteronomo più che autonomo strictu sensu.[...] Il quarto percorso, [...] è quello che vede la nascita delle attività autonome degli immigrati(ZUCCHETTI, 2006).

Ulteriore elemento di interesse è il valore crescente delle rimesse all'estero, il cui valore è crescente non solo dal punto di vista complessivo ma anche dal contributo di ciascun singolo immigrato. Lo stesso mercato immobiliare vede una considerevole crescita del numero degli immigrati coinvolti, sia dal punto di vista degli affittuari sia nel caso comprino una casa di proprietà(SCENARI IMMOBILIARI, 1981).

Il tema che comincia a sorgere con forza è quello del ruolo delle seconde generazioni, ossia dei figli degli immigrati residenti in Italia. Per Braccini(2000, p.6) “i modelli diffusi fra la popolazione italiana presentano gli stranieri sotto parvenze esotiche e finiscono per schiacciare i ragazzi di seconda generazione, per i quali sono fonte di frustrazione” La questione delle seconde generazioni diventa più rilevante nella seconda metà del decennio, quando nasce la rete G2-Seconde generazioni, con il ruolo di portare la voce dei figli degli immigrati e dei rifugiati nati o cresciuti in Italia. La prima battaglia che si intesta questa rete è quella, senza successo, per la riforma della legge sulla cittadinanza, volta a far riconoscerla ai nati in Italia (in linguaggio giuridico si chiama *ius soli*) e non solo ai nati da uno o più genitori italiani (*ius sanguinis*). La maggior parte degli stranieri era costretta infatti per ottenere la cittadinanza a sposarsi con un cittadino italiano. Ma tale riforma non trova sufficiente consenso tra le forze parlamentari, impaurite forse dalla perdita di voti che ne sarebbe probabilmente seguita.

La crisi esplosa nel 2008-9, coincisa con la vittoria del centro-destra alle elezioni politiche, riporta di nuovo al centro del dibattito la questione dell'immigrazione, intesa nuovamente come problema di “sicurezza pubblica”. La legge più significativa è la numero 94 del 2009 che introduce elementi di estrema rilevanza nel quadro normativo in materia di immigrazione. Essa introduce il reato di clandestinità, con il quale la permanenza irregolare diviene un reato; aumenta da 60 a 180 il periodo di permanenza nei CIE, impone un periodo di almeno due anni per ottenere la cittadinanza tramite matrimonio; infine impone l'obbligo della conoscenza della lingua italiana per richiedere la carta di soggiorno(COLUCCI, 2018).

Ma ovviamente nell'analisi delle politiche migratorie italiane in questa fase non possiamo perdere di vista il contesto internazionale. Nell'ambito europeo si è assistito ad un coordinamento delle politiche europee in materia di immigrazione fondate su: una gestione integrata dei flussi, accordi con i paesi di origine per il rimpatrio, regole comuni per richiedere il diritto di asilo.

In ogni caso il patto siglato con la Libia di Gheddafi nel 2008 dall'allora premier Berlusconi cerca di determinare un assetto basato sullo scambio tra controllo delle frontiere da parte dei libici

in cambio di finanziamenti da parte del governo italiano. L'articolo 19 dell'accordo in particolare riporta che:

(Colucci, 2018,p.155):

le due Parti intensificano la collaborazione in atto nella lotta al terrorismo, alla criminalità organizzata, al traffico di stupefacenti e all'immigrazione clandestina, [...] promuovono la realizzazione di un sistema di controllo delle frontiere terrestri libiche, da affidare a società italiane in possesso delle necessarie competenze tecnologiche.

La frontiera italiana viene così in qualche modo “spostata” in Libia, producendo i famigerati respingimenti in mare, con i quali la guardia costiera italiana riportava in Libia le imbarcazioni di migranti dirette verso l'Italia. Si passa dunque da una fase in cui il controllo dei flussi è accompagnato da una politica di ricerca attiva di manodopera nei paesi del Nord Africa a una politica in cui il contenimento dei flussi diventa l'unico obiettivo.

La fine del primo decennio del 2000 rappresenta però anche un momento di inizio di conflitti sociali che coinvolgono direttamente gli immigrati. Il primo episodio avviene nel settembre 2008 a Castelvoturno, in provincia di Caserta, dove vengono uccisi 6 ghanesi da un gruppo di fuoco della criminalità organizzata della zona per imporre un rigido controllo sul territorio, avendoli scambiati per spacciatori della zona. Tale vicenda ha “messo in luce l'intreccio tra le disfunzioni delle politiche migratorie, i meccanismi economico-sociali fondati sull'illegalità e le conseguenti forme di una violenza divenuta strutturale”(MOSCA, Zapruder, 28 del 2008). Tale episodio si inserisce in un contesto di aumento consistente della presenza degli immigrati, legata all'agricoltura.

Il secondo episodio avviene a Rosarno in Calabria, nel gennaio del 2010, quando un gruppo di immigrati che lavora nelle campagne, dopo una serie di angherie e violenze culminate con il ferimento ad arma da fuoco di alcuni di loro, danno vita ad una rivolta di alcuni giorni che si conclude solamente dopo l'espulsione di molti di loro dalla Calabria e il trasferimento in altre città.

Nonostante ciò si riorganizzano in un'assemblea permanente nella città di Roma, che elabora un documento di estrema rilevanza, nel quale si afferma che: “Noi diciamo di essere gli attori della vita economica di questo paese, le cui autorità non vogliono né vederci né ascoltarci. I mandarini, le olive, le arance non cadono dal cielo. Sono delle mani che li raccolgono”⁵⁴.

Tali episodi sono elementi che producono un dibattito di estrema rilevanza sul contributo degli immigrati nelle campagne, che superi l'approccio vittimistico e quello penale. Per Enrica Rigo(2016, p.9):

la sostanziale sostituzione della manodopera italiana con quella migrante sembra aver portato a un crescente disinteresse dei giuristi per il tema del lavoro agricolo, considerato come questione legata prioritariamente alle migrazioni; il che, in Italia, si traduce immediatamente in una questione di ordine pubblico.

54 Cfr. www.meltingpot.org/ comunicato dei lavoratori immigrati di Rosarno.

A dimostrazione della centralità del tema immigrazione il ministro dell'istruzione nel 2010 divulga una circolare in cui si impone il tetto del 30 per cento al numero massimo di alunni non italiani in tutte le classi, provocando su di sé numerose accuse di razzismo. In realtà la circolare contiene numerose deroghe che ne permettono un'attuazione più elastica, ma intanto il problema è posto. Non a caso numerose sono le mobilitazioni per richiedere una maggiore integrazione degli alunni non italiani nelle scuole. Dal punto di vista sanitario invece una contestatissima e poi ritirata circolare prevedeva l'obbligo di denuncia in carico al personale medico che assistesse immigrati non in regola con i documenti. Per Colucci(2018, p.162) “La pericolosità di un provvedimento che rischiava di allontanare dalla cura una parte della popolazione era stata sottolineata dalle numerose associazioni di categoria, [...] che ponevano anche un problema di deontologia professionale e da più parti minacciavano di boicottare la norma”

Ovviamente la crisi economica scoppiata nel 2008 produce effetti profondi sui processi migratori, aprendo una fase di grande instabilità. Sacchetto individua tre effetti principali: “una relativa diffusione del cosiddetto lavoro povero; [...] l'espansione di posti di lavoro nei quali i lavoratori e le lavoratrici svolgono mansioni generiche; infine la messa in campo di arrangiamenti quotidiani basati su un welfare state sempre più striminzito”(SACCHETTO, 2013, p.6). Il peggioramento delle condizioni di lavoro per gli immigrati è stato tema di consenso tra molti analisti, verificando come ad esso si associ una tendenza al demansionamento dei lavoratori. Nel giro di 6 anni, tra il 2008 e il 2014, praticamente raddoppia la disoccupazione tra gli immigrati, allo stesso tempo aumenta tra i lavoratori italiani(ISTAT, 2015).

Contemporaneamente si assiste ad un aumento del volume dell'emigrazione, sia italiana che straniera, verso altri paesi dell'unione europea, e comunque aumenta anche il volume delle migrazioni interne.

Questa fase si caratterizza anche per la riduzione progressiva dei finanziamenti ai programmi sociali da parte del governo, che ad esempio taglia ogni anno di un importo maggiore il Fondo nazionale politiche sociali, fino a svuotarlo pressoché del tutto. Ovviamente tali tagli pesano maggiormente sulle fasce più deboli della popolazione, tra cui evidentemente molto presenti sono gli immigrati.

Tra di essi infatti calano in forma consistente quelli che riescono a trasferire una parte del loro reddito nei loro paesi d'origine, attraverso il meccanismo delle rimesse. Nel 2013 il valore globale di esse era inferiore a quello del 2007. Più in generale tale fenomeno dimostra come l'esplosione della crisi economica abbia determinato una rottura di quel circolo virtuoso che vedeva gli immigrati facilmente assorbiti all'interno del mercato del lavoro, ovviamente tra i gradini più bassi di esso. La precarizzazione derivante dalla crisi economica ha invece secondo Colucci(2018,

p.169) “prodotto la diffusione di un sentimento serpeggiante e positivo di paura. Paura di perdere il lavoro, di trovarsi a ripartire da zero e di vedere vanificati anni e anni di investimenti e sacrifici dal punto di vista della popolazione straniera”.

Ma la crisi economica si trasforma in crisi politica, e l'esplosione delle primavere arabe produce inevitabilmente un aumento dell'emigrazione in direzione dell'Italia. Inizialmente tale situazione riguarda solo la Tunisia, ma le guerre in Libia e Siria presto aprono nuovi fronti migratori. Nel 2011 quasi la metà degli sbarcati proveniva dalla Tunisia, mentre già nel 2013 i gruppi maggioritari sono siriani, eritrei e somali(ANCI, 2017).

Contemporaneamente con l'arrivo degli immigrati provenienti da questi paesi aumentano anche le richieste d'asilo, riportando al centro del dibattito l'annosa questione della distinzione tra migrazioni volontarie(da cause economiche) e forzate dalla guerra. Ma per Bontempelli(2016, P.170) : “La distinzione tra migranti e rifugiati, potremmo dire, non è un attributo originario dei flussi migratori, ma è costantemente prodotta e riprodotta dalle agenzie incaricate del loro trattamento normativo, amministrativo, giudiziario”. In ogni caso il dibattito politico si concentra solo sulla questione degli sbarchi e dei naufraghi, quasi a voler mettere in secondo piano tutte le altre esperienze migratorie.

Nella prima metà del 2011 l'Italia è investita da un volume di sbarchi considerevole, che conduce il governo a decretare lo stato di emergenza, insieme ad un sistema che permetteva di ottenere un permesso di soggiorno temporaneo per tutti i migranti provenienti dalla costa Nord del continente africano. Il sistema di accoglienza ha dovuto sopportare una pressione molto superiore alle aspettative, per questo motivo sono nati nel 2014 i CAS. “Sono strutture che vengono prese in carico dalle prefetture e affidate nella gestione a organizzazioni del privato sociale”(COLUCCI, 2018, p.172). Tale sistema di accoglienza ha mostrato numerose problematiche, a partire dalla gestione clientelare in cui venivano affidati gli appalti, al finire con la creazione di vere e proprie associazioni a delinquere, come testimoniato dall'inchiesta con il nome di “Mafia capitale”.⁵⁵

Dal punto di vista dell'accoglienza i fronti da tenere in considerazione sono tre: quello dell'Unione europea, la frontiera delle operazioni di salvataggio e la relazione italiana con il Nordafrica. Ovviamente va tenuto presente primariamente che l'Italia è solo una delle rotte possibili per raggiungere l'Europa, molto consistente è anche la rotta balcanica, che ha visto la Grecia in prima linea per ricevere flussi migratori. In secondo luogo sul tema della gestione dei flussi migratori si innestano i trattati europei, che generano conflitti di competenze. Per COLUCCI(2018, p.174):

“L'origine di questi conflitti è legata essenzialmente alla convenzione di Dublino, [...], con

55 Cfr. Il numero dedicato all'inchiesta della rivista “Meridiana”.

cui si stabilisce che gli aspiranti richiedenti asilo sono vincolati a presentare domanda nello Stato europeo di primo arrivo, nonostante emerga con chiarezza dai loro progetti migratori il desiderio di non soffermarsi in Italia”.

. Da ciò conseguono continue accuse reciproche da parte dei paesi europei nei confronti dell'Italia e viceversa, con i primi che accusano l'Italia di non vigilare sulle frontiere e l'Italia che li accusa di non aderire alla redistribuzione dei migranti prevista dai trattati.

Per quanto riguarda i pattugliamenti in mare si è scelto a livello europeo di operare un controllo rigido delle frontiere marine, con un aumento costante delle morti in mare, con il picco della strage di Lampedusa nell'ottobre 2013, quando morirono quasi 400 migranti in mare a causa dell'incendio della nave dove viaggiavano(LEOGRANDE, 2015). Sul fronte degli accordi si è scelta invece la strada di determinare accordi con i paesi di origine dei migranti, per evitare le partenze, a scampo spesso di fare accordi dubbiosi dal punto di vista umanitario, come avvenuto nel caso degli accordi con le milizie libiche o con la Turchia di Erdogan.

In questi anni si nota di conseguenza una modifica delle motivazioni per cui si entra in Italia, se nel 2011 la maggior parte degli ingressi erano derivati da motivi di lavoro o ricongiungimento familiare, già nel 2016 il lavoro scende sotto il 6 per cento, mentre arriva al 35 per cento il motivo di richiesta di asilo politico(ISTAT, 2020). L'aumento di tali richieste deriva con ogni evidenza dall'esaurimento degli altri canali di ingresso regolare, dalla fine del decreto flussi(l'ultimo di significativa importanza è datato 2009) e dall'estinzione delle sanatorie, che appunto “sanavano” situazioni di irregolarità. Secondo Colucci(2018, p.178):“Il mercato del lavoro rappresenta un terreno particolarmente ricco di spunti per comprendere la crisi delle politiche migratorie, basti pensare ai legami con la diffusione del lavoro nero e alle trasformazioni nelle politiche del lavoro(con la progressiva dismissione della mediazione pubblica)”.

Negli anni successivi a tali arrivi numerose sono state le polemiche, legate da una lato alla più legittima protesta degli immigrati per le difficili situazioni in cui si trovano a vivere in questi centri, dall'altro dei cittadini che abitano nei dintorni di questi centri, accusati di essere luoghi di violenza e disagio. Ne nascono anche conflitti a livello istituzionale, tra livello locale e nazionale delle istituzioni, reciprocamente accusate di gestire male la situazione dei trasferimenti degli immigrati.

Il decreto Minniti del 2017 produce un'ampia modifica del diritto d'asilo. In primo luogo viene istituita una commissione relativa all'immigrazione presso 26 tribunali italiani, incaricati di analizzare tutte le domande; viene eliminato un grado di giudizio per le istanze e soprattutto si permette che gli immigrati ospitati nei centri possano svolgere lavoro gratuito(COLUCCI, 2018). Più in generale si assiste a una ripresa della discussione sull'ambito migratorio, culminata nel tentativo di far approvare una legge sullo ius soli, che però non riesce a ottenere in Parlamento i

numeri necessari per essere approvata.

Oltre ogni ragionevole dubbio è possibile osservare alcune tendenze importanti in questo periodo. La prima di esse è il costante aumento delle persone che ottengono la cittadinanza italiana. Tra il 2006 e il 2016 sono oltre un milione gli stranieri che ottengono la cittadinanza, dato in controtendenza con gli altri paesi europei (ISMU, 2016).

Il secondo elemento che si osserva è l'aumento delle richieste per il ricongiungimento familiare, in un'epoca come detto precedentemente di riduzione dei permessi di soggiorno per lavoro. Infatti è possibile rilevare una diminuzione del numero di stranieri residenti in Italia (ISTAT, 2017). Non si può parlare di vero e proprio esaurimento della spinta migratoria in direzione dell'Italia ma per Colucci (2018, p.183) “certamente possiamo affermare che ci troviamo di fronte al ridimensionamento e apparentemente all'esaurimento della sua spinta. D'altronde la complessiva congiuntura migratoria italiana conosce a partire dal 2011 una generale ridefinizione” con l'aumento ad esempio dell'immigrazione italiana verso l'estero.

Inoltre la difficoltà con cui si accede a processi di regolarizzazione produce una maggiore mobilità interna. Infatti sono molti gli stranieri che dopo aver ottenuto la cittadinanza italiana si trasferiscono all'estero, grazie alla possibilità di viaggiare all'interno dell'Unione senza passaporto (ISTAT, 2018). Molti sono ad esempio gli originari del Bangladesh che dopo aver ottenuto la cittadinanza italiana si recano a Londra per cercare lavoro.

Secondo Colucci (2018, p.190): “L'Italia si caratterizza nello scenario più recente per un dinamismo migratorio davvero notevole, al cui interno fenomeni diversi come immigrazione, emigrazioni e migrazioni interne si accavallano e si sovrappongono continuamente”. Una realtà del tutto simile, seppur con caratteristiche differenti, a quelli di altri paesi mediterranei come la Spagna e il Portogallo, protagonisti di grandi flussi migratori da e verso l'estero. Tale dinamismo ha condotto a una difficoltà di gestione del tema, anche in ragione della velocità con cui questi fenomeni di immigrazione si sono determinati.

In più il ritrovato protagonismo dei migranti produce un'ondata di proteste da parte di gruppi di cittadini italiani, timorosi di perdere lo status faticosamente acquisito. Sono fondamentalmente tre i settori di maggiore mobilitazione degli immigrati: agricoltura, logistica e diritto all'abitare. Per quanto concerne il primo campo spesso si tende a presentare tale settore come preda di problemi di insicurezza, mentre in realtà le importanti mobilitazioni degli immigrati si sono concentrate sul miglioramento delle condizioni di lavoro e l'aumento dei salari. L'inizio dei conflitti nel settore agricolo è coinciso con un momento storico molto delicato, quando dopo la morte di due braccianti italiane, una nel 2015 e una nel 2017, tali decessi “hanno contribuito a spostare l'attenzione nella direzione del superamento di un approccio meramente umanitario o repressivo: è emerso con forza

che evidentemente il problema sta nelle forme di reclutamento, negli orari e nei carichi di lavoro, nei contratti”(COLUCCI, 2018, p.193)

Il secondo ambito come abbiamo detto di maggior impatto è quello della logistica, campo sul quale intendiamo concentrare la nostra attenzione. Anche qui la morte di un lavoratore, avvenuta durante uno sciopero, ha acceso i riflettori mediatici su questo settore⁵⁶. È un settore dove comincia un importante ciclo di lotte nel 2008, di estrema rilevanza perché secondo Perrotta(2018,p.15): “ si tratta forse dell'unico ciclo degli ultimi venti-trenta anni in cui gli operai vincono. Nell'ottobre del 2016 i due sindacati di base sono riusciti a firmare un accordo con alcuni dei principali corrieri- [...] e con la federazione italiana trasportatori. In quest'area la presenza degli immigrati è molto forte e la lotta è cominciata dall'esigenza di superare il sistema di appalti e subappalti in cui erano inseriti.

Il terzo e ultimo aspetto a cui fare riferimento è appunto quello del diritto all'abitare. I problemi strutturali dell'accesso alla casa per gli stranieri rimettono a due ordini di fattori: da un lato la difficoltà per accedere all'edilizia popolare pubblica, dall'altra dagli alti prezzi dei canoni di locazione delle case in Italia. Per questo motivo gli immigrati spesso si sono trovati costretti a occupare. Anche in questo caso un evento drammatico ha portato alla ribalta il tema, lo sgombero con la forza di un gruppo consistente di immigrati nell'agosto 2017, con l'aggravante che molti di essi erano titolari di diritto d'asilo(COLUCCI, 2018).

Tali fenomeni permettono di superare l'assurda dicotomia per cui gli immigrati dovrebbero necessariamente essere vittime o carnefici e adattarsi facilmente al contesto in cui vivono. Per Ramella(2003, p.385): “Un'idea molto diffusa negli studi è che gli immigrati devono adattarsi alla società che li accoglie, che è quindi pensata come qualcosa di strutturato indipendentemente dagli individui che la compongono. [...] Il problema che nasce è come gli immigrati rimodellano la società in cui arrivano”. È indubbio dunque come gli immigrati lascino profonde tracce nella società in cui vivono. Ciò è stato rilevato non solo dai sociologi e dai geografi, ma anche dagli studiosi delle città, che hanno ad esempio rilevato come il litorale romano si sia trasformato da luogo di villeggiatura per i romani a città abitate in pianta stabile da immigrati(INSOLERA, 2010)

L'immigrazione si è peraltro inserita in un contesto di progressivo svuotamento del sistema di protezione dello Stato sociale, che insieme all'invecchiamento di parte consistente della popolazione italiana, ha reso necessario “esternalizzare” questo lavoro di cura affidandolo agli immigrati, spesso in condizioni di lavoro molto precarie. Ma al tempo tale movimento è contraddittorio, come dimostrato dalla storia di Maria de Lourdes Jesus, passata dall'essere una

⁵⁶ Ci riferiamo alla morte di Abd El Salam morto investito da un tir nella notte del 14 settembre 2016, durante un picchetto per la stabilizzazione dei facchini precari organizzato dal sindacato USB.

semplice domestica che proveniva dall'isola africana di Capoverde arrivata in Italia alla metà degli anni 70, a riuscire a frequentare l'università, laurearsi e arrivare a condurre per 6 anni una trasmissione su una rete televisiva pubblica italiana dedicata ai temi dell'immigrazione e intitolata "Nonsolonerò"(DE LOURDES JESUS M, 2002). Tale storia rappresenta la chiave di volta per comprendere come sia il lavoro il fattore che produce la maggior parte delle migrazioni, e che ha permesso per molto tempo di ottenere la regolarizzazione. Per Colucci(2018, p.203):"In assenza di una politica attiva di reclutamento di lavoratori e lavoratrici dall'estero [...], l'Italia si è trovata di fatto a rincorrere le persone giunte sul proprio territorio, cercando di gestirne la presenza, prima attraverso le sanatorie, poi [...], attraverso le politiche di accoglienza". Del tutto mancante è stata una discussione sulle seconde generazioni.

2.2 Origine di chi emigra: l'Africa verso l'Europa?

Quando si parla delle migrazioni e dell'origine di chi emigra bisogna cercare di fuggire dalle polarizzazioni:migranti legali o illegali, migranti economici o che fuggono dalla guerra. Per Smith(2018, p X): "Ciò non significa che tali questi aspetti o distinzioni non siano importanti; al contrario determinano spesso drammaticamente il destino delle persone e sono materia e sostanza di un dibattito che ritengo essenziale".Ma non è possibile basarsi solo su queste contrapposizioni per comprendere un fenomeno così complesso.

L'elemento fondamentale per comprendere l'alto numero di migrazioni in direzione dell'Europa rimette all'ambito demografico africano, necessariamente correlato con il colonialismo europeo in questo continente. Il commercio degli schiavi infatti impedì per molto tempo all'Africa di veder crescere la propria popolazione in maniera conforme a quanto avveniva in Europa. Secondo Smith(2018, p.5): "La deportazione nel corso di più di un millennio,[...] di circa 28 milioni di africani venduti come schiavi è stato un trauma gravido di conseguenze disastrose per la parte subsahariana del continente". La principale tra le tratte schiavistiche fu quella soprannominata triangolare, così definita perché esisteva una triangolazione nel commercio di schiavi tra Europa, Africa e America; il paese che importò più schiavi fu il Portogallo, che li deportava poi in Brasile per lavorare nelle piantagioni. In ogni caso il rapporto tra colonizzatori e colonizzati comportò non solo la riduzione in schiavitù per molti di essi, ma anche "la morte di un quarto della popolazione dell'Africa centrale, nel XIX secolo, causata da malattie, massacri e trasferimenti forzati che fecero perdere alle varie popolazioni la premunizione acquisita contro il paludismo"⁵⁷ Tali rapporti provocarono dunque nella popolazione africana effetti simili a quelli che ebbe la peste nera in Europa.

L'aumento della popolazione africana avviene solo a partire dagli anni 30 del secolo scorso,

57 CFR. BRUNEL, S. "*L'Afrique est-elle si bien partie ?* "

con la fine definitiva della schiavitù e la progressiva decolonizzazione, cominciata sulla spinta della Rivoluzione d'Ottobre e proseguita con maggior forza dopo la fine della seconda guerra mondiale. In un mondo che vive una fase di progressivo declino demografico, il continente africano rappresenta qualcosa di eccezionale. “La sua parte subsahariana sarà l'unica zona del mondo la cui popolazione continuerà a crescere tra il 2,5 e il 3 % sino al 2050, ossia più rapidamente della popolazione mondiale quando era al massimo della sua espansione”(SMITH, 2018, p.9). In più l'Africa al contrario del resto del mondo è un continente dove i giovani rappresentano oltre il 40 per cento della popolazione complessiva. Per questo motivo la terra, storicamente abbondante in proporzione alla popolazione e quindi di scarso valore, è diventata con il costante aumento della popolazione sempre più contesa.

Concentrarsi dunque sulla corruzione maggiore o minore dei governi africani rischia di non tener conto dell'evidente squilibrio che esiste tra domanda e offerta di servizi pubblici. Anche solo sapere esattamente quanti siano gli abitanti di ogni paese africano risulta difficile, visto che spesso i censimenti sono contestati, come testimoniato dalla situazione della Nigeria dopo il ritorno alla democrazia nel 1991(SMITH, 2018). La capitale del paese, Lagos, esemplifica bene ciò. Qui la gioventù va tenuta sotto controllo, sempre incline alle truffe o alla violenza di strada, anche se spesso solo per sopravvivere; infatti nell'enorme bidonville in cui vivono la maggior parte di loro o si vive così o si rischia la morte quasi sicura(ISMAIL, 2009). Il tasso di crescita della popolazione è stato qui sempre superiore alla capacità della città di farvi fronte, anche a causa delle crescenti migrazioni dalle campagne in direzione delle città.

L'ambito demografico spesso tende a concentrarsi solo sulla questione della popolazione, dimenticandosi del resto. La questione della povertà infatti non può essere slegata da quella della sovrappopolazione di alcune zone dell'Africa sub-sahariana. Per Hoover e Coal ad esempio, l'elemento che bisogna tenere sotto osservazione è quello tra lavoratori attivi e soggetti dipendenti da essi, dove ad una diminuzione di questo rapporto corrisponderebbe una maggiore disponibilità di reddito pro capite e quindi una maggior propensione al risparmio delle famiglie, unite ad una maggiore quota da destinare ai salari(COALE, A. , HOOVER, J., 1958).

Il modello del figlio unico, adottato in Cina, non sarebbe applicabile con gli stessi risultati in Africa, da un lato perché eccessivamente coercitivo, dall'altro perché a lungo andare gli squilibri demografici si ripresentano, dal momento che i figli unici tendono a fare anche loro un solo figlio, mentre l'invecchiamento della popolazione rende il numero di inattivi crescente. Diversi paesi africani hanno peraltro tentato la strada della pianificazione familiare, come ad esempio il Kenya e il Ghana, ma senza risultati apparenti, un po' per scarsa applicazione, un po' per assenza di provvedimenti che scavassero a fondo nei problemi dei corrispettivi paesi(SULLIVAN, 2007).

Tra i problemi principali vi è quello dell'arretratezza dell'agricoltura, considerato che ad esempio che secondo SMITH(2018, p.32): “il 96 per cento dei contadini subsahariani coltiva appezzamenti inferiori a cinque ettari, spesso in una situazione di precarietà dovuta alla mancanza di titoli di proprietà incontestabili. [...] Nella zona tropicale, solo il 5 % delle terre coltivabili è irrigua, a fronte del 58% in India”. Tutto ciò produce spesso fenomeni di inurbamento selvaggio, senza che le città abbiano reali possibilità di assorbire questa manodopera. La scarsità delle risorse rende inoltre più facile l'insorgere dei conflitti, come avvenuto in Darfur, nel Sudan dell'Est.

In altri contesti, come quello dello Zimbabwe, neanche la riforma agraria, realizzata dal governo Mugabe sulla scorta della pressione popolare indirizzando la rabbia unicamente contro gli ex colonizzatori bianchi ma “dimenticandosi” dei nuovi proprietari, riuscì nell'intento di risolvere le crescenti tensioni sociali⁵⁸.

Indubbiamente il continente africano, soprattutto nella regione sub-sahariana, è caratterizzato da un grande numero di giovani, prossimi all'80 per cento della popolazione complessiva. Secondo Smith(2018,p.42)“La gioventù africana rientra in una fascia temporale concordata, compresa, [...] tra i 18 e i 25 anni, e sebbene la gioventù sia una condizione sociale indubbiamente collegata all'età di una persona, resta però non riconducibile al numero degli anni in contesti di grande variabilità nel tempo e nello spazio”. I 20 anni non sono infatti gli stessi in paesi diversi e contesti storici diversi.

Un altro elemento di indubbio interesse per analizzare l'Africa è l'aumento progressivo degli aderenti ai due principali monoteismi, cristianesimo e islamismo, a partire dagli anni 70 del secolo scorso. Dal punto di vista sono le chiese evangeliche a farla da padrone, con uno scenario di rottura delle tradizioni africane. Per poter far ciò il giovane africano “rinato” dopo la conversione deve dunque abbandonare tutti i suoi modi di comportamento e stili di vita anteriori, “compresa la recriminazione post coloniale divenuta abituale, considerandole altrettanti blocchi sulla via del progresso. Tutto ciò fa della rivoluzione carismatica una sorta di missione civilizzatrice di ispirazione divina realizzata dai giovani”(SMITH, 2018, p.46). Anche l'Islam spesso ha rappresentato strumento di emancipazione, almeno apparentemente, da contesti viziati da violenze private e da sopraffazioni da parte del potere pubblico. In questo contesto vanno inserite anche le numerose lotte di liberazione nazionale o contro l'apartheid, come avvenuto nel caso di Nelson Mandela in Sudafrica.

A partire dall'inizio di questo secolo vari studi hanno messo in relazione l'alto numero di giovani, l'inurbamento rapido e la maggiore o minore disponibilità di terre coltivabili e acqua potabile con l'aumento dei conflitti(CINCOTTA, 2003). Ma focalizzare tutta l'attenzione su quale

58 Cfr. POOLGREEN, L. “*In Zimbabwe Land Takeover, a Golden Lining*”. 12-07-2021 New York Times.

sia la percentuale di giovani in una società rischia di essere molto riduttivo, visto il peso che anche l'economia ha sullo sviluppo di una società. Per Smith(2018, p.50)“ Non c'è pertanto motivo, da una parte, di ritenere che l'economia determini il margine di manovra della società e, dall'altra, di irritarsi per la possibile influenza della demografia sul futuro. Né l'una né l'altra emettono un verdetto senza appello”. È vero dunque che società più giovani tendono ad essere più instabili, ma non si tratta di un destino ineluttabile.

La democrazia, nel senso borghese-occidentale del termine, non riesce ad esempio ad affermarsi in molti paesi africani. Tra le ragioni di volta in volta trovate vi è ad esempio l'incapacità di dare risposte alla massa crescente dei giovani africani, oppure per Tilly derivante dalla disuguaglianza d'età, che in paesi in cui vige spesso il diritto di primogenitura, rende difficile determinare una stabilizzazione democratica(TILLY, 2012).

All'Africa in transizione si può dunque attribuire il concetto blochiano di “contemporaneità del non contemporaneo”. Definire l'Africa come arretrata rispetto all'Occidente è riduttivo, oltre che fallace. Il dibattito dunque tra quanto sostengono il carattere unico, a sé stante dell'Africa, oppure di quelli che la considerano un continente come un altro, rischia di non trovare basi per sostentarsi. “Pessimisti e ottimisti descrivono insomma un'Africa immaginaria, quella dei parchi tematici che si sono costruiti: uno, per vecchi seduti ai bordi della loro vita, [...]; l'altro, un parco di iniziazione, per nuovi arrivati, che, all'alba, credono tutto possibile”(SMITH, 2018, p.57).

In questo senso possono essere interpretati i due film: “*La mia Africa*” e “*White material*”, il primo che romanticizza la storia d'amore tra una proprietaria terriera danese e un africano del posto in Kenya, il secondo invece uscito nel 2009 tende a presentare un quadro dell'Africa totalmente ostile ai bianchi, percepiti come “invasori”, “parassiti” in terra altrui.

In generale le difficoltà degli Stati africani nati a seguito dei processi di decolonizzazione sono abbastanza generalizzati. Però secondo Smith(2018, p.63):“Ma essendosi verificato in un gran numero di paesi in cui l'amministrazione è inefficiente e la pressione fiscale ridotta, [...], questo fallimento ci informa esclusivamente di ciò che lo Stato post-coloniale non è, senza dirci granché su cosa gli consenta di tirare avanti”. Infatti mentre lo Stato coloniale era qualcosa di esterno, imposto con la forza da una potenza europea, che vantava vincoli di esclusività con la colonia, il nuovo Stato non ha ereditato unicamente le funzioni del precedente, ma ha spesso una sua storia di lotte per l'indipendenza da cui ha avuto origine e da cui trae legittimità. Diverse sono state le definizioni di questo Stato, dal “gatekeeper State” di Cooper, al meccanismo delle concessioni che rimetteva alla Francia pre-rivoluzionaria, per cui Hardin può definire tali Stati come deboli che però hanno potuto sopravvivere grazie al fatto di aver potuto appaltare all'esterno l'estrazione delle materie prime di cui sono possessori(HARDIN, 2012). La stessa istruzione è spesso per lo stesso motivo

privatizzata, vista l'incapacità o più probabilmente la mancanza di volontà dello Stato di far fronte a quest'esigenza.

Dopo un lungo periodo di instabilità seguito alla crisi del 1973, diversi paesi africani hanno trovato nuovo impulso dallo sviluppo cinese, che ha portato la repubblica popolare a essere il principale partner commerciale, permettendo tassi di crescita superiori al 5 per cento annuo, almeno fino al rallentamento della crescita cinese(MICHAILOF, 2016). Nonostante ciò per Smith(2018, p.68):“la situazione dell'Africa è ampiamente immutata. La quota del continente nel commercio mondiale oscilla dagli anni Cinquanta del secolo scorso tra il 2 e il 3 %; il suo contributo al PIL mondiale varia fra 1,5 % e 2%”. Il continente africano sconta delle arretratezze strutturali che lo rendono globalizzato senza aver partecipato direttamente alla globalizzazione. Ma dentro di essa emerge una “ classe media”, che secondo le stime della Banca mondiale dispone di un reddito giornaliero compreso approssimativamente tra 5 e 20 dollari, che probabilmente farà pressione per migliori condizioni di vita. Ma dentro tale strato sociale vi sono differenze molto profonde, che rischiano di essere occultate da un'analisi puramente reddituale. In ogni caso secondo i dati della Banca mondiale tale strato dovrebbe quadruplicare entro il 2030(WORLD BANK, 2017).

Eppure nonostante le contraddizioni di un continente giovane in cui comandano gli anziani l'etnicità è stata spesso la linea di demarcazione principale attorno alla quale si sono creati i conflitti. Secondo Martha Carey, importante antropologa statunitense, l'atrocità dei conflitti in Sierra Leone, paese nel quale svolse i suoi studi, era legata al mito di Moussa Wo, soprannome di battaglia di Sundjata Keita. Egli rappresenterebbe la rivolta della gioventù contro la gerontocrazia imperante, per cui gli altri fattori possibili di conflitto, come i rapporti di classe o le difficoltà socio-economiche avrebbero un'importanza secondaria(CAREY, 2006). Viceversa per Cherry Leonardi, che ha studiato l'arruolamento massiccio dei giovani in Sud Sudan, trascurare i motivi locali del conflitto e puntare tutto sul conflitto Inter-generazionale è erraneo. Il desiderio di indipendenza non sarebbe a suo giudizio totalmente contro il proprio luogo di origine, piuttosto emanciparsi dalla famiglia senza farsi catturare totalmente dal contesto di lotta politica(LEONARD, 2016). Ma più che chiedersi chi possa avere ragione tra i due sarebbe necessario invece considerare come la soluzione al dilemma potrebbe risultare più difficile di come appare ad uno sguardo poco approfondito. Per Smith(2018, pp. 77-8):“Nell'Africa contemporanea,[...], la tensione tra giovani e anziani non è la madre di tutti i conflitti bensì dell'instabilità, che si attualizza tramite politiche di risentimento”. I giovani si trovano così in un eterno conflitto: vogliono emanciparsi dai vecchi ma al tempo stesso chiedono loro di ammetterli alla tavola del potere.

“Su scala mondiale l'Onu distingue quattro tipi di flussi migratori: tra due paesi del Nord, tra due paesi del Sud, da un paese del Sud verso un paese del Nord e viceversa. Il numero dei migranti

a livello mondiale, [...] è passato da 92 milioni nel 1960 a 244 nel 2015”(SMITH, 2018, p.79). Dunque l'immigrazione ha subito negli ultimi decenni un aumento considerevole, in particolare sono aumentate in modo consistente le migrazioni in direzione del Nord del mondo. Secondo le stime delle Nazioni Unite entro il 2050 saranno oltre 90 milioni le persone che si sposteranno dal Sud al Nord del mondo, in cerca di quella ricchezza tanto agognata(UNITED NATIONS POPULATION DIVISION, 2015). Se indubbiamente ciò è vero bisognerebbe sottolineare al tempo stesso di come negli ultimi decenni sia aumentata la disuguaglianza all'interno dei paesi sviluppati ma anche dei paesi cosiddetti in via di sviluppo. Ma almeno due miti sono adottati per la storia delle migrazioni: da un lato ci si sposti solo in direzione dell'ex potenza colonizzatrice, dall'altra che parta chi realmente voglia partire e non chi abbia le condizioni economiche per farlo. Secondo Smith(2018, p.82)“Per poter progettare una nuova vita su un altro continente occorre disporre di un tesoretto che consenta di partire e avere una certa visione del mondo”

Le due condizioni necessarie per poter partire sembrano essere da un lato la disponibilità economica di un ammontare per il viaggio, seppur clandestino, in direzione dell'Europa; la seconda è l'esistenza di comunità presenti in loco che possano fornire aiuti e sostegni nei primi mesi dopo l'ingresso nel paese. Il problema è considerare chi migra solamente come membro di una diaspora, la realtà molto spesso è più dinamica di quanto non appaia, visto che significherebbe confinare il migrante in una condizione perpetua e non in movimento. Anche gli “aiuti allo sviluppo” non sempre raggiungono l'obiettivo sperato di creare realmente crescita economica, ma spesso creano i mezzi per poter partire in direzione dell'Europa. Per Harding(2012, pp. 2459-61)“Guerra, fame e decadimento sociale non hanno causato migrazioni in massa oltre la frontiera naturale costituita dal Sahara. Ma i primi raggi di prosperità potrebbero motivare un numero maggiore di africani a venire in Europa”. Ovviamente però anche il punto di vista di Harding rischia di essere parziale se non considera che le motivazioni di questa scelta possono essere diverse e non sempre completamente “libere”.

Il caso della regione intorno al lago Ciad ad esempio, è emblematico delle possibili migrazioni derivanti dal cambiamento climatico. Tale area, che vede un tasso di aumento della popolazione prossimo al 4 per cento annuo, sconta infatti un profonda crisi economica, derivante dal fatto che “L'organizzazione delle nazioni unite per l'alimentazione e l'agricoltura (Fao) stima che l'80 per cento delle terre del Sahel siano degradate e che un terzo della popolazione soffra di malnutrizione cronica”. L'aumento delle temperature rappresenta inoltre “una vera e propria minaccia per l'agricoltura pluviale di sussistenza di cui vive la maggior parte della popolazione”(SMITH, 2018, pp. 88-9). Se il problema ecologico si affronta sia intervenendo sulle cause che sulle conseguenze, l'aumento di popolazione previsto in Africa porterà con ogni

probabilità a un aumento della domanda di risorse energetiche. Secondo Smith(2018, p.91):“Tra i dieci paesi più vulnerabili al riscaldamento sette sono africani[...]L'innalzamento del livello del mare è una minaccia per 250 milioni di abitanti delle coste africane, in particolare in Africa occidentale”. Il caso del lago Ciad è emblematico di questa situazione perché il suo bacino si è ridotta ad un decimo di quello che era, e le prospettive sono che potrebbe scomparire a breve. Ma i progetti fatti per arginare il problema non hanno mai trovato i fondi sufficienti per essere realizzati.

Ma ovviamente nella scelta di partire non contano unicamente i fattori economici o climatici, ma anche lo spirito di poter tentare di “vivere la vita dei bianchi”. Il primo passo è quello che porta ad emigrare dalle campagne in direzione delle città, in questo caso non necessariamente si rompono i legami con il luogo d'origine, che invece può diventare un punto di ritorno. “Gli africani hanno preso a migrare assai prima dell'arrivo dei bianchi. Sembrerebbe addirittura che nell'Africa precoloniale vivere in movimento non fosse esclusivo dei nomadi, bensì la regola e non l'eccezione”(SMITH, 2018, p.94). Ciò ha prodotto una certa qual familiarità con le migrazioni da parte di diversi popoli africani.

La seconda tappa è quella invece che porta in direzione delle metropoli regionali, il che significa dover cambiare paese, incorrendo nel rischio di razzismo e xenofobia. Problema atavico per dei paesi così diseguali al loro interno è quello di controllare frontiere così ampie, al tempo stesso cercando di gestire l'integrazione dei nuovi arrivati. In Nigeria si è scelta ad esempio la strada della tolleranza zero contro i migranti negli anni 80, mentre la Costa d'Avorio viceversa ha scelto una politica di totale apertura, che ha portato però sul finire del XX secolo allo scoppio di una guerra civile. Il Sudafrica, che per lungo tempo era stato luogo molto attrattivo per i migranti continentali, ha visto a partire dal 2016 il moltiplicarsi delle espulsioni e dei migranti “irregolari” “e nel 2017, la legislazione sull'emigrazione è stata modificata dal ministero sudafricano dell'Interno, con l'adozione di una normativa sulle ammissioni non meno severa di quelle europee, a cominciare da un sistema a punti mirato a selezionare gli immigrati in base alle loro qualifiche”(SMITH, 2018, p.98).

L'ultimo passaggio verso l'Europa è quello che porta il migrante al di fuori del proprio continente. È questo il passaggio più difficile, quello che coinvolge direttamente i sentimenti e che espone il migrante al rischio più grande, legato alla stessa modalità del viaggio.

L'origine di questi africani che partono è normalmente multi-etnica, multi-religiosa e multi-culturale, il che ne dovrebbe facilitare l'integrazione in Europa. Ma ovviamente questa origine così variabile corre il rischio di creare una situazione di anomia, nel senso elaborato da Durkheim, da intendersi come l'assenza di norme e valori comuni dentro ad una società, che l'importante sociologo francese definiva come male dell'infinito(DURKHEIM, 2021). In questo senso il

continente africano si troverebbe a vivere una situazione in cui partecipa dei valori della globalizzazione, ma non riesce a ottenerli a livello locale.

Ma come abbiamo sottolineato in precedenza, il rapporto tra Europa e migrazioni dall'Africa non sempre è stato unilaterale, visto che fino allo scoppio della crisi petrolifera degli anni 70 gli stessi paesi europei promuovevano le migrazioni allo scopo di ottenere un afflusso costante ma regolato di manodopera a basso costo. Ma dopo la crisi del 2008 le cose sono radicalmente mutate. Il Mediterraneo è diventato la terra di frontiera su cui si giocano i destini dei migranti. Ma il viaggio, forzato o meno che sia, comincia a Sud del Sahara, e prevede il pagamento di vari “pedaggi” a soggetti che si prendono in carico il migrante prima in direzione della Libia e poi da lì l'imbarco in direzione dell'Europa. Per limitare il numero degli sbarchi i paesi europei hanno prima creato una agenzia per il controllo delle frontiere, poi stretto accordi con la Libia di Gheddafi, con la Turchia di Erdogan e poi ha fatto accordi con paesi subsahariani per bloccare il flusso all'origine(SMITH, 2018)

I rischi connessi alla traversata, spesso consistenti, non riducono le partenze perché maggiori spesso sono i rischi legati alla permanenza nel paese d'origine, o comunque vale la pena tentare la fortuna per trovare migliori condizioni di vita. Per Smith(2018, p.108)“Occorre, tuttavia, arrendersi all'evidenza: per arrivare in Europa, i migranti africani corrono un rischio calcolato simile ai rischi che corrono abitualmente nella vita che cercano di lasciarsi alle spalle”

L'incontro migratorio che si sta determinando tra Europa e Africa non ha ancora dimensioni chiare ma inevitabilmente pone all'ordine del giorno l'incontro tra culture profondamente differenti. Ma l'idea che l'incontro tra la “giovane” Africa e la vecchia “Europa” sia privo di contraddizioni è fallace. Per poter funzionare “due condizioni mi sembrano essenziali. Da una parte, non bisogna perdere il senso umanitario che si vuole sostenere nella lotta contro l'invasione; dall'altra, non bisogna sacrificare il proprio concittadino reale all'astrazione di un uomo senza qualità, falsamente universale”(SMITH, 2018, p.111).

Le migrazioni pongono uno di fronte all'altro il soggetto che migra e quello che accoglie, in un contesto però di disuguaglianze, che vanno dalle diverse possibilità economiche alla diversa capacità di azione per ottenere ciò che si era pianificato. Il rapporto in cui vengono a trovarsi non impone infatti la mutua assistenza a priori, ma una relazione di reciproco rispetto che deve costruirsi nel tempo. Per Olopade(2014, p.84) “la cartografia dell'odierna diaspora africana è speculare alla cartografia del colonialismo”. Se ciò è vero in parte non è possibile però far derivare tutta l'immigrazione dal contesto post-coloniale, visto che non sempre si migra in direzione dell'ex paese colonizzatore e che ad esempio il Vietnam ha rotto totalmente i suoi legami con la Francia dopo l'indipendenza. Anche se la Francia vanta un sistema semi-coloniale ancora in vigore con molte

delle sue ex colonie⁵⁹, non è sempre così che va con gli altri paesi.

D'altra parte se guardiamo retrospettivamente alla storia europea possiamo vedere come decine di milioni di europei tra la seconda metà del XIX secolo e l'inizio del XX migrarono in cerca di un lavoro e una vita migliore, quindi suona perlomeno ipocrita la scelta di rifiutare oggi i migranti che vengono dall'Africa. Il problema è che nella fase storica in cui viviamo, dominata dalle leggi imposte dal capitale, l'unica libertà che esiste è quella della circolazione di beni e capitali, non essendo la libera circolazione degli esseri umani contemplata dai paesi europei. Per “contenere”, o almeno per tentare di contenere l'afflusso migratorio, l'UE ha adottato stratagemmi sempre peggiori, dalla creazione di reti d'acciaio al confine tra Spagna e Marocco, al finanziamento della Turchia di Erdogan per ostacolare i migranti provenienti dalla Siria e diretti verso la rotta balcanica, fino ad arrivare al sostegno alle milizie libiche. “Nel mese di aprile, oltre novanta milioni di euro sono stati destinati alla Libia a titolo di aiuto per affrontare i problemi migratori”. Ma la reale destinazione di essi è una “formazione consistente nell'imparare a ricondurre i migranti in Libia, in questo ambiente spregevole⁶⁰”. La strategia europea sembra superficialmente differente da quella degli Stati Uniti, consistente nel creare sistemi di sorveglianza sempre più cari al confine con la frontiera messicana. Per Smith(2018, p.121) “L'America di Trump si spaccia a torto per frontiera assediata, anche perché la pressione migratoria messicana e, in generale, dell'America latina è in fase di diminuzione”

Come già detto in precedenza, il continente europeo vive una fase di progressivo invecchiamento, con un peggioramento del rapporto tra attivi e inattivi, mentre nella fascia subsahariana questo rapporto viceversa tende al miglioramento. Pensare però come fanno alcuni demografi che questo rapporto sia risolvibile unicamente con il “travaso” di migranti in direzione del continente europeo rischia di essere fallace. A tal proposito si possono citare Severino e Ray, che consideravano l'esportazione di manodopera migrante in Europa come un'attività molto redditizia(SEVERINO, 2011)⁶¹. Interessante ai fini dell'analisi è anche il rapporto ONU del 2000 intitolato “*Replacement Migration. Is it a Solution to Declining and Ageing Populations?*”. In tale testo si evidenziava che se l'Europa avesse voluto mantenere stabile la sua popolazione attiva, avrebbe dovuto accogliere oltre 1,5 milioni all'anno fino al 2050. Variabili che potrebbero ridurre questo numero sono legate a interventi sul sistema pensionistico(UNITED NATIONS POPULATION DIVISION, 2000). Ma ovviamente il capitale vuole solo braccia per i suoi profitti, dimenticandosi dei costi sociali dell'integrazione e della necessità di creare tutta una struttura di supporto affinché gli immigrati non siano emarginati.

59 D'accordo con questo sistema esiste una moneta, il franco CFA, che impone alle ex colonie di avere un cambio fisso con la moneta in vigore in Francia, attualmente l'Euro.

60 Cfr. “*Le Monde*” intervista alla presidente di MSF del 15 settembre 2017.

61 Cfr. Severino J., Ray, O. “*Les temps de l'Afrique*”.

In ogni caso se la prospettiva europea è quella definita in precedenza quella africana vede a partire dalle migrazioni un consistente afflusso di denaro, proveniente dalle rimesse. Secondo i dati “Nel 2013, ultimo anno di cui conosco dati esaustivi, i migranti subsahariani hanno inviato al paese 33,2 miliardi di dollari, ossia poco meno degli investimenti diretti stranieri (36,5 miliardi) e molto meno degli aiuti pubblici allo sviluppo (46,5 miliardi) a sud del Sahara”(SMITH, 2018,p.135). Il destino di queste rimesse prende destinazioni spesso diverse, che variano dall'aiutare i fratelli e sorelle minori nello studio, al sostenere la famiglia nelle spese di cura, fino ad arrivare all'ostentazione, che rischia di creare frizioni nella comunità d'origine. Ma ovviamente le rimesse non sono puramente economiche, ma anche culturali, come ad esempio una maggiore laicizzazione della società.

Quello che è accaduto negli ultimi decenni è stata una consistente “fuga dei cervelli”, che ha portato molti africani in possesso di una laurea a emigrare in direzione dell'Europa per esercitare la professione sulla quale si erano formati. Tale fuga difficilmente porterà benefici al continente africano, che spende molto per formare professionisti che poi esercitano altrove⁶². Nonostante ciò queste migrazioni sono considerate positive per garantire un buon rapporto tra le due realtà, con gli immigrati africani che farebbero in qualche modo da ambasciatori nel paese di origine. I numeri di quella che è stata definita come una diaspora non sono uniformi, la Banca mondiale parla di 30 milioni di africani, l'unione Africana di 128. Per Smith(2018, p.141):“L'abbiamo detto e ripetuto: il passato coloniale è solamente un'aggravante. L'immigrazione non ne ha bisogno per coltivare risentimenti⁶³”

Dunque secondo Smith l'incontro migratorio non è necessariamente un vantaggio reciproco tra Europa e Africa, se non adeguatamente governato. In ogni caso sarebbe possibile a suo avviso tracciare alcuni scenari possibili su quest'incontro. Il primo di essi prevede un incontro che produce una Eurafrica, ossia un'integrazione equilibrata dei flussi provenienti dall'Africa in Europa, che permette agli immigrati di ottenere lavoro e stabilità economica. Il secondo prevede di fare del continente europeo una fortezza possibilmente inespugnabile, con il pattugliamento massiccio delle coste mediterranee e il respingimento verso i porti libici o tunisini dei migranti, che spesso cercano di ottenere un visto tramite la domanda d'asilo, sempre più spesso respinta dai tribunali europei.

Il terzo scenario potrebbe essere quello di una sorta di alleanza o guerra tra crimine organizzato locale e chi si occupa del viaggio, spesso in condizioni disperate, dei migranti; tale scenario sarebbe foriero di numerose contraddizioni. Una quarta possibilità sarebbe quella di creare dei protettorati europei in Africa, rendendo ancora più esplicito il neocolonialismo economico

62 Una situazione simile per certi versi ad essa è quella dei paesi del Mediterraneo europeo, che vedono molti loro laureati spostarsi verso i paesi del Nord Europa alla ricerca di migliori condizioni economiche e di vita.

63 SMITH, S. “*Fuga in Europa*”, p.141.

imperante in molti territori africani, ma anche questa ipotesi potrebbe scontrarsi, anche giustamente, con il legittimo malcontento delle popolazioni locali. Il quinto scenario, sul quale propende Smith, sarebbe quello di un'unione tra i precedenti quattro, cercando di trovare una sintesi tra controllo dei flussi e sviluppo dei paesi d'origine (SMITH, 2018).

Va però osservato come Smith si illuda che si possa determinare una situazione vantaggiosa per tutti, sia per i paesi africani che per quelli europei, trascurando il fatto che gli interessi sono divergenti e sebbene l'Europa sconti un generale invecchiamento della popolazione che determina l'esigenza di "importare" immigrati, il capitalismo neo-colonialista non ha nessun interesse a favorire lo sviluppo economico e l'emancipazione dal suo dominio di questi popoli.

2.3 Analisi socio-economica dell'immigrazione in Europa dopo la crisi del 2008

L'ampliamento delle frontiere europee che ha portato l'attuale unione a raggiungere il considerevole numero di 28 paesi (oggi 27 a causa della Brexit) ha prodotto un ampio scambio di idee su quale possa essere l'impatto dal punto di vista socio-economico di questo allargamento. Due sono le posizioni principali secondo Sacchetto, Andriasevic: "da un lato la prospettiva del dumping sociale, che vede nella migrazione di manodopera un elemento destabilizzante per la struttura occupazionale dell'Europa occidentale, dall'altro la prospettiva integrazionista, che ritiene la migrazione un fattore potenzialmente benefico". Il limite che si riscontra in entrambe le prospettive è che esse tendono ad approcciare al tema delle migrazioni sulla base di un modello binario, in cui ci sono solo il luogo di partenza e quello d'arrivo, oppure semplicemente nel prendere unicamente il punto di vista della classe imprenditoriale e sindacale italiana, eliminando quello degli immigrati. Non è possibile per noi fare un'analisi di questi processi senza discutere di quelli che sono i protagonisti di ciò, i migranti.

Gli studiosi che fanno riferimento alla prospettiva del dumping sono convinti che un'apertura condurrà a una riduzione dei salari, a una diminuzione del potere dei sindacati e a un aumento del potere contrattuale della classe padronale.

Quelli vicini alla prospettiva definita come integrazionista sono invece favorevoli alla libertà di movimenti di merci, uomini e capitali, convinti che le migrazioni conducano da un lato ad occupare i posti di lavoro che non sarebbero comunque occupati dalla forza di lavoro autoctona, dall'altro a ridurre la disoccupazione nei paesi d'origine dei migranti (ANDRIASEVIC, R., SACCHETTO, 2017). Il punto fondamentale da comprendere è che la libera circolazione del lavoro aiuta anche la mobilità del capitale. Un approccio sociologico più largo necessita che ad un'analisi puramente quantitativa del processo migratorio se ne affianchi anche una qualitativa, che consideri

anche altre determinanti.

Secondo il rapporto della Commissione europea, ci sono attualmente in Europa oltre 26 milioni di migranti, di cui oltre 10 milioni sono europei⁶⁴. Interessante è ad esempio il caso dello stabilimento della Foxconn in Repubblica Ceca, i cui lavoratori sono per metà autoctoni con contratti fissi, per l'altra metà da lavoratori europei assunti con contratto temporanei. Molti di essi hanno avuto esperienze migratorie in passato, il che gli consente di volta in volta di scegliere il paese europeo verso è meglio dirigersi. Compararli questi fenomeni a quelli che si determinano al confine tra Messico e Stati Uniti sarebbe erroneo secondo ANDRJIASEVIC, R., SACCHETTO, (2017, p.19) : “la differenza principale consiste nel fatto che, [...] gli attuali migranti per lavoro sono cittadini dell'Unione europea i cui diritti e doveri sono garantiti dalla normativa europea stessa”. Nonostante ciò i diversi paesi europei spesso cercano di porre delle barriere a questa libertà di movimento, limitando le reali possibilità di accesso. Dunque il mercato del lavoro non è realmente “libero”, come dovrebbe essere ufficialmente. In più la possibilità per le imprese di assumere personale con contratti differenziati per lo stesso tipo di lavoro produce rivalità tra gli stessi lavoratori.

Il problema è che però spesso gli immigrati accettano un lavoro, anche senza ottime condizioni di retribuzione, perché lo considerano come qualcosa di temporaneo. “I lavoratori migranti europei, infatti, sono difficilmente confinati in un singolo posto di lavoro o in una situazione permanente che li porti a lavorare con turni lunghi e irregolari in cambio di bassi salari”(ANDRJIASEVIC, R., SACCHETTO, D, p.22). Dunque i contratti temporanei, sebbene rappresentino uno strumento di sfruttamento del lavoro migrante, sono allo stesso elemento di parziale destabilizzazione del ciclo produttivo, visto l'alto ricambio che si determina nella forza lavoro.

Ciò rende ovviamente difficile organizzare l'attività sindacale, viste le naturali barriere linguistiche e l'alta rotazione che si determina tra i lavoratori. In ogni caso la mancata partecipazione alle attività sindacali non può essere considerata come caratteristica “naturale” degli immigrati. Ma è sicuramente vero che spesso i sindacati tradizionali si concentrino molto di più sulle rivendicazioni dei lavoratori assunti con contratto a tempo indeterminato, come riduzione dell'orario di lavoro o aumenti salariali, piuttosto che sulla questione della stabilizzazione dei lavoratori migranti precari. Per andrjasevic, r., sacchetto, d.(2017, p.26):

”Per questo motivo le ragioni della scarsa sindacalizzazione dei lavoratori migranti e l'indebolimento della contrattazione collettiva non sono da ricercarsi esclusivamente nell'atteggiamento dei migranti, ma anche nelle limitate strategie del sindacato prodotte sia dalle loro istanze protezioniste sia dai loro pregiudizi sociali e culturali”.

64 European Commission, “EU Employment and Social Situation”.

Il problema è che come sappiamo spesso gli immigrati sono impiegati nei settori in cui è maggiore l'informalità. Vianello fa riferimento ad esempio alla casualizzazione, che è determinata dal fatto che tali persone siano impiegate con contratti senza tutele basilari come maternità, ferie, permessi ecc(VIANELLO, 2017). Gli studi attuati finora tendono a focalizzarsi solamente sul loro coinvolgimento nell'economia sommersa, trascurando la questione di genere. Diversi studiosi tendevano infatti ad attribuire l'aumento dell'economia sommersa all'immigrazione, invece di ricondurla alla riorganizzazione del capitale. Gli immigrati sono dunque entrati in un mercato del lavoro già “ristrutturato” secondo le esigenze del capitale. Per Vianello(2017,p.72)“Emblematico è, ad esempio, il caso del lavoro domestico e di cura che ha visto nel corso degli ultimi decenni una forte crescita grazie alla presenza di manodopera femminile a basso costo”. Ciò anche in conseguenza dello smantellamento del Welfare, che ha obbligato le famiglie a farsi carico del lavoro di cura.

Gli immigrati sono stati tra i primi ad essere licenziati dopo la crisi del 2008, perché molti erano impiegati nei settori maggiormente colpiti, come la manifattura e le costruzioni; in ogni caso essi prima di altri hanno dovuto cercare un'occupazione nel mercato informale, vista la mancanza pressoché totale di risparmi. Ciò ha obbligato soprattutto le donne immigrate ad accettare contratti di lavoro, principalmente nel lavoro domestico, in cui i confini tra il legale e l'illegale sono molto labili come ad esempio: contratti di 4 ore che diventano di 8 ore effettive, oppure contratti di 8 ore senza riposo previsto. Tali lavoratrici inoltre hanno maggiori difficoltà a organizzarsi con il lavoro nel caso abbiano una famiglia, perché non hanno alle spalle una rete familiare che le sostenga. “La casualizzazione rende, difatti, sempre più complicata la conciliazione della vita lavorativa con gli impegni familiari. In entrambi i casi il ritorno al lavoro domestico si traduce in un forte isolamento che erode la capacità di autodeterminazione delle donne”(VIANELLO, 2017, p.81).

Le difficoltà economiche che essi vivono ribaltano le gerarchie imposte dal patriarcato, perché la discontinuità lavorativa dell'uomo in qualche modo “obbligano” la donna a cercare anche lei lavoro e nei periodi di disoccupazione dell'uomo lo portano a contribuire ai lavori domestici. Secondo Vianello(2017, p.85)“Le esperienze sia femminili che maschili mettono in luce in modo nitido come il lavoro informale sia una risorsa fondamentale per fronteggiare la crisi e ridurre il rischio di povertà”.

2.4 La specificità della logistica dentro il contesto delle migrazioni globali

Per GRAPPI(2017, p.194)“La riorganizzazione logistica della produzione, anche quando articolata in specifiche declinazioni territoriali, si intreccia con le zone d'ombra degli spazi istituzionali e con la capacità di comporre aggregati di governo e di potere sovranazionali”. La mobilità delle merci

interviene in questo processo creando continui processi di aggregazione economica. Dal punto di vista economico si nota come le economie di scala siano entrate in crisi, mentre le nuove catene del valore globale sono entrate in piena espansione, permettendo l'integrazione tra economie profondamente diverse al loro interno. Nell'ambito europeo la logistica assume la forma di un territorio definito che vuole espandersi in ambito globale. “Amministrativamente ibrido e dai confini più che mai incerti, questo spazio è oggi parzialmente strutturato in corridoi frutto tanto dell'iniziativa istituzionale, quanto dei flussi d'investimento di grandi aziende multinazionali”(GRAPPI, 2017, p.195). Il disintegrarsi dell'Unione sovietica ha permesso all'UE di allargarsi i suoi orizzonti economici ben oltre i confini stabiliti dalla vecchia cortina di ferro, rendendo necessario ripensare le politiche di scambio di merci. La logistica assume in questo contesto un valore crescente, andando al di là del mero trasporto, ma diventando piuttosto vettore di trasformazioni a livello più complessivo.

La commissione europea fin dal 1992 si occupò di definire gli strumenti per lo sviluppo del mercato interno a livello dei trasporti⁶⁵. L'allargamento ad Est non ha comportato infatti solo una modificazione geografica, ma se guardiamo dal punto di vista della logistica ha creato nuove opportunità di sviluppo e trasformazione. Lo strumento utilizzato è stato quello del corridoio. Per Grappi(2017, p.198):

Esso consiste nell'individuazione di una rete centrale verso la quale far convergere gli interventi prioritari in tema di infrastrutture e sistemi di coordinamento in grado di raccogliere le istituzioni, gli amministratori, i potenziali finanziatori e gli attori economico che entrano nella categoria degli stakeholder.

Tali corridoi servono dunque per favorire le catene globali del valore, entrando talvolta in parziale conflitto con i grandi operatori dell'E-Commerce come Amazon che tentano di guadagnare spazio nell'ambito logistico. Dal punto di vista interno invece acquisiscono importanza i terreni e le infrastrutture necessarie per creare hub logistici, ciò porta da un lato all'aumento del prezzo dei terreni, dall'altro alla creazione di parchi industriali in collaborazione con le autorità pubbliche. “La nuova logistica europea incide dunque tanto sulle dinamiche di organizzazione spaziali del territorio e di controllo della terra, quanto sul suo valore di mercato”(GRAPPI, 2017, p.200).

Per Ines Wagner il confine principale è oggi definito dall'impresa. Non esistendo infatti almeno sulla carta limiti alla mobilità interna dei cittadini europei sono rimasti però tra i lavoratori: gli immigrati sono estromessi dalla situazione industriale nella quale operano e i lavoratori autoctoni sono estromessi dalla possibilità di decidere sulle modalità con le quali l'impresa si organizza in ambito transnazionale(WAGNER, 2015). Ciò vale ad esempio per il modo con cui le istituzioni europee hanno trattato le migrazioni nel 2015 lungo la rotta balcanica, definendo un “corridoio” migratorio che di fatto finiva per incanalare le persone nella direzione voluta. Tale

⁶⁵ Cfr. COMMISSIONE DELLE COMUNITÀ EUROPEE, “*Lo sviluppo futuro della politica dei trasporti*”.

approccio è stato definito come approccio Hotspot, parola che pur non avendo una definizione precisa rimette a “l’indicazione che si tratta di istituire delle piattaforme che permettano una più spedita e sicura identificazione e distribuzione dei migranti in arrivo nei punti caldi dei confini esterni”(GRAPPI, 2017, pp. 201.2).

Per Grappi bisogna distinguere tre differenti forme di mobilità: trasferimento, rimozione e migrazione; intendendo con la prima il trasferimento di merci e persone tra i differenti paesi, ad esempio con le esternalizzazioni produttive, utilizzando forme contrattuali flessibili che determinano quella che lui stesso definisce industria delle migrazioni; con la seconda il processo di “espulsione” dei lavoratori dalle terre di origine, costretti ad emigrare alla ricerca di migliori condizioni di lavoro, in qualche modo orientando i flussi migratori; infine la migrazione, come sfida alle modalità con cui sono orientati i processi di trasferimento e rimozione, per esempio sviando dalle forme di confine amministrative e politiche della logistica europea, producendo soggettività in contrapposizione all’integrazione economica dei migranti nei settori decisi dal capitale. Lunghi infatti dal costituire un fatto puramente oggettivo la migrazione assume per l’autore un elemento di emancipazione rispetto all’ambito gerarchico che definisce in maniera preordinata un proprio “ruolo” sociale (GRAPPI, 2017)

Il grande ricambio lavorativo dunque non rappresenta appena un elemento che favorisce il capitale, ma piuttosto è elemento di un conflitto in fieri tra capitale e lavoro. Secondo Grappi (2017, p.205):

La nostra analisi sulla nuova logistica europea indica che oggi il potenziale della mobilità deve confrontarsi non soltanto con il tentativo di un suo imbrigliamento da parte dei datori di lavoro [...], ma anche con complesse strategie di ridefinizione del rapporto tra specifiche condizioni materiali di porzioni di territorio.

2.5 Un approccio politico alle migrazioni

Un’analisi politica delle migrazioni è molto complessa, spesso dunque si finisce per darvi un’interpretazione puramente moralistica. Secondo Ricciardi (2017, p.108) “Il presupposto è anzi che i migranti, con i loro movimenti, rappresentino uno dei fattori più rilevanti che impediscono alla politica contemporanea di poter essere compresa grazie a una teoria generale”. L’analisi del fenomeno migratorio non può dunque partire dall’ambito soggettivo dei migranti, ma considerare le migrazioni come un fenomeno politico più complessivo. Tali fenomeni, nati spesso in conseguenza di crisi politico-economiche, hanno avuto un impulso maggiore dai processi di de-colonizzazione e dall’avvento totale dell’ideologia neo-liberista, che ha costretto molti paesi del cosiddetto Terzo mondo a varare piani di austerità fiscale per pagare il crescente debito pubblico con l'estero.

Sayad, importante studioso del fenomeno immigrazione, descrive l’immigrato come colui che è collocato fuori dallo spazio politico, in quanto non nazionale; ciò non per dare legittimità

totale allo Stato nazione, ma per mostrare come il migrante si trovi a confrontarsi con elementi derivanti solo in parte dagli Stati nazionali, con una continuità tra Stato di origine e Stato di destinazione (SAYAD, 2004). La questione dei confini va dunque rivista, alla luce del fatto che le migrazioni possono anche interne ad uno Stato, come avviene ad esempio da oltre un secolo in Italia, oppure riguardare un intero continente, senza specificare il paese di destinazione nel momento in cui si comincia il viaggio. I migranti sono però esclusi spesso dal sistema di diritti costituzionali dello Stato in cui si spostano, un po' per la loro frequente condizione di irregolarità, un po' per le politiche di emarginazione create dagli Stati. L'impossibilità pressoché totale di divenire cittadini li priva ad esempio di tutta una serie di prestazioni sociali.

È proprio il meccanismo della cittadinanza quello che più vede i migranti come esclusi; il lavoro infatti, che era l'elemento sufficiente in precedenza per ottenere la cittadinanza, oggi non è più sufficiente, “nel senso che la rappresentanza ha cessato di essere un meccanismo di inclusione, mentre i migranti vengono segnati come soggetti non integrabili in considerazione delle loro culture, ma ancor di più del loro numero” (RICCIARDI, 2017, p.113). Ciò non significa chiaramente che essere cittadini garantisca l'accesso alle prestazioni sociali, visto il progressivo smantellamento del Welfare State da parte di pressoché tutti i governi europei negli ultimi decenni. Una caratteristica delle politiche migratorie negli ultimi anni è stata quella di sostituire la repressione con provvedimenti legislativi a quella basata su fonti amministrative, lasciando alla giustizia il compito di definire questa esclusione. Il “ritorno” del nazionalismo nel dibattito pubblico appare molto di più una costruzione volta a contrapporre lavoratori autoctoni e immigrati, piuttosto che un reale ritorno in voga della questione nazionale. Per Ricciardi (2017, p.115) “La cittadinanza non assume i caratteri ambigui e contraddittori dell'integrazione, ma della produzione di stranieri che non sono tali in forza di una norma giuridica, ma per la posizione societaria in cui sono costretti”. In questo processo la marginalità dei migranti prescinde dal fatto che siano o meno irregolari dal punto di vista giuridico, viste le politiche di esclusione messe in atto; la presenza di stranieri sul territorio nazionale è infatti sempre stata presente, ciò che cambia è l'approccio politico-istituzionale a tale presenza. Le lotte degli immigrati per ottenere la cittadinanza sono dunque di estrema rilevanza, perché impongono il cambiamento dell'approccio che prevede che unicamente attraverso il lavoro si potesse ottenere la cittadinanza, ma che oggi invece subordina la stessa possibilità di entrare legalmente in un paese all'avere un contratto di lavoro, senza offrire poi però nessuna tutela sociale⁶⁶.

66 Emblematica a tal proposito è la legge Bossi-Fini del 2003, che nel vincolare lavoro a permesso di soggiorno prevede la perdita del permesso in caso di perdita del lavoro, di fatto “obbligando” l'immigrato ad accettare qualsiasi condizione di lavoro per non perdere il permesso.

In questo processo le donne migranti vivono una duplice oppressione patriarcale, quella nel paese di origine e quella nel paese di destinazione, per questo motivo una loro partecipazione alle lotte affermative per la cittadinanza è così importante. Le donne migranti sono però escluse normalmente dall'essere considerate come individui, titolari di legittimi diritti sociali. In ogni caso è evidente che le migrazioni reintroducano fenomeni di massa in contesti fortemente individualizzati come le società in cui viviamo, sebbene per Sayad(2004, p.33) “un migrante è sostanzialmente forza-lavoro e una forza lavoro provvisoria, temporanea in transito”. Tale forza-lavoro, nel caso delle donne migranti, può divenire elemento di ulteriore abbassamento dei salari, in contrapposizione non solo ai lavoratori autoctoni ma anche agli stessi immigrati. Ma la possibilità per essi di lottare, o di spostarsi, può in qualche modo fare da argine al dominio totale del capitale. “Il lavoro migrante è la verità nel neoliberalismo, [...]. Esso mostra la persistente centralità del lavoro salariato che altrimenti si pretende scomparso dai modi politicamente legittimi di considerare il lavoro”(RICCIARDI, 2017, p.113)

I migranti comunque cercano in forme diverse di sottrarsi a tale dominio, per questo motivo gli Stati nazionali devono continuamente produrre leggi e normative per mantenerlo vivo, mascherando lo sfruttamento sotto mentite spoglie; aprendo una contraddizione tra pretesa del neoliberalismo di essere globale e necessità di politiche statali per contenere i flussi migratori. Lo stesso sindacato ha necessità di riorganizzarsi e di modificare le modalità della sua organizzazione, data la grande mobilità transnazionale della forza-lavoro; ma questo tema verrà sviscerato successivamente. I migranti non sono in ogni caso estranei alla società e al sistema politico, ma ne costituiscono parte integrante. Secondo Ricciardi(2017, p.122):“Per questo la centralità politica del lavoro migrante non implica la centralità di uno specifico segmento di forza lavoro, ma l'identificazione di una particolare dinamica che stabilisce un <<potenziale privilegio epistemico>> che apre alla comprensione e alla contestazione della società mondo”.

2.6 Un'analisi della relazione tra stigma populista e migrazioni

Per Luca Alteri, autore di un importante saggio sulla relazione che esiste tra populismo e migrazioni, per analizzare tale fenomeno è necessario superare due approcci, entrambi erronei, da un lato l'approccio emergenziale, che tende a considerare le migrazioni come “invasioni”, dall'altro quello riduzionista, che partendo dalle statistiche tende a fare delle migrazioni un tema secondario; piuttosto è necessario invece un approccio che tenga insieme la globalità di questi fenomeni con la specificità del caso italiano, che egli interpreta nell'ottica del neocolonialismo(ALTERI, 2020). Le cause delle migrazioni spesso come abbiamo visto si sovrappongono, diviene dunque più difficile identificarne una scatenante più delle altre. Il primo dei due schieramenti citati è quello del sovranismo-populismo, teso a concentrare tutte le sue attenzioni sul problema immigrazione,

trascurandone molto spesso le cause, il secondo è quello cosiddetto umanitario, che va dal centro sinistra francese a parte della sinistra radicale, volto a favorire l'accoglienza di chi migra, ma spesso con proposte assai vacue; il rischio è dunque quello che prevalgano i toni allarmistici di demografi come il già citato Smith, il quale tende a mostrare come ineluttabile la migrazione africana in direzione dell'Europa, visto il recente miglioramento delle condizioni di vita di una parte rilevante, seppur minoritaria, dell'Africa sub-sahariana., il che dovrebbe portare i paesi occidentali a ridurre gli aiuti internazionali a questi paesi invece di aumentarli. Per Alteri(2020, p.230):“Tradotto in termini di cooperazione internazionale, si passerebbe dall'aiutiamoli a casa loro, a non aiutiamoli nemmeno a casa loro”.

Dal punto di vista elettorale è stato possibile osservare una crescita dei voti alle formazioni populiste xenofobe nei paesi in cui maggiore è stata l'incidenza dei flussi migratori negli ultimi anni, ovviamente favorita dal clamore mediatico che si è sollevato intorno a questo fenomeno. Un'analisi interessante a tal proposito è quella di Molteni, che ha voluto dimostrato come non ci sia alcun automatismo tra un'ipotetica minaccia derivante dall'immigrazione e razzismo individuale, salvo che tale opinione non riesca a fare breccia in una parte consistente della popolazione, in tal caso il peggioramento delle condizioni di vita può portare all'ostilità anche di quei settori sociali non direttamente in competizione con gli immigrati dal punto di vista lavorativo(MOLTENI, 2003). Per tale sociologo esistono dunque alcune variabili che pesano più di altre sullo sviluppo di un pregiudizio contro i migranti, come ad esempio il numero di immigrati presenti nel territorio di un paese oppure il tasso di disoccupazione tra i nativi. I dati sono ripresi da un sondaggio svolto negli ultimi anni da un'importante istituzione europea: tra i paesi con la maggiore ostilità contro i migranti vi sono diversi paesi governati da destre populiste che attizzavano tale ripudio, come Ungheria, Polonia, Repubblica Ceca o la stessa Italia. Va fatto però notare che solo l'Austria tra essi è un paese che ha un alto numero di immigrati sul totale della popolazione, dimostrando la validità della tesi di Molteni per il quale i conflitti a seguito di contatto tra italiani e immigrati non hanno nulla di “naturale”, ma secondo Molteni(2003, p.235):

è lecito sostenere che tali contatti non siano politici di per sé, a meno che le cornici interpretative non li rendano tali. [...] Quando avvengono piccoli cambiamenti demografici, se una decisiva retorica nazionale politicizza i suddetti cambiamenti, sarà più probabile che la popolazione residente, [...], si rivolti contro l'immigrazione.

.Non sarebbe dunque la crisi economica a creare tali dissidi, ma lo scontro politico tra partiti di schieramenti apparentemente opposti, esacerbato da mezzi di comunicazione che pongono costantemente l'accento sull'origine nazionale di chi commette reati.

Dall'altro spesso il politicamente corretto tende a fare dell'ostilità contro l'immigrato un problema puramente lessicale, che si risolverebbe espellendo dal sentire comune quelle

terminologie foriere di maggiori discriminazioni, senza interrogarsi sulla motivazione dell'adozione di esse. Altre forme di ostilità possono essere legate invece al contrastare politiche in favore delle minoranze, perché creerebbero discriminazioni con i nativi. Per Alteri(2020, p.239)“Tale approccio esalta la competizione sociale e mira, [...] a cristallizzare lo status quo economico-politico, acconsentendo a una parità solo formale tra gli individui e i gruppi etnici, impedendo de facto l'implementazione di un'efficace integrazione”; creando emarginazione forzata tra gruppi sociali che potrebbero avere molto in comune. Per farlo si ricorre ai mezzi più disparati: dal sottolineare costantemente le differenze culturali e religiose oppure ad attribuire ad individui provenienti da alcuni specifici paesi comportamenti criminali, trascurandone totalmente condizioni economiche e sociali di partenza.

Ma tra i fenomeni più preoccupanti c'è sicuramente la discriminazione a danno dei figli degli immigrati, considerati soggetti da mettere in classi differenziate per non ritardare l'apprendimento dei figli degli italiani. Una battaglia in tal senso fu portata avanti dall'allora governo di centro-destra nel 2008, con l'obiettivo di creare classi differenziate, cominciando una dura lotta contro la possibilità che i figli degli immigrati ottenessero la cittadinanza italiana. “Una battaglia, [...] foriera di un decennio di successi, dato che nessuna successiva maggioranza parlamentare, -a prescindere dal suo colore politico- avrebbe legiferato in favore dello *ius soli*”(ALTERI, 2020, p.243). La mozione approvata, ma successivamente archiviata, era ammantata di buoni propositi, legati ad una differente capacità didattica, che creando classi differenziate si sarebbe potuta colmare più facilmente, contrariando tutte le indicazioni dell'OCSE in materia nonché la convenzione per i diritti dell'infanzia. Invece il testo approvato affermava che: “L'elemento della presenza di molte diverse cittadinanze nelle scuole, [...] rappresenta un fattore condizionante del complesso sistema educativo e formativo che influenza l'intera classe⁶⁷”. L'idea della mozione era dunque quella che i figli degli immigrati rappresentassero un problema *in fieri* da risolvere preventivamente, emarginando il soggetto a rischio in una sorta di gabbia con altri soggetti dello stesso “tipo”; la cosa forse peggiore di tutta questa vicenda è il fatto che l'origine politica di tale mozione fosse una vicenda locale, ossia la dichiarata ostilità della responsabile Scuola del Comune di Roma alla scuola Pisacane, perché ad alta frequentazione da parte di figli di immigrati.

Ad un'analisi più attenta appare chiaro come anche sostantivi apparentemente neutrali come etnia nascondano tratti legati al pregiudizio. Falloppa ad esempio sottolinea come sin dall'antichità il concetto di etnia sia legato a quello che è diverso, lo stesso Weber in età moderna definiva il gruppo etnico come popolo senza Stato e dunque senza possibilità di autogovernarsi; la motivazione di ciò era permettere agli occidentali colonizzatori di dividere gruppi nazionali omogenei in

67 COTA, R. “Mozione del 16/09/2008”.

funzione di una migliore spartizione dei loro territori. Nel secondo dopoguerra il concetto di etnia, considerato come qualcosa di estremamente labile, viene considerato semplicemente come qualcosa di “esotico”⁶⁸(FALLOPPA, 2011). Da tale approccio discende tutto un fiorire di concetti a cui incollare la parola etnico: da bar e ristoranti, a quartieri periferici; fino ad arrivare al paradosso che parte consistente degli immigrati di un determinato paese tendano a considerarsi come appartenenti ad una “etnia” in un certo modo introiettando ciò che i colonizzatori avevano costruito dal punto di vista ideologico.

Dall'altro lato si è cercato di contrapporre all'etnicismo una difesa a spada tratta del multiculturalismo, presentato come panacea di tutti i mali. È una posizione questa che discende da Taylor(2008) , e che fa del diritto alla differenza un valore universale, eliminando però allo stesso tempo così la possibilità di esprimere qualsiasi forma di opinione su elementi come tradizioni, usanze e abitudini di un popolo; in tal modo eliminando all'origine qualsiasi possibilità di collaborazione tra culture differenti per cercare punti in comune. Infatti “ogni differenza protetta in maniera aprioristica, senza scendere nel campo dei contenuti, sarà costretta ad affidarsi ad un mero isolamento: ogni posizione esisterà e si svilupperà indipendentemente dalle altre”(ALTERI, 2020, p.253) . Il rischio è quello che nella difesa delle culture “di minoranza” significherebbe comunque considerarle inferiore a quelle di coloro che si ergono a paladini della loro tutela. In tal modo qualunque pratica deve essere ammessa, anche le più crudeli, perché non è possibile operare una gerarchizzazione tra valori differenti.

Tale idealizzazione degli immigrati rischia così di trascurare la loro complessità, spesso a capo di lotte anche vittoriose come nel campo della logistica e soprattutto soggetto attivo della società e non appena elemento passivo da “accudire” o nella versione della destra più estrema da “cacciare”. In ogni caso se di differenze bisogna parlare bisogna farlo nel campo delle condizioni di partenza e non in quello, più uniforme, delle condizioni d'arrivo. Visto infatti che come abbiamo visto nel secondo paragrafo di questo capitolo spesso non parte chi vuole ma chi ha le condizioni economiche per partire, va rilevato che per Alteri(2020, p.256) “la soluzione al problema migratorio non possa fondarsi di certo sul continuo spostamento delle migliori energie dal sud del mondo al nord, ma sull'approfondimento di un paradosso solo apparente, [...] si agli immigrati, no a questa immigrazione”. Affermare che a partire non siano i più poveri, ma uno strato intermedio dal punto di vista sociale non significa minimizzare i rischi legati al viaggio o al razzismo imperante, ma piuttosto comprendere quanta storia e impegno economico ci siano dietro all'emigrazione anche di un solo individuo appartenente ad un nucleo familiare.

Il rifiuto da parte del migrante di collocarsi negli schemi pre-costituiti che gli sono imposti

68 Cfr. FALLOPPA, F. “Razzisti a parole(per tacer dei fatti)”.

crea in un certo senso un “bagno di realtà” per coloro che nell'analisi si limitano ad un approccio superficiale. L'affermarsi di un'identità propria dei migranti, lontana dai paradigmi dei benpensanti o dei razzisti, conduce ad affermare con forza il proprio essere altro, riecheggiando le parole di Fanon(2007, p.55) : “Il benessere e il progresso dell'Europa sono stati edificati con il sudore e i cadaveri dei neri, degli arabi, degli indiani e dei gialli. E questo, noi decidiamo di non dimenticarlo più”. Il neocolonialismo assume a tal proposito vesti diverse dal passato, talvolta meno visibili, ma in ogni caso tese a subordinare chi emigra ad un immaginario in cui egli si deve sentire perennemente in debito verso chi in qualche modo lo avrebbe accolto, impedendogli così di costruirsi una propria identità; restando sempre a metà strada tra il rischio di integrarsi nella cultura dominante, perdendo i legami con la comunità di origine, oppure rimane ancorato alle sue origini finendo per essere emarginato. Per Alteri(2020, p.260)“In entrambi i casi, quindi, il Migrante è incapace di una auto-definizione di sé e del reperimento di un'oasi tra due speculari deserti sociali: l'appiattimento legittimante e il conflitto inconciliabile”.

Il livello politico in quest'ottica sembra essere l'ultimo della fila, quando invece in questa fase storica soprattutto rischia di avere una grande rilevanza. Solo per fare un esempio anche il concetto di pregiudizio, molto diffuso quando si parla di immigrati, è diventato sinonimo di qualcosa di erroneo, senza considerare che pressoché qualunque conoscenza di un fenomeno la maggior parte delle volte preceda l'incontro con detto fenomeno. Il pregiudizio nei confronti degli immigrati di strati purtroppo ampi non deve essere dunque demonizzato, ma compreso, anche se non giustificato, a partire dalle basi ideologiche che la classe dominante è riuscita a imporgli come naturali. “Allo stesso tempo, però, si tratta di basi labili, in quanto tali modificabili attraverso un intervento ideologico-culturale che sia robusto, persistente e possibilmente accompagnato da un miglioramento nelle basi materiali della vita collettiva”(ALTERI, 2020, p.263).

Sarebbe dunque il caso a nostro avviso che la sinistra recuperi un punto di vista di classe su tale vicenda, riuscendo a fuggire dalle due retoriche erranee: da un lato quella dell'accoglienza universalistica che fa della migrazione in sé per sé un'esperienza emancipatoria, dall'altro quella che fa dell'immigrato unicamente un invasore, magari in procinto di minacciare le nostre sacre tradizioni, ovviamente occidentali; secondo Alteri(2020, p. 264):“inserendo il migrante economico, il rifugiato e il richiedente asilo nella dialettica del mutamento, esattamente come avvenne per le migrazioni interne italiane [...]: enzima e non zavorra per il conflitto”.

Cap 3: Storia del razzismo contro gli immigrati in Italia: dal fascismo ai giorni nostri

3.1 Il concetto di razza nella storia contemporanea

In questo terzo capitolo della tesi analizzeremo le diverse forme che ha assunto il razzismo contro gli immigrati in Italia, partendo da un'analisi del concetto di razza nella sociologia moderna e nel fascismo storico, vedendo come esso sia stato ripreso a livello istituzionale nel corso degli ultimi decenni, descrivendo le lotte che gli immigrati hanno organizzato contro questo razzismo istituzionale e infine analizzando le prospettive del movimento anti-razzista. Questo capitolo ci serve per inquadrare il contesto politico-ideologico in cui si sono organizzate le lotte degli immigrati occupati nel settore della logistica.

E' oggi di comune accordo tra gli studiosi l'ipotesi che il concetto di razza sia anacronistico, privo com'è di qualsiasi fondamentazione teorica. Per Basso(2011, p.5): “Tuttavia l'esperienza quotidiana mostra, e senza possibilità di equivoci, che la razza è una realtà. [...] Le razze esistono. E sono socialmente diseguali. Il mondo è profondamente spaccato, infatti, in razze signore e razze schiave”. Si osserva in più un aumento del razzismo negli ultimi anni, di cui sono vittima principalmente gli immigrati, accusati di “rubare” il posto del lavoro agli autoctoni e addirittura di importare malattie. Per analizzare il contenuto essenziale non bisogna guardare unicamente al riemergere di formazioni della galassia neofascista europea, ma molto più in alto, alle classi dominanti dei paesi occidentali, in primis gli Stati Uniti⁶⁹.

È lecito chiedersi se quello che abbiamo di fronte è un razzismo “nuovo”, o uguale a quello delle teorie razziste novecentesche. Tali teorie univano solitamente all'analisi biologica una dimensione spirituale, propria in Italia di Evola(*Il cammino del cinabro*, 2014), ma non estranea

⁶⁹ Basti pensare all'elezione di Trump a presidente nel 2016 con un discorso esplicitamente razzista e all'ottimo risultato elettorale ottenuto nel 2020, nonostante la sconfitta.

nemmeno al mondo statunitense, che ha sempre unito alla pretesa di rappresentare il “popolo eletto”, un'idea di razza che coincideva con l'acronimo WASP. La divisione schematica tra vecchi e nuovi razzismi non sembra reggere agli occhi degli occhi del professor Basso. “A maggior ragione se si prendono in considerazione gli ultimi sviluppi della situazione sull'altra sponda dell'Atlantico, [...]. Lì non a caso è nata una nuova scienza, la socio-biologia”(BASSO, 2011, p.9). La ripresa del razzismo si è determinata con l'offensiva neocolonialista dell'Occidente che, dopo la fase successiva alla seconda Guerra mondiale di emancipazione dei popoli coloniali, ha ripreso progressivamente il controllo delle sue ex colonie, a volte senza averle mai realmente lasciate. Nel linguaggio comune il termine etnia ha sostituito quello di razza, senza che sia però cambiato il senso del discorso.

Il concetto di razzismo ha avuto comunque molte definizioni. Tra le altre prendiamo quella di Giddens(2022,p.191): “Razzismo è il pregiudizio basato su distinzioni fisiche socialmente significative. Chiamiamo razzista chi crede che l'attribuzione di caratteristiche di superiorità o inferiorità a individui di una determinata razza abbia una spiegazione biologica”. Sebbene sia chiaro a molti che la razza sia un'idea artificiosamente costruita, nell'analisi non ci sia può limitare a definirla così. In un mondo diviso in classi e nazioni contrapposte dal punto di vista degli interessi, il razzismo diviene elemento strumentale per garantire la subordinazione delle une alle altre. Per Basso(2011, p.12): “Questo nucleo di rapporti sociali razzisti generatori di dottrine, ideologia [...] si trova, per dir così, all'incrocio tra la divisione sociale del lavoro, cioè la divisione della società in classi, e la divisione internazionale del lavoro, cioè la divisione del mondo in nazioni dominanti e nazioni dominate”. Alle dimensioni tradizionali del razzismo va sicuramente aggiunta la discriminazione della donna, sulla cui inferiorità all'uomo si regge la nostra società patriarcale sulla quale si è innestato lo sviluppo capitalistico(ENGELS, 2019).

L'aumento del razzismo nelle nostre società negli ultimi decenni può essere ricollegato per Wallerstein alla profonda riorganizzazione capitalistica seguita alla crisi degli anni 70, potendo essere il razzismo il grimaldello per dividere la classe lavoratrice e ridurre i costi di produzione(BALIBAR, WALLERSTEIN, 2020). È possibile osservare questo fenomeno anche nel modo in cui i mezzi di comunicazione di massa parlando degli immigrati, oscillando tra pietismo e vero e proprio razzismo. Le guerre che negli ultimi decenni hanno sconvolto il Medio oriente e l'Africa, sempre con il diretto coinvolgimento dei paesi occidentali, hanno favorito una rappresentazione negativa sia dei popoli contro cui si faceva la guerra, sia verso gli immigrati che scappavano dai luoghi del conflitto⁷⁰. Purtroppo da episodi di intolleranza nei confronti degli immigrati non sono spesso estranee parti della classe lavoratrice, convinta da decenni di propaganda che il suo antagonista non sia la sua controparte padronale, ma chi sta peggio di lei, ossia

70 Cfr. <http://www.cronachediordinariorazzismo.org/il-successo-della-lega-i-media-e-le-crisi-migratorie/>

l'immigrato che rappresenterebbe colui che essendo disposto ad accettare, perché sotto ricatto del permesso di soggiorno, peggiori condizioni di lavoro, sarebbe il suo avversario diretto per migliori condizioni di lavoro e di vita. Per Basso(2011, p.17): “Si tratta, tuttavia, di una collocazione reversibile, nella sostanza innaturale per dei lavoratori salariati, perché gli elementi, gli interessi, che accomunano i lavoratori autoctoni e gli immigrati sono più ampi e decisivi degli elementi di divisione e di contrapposizione”. La lotta anti-razzista dunque, può partire solo dall'unità della classe lavoratrice.

Sebbene il razzismo sia sovente considerato un fenomeno moderno, le sue radici affondano nell'antichità greco-romana, dove la divisione tra le classi era considerata un dato pressoché naturale e proprio a tutte le società. Ad esempio Aristotele sottolineava come nella natura vi fosse chi era naturalmente portato al comando e chi invece ad essere comandato. Lo schiavo dunque all'interno della famiglia sarebbe appena uno strumento del suo padrone, essendo i loro corpi preposti a funzioni differenti(ARISTOTELE, 2021). La stessa gerarchia sociale si riproduce all'interno delle mura domestiche, dove la donna è naturalmente subordinata all'uomo, così come la materia è subordinata alla forma, e nei confronti dei barbari, per i quali vi è assonanza tra l'essere barbari ed essere schiavi. Ma Aristotele è in buona compagnia, visto che anche Platone nella sua “*Repubblica*” individua una precisa gerarchia tra le classi, al cui apice vi sono i governanti e alla cui base vi sono i lavoratori, essendo gli schiavi esclusi dalla società(PLATONE, 2007). Né il mondo romano, che succedette storicamente a quello greco, fu differente. Qui con Agrippa si affermò il principio della società come un corpo umano, dove ciascuna componente aveva un ruolo maggiore o minore, ma tutte funzionali al benessere del corpo. E il trattamento riservato alle *gens* non latine fu sempre di totale subordinazione ed esclusione, suscitando gli elogi di Mussolini che nella politica razzista dell'antica Roma trovava basi teoriche per le sue leggi razziali.

Il Medioevo prosegue ed amplifica la tradizione razzista dell'età antica, introducendo all'interno della società il tema della differente appartenenza di sangue. Per Basso(2011, p.26):“Nella vicenda storica della nobiltà la questione della stirpe, della buona stirpe, assume un ruolo centrale nel passaggio della nobiltà da classe di fatto a classe <<giuridica ed ereditaria>>”. Il primato della nobiltà come classe dominante si afferma anche e soprattutto attraverso il legame di sangue, che si mantiene attraverso il vincolo ereditario. La stessa Chiesa cattolica utilizza il tema del sangue contro gli appartenenti alle altre religioni, descritti come infedeli e naturalmente infidi. Le cose presero una piega differente a partire dal XVI secolo, quando la conquista delle Americhe condusse gli europei all'esigenza di creare una teoria razzista che giustificasse il loro operato. “Solo tenendo presente il fondo reale della conquista europea, è possibile comprendere anche le forme con cui i conquistatori vennero raffigurandosi i mondi che sfruttavano, perché in quelle forme

esprimevano le giustificazioni del proprio operato”(GARIN, 1995, p. 330). Sarà Gliozzi tra gli altri a descrivere come questa superiorità occidentale si sia costituita a partire da testi che presentavano gli indios come animali indolenti, adatti naturalmente alla servitù: mentre addirittura peggiore era la condizione dei neri africani, che considerati discendenti di Caino, sono privi d'anima e possono essere utilizzati come strumenti di lavoro nelle mani dei loro possessori. Per Gliozzi(1971, p.13) dunque

la teoria della razza settecentesca andrebbe definita, più che un'ideologia schiavistica, un'ideologia della divisione del lavoro imposta dalla borghesia: un'ideologia in grado di far passare come naturali e perciò immutabili, le diverse forme di subordinazione e sfruttamento, - dal commercio alla schiavitù- imposte alle popolazioni coloniali dalla borghesia europea.

A tale ideologia danno piena continuità gli Stati uniti d'America, il primo Stato razziale, fondato sull'apartheid tra bianchi e neri, con questi ultimi privi dei diritti più basilari, esclusiva solo del ceto possidente, ovviamente bianco e protestante.

Ultimo fattore, ma non per importanza, allo sviluppo della teoria razzista è stato il colonialismo, strategico per lo sviluppo dell'industria moderna. Per Marx egli “fu il dio straniero che si mise sull'altare accanto ai vecchi idoli dell'Europa e che un bel giorno con una spinta improvvisa li fece ruzzolare via tutti insieme e proclamò che fare del plusvalore era il fine ultimo e unico dell'umanità”(MARX, 2016, Libro I, Cap XXXIV). Lo stesso Illuminismo, che per molti versi rappresentò un progresso, non combatté la schiavitù e il colonialismo, anzi represses nel sangue la rivolta degli schiavi di Santo Domingo, che volevano attuare proprio i principi di eguaglianza, libertà e fratellanza decantanti dai francesi. Ovviamente vi furono delle eccezioni, tra le principali quella di Rousseau, ma in generale l'orientamento prevalente considerava gli schiavi come naturalmente subordinati. Al rafforzamento dell'ideologia razzista contribuiscono anche scienze come l'antropologia, la storia, la geografia, creando un irrobustimento delle fondamenta teoriche del razzismo.

Il testo ispiratore di tutte le teorie razziste tra il XIX e il XX secolo è il “*Saggio sulla disuguaglianza delle razze umane*” di Gobineau. Nel suo testo l'autore francese cerca di presentare tutta la storia umana come storia di razze, unificando la tesi dell'ineguaglianza naturale tra le razze con la lotta delle razze come elemento costitutivo dell'ambito storico dell'umanità(DE GOBINEAU, 2016). Tale libro sarà fonte di ispirazione per gli schiavisti della sua epoca, i fascisti nel XX secolo ed è fonte di ispirazione per i neofascisti oggi. Non si tratta però appena di un testo razzista, ma anche profondamente anti-democratico, visto che lo stesso autore dichiara(DE GOBINEAU,2016, p.16): “In fondo la situazione del mio spirito è questa, un odio della democrazia e della sua arma, la

Rivoluzione, al quale do sfogo mostrando, con tratti di verità, rivoluzione e democrazia, dicendo donde esse vengono e dove vanno”.La retorica razzista e anti-democratica di Gobineau supera le ristrette frontiere nazionali, per difendere il punto di vista della razza bianca nel suo complesso.

D'accordo con la teoria di Gobineau ciascuna civiltà, a cui corrisponde una razza, segue un ciclo di ascesa, declino e caduta. L'elemento ultimo che produce la caduta delle civiltà è rappresentato dalla mescolanza delle razze. Per potersi preservare dunque le nazioni debbono mantenersi razzialmente pure. Ciò che differenzia una nazione dall'altra non è quindi la forma politica che pretende il suo Stato o il tipo di economia che in esso si è sviluppata, ma unicamente il tema della razza. Le razze “originarie” sono tre: la razza bianca-caucasica, quella gialla dei mongoli e per ultimi i neri; in ordine di valore e importanza((DE GOBINEAU,2016). I neri sono più prossimi agli animali che al genere umano, ma sono forti fisicamente, i gialli sono invece indolenti, senza forza fisica e destinati ad essere subordinati ai propri colonizzatori. Invece i bianchi sono secondo De Gobineau(2016, p. 244) : “un'energia riflessiva o, per meglio dire, una intelligenza energica; il senso dell'utile, [...]in un senso più elevato, [...] un senso straordinario dell'ordine [...], un gusto pronunciato per la libertà, anche estrema”. Tale descrizione sembra propria più di un borghese piuttosto che di un signore feudale, dimostrando come tale teoria non sia descrivibile appena come reazionaria.

Essendo gialli e neri non in grado di costituire civiltà, le civiltà costituite saranno tutte opera dell'uomo bianco; con particolare rilievo alla civiltà indiana e germanica. Della società indiana si elogia la fissità del sistema delle caste, della società germanica lo spirito imperiale, che la porta a dominare sugli altri popoli. Anche il sangue diviene elemento di differenza((DE GOBINEAU,2016). La lotta tra gli individui diviene l'elemento fondamentale dello sviluppo della società, richiamando così un'ideologia liberale di mercato. Per DE GOBINEAU(citato in BASSO, 2011, p. 42): “Ciò in cui eccelle l'ariano è nell'intelligenza e nell'energia con cui persegue i propri interessi, sapendo essere spietato con gli altri e duro verso sé stesso, disciplinandosi come un buon soldato dell'accumulazione razionale”. Il suo dominio si estende anche tra le mura domestiche, con il pieno controllo delle donne e della famiglia.

Gli ariani hanno espresso al meglio il loro senso di dominio nella colonizzazione dell'America, dove non si sono fatti scrupoli di espropriare le terre dei popoli nativi e di sterminarli, dato che la civiltà ariana è in possesso di un grande istinto omicida, e per De Gobineau(2016, p. 919):

lavora incessantemente per circondarsi di un orizzonte di tombe. La ragione è che essa non vive che per la propria utilità e le nuoce tutto ciò che non è al servizio di questa esigenza, e di conseguenza tutto ciò che le nuoce è condannato anticipatamente, e una volta giunto il momento, distrutto.

Ma il problema è che l'aumento dell'immigrazione⁷¹ negli Stati Uniti provocherà con ogni probabilità un imbastardimento della razza ariana, portando al rapido declino della civiltà così costituita. Il “*Saggio*” costituisce un testo di guerra dichiarata contro poveri e “razze” inferiori, e strumento di legittimazione teorica per razzisti vecchi e antichi.

Abbiamo visto come per Gobineau la razza bianca sia quella destinata a comandare, grazie alla sua superiorità fisica e morale. Tra tutte però è quella bianca europea che ha avuto ed ha il ruolo preponderante, visto che il centro della storia umana si è sempre concentrato nell'emisfero occidentale, questo perché “il mondo occidentale, così come ne ho definito i confini, è come una scacchiera dove sono venuti a dibattersi i grandi problemi. È un lago che è costantemente straripato sul resto del mondo, a volte devastandolo, ma fertilizzandolo sempre” (BASSO, 2011, p.48). Gobineau riprende quindi la tradizione razzista cominciata con la colonizzazione europea nel XVI secolo, e ne amplifica i contenuti a tutto l'Occidente.

La superiorità degli europei viene affermata anche in campo artistico, dove gli europei sono rappresentati dal punto di vista estetico come rappresentanti della bellezza⁷². Lo studio delle lingue, comunemente definito come linguistica, non è neanche esso estraneo a queste tendenze razziste, visto che spesso si considera la lingua come uno dei caratteri fondamentali di un popolo, che lo distingue dagli altri popoli. Indiscutibile è anche il ruolo svolto dalle scienze naturali.

La data che cambia l'approccio per Basso(2011) a tale studio è il 1848. Dopo di tale data infatti la borghesia, diventata pienamente classe dominante, ebbe l'esigenza di dare basi teoriche anche dal punto di vista biologico al suo dominio. L'autore che fondò questo nuovo approccio fu Lapouge, il quale credeva di poter riscontrare nella differente dimensione dei crani il differente valore della razza. Gli ariani sono accomunati dallo spirito di voler ottenere a qualunque costo le ricchezze. Ma dentro la razza dominante esistono comunque delle stratificazioni, che fanno sì che siano i membri dell'aristocrazia a dominare, essendo i migliori della società, opposti ai mediocri. Ma questo dominio è come per Gobineau a rischio a causa della commistione con razze inferiori, per questo motivo per evitare che ciò avvenga è necessario operare una selezione all'interno della classe dominante per definire una casta perfetta. Necessaria sarebbe anche un'aspra lotta contro l'immigrazione, accusata di infiltrare la razza “eletta”. Nello stesso periodo si assistette allo sviluppo dell'eugenetica, (Basso, 2011, p.56)

questa scienza meccanicamente ereditarista, conservatrice, pericolosamente penzolante verso la proclamazione della superiorità assoluta della razza anglo sassone o germanica, radicalmente convinta che la lotta tra le razze e la selezione infrarazziale a beneficio dei meglio dotati sia un'assoluta necessità.

71 Interessante notare come già all'aumento l'immigrazione fossero imputati tutti i mali della società.

72 Basti pensare a tutta la tradizione artistica del Rinascimento e del Barocco, dove spesso la bellezza è incarnata dall'europeo, mentre la bruttezza dai “barbari”.

Dunque la dottrina razzista è un prodotto proprio dell'Europa moderna, che con l'avvento della borghesia laicizza le fondamenta teoriche del suo dominio, sostituendo Dio con le scienze naturali, costruendo a partire dall'Illuminismo una sistematizzazione filosofica all'esercizio del suo potere. Dopo il 1848 la minaccia costituita a tale dominio dal ciclo di rivoluzioni che sconvolgono il continente europeo rende necessario costituire dunque una teoria razzista che ponga sullo stesso piano le classi subordinate e i popoli sottomessi dall'imperialismo e che eviti ad ogni costo il loro ricongiungimento.

I bianchi quindi sono la classe dominante, mentre i neri, i lavoratori e le donne sono destinati alla schiavitù. Per Basso(2011, p, 61): “All'origine di questo dogma c'è innanzitutto il processo di schiavizzazione violenta dei popoli di colore. È per questo che uno dei temi fissi dell'ideologia razzista è l'esaltazione della forza, o meglio, della violenza(e dello Stato). Con la forza sono stati sottomessi gli indigeni”. Tali popolazioni vennero destinate alla schiavitù, con la benedizione papale e l'appoggio neanche troppo velato delle monarchie europee. Gli indios erano presentati come privi di nerbo, privi di carattere, bestiali e inclini alla violenza e allo stupro. La colonizzazione delle Americhe è stato un elemento di importanza strategica per lo sviluppo del capitalismo occidentale, e dunque il razzismo diviene l'elemento con cui giustificare il colonialismo che a sua volta serve da base di accumulazione economica per il capitalismo. E non a caso sono gli stessi autori liberali, che difendono la libertà in patria a giustificare la schiavitù nelle colonie.

A guardare bene infatti il primo paese a sviluppare pienamente il capitalismo è l'Inghilterra, un paese in possesso di immense colonie. La descrizione dei popoli coloniali come inferiori, a volte come popoli con cervello da bambini, serviva proprio a legittimare tutto ciò. A tal proposito Fanon osservava come: “In realtà il razzismo obbedisce ad una logica implacabile. Un paese che vive e si sostenta sfruttando altri popoli, deve porli in stato di inferiorità. Il razzismo applicato a questi popoli è cosa normale”(FANON, 1971, vol. 1, p. 57). Fino a quando esisterà il colonialismo, in tutte le sue forme, è impossibile pensare a un superamento del razzismo.

Ma se il colonialismo ha attribuito il primo posto nella classifica dello sfruttamento, il secondo posto è indubbiamente dei lavoratori europei. L'economia politica classica si è da sempre impegnata a naturalizzare i rapporti di produzione capitalistici, senza alcun sguardo critico, proprio invece della teoria marxista, per la quale l'alienazione dell'operaio all'interno della produzione, che lo vede come mero esecutore degli ordini impartiti da altri, come fosse una mera appendice della macchina, ha secondo Marx(2015, p. 74) “quindi come conseguenza che l'uomo(l'operaio) si sente libero soltanto nelle sue funzioni animali, come il mangiare, il bere, il procreare, e tutt'al più ancora l'abitare una casa e vestirsi; e invece si sente nulla più che una bestia nelle sue funzioni umane”. Gli stessi autori liberali, da Locke a Costant, si premurano di presentare la società come “naturalmente”

diseguale, essendo i lavoratori manuali semplicemente in grado di fare mansioni ripetitive e quindi da escludere anche dalla cittadinanza. Per Basso(2011, p. 67): “Oltre alla organica inferiorità intellettuale, specie dopo il 1848, si attribuisce alla classe lavoratrice, o almeno alla sua frazione più marginale, anche un'altrettanto organica tendenza al crimine, al delitto, alla devianza”. E poi alla classe operaia si imputa anche l'immoralità delle condizioni in cui vive, vista la promiscuità in cui è costretta dai miseri salari che riceve.

Il taylorismo accentua questo processo, visto che la totale divisione che dispone tra lavoro manuale e organizzazione del lavoro, impone all'operaio un lavoro più simile alle bestie da soma piuttosto che quello di un essere umano. E lo stesso Taylor non manca di rimarcare nel suo testo classico quali siano le caratteristiche che quest'uomo-animale deve avere: prestanza fisica, disponibilità allo sforzo, totale ubbidienza ai suoi superiori e incapacità di comprendere le ragioni che stanno dietro a quest'immane sforzo(TAYLOR, 1975). Il fordismo e il successivo toyotismo non faranno altro che, sebbene in forme diverse, accentuare questo processo. Basso(2007, p.71):

Ecco quella che è stata chiamata la razzizzazione del lavoro operaio: se l'operaio è costretto a compiere un lavoro che gli è esterno; [...] ebbene questo si deve non all'organizzazione e divisione capitalistica del lavoro, [...] ma alla capricciosa duplicità della natura umana, che fabbrica in gran quantità uomini, o semi-uomini, come lui adatti solo al lavoro manuale e soltanto pochi veri uomini, veri uomini, adatti al lavoro spirituale.

Ma a rimanere escluse da questo processo di subordinazione non sono di certo le donne. Non è un caso, come vedremo, che la subordinazione della donna sia un tema pressoché fondamentale di tutte o quasi le teorie razziste. Soprattutto a partire dal XIX secolo, con le donne protagoniste dei sommovimenti sociali rivoluzionari, diviene necessario creare teorie che legittimino la loro subordinazione, che spazino dal campo sociologico a quello filosofico. Tra gli altri Moebius si distinguerà per la sua teoria volta a dimostrare l'inferiorità intellettuale di cui è dotata la donna in relazione all'uomo, a cui la Natura avrebbe garantito la superiorità(MOEBIUS,2021). L'inferiorizzazione della donna garantisce l'equilibrio della società patriarcale, permettendo al proletario, oppresso nel processo di produzione, di rifarsi nella vita domestica, opprimendo la sua compagna.

Per Weininger la donna sarebbe un essere naturale rivolto unicamente al sesso, non avendo coscienza né anima, ed essendo costretta dunque alla sottomissione all'uomo, unico sesso in grado di pensare oltre le mere funzioni riproduttive. Egli accosta la donna agli ebrei(altro tema ricorrente delle teorie razziste), anch'essi privi di anima e rappresenta un pericolo enorme nella possibile tra donne ed ebrei contro gli uomini(WEININGER, 2012), senza però arrivare a difendere la violenza contro di esse o lo sterminio contro gli ebrei, come faranno successivamente fascismo e nazismo. Tra gli altri Evola, tra i principali teorici del fascismo italiano, descriverà l'esistenza di due razze

distinte, uomini e donne(EVOLA, Rivolta contro il mondo moderno, 2014).

3.2 La particolarità del razzismo fascista: l'ambito spirituale

Il razzismo fascista non ha inventato nulla di nuovo ma, così come si è fatto in molti altri campi, si è limitato a riprendere teorie di vari autori, concentrando la sua attenzione sull'ambito spirituale, soprattutto con le tesi del già citato Evola. In ogni caso Evola stesso si rifaceva ad alcuni suoi illustri predecessori, tra cui va distaccato Nietzsche⁷³. Egli, di cui lo stesso Mussolini si dichiarerà studioso, parla delle razze distinguendole non nazionalmente, ma semplicemente dividendo l'umanità in una razza di signori destinata a dominare e una di schiavi, destinata a soccombere. In una natura infatti crudele l'unico motore della vita sociale è la volontà di potenza, che definisce una dura lotta per il dominio, distinguendo l'aristocrazia dalla massa destinata ad ubbidirgli. Per preservare la società e il suo ordine sociale è necessario che questa gerarchia sia preservata, a tutti i costi, evitando il prevalere delle impostazioni democratiche e egualitariste. Per questo motivo è necessario dichiarare guerra alla massa, per evitare proprio questa possibilità. E la massa che intende Nietzsche è evidentemente rappresentato dalla classe operaia, che minaccia a causa del suo numero e della sua capacità di organizzazione il dominio dei signori. I signori devono essere educati a questo dominio, da mantenersi con tutti i mezzi a disposizione possibili, fossero anche i più violenti(NIETZSCHE, 2001). La sua prospettiva sarà comune a quelli dei teorici spiritualistici della razza.

Il razzismo spiritualista di Evola non nasce però nel vuoto, ma riprende e approfondisce una tematica, quella razzista, già presente nell'Italia liberale post-1861, quando anche la nostra classe dirigente era desiderosa di conquistare una parte del continente africano, quello che rimaneva dalla spartizione messa in atto dalle grandi potenze coloniali. Il razzismo liberale si nutriva dei pregiudizi contro le popolazioni meridionali, contro le popolazioni africane e slave, considerate alla stregua di animali e non degne di alcun rispetto; il fascismo si limitò a riprendere tali tematiche, aggiungendo l'anti-ebraismo e estremizzando la questione dell'impero coloniale con le sanguinose campagne di Libia ed Etiopia.

Per giustificare la colonizzazione della Libia il liberalismo italiano difendeva l'ipotesi che essa servisse per trovare un posto di lavoro ai poveri disoccupati: “La nostra politica coloniale deve essere democratica, o non deve essere; essa deve procurare terra e lavoro ai nostri emigranti poveri, conservando loro una patria”(MOLA, 1980, p. 141). Il problema dello sterminio delle popolazioni autoctone non si poneva nemmeno visto che essendo inferiori tali popolazioni sono destinate comunque a perire. Mussolini aggiunse a ciò l'ipotesi che il fascismo fosse un liberatore dei popoli

⁷³ Sul ruolo di tale autore come precursore del fascismo e del nazismo pagine di grande rilevanza sono contenute in LUKACS, G., “*La distruzione della ragione*”.

etiopi, schiavi del negus: “L'Italia non aggredisce le popolazioni etiopiche, ma le libera, emancipa gli schiavi, ridistribuisce il grano razziato dalle orde del Negus, apre strade, istituisce ambulatori, protegge i bambini abbandonati, dà pane agli indigeni indigenti⁷⁴”(MUSSOLINI, 1939, p.38).

Il testo fondamentale di Evola è la “*Sintesi di dottrina della razza*”. E' stato indubbiamente difficile per il fascismo descrivere la razza italiana in termini “scientifici”, vista la tradizionale commistione di popoli e culture in Italia, per questo motivo Mussolini presentò il fascismo come legittimo erede spirituale dell'impero romano, e favorì la diffusione del testo di Evola per la sua sistematizzazione del pensiero razzista.

Il razzismo rappresenterebbe agli occhi di Evola un importante strumento del fascismo, capace di aggregare anche di più del semplice nazionalismo. Ma il razzismo evoliano non è semplicemente biologico, ma anche e soprattutto spirituale, distinguendo egli tra razze del corpo, dell'anima e dello spirito, creando così una gerarchia tra le razze stesse. Anche dentro la razza nordica, la più sviluppata tra tutte, esiste comunque una gerarchia. Evola(1941, p. 220-1)

Dal punto di vista nostro ogni interpretazione collettivistica dell'idea razziale va decisamente combattuta. Bisogna dunque saper vedere i limiti, oltre i quali l'identificazione di razza a nazione o popolo- utile come mito nei termini già precedentemente definiti- diviene pericolosa e persino pervertitrice. [...] In questo caso, il razzismo significherebbe davvero l'ultimo attacco della democrazia moderna contro i residui della precedente Europa gerarchica. [...] In nessuna civiltà la razza significò semplicemente “popolo”. Al contrario, la razza in senso superiore fu il contrassegno della nobiltà di fronte al semplice popolo e fu proprio la nobiltà ad anticipare la biologia e la cultura razziale.

La sua tesi è volta dunque a scacciare con forza la possibilità che dentro la razza dominante vi sia un'eguaglianza, come potrebbero far pensare alcune tendenze del fascismo, piuttosto bisogna che anche all'interno della razza dominante vi sia una netta discriminazione. Di qui gli elogi alle politiche discriminatorie del terzo Reich mentre degna di aspre critiche è la costituzione sovietica, dove la semplice appartenenza alla classe lavoratrice garantiva la cittadinanza allo straniero, mentre ne era escluso chi, pur appartenendo formalmente al paese, non sostenesse l'economia lavorando.

Non degne di attenzione sono invece le popolazioni di colore, le quali sono già considerate fuori dalle razze del discorso evoliano. Per completare il discorso sulle gerarchie tra appartenenti alla stessa razza per Evola(1941, p.180): “In senso specifico arya era essenzialmente una designazione di casta: si riferiva collettivamente all'insieme delle tre caste superiori [...] nella loro opposizione alla quarta casta, alla casta servile dei çudra-oggi forse si dovrebbe dire- alla massa proletaria”. Perciò i proletari dovrebbero essere subordinati ai suoi superiori così come i servi indiani facevano nella società castale. Ovviamente per disegnare tale quadro Evola deve rifuggire l'ambito della scientificità delle sue teorie, inventando termini come superazza, super mondo ecc.

74 MUSSOLINI, B. “*Un impero per l'Italia*”, p.38.

“Una giustificazione in termini umani non c'è! Il piano risolutivo della questione razziale risulta quindi quello irrazionale che non vuol dire però, irrealista, poiché anche questa irrazionalità è dotata di materialità, in quanto si fonda su dati rapporti sociali, dati politiche, dati processi psicologici, etc.”(EVOLA, 2011, p.92)

La concezione razzista e spiritualista di Evola prevede un certo grado di attivismo, perché la nuova razza di italiani dominatori deve ancora essere creata. Un ruolo estremamente importante è attribuito in questo contesto allo Stato, che nella concezione organicistica di Evola(1941, p. 93) sarebbe “come una forza in una certa misura trascendente che forma, articola, ordina dall'alto il tutto sociale, come un'entelechia, cioè un principio vitale organizzatore e animatore”. Per questo motivo diviene fondamentale rafforzare il ruolo dello Stato facendo fede alla massima mussoliniana che voleva “tutto nello Stato, niente al di fuori dello Stato, nulla contro lo Stato”(MUSSOLINI, 1932, p. 214).

Ovviamente il nazismo rappresenta l'apice della tradizione razzista del XX secolo. Per necessità di sintesi non potremo produrre un'analisi dettagliata di questo fenomeno, limitandoci a descrivere per sommi capi gli elementi fondamentali della concezione nazista della società, come descritti nel Mein Kampf(HITLER, 2018). Nel suo testo fondamentale il futuro Führer della Germania descrive un'umanità formata da razze di diverso valore. Tra di esse la più importante e sviluppata, destinata a comandare sulle altre, è quella ariano-germanica. Il nemico giurato di tale razza è il marxismo, per la sua concezione egualitaristica fondata sulla collaborazione tra i popoli e sulla solidarietà tra i lavoratori, e non sulla guerra fratricida tra essi. Al marxismo viene associato anche l'ebraismo (vittima come sappiamo di discriminazioni e deportazioni in Italia dopo l'approvazione delle leggi razziali del 1936), perché i grandi banchieri ebrei sarebbero dietro ad un progetto volto a distruggere la Germania e venderla sul mercato finanziario. Per contrastare questo progetto sarebbe stato creare uno Stato razziale, etnicamente puro, che “Deve mettere la razza al centro della vita generale. Deve darsi pensiero di conservarla pura. [...] Deve fare in modo che solo chi è sano generi figli”(HITLER, 2018, p.43). La razza deve divenire il fattore di aggregazione nazionale, e una politica di sterminio contro tutti gli elementi “estranei” a questa razza deve essere messa in atto su larga scala⁷⁵. Sono questi gli elementi principali della dottrina razzista del nazismo.

3.3 Il razzismo contro i migranti nell'attualità

Negli ultimi decenni si è assistito ad una recrudescenza del razzismo contro gli immigrati, sia come vedremo dal punto di vista legislativo dei singoli Stati, sia per quanto concerne gli episodi di intolleranza contro i migranti⁷⁶. Il secondo dopoguerra era stato caratterizzato da giganteschi

⁷⁵ Cosa ciò abbia significato in termini di deportazione e conseguente sterminio di ebrei, zingari, comunisti, omosessuali ecc. è elemento che appartiene ormai alla storia.

⁷⁶ Le cronache dei giornali sono state piene, soprattutto ma non solo in coincidenza con governi guidati dalla destra in

processi di de-colonizzazione, portando le ex colonie europee all'emancipazione politica e economica dai vecchi colonizzatori, spesso attraverso lotte molto lunghe guidate da movimenti di liberazione nazionale. Tali sonore sconfitte avevano contribuito a creare anche nei grandi paesi capitalistici movimenti di contestazione alle guerre, giudicati inutili e dannose⁷⁷. Nello stesso periodo si assistette a imponenti lotte sindacali e per l'emancipazione della donna che, unendosi ai movimenti contro le guerre coloniali, obbligando il razzismo di Stato almeno momentaneamente, sulla difensiva. “Ma non da oggi è in corso una contro-offensiva neo-coloniale, neo-liberista e neo-patriarcale che sta mettendo in discussione quelle(limitate) acquisizioni, materiali e morali, che potevano sembrare raggiunte in via definitiva⁷⁸”(BASSO, 2011, p.125). A livello dei popoli oppressi questo processo ha comportato un mantenimento formale dell'indipendenza politica ma al tempo stesso un aumento della dipendenza economica attraverso le politiche di indebitamento promosse dal FMI.

Per quanto concerne i migranti si è assistito negli ultimi decenni ad un processo di loro totale criminalizzazione, presentandoli come portatori di malattie, potenziali stupratori ecc⁷⁹. Uno dei principali momenti di questo processo è stata la modalità con cui i mass media occidentali hanno descritto la guerra che negli anni 90, con la partecipazione diretta dei paesi Nato tra cui anche l'Italia, ha insanguinato l'ormai ex Jugoslavia. Tra gli autori che hanno riportato in auge il tema del razzismo, cercando di dargli una base “scientifica”, Basso individua Herrnstein e Murray. In uno studio pubblicato nel 1994 essi individuano una differenza di QI tra bianchi e neri, elemento fisso e non passibile di cambiamenti. “Il punto di vista di Herrnstein e Murray può essere così sintetizzato: l'intelligenza è un fattore che dipende in modo determinante dall'eredità, e gioca un ruolo fondamentale nel conseguimento delle mete socio-economiche così come nella genesi delle patologie sociali”(BASSO, 2011, p. 128). In particolar modo essi considerano il QI come un fattore ereditario, che cresce in relazione alla composizione del nucleo familiare. Senza nessun dato scientifico a supporto si presenta la genetica come unico fattore che definisce il carattere di un individuo e anche eventualmente la sua capacità o meno di vivere in società. Per evitare il tracollo, generato dall'aumento della popolazione con QI basso, è necessario costruire uno Stato che tuteli gli strati sociali con maggior quoziente intellettuale(HERNSTEIN R. MURRAY, C, 2010).

Più sfumata, ma non meno pericolosa, è la posizione di Alan de Benoist(2007). Egli non si definisce razzista, perché non ritiene che esistano gerarchie tra le razze, ma che comunque esistano differenze tra le razze, per questo è necessario tenerle il più possibile distinte l'una dall'altra. Per

Italia, di episodi di violenza anche grave contro i migranti, spesso legittimata o minimizzata dalle forze al governo.

77 Basti pensare al grande movimento di contestazione alla guerra del Vietnam sorto negli Stati Uniti.

78 BASSO, P. “*Razze schiave e razze signore*”, p. 125.

79 L'ultima menzogna è un inventato piano Kalergi, volto a procedere ad una sostituzione etnica che rimpiazzasse la forza lavoro europea con quella immigrata, più incline all'obbedienza e più a buon mercato.

Basso(2011, p.132): “Dunque, questo presunto neo-razzismo ribadisce, tanto per gradire, due punti fermi del razzismo di sempre: la centralità della razza e la fobia della mescolanza tra le razze⁸⁰”. Ruolo importante è attribuito anche alla cultura, intesa come elemento fondamentale della razza.

La differenza tra le culture è apparentemente presentata come qualcosa di positivo ma al tempo stesso ogni cultura viene considerata come indipendente dalle altre, come se non esistessero commistione e reciproche influenze tra le differenti culture. E infatti si dichiara che “esiste un legame logico tra il riconoscimento della diversità fondamentale degli esseri e il riconoscimento dell'ineguaglianza- ogni differenza è in qualche modo valorizzante- che ne consegue nel caso delle cose concrete”(DE BEINOST, 1983, p.42). Ovviamente ciò significa che le culture non sono uguali tra loro e dunque non possono avere lo stesso valore. E questo perché il concetto di cultura rimette a quello di nazione, considerata come una comunità organica a cui si è obbligati ad aderire. Quindi le nazioni sono diverse tra loro e destinate a confliggere l'una con l'altra. L'autodeterminazione di alcune di esse significa necessariamente la sottomissione di altre. Ma il suo grande sogno rimane quello di(DE BEINOST, 1981, p.281) “vedere l'Europa farsi a sua volta minacciosa, crearsi attraverso una nuova casta che la reggerà, una volontà unica, formidabile, capace di perseguire uno scopo per migliaia di anni[...] al fine di mettere un termine alla troppa lunga commedia della sua piccola politica”. La difesa dell'Europa, intesa come istituzione unica e non conflittuale, sarà il cardine delle politiche europee di chiusura delle frontiere e di discriminazione dei migranti operate anche dal nostro paese, come vedremo nella prossima parte di questo capitolo.

3.4 Il razzismo istituzionale in Italia dopo la crisi del 2008

Tra le forme che l'allora governo di centro-destra ha assunto per rispondere allo scoppio della crisi economica nel 2008(che come abbiamo visto in precedenza in realtà rimette almeno agli anni 70 del secolo scorso per definirne l'inizio), c'è stato l'ennesimo tentativo di incolpare i migranti di questa crisi, elaborando un “Pacchetto sicurezza” con l'obiettivo di presentare l'immigrazione come un problema di ordine pubblico. L'idea che gli immigrati vogliano “invadere” il territorio italiano per rubare i “nostri” posti di lavoro è tanto più odiosa per la tradizione storica di emigrazione dal paese e secondo Ferrajoli(2010, p. 118) “è in contraddizione vistosa con tutti i principi più elementari della nostra tradizione liberale: l'uguaglianza, i diritti umani, la dignità della persona e soprattutto, [...], il diritto di ciascun essere umano di emigrare”. Quest'ultimo è sempre stato rivendicato dalla tradizione liberale, per giustificare la colonizzazione europea del mondo(LOCKE, 2007). La parzialità con cui è stato utilizzato, permettendo solo agli occidentali di emigrare nel resto del mondo e non il contrario, non gli fa perdere però la sua validità universale.

Ma in particolare con il decreto legge 94 del 2009 non solo si è negato il diritto a emigrare,

80 BASSO, P. “*Razze schiave e razze signore*”, p. 132.

ma si è introdotta una fattispecie giuridica nuova, determinando una situazione per la quale l'essere irregolare in Italia significa commettere un reato, quello di "clandestinità", costringendo il migrante irregolare ad aver paura di qualsiasi pubblico dipendente(dal medico al poliziotto), che potrebbe denunciarlo. Con questa legge di fatto l'immigrato, come qualunque altra persona, non viene più condannato per ciò che ha fatto, ma per ciò che è, un irregolare.

E tale legge ha lasciato peraltro ampio spazio ad ulteriori restrizione contro i migranti, con le ordinanze che sono state fatte dai sindaci a livello locale, e che hanno riguardato ad esempio la necessità per gli immigrati di ulteriori requisiti rispetto a quelli richiesti agli italiani per l'accesso a programmi sociali⁸¹. Ha assunto evidenti tratti di incostituzionalità anche la prassi collaudata dei respingimenti in mare, che ha significato un considerevole aumento delle morti in mare e la negazione del diritto di asilo politico per migliaia di individui. In più per Ferrajoli(2010, p.122): "quei respingimenti hanno violato l'art 13.3 comma della nostra Costituzione, e cioè la garanzia dell'habeas corpus. Essi si sono infatti risolti in accompagnamenti coattivi, [...] e quindi in una violazione della libertà personale al limite del sequestro di persona". E per ultimo è stata ulteriormente inasprita la detenzione per gli immigrati irregolari nei CIE portata da due a sei mesi, in assenza di previa condanna da parte dell'autorità giudiziaria.

Tutte queste tendenze ci sembra stiano ad indicare un vero e proprio razzismo istituzionale, che assume forme diverse a seconda del governo in carica, ma in ogni caso tende a perpetuare l'immagine di un migrante come semplice "cosa" e non persona. Ovviamente così facendo si crea nel sentire comune l'idea che gli immigrati valgano meno degli italiani, inculcando così nella popolazione un pensiero razzista e spingendo gli immigrati ai margini della società.

In ogni caso, lungi dal costituire una novità, quest'ondata di razzismo istituzionale si inserisce nel contesto globale di precarizzazione della forza-lavoro, come mezzo del capitale per scaricare su di essa i costi della crisi. "Nella diffusione della guerra agli immigrati l'Italia svolge un ruolo di guida, specialmente in materia di provvedimenti statali, di socializzazione di politiche della paura e di promozione del razzismo di massa"(PEROCCO, 2010, p.388) . In tal modo, come detto, si cerca di scaricare sugli immigrati i le responsabilità della crisi, mistificando evidentemente la realtà.

Essi sono inoltre sottoposti da un lato ad un processo di esclusione sociale, dall'altro a un processo di assimilazione obbligatoria, senza che in cambio dell'accettazione di non meglio specificati "valori" gli siano garantiti diritti sostanziali. Per questo motivo è necessario evitare qualsiasi forma di integrazione tra lavoratori immigrati e italiani.

81 In diversi comuni ad esempio è stata richiesto un certificato di nullatenenza nei paesi d'origine per richiedere la mensa gratuita a scuola.

E dunque tale “ondata” di razzismo non può certamente essere considerata solo conseguenza della pur netta vittoria del centro-destra alle elezioni politiche del 2008. Per Perocco(2010, p.391). “Essa è l'esito di un lungo processo sociale, articolato e multidimensionale, maturato negli anni, nei decenni precedenti; in particolare è il risultato dell'inasprimento di politiche, pratiche, discorsi, negli anni passati costantemente ostili agli immigrati”. In tal modo agli immigrati è stato possibile applicare un regime giuridico diverso da quello degli italiani.

La legge Martelli del 1990 ha costruito l'impianto normativo-giuridico su cui si sono basate, sebbene con alcune sfumature, le leggi sull'immigrazione successive ad essa e fondate su tre pilastri: riduzione del numero degli ingressi “regolari” in Italia, il legame tra domanda e offerta di lavoro e il controllo della parte datoriale sull'iter per la regolarizzazione⁸². La legge Bossi-Fini del 2002 ha ulteriormente inasprito la situazione, vincolando il mantenimento del permesso di soggiorno al possesso di un regolare contratto di lavoro che, in un contesto di precarietà crescente, rende ancora più ricattabile il lavoratore. Ciò ha avuto come risultato quello di far sì che gli immigrati trovassero collocazione lavorativa nei segmenti più precari e mal retribuiti del mondo del lavoro. Perocco(2010,p.394):

Ciò ha portato alla razzializzazione del mercato del lavoro, processo sostenuto dalla combinazione di alcune dinamiche particolari: la concentrazione degli immigrati in specifici comparti e lavorazioni, determinata dai dispositivi specializzanti e selettivi del mercato del lavoro; la chiamata continua di nuove popolazioni di recente migrazione, meno radicate e meno organizzate, in sostituzione di popolazioni di vecchia immigrazione.

Il razzismo, istituzionale e non, contro gli immigrati comincia perlomeno negli anni Novanta., quando il processo di stabilizzazione degli immigrati arrivati nei decenni precedenti prende più vigore. Tale razzismo, come vedremo, colpisce di volta in volta gli immigrati che si stanno cominciando ad integrare, per evitare che tale processo si compia. Secondo Perocco(2010, p.398) “Quindi prima i marocchini [...], poi gli albanesi, i cinesi, gli jugoslavi sono oggetto di specifiche campagne di odio. Si assiste in questo modo alla messa in campo di un razzismo anti-arabo, anti-slavo, anti-cinese, ognuno dotato di una propria retorica, di un proprio sistema di immagini”. Così facendo gli immigrati vengono presentati come un entità a parte, incapaci di integrarsi. Va invece notato come i luoghi comuni contro gli immigrati rimangano più o meno gli stessi, anche se cambia la nazionalità di origine. Normalmente sono descritti come dediti al furto, alla violenza, alla criminalità più in generale. Le donne invece vengono descritte sempre come domestiche o prostitute, a causa dell'alto numero di esse che lavorano nelle case come badanti o colf e di quelle che sono costrette a prostituirsi perché vittime della tratta di esseri umani. Le badanti

⁸² Anche l'ultima regolarizzazione del maggio 2020 ha previsto che fosse il datore di lavoro a richiedere la regolarizzazione dell'immigrato da lui occupato, e non il lavoratore stesso a richiederla.

“sul piano dei provvedimenti normativi godono di un trattamento un po' meno sfavorevole da parte dello stato, costretto ad ingraziarsi le famiglie italiane, sulle quali ha scaricato la distruzione dello stato sociale” (PEROCCO, 2010, p. 402)

Comunque sia, gli immigrati non sono stati semplici soggetti passivi di questo processo, ma, anche se in forma minoritaria negli anni 90, hanno cominciato ad organizzarsi per rivendicare i propri diritti. Abbiamo visto nello scorso capitolo come ci siano state importanti lotte per la regolarizzazione degli “irregolari”, contro i centri di detenzione ecc. Proprio per rispondere a questi tentativi, pur embrionali, di organizzazione, si sono determinati i dispositivi legislativi culminati nel Pacchetto sicurezza del 2009.

Ma la “necessità” di tale dispositivo legislativo è stata preparata da una campagna di stampa cominciata nell'estate del 2006. Perocco(2010,p. 406):

Gli attacchi degli anni precedenti [...] costituiscono, e forniscono, il meccanismo collaudato per una campagna di denigrazione in grande stile che inizia nel 2006 e culmina nel 2008; rispetto alle precedenti, questa penetra più a fondo nella massa della popolazione e raccoglie ampi consensi anche negli strati sociali fino ad allora non particolarmente astiosi contro gli immigrati.

A livello locale si assiste ad un fiorire di ordinanze contro gli immigrati, che vanno dalla costruzione di muri per separare gli “immigrati” dagli italiani a limitazioni per coloro che chiedono l'elemosina. L'obiettivo di tali decisioni è quello di presentare gli immigrati come responsabili della situazione di disagio sociale che gli italiani sono costretti a vivere.

La legge del 2009 non opera dunque un reale cambiamento nella politica migratoria ma per Perocco(2010, p. 410) “Si può parlare, piuttosto, di una sistematizzazione di un'accanita politica anti-immigrati,(più che anti-immigrazione) caratterizzata dall'impegno attivo delle istituzioni nella loro demonizzazione, e assurta a elemento caratterizzante della politica nazionale tout court”. A partire da dispositivi come questi gli immigrati debbono sentirsi “subalterni”, ospiti di un luogo che non potrà mai appartenergli veramente, mentre si legittimano indirettamente tutti gli atti di violenza di cui sono vittime, ad opera di fascisti o forze dell'ordine.

Dal punto di vista culturale invece gli immigrati vengono invitati ad aderire ai valori dell' “italianità”, per evitare di essere emarginati. Scompare così qualunque possibilità di vedere riconosciuta la propria identità, dovendo semplicemente accettare quella che gli viene cucita addosso. Agli italiani viene invece descritta una realtà nella quale essi si troverebbero in una condizione di superiorità, minacciata dagli immigrati, da cui dovrebbero guardare con sospetto misto a disprezzo. In più la propaganda si differenzia a seconda della classe sociale: se al ceto medio in crisi viene presentata la concorrenza degli imprenditori immigrati come sleale e gli immigrati come potenziali ladri dei loro patrimoni, alla classe lavoratrice gli immigrati vengono descritti come responsabili della riduzione dei salari e della precarietà crescente. Perocco

(2010,p.415):

La posizione di tipo istituzionale e di difesa dell'interesse nazionale tenuta dal sindacato, l'indebolimento oggettivo del movimento operaio, il grave peggioramento della condizione lavorativa e sociale della massa della popolazione, sono alcuni dei fattori che hanno l'attecchimento del razzismo e della xenofobia in questa fascia sociale. Verso di essa la classe dominante e lo stato hanno esercitato il massimo sforzo possibile per convincerla che i suoi interessi coincidono con quelli della classe dominante, delle imprese, della nazione.

In questo movimento alla classe lavoratrice si chiede di essere parte attiva della lotta contro gli immigrati, portandola a dare fiducia a forze politiche che fanno del razzismo e della xenofobia i propri punti-cardine. Allo stesso “esercito industriale di riserva” di marxiana memoria è stato proposto di prendersela con chi sta peggio di lui, per evitare di spartirsi con esso le briciole che la classe dominante così generosamente gli concede.

Ovviamente le cause dello sviluppo di questo razzismo, come detto anche in precedenza, sono molteplici. Innanzitutto come visto nella seconda parte di questo capitolo, il razzismo comincia in Italia con il colonialismo prima e il fascismo poi, contribuendo a sedimentare un pregiudizio contro gli immigrati, considerati “naturalmente” subalterni. A tale razzismo si è unito storicamente un razzismo contro i meridionali, considerati indolenti, non inclini al lavoro e vittime negli ultimi decenni di campagne d'odio da parte della Lega Nord, poi replicate contro gli immigrati.”Nel processo di riproduzione sociale, la disuguaglianza su base nazionale, che si è prodotta grazie anche al razzismo, è stata a sua volta portatrice di attitudini razziste e discorsi xenofobi⁸³”(PEROCCO, 2010, p. 418). E quindi è riuscito ad essere allo stesso tempo causa ed effetto dei pregiudizi contro gli immigrati.

Uniti a ciò vi è un'oggettiva convenienza a contrattare immigrati da parte di molte aziende, per la loro maggiore ricattabilità, utilizzando a tal fine il razzismo per legittimare la loro subalternità; la necessità di contrastare i tentativi di organizzazione degli immigrati per l'esercizio dei propri diritti, il peggioramento delle condizioni di vita di parte della popolazione, che favoriscono lo sviluppo di movimenti politici che fanno della xenofobia e del razzismo un loro cavallo di battaglia⁸⁴. In ogni caso, come vedremo, la risposta da parte degli immigrati non si è fatta attendere, rompendo quella divisione tra lavoratori autoctoni e stranieri, che è funzionale al mantenimento di livelli salariali più bassi e ad un aumento dello sfruttamento.

3.4.1 Caratteri specifici del Pacchetto Sicurezza

Il Pacchetto sicurezza, approvato dal governo di centro-destra nel maggio 2009, è composto da un insieme di dispositivi legislativi(Ferrero, 2010, p. 423)

83 PEROCCO, F. “*L'Italia, avanguardia del razzismo europeo*” in BASSO, P. “*Razzismo di Stato*”, p. 418.

84 Si pensi in Italia a partiti come la Lega, oggi diventato un partito con vocazione nazionale, a Fratelli d'Italia, in Europa pensiamo a partiti come il Front National.

un decreto legge che: introduce un'inedita aggravante di status per coloro che commettono un reato trovandosi in Italia in posizione irregolare, escludendoli anche dal beneficio della sospensione della pena nei casi in cui è generalmente prevista; [...] due decreti legislativi correttivi delle norme di attuazione delle direttive comunitarie in materia di esame delle domande di asilo e di ricongiungimento familiare. [...] un disegno di legge che arriva a prevedere, tra l'altro, il reato di clandestinità e l'ampliamento del tempo di detenzione amministrativa da novanta a ben centottanta giorni.

Molte delle norme ivi contenute presentano diversi aspetti che rendono dubbia la loro costituzionalità. Ad esempio, l'espulsione dello straniero che abbia commesso un reato con pena superiore a due anni, lede il diritto all'unità del nucleo familiare in cui lo straniero è inserito come stabilito dalla Convenzione europea dei diritti dell'uomo⁸⁵. Anche l'aggravio di pena per chi essendo irregolare commettesse un reato, lede il diritto all'uguaglianza di tutti i cittadini stabilito all'articolo 3 della Costituzione. Viene poi introdotto il dispositivo “che punisce chiunque cede a titolo oneroso un immobile di cui abbia la disponibilità ad un cittadino straniero irregolarmente soggiornante nel territorio dello Stato”(FERRERO, 2010. p.425), con l'obiettivo di scoraggiare la cessione di un immobile, anche previo pagamento, ad un potenziale clandestino e limitando fortemente la possibilità per gli immigrati di ottenere un alloggio con un regolare contratto di locazione. Tali dispositivi sono stati ulteriormente inaspriti dalla legge del luglio 2009, che sembravano indicare l'esigenza di fare provvedimenti “slogan”, piuttosto che quella di risolvere i problemi. Tra le norme più assurde vi è quella che proibisce la registrazione dei figli all'anagrafe per i genitori che siano irregolari, privando così il bambino nascente di numerosi diritti. (Ferrero,2010, p.428):

Che la compressione dei diritti di alcuni, prima o dopo comporti il sacrificio dei diritti di tutti è reso evidente in particolare da due norme: innanzitutto la previsione che obbliga gli stranieri che vogliono celebrare il loro matrimonio in Italia a esibire il permesso di soggiorno. [...] In secondo luogo, l'introduzione della verifica dell'idoneità igienico-sanitaria dell'iscrizione anagrafica.

Ma l'elemento peggiore è indubbiamente l'introduzione del reato di “clandestinità”. Con questo reato l'immigrato non viene più punito per quello che fa ma per quello che è, un irregolare. Per Ferrero(2010, p.425): “Ciò che appare più grave è l'introduzione della delazione come compito istituzionale che l'introduzione del reato di ingresso e soggiorno irregolare provoca, rendendo obbligatoria la denuncia da parte di ogni pubblico ufficiale o incaricato di pubblico servizio”. Tutto ciò non ha fatto che aggravare, come vedremo, la condizione di subalternità degli immigrati e la loro emarginazione, favorendo il loro sfruttamento da parte di caporali, italiani e stranieri, che svolgono il ruolo di tramite con i loro datori di lavoro.

Ma, sicuramente, tali dispositivi hanno raggiunto l'obiettivo che si erano prefissati. Infatti, diversamente dalle leggi precedenti, che miravano in qualche modo a favorire l'integrazione dell'immigrato in modo subalterno con una difficile ma non impossibile regolarizzazione, il

⁸⁵ Cfr. <https://www.studiperlapace.it/documentazione/europconv.html>.

Pacchetto sicurezza ha avuto come obiettivo esplicito quello di rendere praticamente impossibile tale regolarizzazione.

Per Perocco(2010, p. 435): “Il punto di svolta decisivo, sia sul piano normativo, sia sul piano della concreta applicazione delle procedure di ingresso e soggiorno, è costituito dalla copertura politica fornita ai pubblici poteri dalla lotta al terrorismo internazionale, assunta ad assoluta priorità dopo i fatti dell'11 settembre⁸⁶”. Il pacchetto sicurezza non ha fatto altro che aumentare l'impostazione criminogena degli immigrati che era stata introdotta con la legge 155/2005, creando di fatto una situazione istituzionalizzata di emarginazione degli immigrati.

3.5 L'Islamofobia come strumento del razzismo istituzionale

Gli immigrati di religione musulmana cominciarono a stabilirsi nel continente europeo già nel secondo dopoguerra, principalmente in Francia, mentre in Italia tale immigrazione è più recente. Secondo Perocco(2010, pp. 467-8) “Si tratta, però, di una presenza stabile, organizzata, plurale, composita, che ha seguito forme flessibili di inserimento sociale nei diversi contesti sociali di arrivo. In particolare questi immigrati sono protagonisti di un importante processo di radicamento sociale”. Non da subito i rapporti tra autoctoni e immigrati sono stati negativi, anzi inizialmente i rapporti di scambio erano buoni. Gli immigrati definirono le loro prime forme di organizzazione, sindacali e culturali. In più cominciavano a ricostituirsi i nuclei familiari, tramite la possibilità di richiedere il ricongiungimento.

È a partire dagli anni 90 però che cominciano gli attacchi mediatici contro gli immigrati., concentrandosi sulla questione della loro integrazione.”Sulla base di questo presupposto l'integrazione è ritenuta inevitabilmente problematica, irraggiungibile, impossibile, a causa della differenza radicale di cui sarebbero ancestralmente depositari”(Perocco, 2010, p.470). Tra i soggetti politici invece sarà la Lega Nord ad approfittare di queste campagne in chiave elettorale. Dunque i mass media da un lato presentano gli immigrati come naturalmente tendenti ad escludersi dall'integrazione, mentre la Lega nord si spaccia come custode delle tradizioni cristiane, minate dall'immigrazione musulmana⁸⁷. Interessante è notare come tra le motivazioni addotte vi fossero da un lato l'esigenza di tutelare la laicità dello Stato, dall'altro di tutelare i valori cristiani, dimostrando l'assoluta inconsistenza delle argomentazioni.

L'attentato alle Torri gemelle dell'11 settembre 2001 ha rappresentato il momento cardine di un salto di qualità del razzismo, che ha visto in tutti i musulmani potenziali terroristi, indipendentemente dalle loro origini nazionali e religiose. L'immaginario mediatico viene riempito

86 FERRERO M. “*Il pacchetto sicurezza: dall'integrazione subalterna degli immigrati alla loro criminalizzazione*” in BASSO, P. “*Razzismo di Stato*”, p. 435.

87 Ad esempio il 15 ottobre 2000 la Lega ha organizzato una manifestazione contro i musulmani con più di 20.000 persone a Milano vedi: <https://www.repubblica.it/online/politica/bossibari/lodi/lodi.html>

di studiosi, o presunti tali, dell'Islam che secondo Perocco(2010, p.477): “fucinano un complesso di idee, tesi, concetti, attraverso il quale costruiscono la categoria storica e dai tratti caricaturali del “musulmano” [...] e danno legittimazione alla razzizzazione dell'appartenenza religiosa mediante la sovrapposizione di religione,razza e cultura”. I partiti politici della destra italiana ne hanno approfittato per allargare il proprio bacino di consenso elettorale, grazie anche alla partecipazione alle manifestazioni politiche di soggetti riconducibili all'estrema destra neofascista.

La fase politica corrispondente al secondo governo Berlusconi(2001-2006) si è contraddistinta per diversi provvedimenti volti a definire un vero e proprio razzismo “istituzionale”, come ad esempio una Carta dei valori da sottoscrivere per ottenere la cittadinanza italiana, o le sanatorie, che nelle regolarizzazioni tendevano a favorire gli immigrati provenienti dall'Europa orientale, a scapito di coloro che provengono dai paesi africani e medio-orientali. A livello locale le giunte a guida leghista producono atti volti a limitare le occasioni di socialità per gli immigrati, proibendo soprattutto l'utilizzo delle sale di preghiera. Anche nel mercato del lavoro “si registra una spinta alla marginalizzazione dei lavoratori arabo-musulmani, [...] I lavoratori maghrebini sono oggetto di una selezione escludente, legata al clima anti-arabo, ma anche ad un loro atteggiamento di resistenza allo sfruttamento agito spesso attraverso la pratica sindacale”(PEROCCO, 2010, p. 482).

L'immigrazione diviene dunque in questa fase il tema fondamentale, concentrando tutta l'attenzione mediatica e non solo. Questa spinta all'emarginazione degli immigrati musulmani li spinge spesso alla radicalizzazione, vista come chiave per affermare un'identità altrimenti negata. Per Perocco(2010, pp. 483-4): “Il recupero di un linguaggio e di una veste religiosa per esprimere i bisogni e le istanze sociali è ripreso,[...] dal discorso dominante, il quale, ribaltando il rapporto tra causa ed effetto, conferma la vocazione di queste popolazioni all'auto-ghettizzazione, all'incapsulamento comunitario”. Da un lato quindi gli immigrati vengono emarginati, dall'altro se esprimono un'identità vengono accusati di non volersi integrare. Dopo il 2001 in particolar modo viene archiviata qualsiasi possibilità di dialogo con la comunità musulmana, scegliendo la strada della negazione dell'identità di tale comunità.

La citata “*Carta dei valori, della cittadinanza e dell'integrazione*”⁸⁸ ha rappresentato il tentativo di dare una cornice teorico-giudiziale al tentativo di determinare un'assimilazione degli immigrati in forma subordinata. L'Italia viene definita come comunità di persone e valori, che avrebbe le sue radici nella tradizione classica greco-romana e nel cristianesimo. Ma d'altra parte “I valori su cui si fonda la società italiana sono frutto dell'impegno di generazioni di uomini e di donne di diversi

88 Cfr. <http://www.libertaciviliimmigrazione.dlci.interno.gov.it/it/documentazione/circolari/carta-dei-valori-della-cittadinanza-e-dellintegrazione>

orientamenti, laici e religiosi, e sono scritti nella Costituzione democratica del 1947⁸⁹”. Tali valori sarebbero la lotta al totalitarismo e contro l'anti-semitismo. Inoltre viene detto che gli immigrati dovrebbero rispettare i valori italiani, senza però definire quali essi siano. Agli immigrati vengono riconosciuti diritti sociali ma non diritti civili, escludendoli dall'esercizio del voto. Secondo Perocco(2020, p. 489)“Si parla inoltre di parità tra uomo e donna. Il riferimento è all'islam, of course, come se nella nostra società tra gli italiani e le italiane, compresa la legislazione [...] vi fosse effettiva parità”. Positivi sono invece i richiami al rispetto del pluralismo culturale, senza però che venga esplicitato come raggiungerlo. Anche sulla libertà religiosa si trovano affermazioni positive ma all'Islam in ogni caso non viene concesso il diritto all'esercizio di tale libertà.

Nel sottolineare l'importanza di tutelare la libertà religiosa di tutte le confessioni, anche dell'Islam, non vogliamo in alcun modo difenderne i caratteri retrogradi di questa e di molte altre confessioni, ma semplicemente sottolineare l'ipocrisia di chi vorrebbe tutelare la libertà di espressione solo della sua religione e non delle altre.

Il razzismo contro i musulmani, come abbiamo visto, non è cosa recente. Riassumendo “In realtà la questione di fondo, ma messa in luce solo di rado, è la dominazione coloniale e neocoloniale del mondo arabo-islamico – in loco e in emigrazione- e la sua demonizzazione perpetua”(PEROCCO, p.491). Tale fenomeno è però funzionale al perpetuarsi della subordinazione e alla creazione di un fossato di differenze tra lavoratori italiani e immigrati per giustificare il differente livello di diritti e salari.

3.6 Violenza contro gli immigrati: il volto crudele del razzismo istituzionale

La violenza contro gli immigrati ha assunto nel corso degli anni forme e modalità differenti. La prima forma con cui si è manifestata è la pratica dei respingimenti in mare e più in generale con tutte le politiche volte a definire un'esternalizzazione delle frontiere europee. Per Pettenò(2010, p.529)“La militarizzazione e la chiusura delle frontiere marine non è riuscita ad ottenere la rinuncia ad intraprendere il viaggio da parte delle popolazioni del Sud del mondo, fungendo più da filtro che da ostacolo insormontabile”.

Si è arrivati però al punto di denunciare per favoreggiamento dell'immigrazione clandestina i pescatori che, rispettando l'antica legge del mare, aiutavano i migranti che si trovavano sulle navi in difficoltà. Diversi sono stati così gli episodi di morti in mare, che si sarebbero potuti evitare con una diversa gestione dei soccorsi⁹⁰. Tali morti non hanno contribuito né contribuiscono in nessun modo a ridurre le partenze, ma sono utili sicuramente a preparare gli immigrati allo scenario che li aspetta

89 Carta-dei-valori-della-cittadinanza-e-dell'integrazione p.1.

90 Tra gli altri, particolarmente grave fu quello che avvenne nell'ottobre del 2013, dove morirono quasi 400 migranti. Vedi: https://www.ansa.it/sito/notizie/speciali/2018/10/03/il-3-ottobre-2013-a-lampedusa-la-piu-grande-tragedia-dellimmigrazione_7506a9e5-fcc1-472d-ba5d-00525d474243.html

in Italia. Il rischio, come detto nel capitolo precedente, è comunque un rischio calcolato, inferiore il più delle volte a quello di rimanere nei paesi di origine. “La brutalità delle polizie nord-africane non si può spiegare solo o principalmente con i governi dispotici che le guidano: esse rispondono anzitutto ad un preciso mandato proveniente dalle coste nord del Mediterraneo”(PETTENÒ, 2010, p.531). La Spagna ad esempio ha stipulato accordi con il Marocco per evitare le partenze, l'Italia invece nel 2017 come detto con la Libia, accordi confermati da tutti i governi successivi, dimostrando la continuità della politica migratoria. Nell'ultimo anno, il 2020, il numero delle morti in mare ha superato le 3000 unità, bilancio ampiamente sottostimato vista l'impossibilità di conoscere con esattezza il numero di persone che realmente erano a bordo delle imbarcazioni provenienti dalla costa nordafricana⁹¹. Il numero degli immigrati che arrivano “clandestinamente” in Italia via mare è comunque molto inferiore a quelli che arrivano regolarmente per terra, ma il concentrare l'attenzione sugli arrivi via mare serve per giustificare i provvedimenti contro l'“invasione”.

Altra fonte di violenza sono i centri di detenzione degli immigrati, che hanno cambiato diversi nomi, senza che cambiasse la sostanza di prevaricazione e di reclusione priva di basi giuridiche. La detenzione in tali centri ha visto la sua durata aumentare progressivamente, dai 30 giorni iniziali ai 180 attuali. Per Pettenò(2010, p.535):“I CPT introdussero per la prima volta nel contesto giuridico italiano la detenzione amministrativa, prevedendo la privazione della libertà personale senza aver commesso reati, che si è declinata in terribili maltrattamenti e in sottrazione di rapporti ed effetti personali”. Nel corso degli anni questi centri sono aumentati di numero e dimensione, avendo l'obiettivo di costituire una minaccia a cui sottoporre tutti gli immigrati che si trovano in una condizione di potenziale irregolarità.

Dopo oltre venti anni dall'istituzione di tali centri (i primi furono istituiti con la legge Turco-Napolitano del 1998) è difficile darne una definizione precisa. Ondeggiano tra il carcere, per le loro caratteristiche detentive, e il lager, per la carenza di regole certe, e il grande spazio lasciato all'arbitrio dei “gestori” di questi centri. Secondo Pettenò(2010, p. 536)“La funzione dei CPT-CIE è, dunque, duplice: da una parte completare il sistema che tenta di mantenere la forza lavoro immigrata in posizione subalterna e discriminata [...] dall'altra costituire un'occasione di profitti”. Diversi sono stati infatti gli scandali che hanno riguardato le cooperative incaricate di gestire questi centri, spesso fatti oggetto di guadagni illeciti⁹².

Per quanto concerne invece le immigrate, esse sono oggetto di una violenza forse meno appariscente, ma ancor più grave, quella della tratta a cui sono sottoposte e la prostituzione come

91 Cfr. per i dati di questa triste contabilità <https://sicurezzainternazionale.luiss.it/2020/12/20/immigrazione-oltre-3-174-migranti-morti-nel-2020/>

92 Cfr. ad esempio https://www.ilgazzettino.it/nordest/padova/migranti_inchiesta_coop_viceprefetti-4405456.html

“professione” a cui sono obbligate da coloro che magari nei loro paesi di origine si erano ripromessi di aiutarle. I dati sulle esatte dimensioni di questo fenomeno sono difficili da ottenere, ma si tratta con ragionevole certezza di decine di migliaia di donne, spesso ancora minorenni⁹³. Quando si parla di tali fenomeni si tende a focalizzare l'attenzione mediatica solo sugli immigrati che organizzano la prostituzione e poco o nulla sui “clienti” in stragrande maggioranza italiani. Interessante è notare come si intenda risolvere il problema: “escludere la prostituzione da alcuni luoghi pubblici, previamente stabiliti in via generale, quando la tutela di interessi comuni a tutti diventi prevalente [...] Non configurando la violazione come reato, ma applicando una sanzione pecuniaria alla prostituta e al cliente⁹⁴”. Come si vede da questa breve citazione il problema sembra essere il dove avvenga la prostituzione, piuttosto che il come e il perché dello sfruttamento; in ogni caso ciò fornisce il quadro di una totale subalternità della donna, ancor più se immigrata, meno incline, almeno teoricamente, a lottare per affermare i suoi diritti.

Ma è nel mondo del lavoro che la violenza contro gli immigrati ha assunto la sua dimensione più drammatica. Secondo Bales essi vivrebbero una situazione di schiavitù, nonostante abbiano un contratto, vista la violenza che subiscono, l'impossibilità di muoversi in assenza dei documenti e il fatto di avere un salario di molto inferiore a quello previsto dalla legge (BALES, 2002). Tutti questi elementi producono un alto tasso di infortuni sul lavoro degli immigrati. “Nel mercato del lavoro gli immigrati occupano tendenzialmente i gradini più bassi per via della maggiore costrizione al lavoro, della ridotta capacità di contrattazione sociale della propria forza lavoro, del difficile riconoscimento della formazione acquisita nel paese di origine” (PETTENÒ, 2010, p.543), finendo così per essere collocati nei settori peggiori del mercato del lavoro, da quello agricolo al lavoro di cura domiciliare.

Normalmente essi hanno contratti con meno ore dei loro colleghi italiani, più precari e sotto-inquadrati, rendendo una necessità ineludibile fare ore extra. Sommate a ciò vi sono: la necessità di fare rimesse verso le famiglie che vivono nei paesi di origine, la difficoltà di viaggiare per vedere la propria famiglia e l'esigenza di rispettare standard reddituali alti per ottenere il ricongiungimento familiare.

Per questo, gli infortuni degli immigrati sono molto superiori a quelli dei loro colleghi italiani a parità di mansione. Questo perché (Pettenò, p. 546):

Al momento dell'inserimento nel mercato del lavoro, i lavoratori immigrati sono costretti dal minore potere di contrattazione a subire una doppia esposizione al rischio, trovando impiego nei settori a maggiore tasso infortunistico e, all'interno di questi settori, subendo una più alta incidenza di infortuni rispetto ai lavoratori autoctoni perché più esposti a rischi

93 Per alcuni dati si può fare riferimento a <https://www.savethechildren.it/blog-notizie/tratta-e-sfruttamento-italia-crescita-lo-sfruttamento-sessuale>

94 MINISTERO DELL'INTERNO- OSSERVATORIO SULLA PROSTITUZIONE E SUI FENOMENI AD ESSA CONNESSI, “*Relazione sulle attività svolte*”, p.93.

specifici per via delle mansioni loro affidate.

Tra i settori più a rischio vi sono quello delle costruzioni, dei trasporti e della ristorazione, settori in cui più numerosi sono gli incidenti. Secondo l'INAIL, nel 2007, prima dello scoppio della crisi, gli immigrati nonostante costituissero meno del 10 per cento della popolazione attiva, avevano subito il quindici per cento degli incidenti mortali⁹⁵, un dato questo che non ha fatto che aumentare nel corso degli ultimi anni. Le modalità con cui avvengono questi incidenti sono tra le più varie, ciò che hanno in comune è però la pressoché totale assenza di tutele per chi li subisce. Spesso gli immigrati quando subiscono infortuni vengono abbandonati dai propri datori di lavoro di fronte al pronto soccorso, oppure se muoiono vengono abbandonati in piena campagna; tale trattamento non è “esclusivo” degli immigrati, a rimanerne vittima sono anche lavoratori e lavoratrici italiane⁹⁶.

Ma molto spesso i lavoratori, italiani e non, non conoscono direttamente il proprietario dell'azienda per cui lavorano, riuscendo ad ottenere lavoro attraverso dei “caporali”, intermediari del rapporto di lavoro, che trattengono parte del compenso per questa loro attività. Non sono solo soggetti che vivono nell'illegalità a fare ciò, un ruolo importante nella copertura di rapporti di lavoro solo apparentemente “legali” è svolto dalle grandi agenzie per il lavoro private(SOUHAMORO, 2019), e spesso le forze dell'ordine sono conniventi con questa situazione, facendo poco o nulla per evitarla, anzi in più occasioni, come vedremo, sono intervenute per difendere la parte datoriale nel caso in cui fossero scoppiati scioperi o manifestazioni per ottenere migliori condizioni di lavoro.

Ovviamente con situazioni salariali simili anche le abitazioni in cui vivono gran parte degli immigrati sono precarie e/o fatiscenti. Molti sono coloro i quali sono costretti a vivere in vere e proprie baracche, al ridosso delle città in cui si recano per lavorare. Ad aggravare tale situazione vi è la violenza della popolazione locale, che può arrivare fino all'omicidio.⁹⁷ Anche solo la ricerca di una casa per coloro che possono permettersela risultare difficile per gli immigrati, tra veti sugli affitti agli immigrati da parte dei proprietari di casa, a leggi che tendono a sfavorire l'ottenimento di un'alloggio regolare da parte degli immigrati. Essi “subiscono una maggiore costrizione in materia di alloggio per via di quel contratto di soggiorno che prescrive rigidamente lavoro e residenzialità, legandoli in modo inscalfibile alla permanenza in Italia”(PETTENO', 2010, p.555). Le situazioni di disagio a cui sono costretti gli immigrati sono costretti vista la loro precarietà lavorativa ed

95 Cfr. INAIL, “Rapporto annuale sull'andamento infortunistico”, 2007.

96 Tra i casi più eclatanti vi è quello di Paola Clemente, morta nell'estate 2015 mentre lavorava per 2 euro l'ora nei campi dove si raccoglie l'uva in Puglia. Cfr. su questo caso:
https://www.repubblica.it/cronaca/2015/08/18/news/morta_nei_campi_per_due_euro_l_ora_la_mia_paola_merita_giustizia_-121150267/?ref=search

97 Nel 2018 a rimanere vittima fu un sindacalista dell'USB, Sacko, il quale venne ucciso a fucilate mentre cercava lamiere e copertoni abbandonati per costruire la sua baracca. Vedi
https://www.repubblica.it/cronaca/2018/06/04/news/migrante_ucciso_a_fucilate_in_calabria_incendio_nella_vecchia_tendopoli_e_oggi_sciopero_dei_braccianti-198089266/

esistenziale diventano occasione di martellamento mediatico-politico, da parte di chi confonde volutamente tra causa ed effetto.

Per chi invece lavora come domestica o badante la situazione si fa ancora più pesante, visto che luogo di lavoro e abitazione tendono a coincidere. Secondo Pettenò(2010, p.557): “In caso di irregolarità la casa diviene ben presto un'istituzione totale all'interno della quale la lavoratrice trova rifugio e simultaneamente l'incatenamento ad una condizione servile: è difficile uscire persino per le incombenze più semplici come gli acquisti”. I rischi infortunistici legati a questo tipo di lavoro sono legati all'allungamento della giornata lavorativa, l'assenza di un proprio spazio per il riposo e il continuo controllo da parte del proprio “datore” di lavoro, provocando spesso patologie derivanti dallo stress subito(CHIARETTI, 2005).

Inoltre, nonostante i crimini in Italia siano in diminuzione⁹⁸, gli immigrati vengono dipinti come “naturalmente” dediti al crimine. Spesso nei rapporti annuali del ministero dell'Interno, così come nell'ultimo citato, alcune nazionalità vengono descritte come maggiormente dedite al crimine di altre, in affari spesso con i gruppi criminali italiani, senza però rilevare che è proprio l'attuale legislazione in materia di immigrazione che produce irregolarità e favorisce l'ingresso nella criminalità degli immigrati irregolari, (PETTENÒ, P. 561):

La criminalizzazione subita in questi termini sommamente istituzionali, che costituisce una evidente forma di violenza simbolica, psichica e morale, si trasforma in violenza fisica immediata attraverso la privazione della libertà [...] e attraverso pestaggi innescati dal clima xenofobo di caccia agli importatori del malessere.

Infine la scuola è l'ultimo dei luoghi dove si esercita la violenza razzista delle istituzioni. Questo perché spesso i figli degli immigrati, in difficoltà di apprendimento per la diversa madrelingua, vengono posti ai margini della classe, scontando così ritardi che molto difficilmente si appaiano nei cicli scolastici successivi a quello primario⁹⁹. In più spesso l'immaginario di cui si nutrono i testi scolastici per bambini è intriso di razzismo, soprattutto per quanto riguarda una presunta minore capacità di apprendimento dei bambini figli di immigrati¹⁰⁰.

3.7 Il lavoro degli immigrati nei campi e la loro lotta contro il razzismo istituzionale

La realtà attuale del lavoro nelle campagne italiane, ma potremmo allargare lo sguardo a quello europeo, fatta di rapporti semi-schiavistici e di inteso sfruttamento della manodopera immigrata ma non solo, non è qualcosa di esterno alla realtà internazionale, ma di perfetto inserimento in essa. Secondo Borretti(2010, p. 494) “Quello agricolo è un limpido esempio della salda commistione tra

98 Cfr. <https://www.istat.it/it/archivio/252815>

99 Cfr. <https://www.conibambini.org/osservatorio/alunni-stranieri-oltre-la-meta-e-in-ritardo-alle-superiori-2/>

100 Vedi a tal proposito: <https://www.today.it/attualita/bambino-nero-libro-polemica-razzismo.html> e https://milano.repubblica.it/cronaca/2021/04/01/news/glazie_plego_facciamo_plesto_nel_libro_per_le_elementari_i_bambini_cinesi_parlano_cosi_polemica_su_twitter-294699310/?ref=RHTP-BH-I0-P1-S8-T1

potere politico, istituzioni statali ed internazionali imperialistiche e multinazionali. Proprio i principali paesi [...] si caratterizzano, su tale versante, per politiche di attento sostegno alle imprese agricole interne”. Questo settore è fortemente sovvenzionato a livello europeo tramite i fondi della PAC volta a contenere l'espansione sul suolo europeo dei prodotti OGM provenienti dal mercato statunitense, spesso con inferiori standard qualitativi. Ciò crea dei problemi per i contadini che lavorano nei paesi del cosiddetto Terzo mondo che privi di sovvenzioni da parte dei propri Stati sono costretti a ridurre ulteriormente i loro margini di guadagno.

Dopo la crisi economica del 2007-8, che ha fatto esplodere la “bolla” immobiliare, molti investitori finanziari hanno rivolto la loro attenzione al mercato dei beni primari, che ha visto di recente anche l'acqua essere messa in borsa¹⁰¹. Borretti(2010, pp. 496-7):

L'intera filiera del settore primario, [...], è raffigurabile come una clessidra, con una base di produttori più ridotta rispetto a quella dei consumatori, ma dove i passaggi intermedi a maggior valore aggiunto- quelli più profittevoli, sono controllati dalle multinazionali del collo di bottiglia che, grazie al proprio potere economico e direzionale, finiscono per influenzare pesantemente i mercati dell'intera filiera produttiva e commerciale, e finanche le abitudini alimentari, la tipologia delle merci agricole reperibili sul mercato, la vita dei produttori da un lato e dei consumatori dall'altro.

Anche in agricoltura, così come nell'industria, la marxiana legge di centralizzazione dei capitali si afferma con forza, attraverso la possibilità per pochi grandi aziende di definire i prezzi per l'intero settore. L'Italia è stata parte di questo processo, con una progressiva riduzione del numero degli occupati e del numero delle aziende attive nel settore agricolo. Le aziende che contrattano sono secondo il rapporto INEA, una ridotta minoranza(circa il 5 per cento) ma sono in costante aumento(INEA, 2009). In tal modo “i piccoli produttori sono sempre più soggetti agli ordinativi flessibili delle grandi aziende della distribuzione che oltre a fare il prezzo e condizionare il tipo di coltura, impongono anche ritmi di lavoro e tempi di consegna”(BORRETTI, 2010, p.499).

Abbiamo visto nei paragrafi precedenti come le legislazioni italiane in materia di immigrazione siano funzionali al mantenimento degli immigrati in una posizione subordinata e contrapposta a quella degli italiani, in modo da contrastare possibili fenomeni di solidarietà e mantenere livelli salariali differenziati. In tal modo gli immigrati vengono prima condannati all'emarginazione sociale a vivere in condizioni di degrado, e poi vengono accusati di voler vivere in quelle condizioni. Secondo Borretti(2010, p.501):“La legislazione razzista è, dunque, l'anello di congiunzione tra il razzismo di stato e quello popolare, perché produce letteralmente le condizioni sociali di legittimità sia della narrazione ufficiale che delle pratiche di aggressione e rifiuto [...], provenienti dal basso”.

Quando poi si mettono alla ricerca di un lavoro, gli immigrati nell'agricoltura spesso

101 Cfr. <https://www.greenme.it/consumare/acqua/acqua-borsa-mercati-azionari/>

debbono ricorrere a soggetti che fungano da intermediari, i cosiddetti “caporali”. Provo su questa definizione nel suo libro l'ex sindacalista Souhamoro analizza come il caporale non sia solamente colui che illegalmente trattiene una quota del salario del lavoratore, ma tale funzione sia svolta anche “legalmente” dalle agenzie per il lavoro private che, create con il pacchetto Treu(la prima riforma che ha introdotto la precarietà nel paese) hanno assunto progressivamente un ruolo centrale in molti settori del mercato del lavoro(SOUHAMORO, 2019). In ogni caso va rilevato come spesso nelle campagne in alcuni settori si preferisca impiegare donne piuttosto che uomini, per la loro minore conflittualità e per la maggiore ricattabilità¹⁰². I ritmi di lavoro, come descritto nel libro citato, sono estremamente elevati: si lavora una media di dodici ore al giorno, tutti i giorni, per paghe misere di poche decine di euro, di cui una parte spesso va al caporale. La spirale ribassista sui prezzi imposta dalle grandi compagnie di distribuzione impone di fatto ai piccoli e medi produttori un sistema di prezzi imposti invece che contrattualizzati, imponendogli in un certo senso di scaricare sulla propria forza-lavoro la riduzione del proprio margine di guadagno¹⁰³.

In aggiunta a ciò molto spesso gli immigrati che lavorano nelle campagne sono pagati a cottimo, ossia in funzione della prestazione svolta, subendo così una costante pressione per aumentare i ritmi, al fine di aumentare il ben magro salario. Per Pala(2006, pp. 30-2):“Dato il salario a cottimo, è naturalmente interesse personale del lavoratore, quindi, impegnare la propria forza-lavoro con la maggiore intensità possibile, il che facilita al capitalista un aumento del grado normale dell'intensità e della condensazione”. Ciò è ancor più esplicito in questo settore, dove gli immigrati di fatto sopravvivono con quel poco che guadagnano. Nelle campagne non esiste infatti un orario di lavoro definito contrattualmente, ma tutto dipende dalle “necessità” del raccolto portando spesso gli immigrati a sentirsi male a causa degli eccessivi sforzi che hanno fatto. Secondo Borretti(2010, p.509):“Il consumo entropico della forza-lavoro spinto a questi livelli è possibile soltanto grazie alla disponibilità di un enorme esercito salariale di riserva pronto a fornire immediatamente braccia più fresche e più forti di quelle logorate”. Inoltre il tempo necessario per raggiungere i campi non viene conteggiato e spesso gli immigrati non hanno una pausa pranzo.

3.7.1 Le rivolte degli immigrati nelle campagne

Negli anni successivi alla crisi del 2007-8 sono scoppiate diverse rivolte degli immigrati contro gli atti di razzismo di cui erano vittime in diversi luoghi del paese. La prima di esse scoppia a Castel Volturno, una città in provincia di Napoli dove dopo alcuni decenni di speculazione edilizia vi era una alta concentrazione di immigrati che lavoravano nella zona, attratti dai bassi prezzi

102 Cfr. ad esempio <http://www.adir.unifi.it/rivista/2013/ragusa.htm>

103 A tal proposito ha fatto molto notizia una protesta di pastori sardi nel 2019, che versavano il loro latte per terra, contestando la riduzione quasi a zero dei loro guadagni. Vedi <https://tg24.sky.it/cronaca/approfondimenti/pastori-sardi-protesta-latte-sardegna-perche>

dell'affitto. Molti di essi lavoravano nel settore agricolo o nel settore edilizio mentre una minoranza collaborava con la criminalità organizzata italiana della zona nell'ambito dello spaccio e dello sfruttamento della prostituzione. “Le violenze contro gli immigrati si susseguono sistematicamente da anni. I fermenti di ostilità della popolazione autoctona si mescolano a quelli ispirati alle logiche del dominio e della cultura camorristica”(BORRETTI, 2010, p.512). Ma l'episodio scatenante avviene il 18 settembre 2008, quando diversi colpi di mitra e pistole vengono esplosi da un commando camorristico provocando la rivolta degli immigrati del posto, arrabbiati per essere stati dipinti tutti e indistintamente come spacciatori¹⁰⁴. La polizia reagisce a questa situazione presidiando militarmente il territorio e espellendo i cosiddetti “irregolari”.

La seconda di esse ha avuto luogo in due riprese tra il 2008 e il 2010 nella piana di Gioia Tauro, in Calabria, altra zona di agricoltura e criminalità. Storicamente il numero di lavoratori regolarmente occupati nella zona è estremamente basso mentre migliaia sono i migranti che irregolarmente lavorano nella raccolta delle arance. Secondo Borretti(2010, p.515):“Negli ultimi decenni, l'economia locale e le dinamiche interne alle classi sociali hanno prodotto degli stravolgimenti importanti. I vecchi braccianti autoctoni oggi sono diventati piccoli proprietari. Oggi sono loro alla ricerca di forza-lavoro immigrata da impiegare nei campi”. Gli immigrati che vi lavorano non sono residenti, ma migrano in relazione al raccolto da fare, vivendo in situazioni sempre al limite del disagio. La violenza che scatena la rivolta matura nel contesto della progressiva sostituzione degli immigrati di origine africana con quelli provenienti dall'Est Europa disposti ad accettare un minor salario. Nel gennaio del 2010 scatta dunque il pogrom contro gli immigrati, a colpi di pistola, a cui segue la conseguente rivolta degli immigrati. Dopo una caccia all'uomo contro gli immigrati essi vengono trasferiti in massa e viene distrutto il deposito che avevano eletto a abitazione di fortuna¹⁰⁵.

Diverse sono state le interpretazioni che si sono date di queste rivolte, da quelle quasi pietiste di parte del centro-sinistra, a quelle evidentemente reazionarie del centro-destra a trazione leghista, fino a quelle che hanno voluto spiegare gli atti di violenza come motivate dalla necessità di espellere la manodopera immigrata in eccesso nelle campagne del Sud Italia, proveniente dal Nord, dove aveva lavorato nell'industria, prima dello esplodere della crisi del 2008.

“A nostro avviso, questa spiegazione a dir poco parziale. Dapprima, va fatto notare come gli immigrati siano stati vittime di violenze, soprusi, furti, rapine, aggressioni sin dagli iniziali insediamenti nei primi anni 90”(BORRETTI, 2010, p.519), dimostrando l'incosistenza della teoria

104Cfr. https://www.corriere.it/cronache/08_settembre_19/rivolta_castelvoturno_immigrati_de6698dc-8635-11dd-bef9-00144f02aabc.shtml

105<https://www.lastampa.it/cronaca/2010/01/08/news/la-rivolta-nera-di-rosarno-1.37028179>

che vorrebbe rintracciare elementi di novità in questi episodi. Ancor meno credibile è l'ipotesi che la criminalità organizzata non sia coinvolta nemmeno marginalmente in questi eventi, visti gli interessi economici di cui è portatrice.

Le rivolte descritte in precedenza sono stati eventi spontanei, non organizzati in cui gli immigrati hanno cercato di manifestare la loro volontà di non essere trattati come bestie e lavorare come schiavi. Esse non hanno avuto, almeno all'inizio, un programma ben definito di lotta, ma si limitavano ad individuare i nemici contro cui combattere, coloro che gli negavano diritti e riconoscimento. Secondo Borretti(2010, p.522): “L'auto-difesa collettiva, dunque, è uno strumento irrinunciabile della lotta di classe anti-razzista, un momento pratico di un processo di ricostituzione della conflittualità dei lavoratori ed è stata anche, [...] un attacco alla proprietà privata di chi li sfrutta ogni giorno”. Il 31 gennaio del 2010 i lavoratori immigrati delle campagne di Rosarno si sono costituiti in assemblea e hanno fatto un appello di denuncia e rivendicazione¹⁰⁶.

Ma lo sfruttamento degli immigrati nelle campagne non si è nel frattempo fermato, così come le lotte. Dopo le elezioni del marzo 2018 l'ascesa di Salvini alla guida del Ministero dell'Interno ha coinciso con la recrudescenza delle violenze contro gli immigrati nelle campagne del Sud Italia. A farne le spese nell'estate del 2018 è stato Soumaila Sacko, sindacalista dell'USB, ucciso mentre raccoglieva materiali abbandonati per costruire la propria baracca¹⁰⁷. Il suo omicidio ha prodotto un imponente sciopero il 4 giugno che ha visto la solidarietà di buona parte dei lavoratori delle campagne circostanti e una raccolta fondi per riportare la sama di Sacko nel suo paese natale, il Mali.

Ma tali condizioni di vita e lavoro, come detto, non sono esclusiva unicamente degli immigrati, anche molti italiani, soprattutto donne, lavorano nelle campagne in condizioni di semi-schiavitù. Tutto ciò determinato secondo Souhamoro anche dall'assenza di una reale riforma agraria, storica rivendicazione del PCI di Di Vittorio, che permettesse di superare l'attuale condizione di concentrazione delle terre che, in assenza di un conflitto sociale rivendicativo su questo tema, fa apparire il capolarato come unico problema, mentre è appena la punta dell'iceberg(SOUHAMORO, 2019).

Per risolvere strutturalmente tali problemi sarebbe necessario per Souhamoro definire un programma rivendicativo fondato su pochi punti cardine, chiari ed efficaci: ad uguale lavoro deve corrispondere uguale salario, il rispetto degli obblighi contrattuali da parte delle controparte datoriale e la regolarizzazione di tutti gli immigrati che attualmente vivono in Italia, per

¹⁰⁶Cfr. <http://www.integrazionemigranti.gov.it/Documenti-e-ricerche/CampaniaDossier%20Radici%20Rosarno%202012%20FondazioneIntegrazione.pdf>

¹⁰⁷https://www.repubblica.it/cronaca/2018/06/04/news/migrante_ucciso_a_fucilate_in_calabria_incendio_nella_vecchi_a_tendopoli_e_oggi_sciopero_dei_braccianti-198089266/

permettergli di sfuggire al ricatto del mancato rinnovo del permesso di soggiorno in caso di perdita dell'impiego; infine vincolando gli aiuti dei fondi europei al rispetto dei diritti dei lavoratori((SOUHAMORO, 2019, CAP.6).

Più in generale si tratterebbe di rimettere al centro la dignità della persona umana, calpestata dallo sfruttamento proporzionato dal sistema capitalistico, recuperando una dimensione globale del conflitto sociale e sindacale, data la mondializzazione del sistema produttivo e le dinamiche di dumping sociale che si innescano tra i differenti paesi, al fine di attrarre investimenti. Infine Souhamoro definisce la necessità di lottare per la redistribuzione della ricchezza globalmente prodotta, vista la crescente concentrazione di essa nelle mani di sempre meno persone in sempre meno paesi, avendo come bussola il diritto alla felicità((SOUHAMORO, 2019, Conclusione). Sebbene tale programma abbia elementi rivedibili, soprattutto quando sembra avere come obiettivo una impossibile “umanizzazione” del capitalismo, rimane importante perché definisce obiettivi chiari per un movimento di lotta in crescita come quello dei lavoratori delle campagne, come dimostrato dai recenti scioperi nel settore¹⁰⁸.

3.8 Prospettive della lotta contro il razzismo

Abbiamo visto negli scorsi paragrafi come nel corso degli ultimi decenni e, soprattutto dopo lo scoppio della crisi nel 2007-8, ci sia stata una martellante campagna di governi di diversi colori e schieramenti politici, volti a presentare gli immigrati come responsabili di tutti i problemi del paese, in modo da scaricare la crescente tensione sociale su soggetti più ricattabili e collocati appositamente ai margini della società e presentare il problema della “sicurezza” come quello centrale. Per Basso(2010, pp. 607-8):“Nel varare in serie provvedimenti contro le popolazioni immigrate, gli stati e i governi europei si sentono addirittura abilitati a presentarsi come meri esecutori della volontà popolare, persino preoccupati, così affermano, di temperarla”. Le condizioni di vita e lavoro sono peggiorate costantemente negli ultimi decenni(FANA, 2017), rendendo i lavoratori più sensibili alle sirene xenofobe e razziste dei partiti di governo. E tale peggioramento non è patrimonio proprio solo dell'Italia, ma anche di paesi come la Germania e la Francia, dove si è assistito nel corso degli ultimi anni, in corrispondenza con l'aumento della precarietà lavorativa, alla crescita di movimenti razzisti e a tratti neofascisti¹⁰⁹.

La precarietà esistenziale ha prodotto in tutta Europa il fenomeno degli “working poor”, lavoratori che, pur avendo un lavoro, non ricevono da esso un salario sufficiente per non essere poveri, raggiungendo già centinaia di migliaia di lavoratori in tutta Europa¹¹⁰. Condizione più grave

¹⁰⁸<https://www.ilfattoquotidiano.it/2020/05/21/decreto-rilancio-i-braccianti-in-sciopero-contro-i-termini-della-regolarizzazione-spot-per-mera-utilita-di-mercato-non-e-lotta-allo-sfruttamento/5808344/>

¹⁰⁹Si pensi a riguardo a AFD(Alternativa per la Germania) e alla crescita del Fronte nazionale in Francia.

¹¹⁰Cfr. <https://www.secondowelfare.it/primi-welfare/lavoro/working-poor-in-europa-10-lavoratori-sotto-la-soglia-di->

riguarda le donne, che oltre a scontare uno storico divario salariale dai loro colleghi di sesso maschile, sono state gravate dalla fine del Welfare state anche dall'assistenza ai familiari anziani.

Tali soggetti, che non trovano più sostegno nei partiti che tradizionalmente avevano il loro consenso, che li hanno abbandonati a favore di varie figure del lavoro autonomo e per abbracciare l'ideologia neoliberista si sono dunque rivolti in modo consistente ai partiti della destra tradizionale, che svestiti almeno in parte le vesti più vicine al fascismo, hanno fatto della lotta contro l'immigrazione il loro cavallo di battaglia¹¹¹. In realtà di nuovo nella loro propaganda non vi è nulla, la novità è rappresentata semmai dal consenso che incontrano nei quartieri popolari e periferici. Basso(2010,p.612):

Tale ascolto si spiega anzitutto con il fatto quanto mai concreto che lavoratori autoctoni e immigrati sono effettivamente in concorrenza tra loro in un gran numero di attività lavorative e molto spesso gli imprenditori preferiscono gli immigrati perché costano meno, accettano(per stato di necessità) orari più lunghi e più scomodi [...]. Se e fin tanto che sia i lavoratori autoctoni che quelli immigrati restano in balia del mercato, questi ultimi esercitano sui primi una involontaria ma reale concorrenza al ribasso, anche per quello che concerne i diritti acquisiti.

A fare eco a questi movimenti e partiti politici sono stati anche i grandi mezzi di comunicazione, dai giornali alle televisioni passando per i social network, dove prima dello scoppio della pandemia da Covid-19 il tema dominante era l'immigrazione, con tutti i suoi potenziali “pericoli”. Oltretutto va rilevato come l'immigrazione nei confronti dei paesi occidentali, lungi dall'essere terminate, sono destinate a crescere inevitabilmente a causa del peggioramento delle condizioni di vita nei paesi di origine dei migranti, a causa dei risvolti economici delle chiusure, pur necessarie, per contrastare il diffondersi della pandemia da Covid-19¹¹².

Ovviamente ciò non implica che esista una qualche forma di automatismo tra una condizione economica negativa e il sostegno a politiche razziste. Ciò che è sicuro è che le politiche anti-immigrazione dei governi europei non produrranno alcun “beneficio” per i lavoratori, ma anzi, una volta divisa meglio la classe lavoratrice, saranno l'antipasto di attacchi ai lavoratori “autoctoni”¹¹³. Nell'impossibilità di competere con i due colossi Stati Uniti(in declino) e Cina (in ascesa) gli Stati europei avranno come unico strumento per uscire dalla crisi quello di ridurre ulteriormente i salari, aumentando il tasso di sfruttamento della forza-lavoro. Basso(2010, p.617):

Inoltre la sfrenata corsa ai nazionalismi e sub-nazionalismi di cui si alimenta la aggressione alle popolazioni immigrate, si sa dove comincia, non dove finisce. O meglio, si sa che proprio qui in Europa, e a partire dall'Europa, lo scatenamento dei nazionalismi è finito nel

[povert-un-progetto-per-combattere-le-dis.html](https://www.poveri.it/povert-un-progetto-per-combattere-le-dis.html)

111 In Italia ad esempio la Lega, storico partito independentista(sosteneva la secessione del Nord produttivo contro il Sud sanguisuga) è diventato con Matteo Salvini un partito nazionalista, che cela il suo razzismo dietro lo slogan “Prima gli italiani”.

112 Cfr. <https://stranieriinitalia.it/attualita/lamorgese-in-aumento-flussi-di-migranti-dalla-libia-serve-intervento-dellue/>

113 Basti pensare che il decreto Sicurezza Salvini del 2018 ha trasformato in reato il blocco stradale e il corteo non autorizzato, storici strumenti di lotta del movimento sindacale.

secolo scorso in devastanti e tragiche guerre generali.

Le stesse politiche repressive sul territorio, come sgomberi di abitazione abusive o obbligo di allontanamento per gli “irregolari” non hanno prodotto che ancora più disagio e marginalità, dimostrando come dietro la propaganda non vi sia nessuna intenzione di risolvere i problemi, anzi l'obiettivo è quello di aggravarli. Anche questo continuo riaffermare una presunta superiorità della civiltà europea, mascherando secoli di colonialismo e esproprio delle ricchezze naturali e non solo dei paesi colonizzati, è funzionale solo a mettere i lavoratori gli uni contro gli altri¹¹⁴.

In questo senso esistono segnali di controtendenza, a partire dal fatto che le condizioni di vita e lavoro dei lavoratori autoctoni si stanno progressivamente, in peggio, avvicinando a quelle degli immigrati, rendendo sterile il dibattito volto a contrapporli. In più vi è una maggiore compresenza tra italiani e stranieri nei luoghi di lavoro, nella scuola per il tramite dei figli e nei sindacati, “che stempera e fa passare in secondo piano le diversità culturali, religiose, di costume, ed esalta ciò che, pur nella perdurante differenziazione gerarchica delle loro posizioni sociali e giuridiche, accomuna [...] i lavoratori immigrati e i lavoratori autoctoni”(BASSO, 2010, p. 621) Anche nelle città, soprattutto in quelle più grandi, esiste una maggiore integrazione tra lavoratori italiani e non, che cominciano a vivere negli stessi quartieri.

Sebbene questi accenni di multiculturalismo che cominciano a determinarsi siano indubbiamente importanti, un approccio unicamente multiculturalista, che non si integri con la lotta contro il razzismo istituzionale, rischia di essere insufficiente. E questo perché l'approccio multiculturalismo classico(GALLI, 2006),tende a scindere il piano della lotta culturale da quello della lotta contro le sovrastrutture economiche e politiche, non riuscendo a spiegare perché il multiculturalismo sia così avversato dalle élite socio-economiche del paese, che vedono con timore la possibilità che si realizzi realmente quest'unità dei lavoratori, che metterebbe a rischio l'attuale ordine sociale, fondato sulle gerarchie di razze e classe(BASSO, 2010).

Unica soluzione contro questo razzismo istituzionale e “popolare” è dunque Basso(2016, p.625):

L'autorganizzazione delle popolazioni e dei lavoratori immigrati resta la prima forza contro questo sistema delle discriminazioni razziali, e agli italiani è richiesto, [...] di appoggiarlo attivamente, senza porre alcuna conduzione preliminare. E la parità, il tema della parità di trattamento a tutti i livelli e in tutti i campi, va rilanciato senza alcun timore revenziale nei confronti della naturalizzazione delle disuguaglianze che oggi impazza.

Gli episodi del passato di solidarietà tra lavoratori immigrati ed autoctoni fanno ben sperare al riguardo. Indubbiamente oggi la classe lavoratrice è estremamente frammentata al suo interno e arretrata ideologicamente, ma ciò non esclude aprioristicamente che le cose possano cambiare ed

114 Cfr. https://milano.corriere.it/notizie/politica/18_gennaio_15/attilio-fontana-immigrati-razza-bianca-difendere-candidato-centrodestra-regione-lombardia-bcf74404-f9e8-11e7-b7a0-515b75eef21a.shtml Fontana è l'attuale presidente della Regione Lombardia.

essa trovi la forza per costruire una società nuova, fondata sulla cooperazione tra gli esseri umani, la pianificazione della produzione e la solidarietà internazionale tra i popoli.

Capitolo 4: Storia e contraddizioni del movimento cooperativo in Italia: dall'unità d'Italia alla crisi del 2008-9

4.1 Storia del movimento cooperativo dall'unità d'Italia ai giorni nostri

Le cooperative nacquero in Italia, così come in Europa, durante la rivoluzione industriale determinata dallo sviluppo capitalistico, come strumento di organizzazione dei lavoratori subalterni. Luzzatti, che è considerato il padre delle cooperative italiane, a inizio Novecento individuava in esse uno strumento di prevenzione dei conflitti. Degl'Innocenti(1981, p.4):

In effetti, nella storia della cooperazione italiana coesistettero e spesso si sovrapposero due diversi fattori, e cioè da un lato la tutela e l'assistenza a strati sociali in crisi o emarginati, dall'altro la promozione di una peculiare componente dello sviluppo economico, integrata o alternativa rispetto a quello in atto. [...] Per certi aspetti, la cooperazione fu l'espressione dell'aspirazione al progresso e alla cooptazione di comunità e di strati sociali ai margini dello sviluppo o che più direttamente ne avevano sopportato il costo sociale.

Essendo diseguale lo sviluppo sul piano nazionale, differente fu anche il ruolo delle cooperative nelle campagne più arretrate e nelle città, più sviluppate. Esse divennero presto anche campo di lotta politica per il controllo egemonico dei lavoratori tra il nascente movimento socialista(il partito socialista sarà fondato nel 1892) e quello cattolico. “Il movimento cooperativo ne ricevette un impulso all'inizio del secolo, fino ad assumere caratteri di massa che non avevano analogie nell'Italia liberale, tanto che allo scoppio della prima guerra mondiale veniva calcolato in un milione circa il numero dei soci di tutte le cooperative”(DEGL'INNOCENTI, 1981, pp. 5-6).

Il principale strumento della borghesia per contenere l'avanzata economica delle cooperative fu quello di cooptare il sistema del credito popolare nel circuito bancario. L'obiettivo era quello di

fare in modo che istituti che erano nati inizialmente per fini mutualistici, diventassero semplici istituti di credito. Per Degl'Innocenti(1981, pp. 7-8):“Nell'ambito delle banche popolari furono promosse banche operaie e casse popolari, allo scopo di accentuare la tendenza verso la democratizzazione del credito, ma tali iniziative non ne modificarono le strutture fondamentali”. Nelle campagne si costituirono molte casse rurali, che erogavano piccoli prestiti per l'acquisto di bestiame o strumenti da lavoro. Esse divennero in poco tempo lo strumento attraverso il quale tentavano di limitare l'avanzata del movimento socialista nelle campagne. Se al Nord del paese, più sviluppato, le cose furono più semplici, al Sud per le carenze strutturali il progetto delle casse non decollò, lasciando molte operazioni di prestito legate a semplici forme di autofinanziamento. I tentativi di creare a inizio XX secolo una banca delle cooperative non ottennero i risultati sperati(SAPELLI, 1981).

Nello stesso periodo si costituirono in diverse zone d'Italia le cooperative di consumo, con lo scopo di fare acquisti di massa e ridurre il prezzo finale, inizialmente solo di alcuni prodotti, il cui numero andò però progressivamente crescendo. Per Degl'innocenti(1981, p.13):“La cooperazione, innestata sul mutualismo, fu considerata una forma tipica di organizzazione dei ceti impiegatizi. [...]. Il consumo era considerato tuttavia un'attività accessoria rispetto al lavoro”. Inizialmente tali organizzazioni si rivolgevano solo ai propri iscritti, divisi per categoria, ma in seguito cominciarono ad allargarsi. Tra gli altri settori quello statale dimostrò un maggior dinamismo, grazie anche alla maggiore stabilità degli incarichi. “Tuttavia, se il ruolo delle grosse cooperative di consumo impiegatizie delle grandi città fu predominante all'inizio del movimento cooperativo, [...], successivamente venne ridimensionato dall'emergere della cooperazione nelle aree rurali e [...] dall'associazionismo operaio e artigiano”(DEGL'INNOCENTI, 1981, p.15)

Si svilupparono anche cooperative tra diverse categorie di artigiani. Per Degl'innocenti(1981, p.16): “In qualche caso si trattava di cooperative di produzione nate dietro incoraggiamento di industriali o di borghesi benestanti, che anticipavano i capitali allo scopo di allentare la pressione tra gli operai minacciati dalla disoccupazione”.

La crisi economica che si sviluppò nella seconda metà del XIX secolo(ORTOLEVA, 1981) (1873-1895) e che impattò duramente sulle campagne italiane, favorì un ulteriore sviluppo delle cooperative. Tale sviluppo si concentrò nell'Italia settentrionale, mentre il Sud del paese “risolveva” i suoi problemi attraverso le migrazioni.

Nacquero molti forni con l'intento di ridurre gli effetti dell'aumento dei prezzi del grano, non solo in campagna ma anche in città. Per Degl'innocenti(1981, p.19) “Con la crisi agraria, si diffusero anche i sindacati e i consorzi agrari, per lo più per l'acquisto di attrezzi e materie prime. [...]. Ma fu soprattutto la diffusione dei concimi chimici a sollecitare la promozione dei sindacati e

dei consorzi agrari”. Con tali consorzi si riunivano agricoltori, al fine di determinare la produzione o la vendita di prodotti agricoli. Negli ultimi decenni del XIX secolo nacquero invece le cooperative di braccianti che, guidate dal giovane partito Socialista, furono protagoniste di grandi scioperi nel corso dei primi anni del XX secolo¹¹⁵. Esperienza per certi versi simile fu quella degli “affitti collettivi” con il quale si otteneva una riduzione del costo d'affitto attraverso contratti collettivi.

Degl'innocenti (1981, pp. 22-3):

Era questa la fase sperimentalista, anche utopistica della cooperazione agricola di ispirazione socialista, nella quale il mito della colonia e del comune aveva avuto un peso non indifferente, ma nella quale si cimentavano anche molti democratici di cultura positivista che dalle indagini sociali sulla questione contadina si andavano accostando al socialismo, o nella quale si formavano i dirigenti delle organizzazioni contadine.

Nel 1907 però, durante il VII Congresso dell'Alleanza cooperativa internazionale, Ranieri sottolineava come tale movimento non fosse ancora sufficientemente sviluppato, mancando di consistenza economica. Gli investimenti si concentravano infatti solo nella parte settentrionale del paese.

La fondazione della Lega nazionale delle cooperative nel 1893 aveva coinciso d'altronde con una fase di ampliamento del numero delle cooperative e di un aumento della loro rilevanza sociale. Esse cominciarono infatti a partecipare agli appalti pubblici, seppur ostacolate dalla burocrazia. Il numero degli appalti concessi aumentò considerevolmente all'inizio del secolo grazie alla politica conciliatrice per i lavori pubblici portata avanti da Giolitti¹¹⁶. Mancavano però efficaci politiche di sostegno al credito e consolidamento di assicurazioni contro gli infortuni.

Per Degl'innocenti(1981, p.31):“Alla fine del secolo i caratteri fondamentali della Lega nazionale delle cooperative si erano già delineati: le sue linee di sviluppo risiedevano essenzialmente nei settori di consumo e di produzione e lavoro di categoria e [...] mentre gravi carenze manifestava sul piano creditizio e assicurativo”. Più difficile fu invece cercare di superare la tradizionale distinzione tra città e campagna.

Maggiori novità vi furono nei primi due decenni del XX secolo, quando aumentarono le migrazioni interne e il peso delle organizzazioni politico-sindacali nel paese. Il censimento delle cooperative fatto nel 1902 riportava l'esistenza di circa 3000 unità con un patrimonio stimato intorno agli 80 milioni di lire. Lo stesso rapporto citato riportava una grande differenziazione interna nella differenziazione regionale e patrimoniale delle cooperative tra Nord e Sud. “Tuttavia, nel Centro-Sud, la cooperazione, insieme al movimento sindacale, rappresentò il primo fattore consistente di aggregazione sociale, procedendo o accompagnando la più lenta e faticosa

¹¹⁵Cfr. <http://www.senzasoste.it/16-settembre-1904-proclamazione-del-primo-sciopero-generale/>

¹¹⁶Politico liberale che fu a più riprese capo del governo tra fine XIX e inizio del XX secolo, fino alla presa del potere da parte del fascismo nel 1922.

formazione di strutture politiche¹¹⁷”(DEGL'INNOCENTI, 1981, p.35). Rimanevano però sacche di illegalità o di para legalità, dimostrazione della situazione ancora di parziale arretratezza. I governi Giolitti favorirono come detto lo sviluppo delle cooperative, grazie a politiche di conciliazione di classe che ampliavano gli spazi per tale attività. Il tema dello sviluppo delle cooperative continuò ad essere elemento di lotta per l'egemonia tra socialisti e cattolici, che cercavano in forme diverse di accattivarsi le simpatie dei lavoratori.

DEGL'INNOCENTI(1981, p.38):

Il periodo 1907-15 dell'età giolittiana fu quello nel quale si registrarono le più marcate trasformazioni del movimento cooperativo, sia in risposta all'aumento del costo della vita e della disoccupazione, sia per la difficile congiuntura economica, nei confronti della quale la guerra libica del 1911-2 aveva accentuato le restrizioni creditizie per cooperative ed enti locali.

L'aumento del numero dei consorzi favorì lo sviluppo delle cooperative l'estensione del loro ramo di attività. L'esplosione del primo conflitto mondiale¹¹⁸ produsse la necessità per le cooperative di compiere un salto di qualità consistente viste le necessità della produzione bellica. L'incremento dell'intervento dello Stato in economia per la riconversione della produzione, favorì un aumento degli spazi per le cooperative. Esse si interessarono agli appalti presso i ministeri per le forniture militari, operarono una ristrutturazione verticale e crearono un rapporto di collaborazione costante con gli enti locali(DEGL'INNOCENTI, 1981).

La fine della guerra coincise, nonostante la vittoria nel conflitto a cui l'Italia aveva partecipato, con una profonda crisi economica e con forti tensioni sociali, conseguenti alle promesse non mantenute fatte ai lavoratori tornati dalla guerra. Per Degl'innocenti: “Il punto centrale riguardava tuttavia la trasformazione profonda della società italiana in una società di massa, che reclamava strumenti di intervento e di aggregazione sociale qualitativamente diversi rispetto all'Italia liberale”. Le cooperative crebbero in quel periodo in numero e consistenza finanziaria, grazie ad un miglior accesso al credito e una riorganizzazione produttiva, tramite i consorzi.

Ma le tensioni sociali rimanevano insoddisfatte e potenzialmente esplosive, in un periodo storico(passato alla Storia come Biennio rosso¹¹⁹) in cui i sommovimenti sociali coinvolsero le fabbriche con l'occupazione da parte degli operai di diversi stabilimenti. Il governo aveva tentato di prevenire le tensioni sociali attraverso politiche di sostegno economico, seppur parziale, agli ex combattenti, che cominciarono a costituire propri strumenti di organizzazione cooperativa e propri

117DEGL'INNOCENTI, M. “*Geografia e strutture della cooperazione in Italia*” in SAPELLI, G. “*Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi*”, p.35.

118L'Italia entrò nel conflitto un anno dopo il suo scoppio nel 1915, a sostegno di Francia e Inghilterra contro gli imperi centrali.

119La sconfitta di tale movimento(la cui data è considerata quella tra il 1919 e il 1920) aprì le porte al fascismo.

organi di rappresentanza, il più importante dei quali era l'associazione nazionale combattenti¹²⁰, che si avvicinò progressivamente al Sindacato nazionale delle cooperative, che “rappresentò un punto di coagulo di tutte le istanze antisocialistiche e apartitiche presenti nel movimento associativo nell'ambito di un produttivismo nazionalistico che lasciava ampio spazio a una futura ristrutturazione in senso corporativo e gerarchico”(DEGL'INNOCENTI, 1981, p.49) creando i presupposti per lo sviluppo delle cooperative fasciste.

Molto deboli inizialmente, vista la pressoché totale assenza di consenso da parte della classe lavoratrice, tali cooperative riuscirono a prendere il via definitivamente solo dopo che i fascisti si incaricarono di fare piazza pulita delle roccaforti del Partito socialista e del sindacato nelle campagne. Degl'innocenti(1981, pp. 50-1):

“Le tecniche messe in atto dai fascisti erano diverse e per lo più coesistenti: dall'incendio e dalla distruzione della sede, specialmente laddove questa ospitava anche altre istituzioni proletarie, all'imposizione di convocare assemblee sociali o riunioni del consiglio di amministrazione viziata da irregolarità; era comunque costante l'obiettivo preliminare di una decapitazione dei vecchi gruppi dirigenti, mentre per gli impiegati e i tecnici venivano usati criteri diversi a seconda del carattere più o meno politicizzato della cooperativa. La seconda fase consisteva nella conquista della cooperativa sulla base di un presunto risanamento e dell'iscrizione al Sindacato italiano.

Una volta preso il potere il fascismo si preoccupò di assorbire parte consistente del movimento cooperativo, subordinando le sue istanze al progetto corporativo fascista, in ciò coadiuvato dalla tradizione liberale, che si premurò di evidenziare i caratteri positivi della cooperazione, ma inquadrandola nel progetto fascista¹²¹. Per fare ciò il regime creò l'ENC nel 1926, con l'intento di operare una vera e propria scrematura tra le cooperative e con una progressiva riduzione della loro autonomia decisionale e funzionale. Per Degl'innocenti(1981, p.55)“Lo sforzo più consistente fu rivolto alla ricerca di accordi con l'Opera nazionale dopolavoro a proposito delle mutue di attività ricreatrice e alla creazione di mutue sanitarie”.

Le cooperative di consumo vissero una fase di grande difficoltà a causa della repressione del partito fascista, che si premurò di colpire duramente tutte le cooperative legate ai partiti di opposizione. Nel 1926 l'ENC cambiava nome in Federazione nazionale fascista della cooperazione di consumo, dopo il progressivo smantellamento del sistema di cooperative precedente, concluso alla fine degli anni 20. Tutto ciò provocò una ulteriore diminuzione del ruolo delle cooperative di consumo, sempre meno numericamente e sempre più marginalizzate.

Il regime riorganizzò le cooperative di tale settore lungo tre direttrici: società per azioni, cooperative operaie con vincoli di mutualità, enti autonomi con compartecipazione pubblica; tutte e

¹²⁰Tale ente fu fondato nel 1919 vedi : <https://www.combattentiereduci.it/pagina/la-storia>

¹²¹Tra le altre figure distacchiamo Rosario Labadessa, tra i suoi testi principali vi è “La cooperativa. Idee e realtà”.

tre avevano l'obiettivo di definire strutture di previdenza e assistenza(DEGL'INNOCENTI, 1981). Nel 1927 fu creato l'ECA in modo da creare una centrale unica per gli acquisti. Per Degl'innocenti: “Lo scarso successo dell'operazione era da ricondurre ai fattori di intrinseca debolezza del settore, ma anche alla tradizionale diffidenza delle cooperative verso iniziative accentrate, diffidenza accentuata ora dalla burocratizzazione fascista”, che collocava in forma verticistica i propri quadri all'interno di tale settore.

Nel settore agricolo le modifiche sono ancora più radicali. I consorzi furono espropriati e le cooperative di lavoro furono invece utilizzate per le opere pubbliche. “Fu altresì dato il massimo sviluppo alla cooperazione agricola, per lo più di tipo bracciantile. Essa fu sviluppata in occasione della battaglia del grano[...] ma si evitò di impiantare aziende agricole di coltivazione, che avrebbero potuto aspirare al possesso della terra¹²²”.

Il fascismo si occupò anche di operare una concentrazione delle casse rurali e a farli operare nel settore del credito, con l'obiettivo di ridurre l'influenza cattolica in quel settore. I consorzi vennero fortemente ridotti e successivamente costretti a subordinarsi al governo durante lo sforzo bellico¹²³.

Il secondo dopoguerra vide invece l'aumento del ruolo cooperativo, sia perché la ridemocratizzazione favoriva un maggior dinamismo sociale, sia per la progressiva ripresa economica del paese, sebbene in modo non uniforme sul territorio nazionale. Per Degl'innocenti(1981, p. 65):“Se dunque al Nord il fattore della continuità era abbastanza consistente o almeno coesisteva con il fattore della spontaneità, nel Mezzogiorno la cooperazione era di recentissima formazione, per lo più legata alla distribuzione di generi razionati e contingentati”.

Le cooperative di consumo mostrarono un notevole dinamismo, in misura anche superiore ad altri paesi europei, sebbene senza riuscire a costituire cooperative di grandi dimensioni, rimanendo lontani dalle dimensioni delle cooperative inglesi, le maggiori nel continente europeo. Anche quelle di produzione e lavoro ebbero un notevole sviluppo, un po' per fronteggiare le necessità della ricostruzione post bellica, un po' per fronteggiare il gran numero di disoccupati(DEGL'INNOCENTI, 1981). Viceversa maggiori difficoltà incontrò il settore delle casse rurali. Degl'innocenti,(1981, p.70):

Uno dei fatti nuovi della cooperazione nel secondo dopoguerra fu rappresentato dallo sviluppo della cooperazione edilizia, favorita dalla crisi degli alloggi nell'immediato dopoguerra. [...] Tra il 1951 e il 1959, durante il miracolo economico, la cooperazione edilizia conobbe l'incremento maggiore passando da 3602 a 15601 cooperative, con un'incidenza sul totale che saliva dal 25.1 al 49.9 per cento.

122DEGL'INNOCENTI, M. “*Geografia e strutture della cooperazione in Italia*” in SAPELLI, G. “*Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi*” p.61.

123Cfr. TAMAGNINI, G. “*Cooperazione agraria*”.

Ma ancora più importante fu il ruolo del movimento delle cooperative nelle campagne, dove si intrecciò con il movimento per la legalizzazione delle terre occupate, senza riuscire però a definire una riforma agraria, “le concessioni di terra lasciarono sostanzialmente inalterato il regime fondiario e l'ordinamento agricolo dei territori latifondistici: l'economia latifondistica continuò a imperarvi [...].¹²⁴”(DEGL'INNOCENTI, 1981, p. 73)

Finito il regime fascista, rinacque la lega delle cooperative, con l'intento di dare nuovo vigore al movimento e ricollocare le cooperative nello spazio politico che gli spettava, finita la fase repressiva. Nel primo congresso del post guerra del 1947 fu la componente socialista- comunista a prendere il sopravvento, marginalizzando la componente riformista-socialdemocratica, che nel 1962 creò un proprio organo di riferimento (BRIGANTI, 1978). Tale scissione provocò una riduzione del numero degli associati ma al tempo stesso una maggiore omogenizzazione organizzativa. La riorganizzazione riguardò anche l'ambito dell'agricoltura, dove fu definito un apposito sindacato, l'AICA (con però una ridotta capacità d'azione, rispetto alla situazione in altri settori).

Per Degl'innocenti (1981, p. 77) “In realtà era un aspetto del generale ripiegamento del movimento cooperativo, tanto più che perduravano i livelli di sottoconsumo e si intensificava l'offensiva centrista con la nomina dei commissari [...] fino agli anni 1953-4”. La cooperazione veniva individuata infatti dalle gerarchie della DC come funzionali a un progetto di ricostruzione economica basata sulla conciliazione di classe. Anche i cattolici si riorganizzavano e attraverso i loro organi mirarono a creare una struttura fondata sulla piccola proprietà, per prevenire conflitti ed eccessive concentrazioni della terra.

Le cooperative poterono beneficiarsi della costituzione della cassa del Mezzogiorno al Sud, che aveva l'obiettivo di ridurre lo storico gap economico tra Nord e Sud del paese. Degl'innocenti, (1981, p.80):

Tra il 1950 e il 1970 due furono le fasi dello sviluppo della cooperazione agricola. La prima coincise sostanzialmente con [...], il miracolo economico industriale, e quindi con l'esodo dalle campagne; la seconda, [...] iniziò nei primi anni del centro-sinistra e si consolidò con l'approvazione del secondo piano verde, infine con la istituzione delle regioni e con la grande stagione delle lotte sindacali del 69'.

In questo periodo continuò la conflittualità tra cattolici e le sinistre per l'egemonia nelle campagne, con i primi che guadagnarono progressivamente spazio grazie all'appoggio da parte del governo, ma in ogni caso l'agricoltura italiana non fu in grado di mantenere gli standard degli altri paesi europei, rimanendo ancora strutturalmente arretrata. Si cominciò ad avviare un processo di imprenditorializzazione che, come vedremo nel corso di questo capitolo, portò progressivamente le

¹²⁴DEGL'INNOCENTI, M *Geografia e strutture della cooperazione in Italia* in SAPELLI, G. “Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi” p.73.

cooperative a perdere i loro tratti solidaristici, per diventare vere e proprie imprese. Il movimento cooperativo crebbe in consistenza e capacità economiche di investimento, arrivando agli anni settanta, prima dell'esplosione della crisi, con ancora però margini di miglioramento, legati all'incapacità di colmare il distacco tra città e campagna e la dispersione sul territorio (BIANCO, 1975).

I decenni successivi, a partire dagli anni 80, videro progressivamente le cooperative perdere le loro caratteristiche originarie, per abbracciare totalmente l'ambito capitalista (ZAMAGNI, 2008), allargando i propri giri d'affari anche all'estero. Di fondamentale importanza in questo senso fu la Legge Visentini¹²⁵ del 1983, che permetteva l'ingresso delle cooperative nell'ambito finanziario.

Ma il decennio più complicato per le cooperative fu quello degli anni 90 del XX secolo, quando l'inchiesta Mani Pulite del 1992 che terremotò il sistema politico e coinvolse anche le cooperative "rosse", più vincolate all'allora PCI, favorì l'ascesa politica di Berlusconi, noto imprenditore televisivo, che tentò un'attacco frontale a tale settore, sventato dalle forti resistenze delle cooperative (MOLTENI, 2003), attacco ripreso durante il secondo governo Berlusconi nel 2001, tentando di ridurre i benefici fiscali di cui le cooperative erano titolari.

Gli anni 2000, soprattutto a causa del conflitto scoppiato dopo l'attacco alle Torri Gemelle nel 2001 furono anni di tensione crescente, che non fece altro che aumentare dopo lo "scoppio" della crisi finanziaria nel 2007-2008, costringendo le cooperative a riorganizzarsi. Nel 2011 fu fondata l'Alleanza delle cooperative italiane, con l'intento di unificare gli sforzi delle organizzazioni maggiormente rappresentative¹²⁶.

Negli ultimi decenni sono nate inoltre diverse tipologie di cooperative, che in qualche modo volevano riscattare l'origine sociale delle stesse. Tre sono state le tipologie principali: la prima tipologia è formata dalle imprese in cui i lavoratori, dopo una crisi industriale, acquistano l'azienda in crisi, riorganizzando la produzione¹²⁷; la seconda tipologia, quella di comunità¹²⁸, riguarda invece il caso in cui le cooperative gestiscano servizi a favore della cittadinanza, sostituendosi alle amministrazioni pubbliche, spesso in difficoltà finanziaria; l'ultimo sono le cooperative sociali¹²⁹, che si occupano di favorire l'integrazione delle persone con disabilità o di gestire beni o proprietà confiscati alla mafia. Le cooperative sembrano dunque essere una presenza in costante crescita, nonostante la crisi, ma progressivamente sembrano, come detto, aver perso molto dello spirito originario (FERACO, 2011).

125Cfr. <https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1983/05/25/083A3100/sg>

126Cfr. <https://www.alleanzacooperative.it/1-alleanza/la-fondazione.html>

127Cfr. <https://impreserecuperate.it/>

128Cfr. <http://www.fncs.it/categoria-news/cooperative-di-comunita/#:~:text=La%20caratteristica%20discriminante%20%C3%A8%20quindi,un%20gruppo%20sociale%20ristretto%20come%20>

129Cfr. <https://italianonprofit.it/risorse/definizioni/cooperative-sociali/>

4.2 Le principali correnti teoriche del movimento cooperativo

Come detto, le principali correnti teoriche del movimento cooperativo sono state due: quella socialista e quella cattolica. Ma l'origine delle cooperative è situata in un periodo precedente, derivante dalla ricezione in Italia delle idee provenienti da Francia e Inghilterra, tramite la figura di Mazzini¹³⁰. Egli cercava di costituire una via di mezzo tra socialismo e capitalismo, che rifiutasse l'autoritarismo, da lui associato al socialismo e l'eccessiva concentrazione della ricchezza, vedendo nelle cooperative lo strumento per unificare capitale e lavoro nelle mani dei lavoratori (SPINELLI, 1956). Tutto ciò in un processo di progressivo avvicinamento tra cooperative e società di mutuo soccorso. Per Ciuffolletti (1981, p.94): “Le società di mutuo soccorso prefiggevano, come compito istituzionale, di esercitare l'assistenza per mezzo della solidarietà, ma la loro attività si estendeva al soccorso materiale, all'educazione e all'istruzione¹³¹”.

Dopo un periodo di crisi, derivante dagli alti costi della guerra in Crimea¹³², le cooperative ripresero forza e vigore dopo l'unità d'Italia, avvenuta nel 1861. In questa fase storica i mazziniani presero il sopravvento all'interno del movimento delle cooperative, e in una lettera del 1864 indirizzata agli operai li invitava a risolvere l'annosa lotta tra capitale e lavoro, “Date voi, operai d'Italia, la gloria alla patria vostra di sciogliere questo problema col fatto, coi vostri sacrifici, colle vostre economie, senza vie tra classe e classe, colla quieta costanza di chi vuole davvero” (ROSSELLI, 2014, p.122), superando dunque gli antagonismi di classe.

Le cooperative mazziniane cominciarono nel frattempo a svilupparsi e a passare da un ambito puramente di assistenza, allargandosi a sfere di produzione e consumo. Le condizioni di arretratezza in cui si trovava il paese, soprattutto nella parte meridionale, favoriva l'interclassismo mazziniano, volto ad invitare la parte “illuminata” della borghesia, a sostenere economicamente le nascenti cooperative. Per Ciuffolletti (1981, p.99): “Proprio nel settore della cooperazione di produzione, [...] seguaci di Mazzini incontrarono le prime delusioni e i primi gravi ostacoli rappresentati dalla deficienza di capitali e dall'impossibilità di reggere alla concorrenza dell'industria privata”. Luzzatti, importante liberale dell'epoca, aveva invece una visione differente¹³³. Egli riteneva infatti che gli operai dovessero essere in grado di organizzare autonomamente il primo finanziamento, senza ricorrere a finanziamenti statali (LUZZATTI, 1997).

Progressivamente però diversi intellettuali di formazione mazziniana si allontanarono dal

130Importante rivoluzionario borghese, partecipò a diversi moti rivoluzionari per l'unità d'Italia e all'esperienza della repubblica romana nel 1849.

131CIUFFOLLETTI, Z. “*Dirigenti e ideologie del movimento cooperativo*” in SAPELLI, G. “*Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi*”, p. 94.

132Avvenuta tra il 1853 e il 1856, coinvolgendo diverse potenze europee, tra cui il regno di Sardegna, futuro unificatore d'Italia, contro la Russia.

133Non a caso nel 1867 fu nominato presidente dell'Associazione industriale italiana.

loro teorico di riferimento, giudicato troppo moderato, avvicinandosi alle teorie del socialismo utopista di Proudhon. Lo Savio, seguendo le orme dell'utopista francese, riteneva che la soluzione dell'antagonismo di classe stesse nella produzione collettiva e non nell'abolizione della proprietà privata(LO SAVIO, 1874). Ciuffolletti(1981, pp. 102-3):

In questa fase primitiva l'idea cooperativistica, largamente accolta anche nell'ambito della I internazionale, coincideva con la transizione economica e politica di un paese ancora sostanzialmente arretrato con pochi nuclei di proletariato moderno e con istituzioni politiche e sociali ancora non consolidate, per cui da una parte l'utopismo cooperativo rifletteva l'ideologia dei piccoli produttori minacciati dal processo di proletarianizzazione oppure dai primi nuclei operai dotati di << fiera di mestiere >> e di volontà di autonoma emancipazione, dall'altra il desiderio della borghesia illuminata di trovare nuove forme di controllo sulle classi popolari più direttamente toccate dalla propaganda << sovversiva >>.

La costituzione della citata associazione industriale italiana, guidata inizialmente da Luzzatti, aveva come obiettivo creare un'alleanza a sostegno degli industriali che contemplasse in forma subordinata anche parte degli operai e dei ceti medi urbani, con una visione basata sull'auto imprenditorialità. Per Ciuffolletti(1981, p.106) “Dopo lo scoppio della Comune e il diffondersi dell'internazionalismo in Italia, l'idea di conciliare attraverso la cooperazione il capitale con il lavoro ebbe un ulteriore impulso”. La condizione economica complicata di parte consistente delle masse contadine le rendeva infatti più sensibili alle istanze socialiste, rendendo necessario pensare a forme di produzione che favorissero la conciliazione, come la mezzadria. Si definirono così diverse progetti di legge a livello centrale ma “La reazione di molte società operaie fu contraria al progetto con cui si intendeva, << per mezzo di socialismo autoritario >> guadagnare allo stato le simpatie della classe operaia”(CIUFFOLLETTI, 1981, p.108), intravedendo nella capacità autonoma di organizzazione un elemento di rafforzamento della sua indipendenza.

Dopo la divisione nel seno dell'Internazionale socialista tra anarchici e comunisti l'ambito delle cooperative divenne ancora più importante. Anche i cattolici infatti cercarono di aprirsi uno spazio nel settore delle cooperative, cercando di favorire così lo sviluppo capitalista; così come i liberali italiani, che difendevano lo sviluppo della piccola e media proprietà.

Cominciarono a sorgere i primi studi sulle cooperative e Rabbeno, tra i principali studiosi dell'epoca, sottolineò come le cooperative non fossero state in grado di far fronte alla concorrenza delle imprese capitaliste, rendendo necessario un intervento pubblico per evitare che finissero in mano ai socialisti e un maggior coordinamento tra le cooperative(RABBENO, 2012).

Le dispute ideologiche si fecero più aspre a partire dalla fondazione della Federazione nazionale delle cooperative nel 1886, dove rimaneva centrale la questione della postura politica da adottare, neutrale o meno e dove si opponevano “da una parte i fautori della cooperazione <<neutrale>> interclassista e corporativa, vista come alternativa alla lotta di classe e dall'altra i

socialisti appoggiati dalle frange <<operaiste>> tendenti a inserire la cooperazione nel contesto più generale dell'azione rivendicativa e politica del movimento operaio”(CIUFFOLLETTI, 1981, p.116). In ogni caso la componente socialista rimaneva ancora debole, essendo i moderati ancora in maggioranza. Solo alla fine del secolo i socialisti riuscirono progressivamente a prendere il sopravvento.

Ma i socialisti stessi non avevano un'unica teoria, ma più teorie, differenti l'una dall'altra. Tra le prime ipotesi vi fu quella delle colonie comunitarie(SALVADORI, 1981), con un'idea a tratti utopistica di sviluppo economico, in una fase storica di intenso sviluppo industriale e conseguente sfruttamento degli operai. Lo sviluppo di cooperazione di produzione permise da un lato una minore disoccupazione, dall'altro un maggior potere di acquisto da parte degli operai. Ma nonostante l'intenso sviluppo il movimento cooperativo rimaneva debole ideologicamente e preda del riformismo. Il principale marxista italiano dell'epoca, Antonio Labriola, denunciava infatti come la cooperazione fosse uno strumento di subordinazione e non di emancipazione della classe lavoratrice(LABRIOLA, 1970). Lo stesso segretario socialista dell'epoca, Filippo Turati, non sembrava nutrire molte speranze nel potenziale emancipatore delle cooperative, visto che esse si trovavano comunque a lavorare in un contesto capitalistico dominato dalla legge del plusvalore: “Ond'è[...] che nella società attuale la cooperazione può solo in tanto attecchire, in quanto o sia etichetta che dissimula interessi capitalistici, o altrimenti giovi a quel capitalismo che dovrebbe debellare o sostituire”(TURATI, 1 Dicembre 1895)

A fine XIX secolo cominciò il dibattito ad opera dello stesso Turati sulla necessità di discutere il ruolo del partito nelle campagne, visto che essendo l'Italia ancora un paese arretrato non era possibile cominciare dall'industria e poi dirigersi verso le campagne, ma semmai il contrario(TURATI, 1894). Il partito in ogni caso era diviso tra coloro che sostenevano la piccola proprietà e coloro invece, come Bissolati, che sostenevano che non fosse compito del partito contrastare le tendenze crescenti alla proletarizzazione nelle campagne. Fu ancora una volta Turati(1897) a far pendere l'ago della bilancia contro coloro che sostenevano l'importanza dell'intervento del partito nelle cooperative, per contendere l'egemonia su questi settori al mondo cattolico e moderato. Temendo infatti gli elementi moderati Ciuffolletti(1981, p. 128):

non si rese bene conto che il movimento cooperativo, sia nei suoi quadri dirigenti, sia nei suoi programmi, non era solo il prodotto delle istanze utopistiche delle masse o della volontà delle forze borghesi di catturare il movimento operaio, ma di reali bisogni di vaste masse popolari e contadine non pienamente proletarizzate, disponibili a una politica riformatrice aperta all'influenza del partito socialista.

In questo modo il partito consegnò nelle mani dei cattolici e si allontanò progressivamente dalla linea politica tenuta dall'internazionale sull'alleanza tra proletari e contadini e solo dopo che i

cattolici ebbero occupato questi spazi, cominciò un vero e proprio dibattito sul da farsi.

I cattolici riuscirono dunque in questo periodo storico ad aumentare la loro presenza nelle campagne, contenendo la spinta socialista, grazie al rinnovato attivismo sociale dei cattolici, permesso dall'enciclica papale "*Rerum novarum*", con la quale la chiesa fondava la sua dottrina sociale. Tra gli altri si distaccò Wollemborg, filantropo padovano, che difendeva la tutela della piccola proprietà tramite il ricorso alle casse rurali, che avrebbero dovuto coincidere con la cittadina di riferimento, quasi a costituire una "famiglia"(WOLLEMBORG, 1935); ciò costituì la base teorica di riferimento per Don Cerruti, il quale si occupò di propagandare in giro per l'Italia tale idea, cercando di lottare allo stesso tempo contro liberali e socialisti e costituendo il punto di riferimento dei cattolici che entrarono in seguito in politica(TRAMONTIN,1969).

Per Ciuffolletti,(1981, p.137) "E' in questa prospettiva che va posto il rapporto tra il movimento cattolico, e in particolare il cooperativismo bianco, e fra le caratteristiche dello sviluppo capitalistico italiano da una parte e il processo di organizzazione delle classi subalterne dall'altra". Tale movimento infatti favorì l'ascesa del capitalismo italiano, con un'impostazione ideologica che nella difesa della piccola proprietà vedeva l'elemento cardine per sostenere lo sviluppo economico e con le casse rurali rendeva più semplice l'inserimento politico dei cattolici nel paese.

Fu in questo momento che i socialisti, resisi conto dell'errore commesso in precedenza, cominciarono a cambiare il loro rapporto con le cooperative, vista anche la loro poderosa crescita e la nuova fase politica di inizio Novecento, dove il governo Giolitti sembrava intenzionato a integrare il movimento operaio nello sviluppo industriale, sebbene in un quadro di arretratezza economica e di profonde differenze tra Nord e Sud. Il movimento socialista si riorganizzò tramite la camera del Lavoro, che "diveniva un centro propulsore e di coordinamento di un'attività che comprendeva gli organismi della cooperazione e del mutuo soccorso, accanto a quelli della resistenza"(CIUFFOLLETTI, 1981, p.140), superando i tradizionali antagonismi tra città e campagna anche grazie all'operato dei consiglieri comunali socialisti eletti nella zona di Reggio Emilia. Grazie in particolare all'operato di Prampolini(ZIBORDI, 1930), il movimento socialista crebbe costantemente di dimensioni, soprattutto grazie all'alleanza tra proletariato e contadini al fine di ottenere migliori condizioni di lavoro.

Ma i risultati ottenuti in quella regione non riuscirono ad essere replicati e i socialisti rimasero prigionieri di una visione che vedeva nella cooperazione unicamente una trappola per il movimento dei lavoratori. Labriola(1973, p.173):

Dando lavoro alle cooperative alle spese dei contribuenti, [...] egli(Giolitti) [...] si assicurava la loro docilità; e facendo per il tramite del partito socialista poteva contare sull'indulgenza dei deputati socialisti alla Camera. Con i favori ai deputati, con il lavoro alle cooperative, con l'indulgenza verso i capi del movimento operaio egli è riuscito a essere il padrone della cosiddetta democrazia.

Altri pensatori, come il meridionalista Salvemini, ritenevano che si fosse formata grazie alle concessioni governative una specie di “aristocrazia operaia” in seno al partito che impedisse l'appoggio alle giuste rivendicazioni(SALVEMINI, 1963). Le critiche apportate dal movimento sindacalista rivoluzionario correavano il rischio, nel criticare correttamente le degenerazioni del sistema cooperativo, di condannare con esse anche la fase di modernizzazione che l'età giolittiana sembrava proporzionare al paese. Le critiche infatti storicamente venivano dai liberali, che erano timorosi della progressiva ascesa del movimento socialista e anche in parte di quello cattolico nelle campagne, soprattutto per le citate affittanze collettive, che riducevano il margine di guadagno dei proprietari(CIUFFOLLETTI, 1981).

Per Ciuffolletti(1981, p.148)“I dirigenti socialisti cercarono di favorire il collegamento della cooperazione, nelle sue diverse espressioni, con le organizzazioni di resistenza, liberando il movimento dalle influenze del filantropismo borghese e conferendo concretezza economica e politica al movimento”. Le critiche che piovettero contro il partito socialista in questo periodo lo costrinsero a cambiare strategia, sotto la guida di Vergagnini, eletto segretario della Lega delle cooperative nel 1912. Egli riteneva necessario rilanciare il modello che aveva funzionato, quello reggiano e contrastare le derive a cui era andato incontro, determinando una ristrutturazione del movimento cooperativo, che unificasse produzione e consumo(VERGAGNINI, 1922). L'elemento fondamentale doveva essere la cooperativa di consumo perché secondo la sua revisione della marxiana teoria del valore Marx aveva individuato il plusvalore realizzato nella produzione, ma trascurato quello che avveniva nel consumo, rendendo necessario unificare le lotte della cooperazione con quelle dei lavoratori; le cooperative di consumo servivano anche ad ottenere i capitali necessari agli altri settori, esposti alla concorrenza capitalistica(CIUFFOLLETTI, 1981). È evidente l'impostazione riformista di tale pensatore, fondata su un progetto gradualista e senza rotture di progressiva occupazione di spazi istituzionali e di unità del movimento dei lavoratori per un miglioramento progressivo delle condizioni di lavoro. Tale strategia entrò in crisi con l'ascesa nel primo dopoguerra dell'ala massimalista in seno al partito socialista, che sulla scia della rivoluzione bolscevica riteneva possibile un'esperienza simile in Italia, che però verrà sconfitta prima dalla repressione dei governi liberali di Giolitti e poi dall'avvento del fascismo(GIOVANNINI, 2002).

Per Ciuffolletti(1981, p.157): “In realtà, al di là delle profonde trasformazioni prodotte dalla guerra sul piano economico e sociale [...], l'intento dei gruppi dirigenti più illuminati era quello di incanalare l'ondata della protesta sociale su un piano istituzionale”. Si susseguirono diversi progetti di legge volti a favorire l'inserimento delle cooperative nell'ambito istituzionale. La Lega nazionale delle cooperative diventava il principale referente delle cooperative in quest'ambito, convinta dal

suo presidente che l'interventismo statale che si era prodotto durante la Prima guerra mondiale sarebbe proseguito anche dopo la fine di essa e di cui sarebbe stato necessario un rafforzamento. Ma tale impostazione rimase preda delle divergenze tra vertici della Lega e base sociale, e tra Lega e Partito socialista, dominato come detto dai massimalisti, provocando la scissione dei cattolici dalla Lega delle cooperative e la creazione di un loro sindacato e un loro partito, il PPI(CIUFFOLLETTI, 1981).

Tale partito, fondato nel 1919, mirava a contenere l'espansione socialista e al tempo stesso a organizzare politicamente il mondo cattolico, d'accordo con la dottrina sociale della Chiesa.

Le successive elezioni politiche¹³⁴, che videro la vittoria del Partito socialista, primo partito con oltre il trenta per cento dei voti, scavarono ulteriormente il solco tra partito e Lega delle cooperative. L'allora segretario della Lega Cabrini tentò di limitare l'influenza del Partito sulle cooperative, per evitare una rottura ancora più profonda, poggiando su una visione riformista che evitasse rotture rivoluzionarie sul modello russo, che avrebbero potuti provocare problemi internazionali.

Nel frattempo i socialisti più moderati all'interno del Partito cominciarono a formulare un programma di governo, rielaborando a partire da Turati in positivo il ruolo delle cooperative, con una posizione che Gramsci, nonostante la criticasse, considerava valida in relazione alla partecipazione dei lavoratori alla produzione(SPRIANO, 1977).

Tutto ciò in una fase storica in cui, con l'occupazione di alcune fabbriche nel Nord del paese, si poneva il tema dell'organizzazione della produzione, sebbene in una fase in cui, come lo stesso Gramsci ebbe modo di osservare, il movimento operaio non era ancora in grado di compiere questo passo totalmente da solo rendendo necessario appoggiarsi almeno temporaneamente allo Stato, nonostante i pericoli che esso costituiva in materia di subordinazione della classe operaia alle istituzioni borghesi(SPRIANO, 1977, vol 1). Ciuffolletti(1981, pp. 170-1):

Tuttavia a prescindere dal giudizio di Gramsci sulla questione, proprio la conclusione dell'occupazione delle fabbriche dimostrò che, una volta scartato il problema della direzione dello stato e del governo, il partito non era in grado di fornire nessuna soluzione alle lotte, lasciando il movimento privo di direzione politica. I dirigenti socialisti torinesi che avevano <<denunciato>> e fatto affossare dalle maestranze gli <<esperimenti di collaborazione>> fecero fallire i disegni e le trattative dei dirigenti della Lega e del movimento cooperativo, contribuendo all'ulteriore frantumazione del partito socialista.

Nel frattempo però il governo Giolitti decise di rompere le trattative con i socialisti e di lasciare il compito al neonato partito fascista di occuparsi della repressione del movimento operaio. Il congresso di Livorno del gennaio 1921, con la scissione dei comunisti dal Partito socialista,

¹³⁴Cfr. Statistica delle elezioni generali politiche per la XXV legislatura. (16 novembre 1919),

contribuì ad un'ulteriore divisione, pur legittima, in seno al movimento operaio¹³⁵. In questa fase tali divisioni favorirono la costituzione del Sindacato nazionale delle cooperative, formato da ex appartenenti alla componente sindacalista rivoluzionaria che, in nome della collaborazione interclassista, aprivano le porte al fascismo(DEGLI INNOCENTI, 1978).

Tale sindacato si distinse subito per un duro attacco portato all'Istituto di credito per la cooperazione, accusato di favorire le cooperative "rosse" a discapito delle altre, potendo contare per questa denuncia sulla complicità dei grandi giornali borghesi e sulla violenza fascista(LABRIOLA, 1923). Inoltre la crisi economica determinatasi nel dopoguerra aveva aggravato la condizione economica delle cooperative.

Le elezioni amministrative dell'autunno 1920 con la vittoria dei socialisti in una parte consistente delle città dove si andò al voto, accrebbero i timori della borghesia¹³⁶. Il movimento cooperativo si trovò così tra due fuochi, ovviamente di ben diverso peso e significato, da un lato i fascisti e dall'altro i comunisti, che ritenevano le cooperative come detto uno strumento inutile o addirittura dannoso. Intanto "alimentata da una vasta e martellante campagna di stampa contro varie e opposte degenerazioni del movimento cooperativo, [...] prese il via nella primavera del 1921 la reazione fascista contro la cooperazione, che coinvolse successivamente le organizzazioni bianche"(CIUFFOLLETTI, 1981, p.177).

Il partito socialista sembrava come immobile di fronte a questa violenza, non sembrando in grado di reagire, ed arrivando nell'estate del 1921 a firmare un patto di pacificazione con i fascisti con l'obiettivo di farla cessare, ovviamente senza ottenere risultati tangibili se non di smobilitare i pochi socialisti attivi direttamente nella lotta al fascismo(TASCA, 2021). Il successivo congresso dell'autunno 1921 non riuscì nell'intento di riunificare i socialisti, spaccati a metà tra massimalisti e riformisti, esclusi dall'Internazionale comunista proprio per non aver espulso la componente riformista. CIUFFOLETTI(1981, P.180):

Mentre la campagna di stampa contro il movimento cooperativo spezzava la solidarietà che in altre occasioni la cooperazione aveva ottenuto anche presso la piccola borghesia, l'azione dei fascisti si esplicava da una parte nella violenza squadristica contro le strutture e i dirigenti del movimento, dall'altra nell'organizzazione del consenso su obiettivi <<positivi>> e di ricostruzione.

Tra gli altri fu il Sindacato nazionale delle cooperative a svolgere questo ruolo, dopo che la marcia su Roma dell'ottobre del 1922 aveva tolto qualsiasi velleità democratica allo Stato italiano e il fascismo cominciava il percorso che di lì a poco lo avrebbe portato a trasformarsi in regime(FABBRI, 1979).

¹³⁵Il neonato PCDI guidato da Bordiga si attestò su posizioni estremistiche come l'astensione elettorale e la rinuncia alla costituzione di un fronte comune militante con gli arditi del popolo contro le bande fasciste.

¹³⁶Cfr. https://ebiblio.istat.it/digibib/Elezioni/IST0003263Compendio_stat_elett_ita1848_1934_Vol2.pdf

Una volta “ripulite” le cooperative si procedette a unire tutto il movimento cooperativo nell'Ente nazionale per la cooperazione, in seguito riconosciuto come unico rappresentante legittimo delle cooperative (BRIGANTI, 1978). Il progetto corporativista del neonato regime fascista si scontrava però con il carattere storicamente classista delle cooperative, che avevano sempre rappresentato una classe e non più di una. Per Ciuffolletti (1981, p. 182): “Col decreto legge del marzo 1931, [...] con l'inquadramento delle cooperative in apposite federazioni di categoria, veniva a cadere qualsiasi rivendicazione di autonomia e si realizzava il sogno d'integrazione subalterna e burocratica della cooperazione alle forze economiche dominanti”. Così facendo di fatto il fascismo condannò alla morte tutte le esperienze cooperative, da quelle di produzione a quelle di consumo.

Il secondo dopoguerra avrebbe dovuto costituire l'occasione per un rilancio del movimento cooperativo, ma da un lato la storica ostilità delle sinistre, dall'altro la pressione dei grandi proprietari di terra e dei grandi industriali ne limitarono, almeno inizialmente, lo sviluppo (BRIGANTI, 1978). Progressivamente furono i comunisti a rilanciare questo movimento, nella convinzione che potesse costituire un elemento simile al sindacato, come cinghia di trasmissione tra partito e masse popolari¹³⁷.

4.3 La legislazione dello Stato italiano sulle cooperative

In Italia, diversamente da quanto avvenne in altri paesi europei, la legislazione sulle cooperative tardò a manifestarsi, vedendo la luce solo nel 1882. Per Bonfante (1981, p. 191): “Le ragioni di questo ritardo nella messa a fuoco di un quadro legislativo in materia di cooperazione affondano essenzialmente negli impacci della nostra società a vestire i panni di una moderna civiltà industriale”. La decisione di inserire la cooperazione all'interno del codice di commercio del 1882, fu fatta propria non da coloro che difendevano il carattere mutualistico delle stesse, ma da coloro che volevano farne unicamente un'impresa, criticati per questo anche da Rosa Luxemburg (1970). Si definiva così un modello di impresa capitalistica, con appena alcune limitazioni per quanto riguardava l'ingresso in società e il possesso dei titoli azionari, non vietando però la divisione degli utili (BONFANTE, 1981). Tale codice verrà sostituito nel 1891, per la sua incapacità di far fronte alle modificazioni della società italiana.

Progressivamente si cercò dal punto di vista legislativo di integrare le cooperative nel sistema di lavori pubblici, ritenendo che esse “possono avere un grande avvenire perché tendono ad ottenere un equo riparto degli utili dal lavoro, a togliere in molti casi la lotta tra il capitale e la manodopera e a condurre gradualmente l'operaio al possesso di quel capitale che gli è necessario all'opera sua” (RODINO, 1903, p. 312). L'idea era dunque quella di presentare uno Stato al di sopra delle parti, ma tale legge incontrò molti limiti in relazione all'ostilità dei conservatori.

¹³⁷Cfr. <https://ricordare.wordpress.com/perche-ricordare/167-cooperative-rosse/>

La fine del XIX secolo coincise con un movimento volto a discutere una riforma del sistema delle cooperative, per renderle uno strumento maggiormente utile alla classe lavoratrice, soprattutto con i progetti dei “socialisti giuridici”, con la proposta di progetti di legge che consentissero le operazioni con terzi(in precedenza erano vietate) e permettessero lo sviluppo economico delle cooperative(RODINO, 1903). Tali progetti, nonostante le modifiche apportate proprio per favorirne il consenso, non riuscirono ad ottenere i risultati sperati, un po' per la già citata ostilità dei conservatori, e per Bonfante(1981, p.202): “più in generale tali proposte furono travolte dai contraccolpi sociali e politici legati al decollo industriale e all'incapacità della borghesia di trovare una linea di condotta unitaria non solo sulla cooperazione, ma anche sui grandi temi del nostro sviluppo economico e sociale”.

L'inizio del XX secolo coincise invece con una ripresa della legislazione cooperativistica, sia per la ripresa delle lotte operaie, sia per il maggiore interesse al tema da parte del governo(CASTRONOVO, 2021). Giolitti infatti intendeva utilizzare le cooperative per Bonfante(1981, p. 204):

offrire uno sfogo alle masse di disoccupati, che soprattutto l'agricoltura sfornava a getto continuo, e inoltre, allentando la pressione sociale nei modi di crisi, aveva l'occasione di sottrarre consensi ai socialisti. Quest'ultimi, d'altra parte, intravedendo nell'iniziativa degli appalti pubblici non solo un'occasione di miglioramento delle condizioni di vita delle masse, ma anche uno strumento per la conquista di nuovi spazi d'intervento politico, non tardarono ad appoggiare l'azione di Giolitti.

Le trattative portarono all'elaborazione di un decreto nel 1911, che sintetizzava i precedenti tentativi, in una specie d'alleanza, perlomeno tattica, tra governo e lega delle cooperative., dove ovviamente a prevalere era il primo, grazie al sistema di controlli introdotti sull'attività economica delle cooperative(VERRUCOLI, 1979).

Dopo la “parentesi” del primo conflitto mondiale riprese il dibattito sulla legislazione da applicare alle cooperative, anche grazie al già citato aumento della capacità di organizzazione delle cooperative di matrice socialista, che gli permetteva di negoziare con il governo da una posizione più favorevole un progetto di riforma. Inizialmente tali proposte trovarono il consenso da parte del governo, preoccupato di contenere la montante sociale, ma senza che fossero effettivamente realizzate. Il progetto Labriola del 1920 rappresentò l'ultimo tentativo di inserire le cooperative nel processo di integrazione del capitalismo italiano, escludendo le cooperative legate alla piccola borghesia dalla regolamentazione. Quello del 1921 di fatto riportava la situazione al punto di partenza, senza che si fossero risolti i problemi della relazione tra Stato e cooperative(BONFANTE, 1981).

Anche il fascismo intervenne legislativamente sul settore delle cooperative, per

irregimentarlo meglio e sottometterlo ai suoi scopi. Una volta preso il potere il regime divise i suoi interventi (GRAMSCI, 2014) tra l'ambito costruttivo, con esenzioni fiscali per le cooperative con poco capitale e l'assicurazione obbligatoria in caso di infortunio da un lato, e interventi repressivi volti a svuotare dall'interno le cooperative e a privarle della loro autonomia (BONFANTE, 1981).

Si passò poi a definire una riforma del settore, che però fu ben lontana dal rappresentare una soluzione ai problemi del settore. Per Gobbi (1932, pp. 149-50): "Il bisogno di una riforma della cooperazione, [...] c'era davvero [...]... Ma la riforma (meglio che riforma: rivoluzione) fu già fatta; fu fatta come pei sindacati dei lavoratori, mutando lo spirito dei cooperatori e consolidando il mutamento con l'istituzione dell'Ente nazionale della cooperazione".

Gli anni 30 videro il fascismo farsi sempre più accentratore nella gestione dell'economia, anche per far fronte alla crisi esplosa nel 1929, limitando sempre di più il ruolo delle cooperative nella società. In ambito agricolo finite le bonifiche terminarono anche i lavori pubblici, mentre degno di maggior interesse era il settore edilizio, le cui leggi confluirono in un Testo unico¹³⁸ nel quale Bonfante (pp. 220-1):

si mescolano elementi di apertura sociale ed ambiguità e lacune, dove la prospettiva del provvedimento non era tanto quella di favorire, [...], l'incremento dell'edilizia popolare, e quindi di assicurare la disponibilità di case per le masse popolari, quanto piuttosto, more solito, quella di incoraggiare le aspirazioni proprietarie dei ceti urbani piccolo-borghesi e impiegatizi.

Successivamente con la totalitarizzazione dello Stato fascista¹³⁹ compiuta nel 1939, anche le cooperative furono sottoposte ad un ennesimo tentativo di riforma. Le diverse anime del governo trovarono una sintesi nel nuovo codice elaborato nel 1942, in pieno secondo conflitto mondiale, con il quale si definiva un sistema che dietro a un non specificato scopo mutualistico, celava la necessità della creazione di un sistema di cooperative legate alla speculazione finanziaria e non a fini solidaristici (BONFANTE, 1981).

La Costituzione italiana sorta dopo la Resistenza, attribuì un peso alle cooperative con il suo articolo 45¹⁴⁰. Con tale formulazione, dopo intensi dibattiti tra i costituenti, si riconosceva il ruolo delle cooperative, tentando di evitare di ripetere gli errori dei decenni precedenti, ma dovendo necessariamente mediare tra posizioni molto differenziate, senza riuscire a definire chiaramente cosa fossero le cooperative. Per Bonfante (1981, p. 228) "Proprio con riferimento a questa caratteristica è emerso il limite più grave dell'articolo 45, consistente nel non aver saputo cogliere il

¹³⁸Raccolta di leggi su una determinata materia, di frequente utilizzo nell'ambito legislativo italiano.

¹³⁹Con tale processo il fascismo volle farsi totalitario proprio come l'alleato nazista, eliminando ad esempio la Camera dei deputati e sostituendola con la Camera dei fasci e delle corporazioni, i cui membri erano tutti di nomina del partito fascista.

¹⁴⁰Il testo del primo comma di tale articolo è: La Repubblica riconosce la funzione sociale della cooperazione a carattere di mutualità e senza fini di speculazione privata. La legge ne promuove e favorisce l'incremento con i mezzi più idonei e ne assicura, con gli opportuni controlli, il carattere e le finalità.

momento politico favorevole per la definitiva messa al bando del dualismo giuridico, [...] con un testo ben più precettivo e chiaro in argomento”. La prima legge in materia nel secondo dopoguerra fu fatta nel 1947, tentando di riprendere, attualizzandolo, il modello liberale pre-fascista. Si stabilivano ad esempio i limiti di soci, di capitali, necessari per costituire una cooperativa e le caratteristiche mutualistiche che la società doveva avere (VERRUCOLI, 1979).

Gli anni cinquanta si caratterizzarono invece per una dura repressione del movimento cooperativo, a causa del crescente clima da guerra fredda, dove la cooperazione veniva descritta come possibile punto di appoggio delle sinistre, ormai all'opposizione del governo. Addirittura venivano ripresi progetti di epoca fascista e si favorivano ipotesi speculative nell'ambito della cooperazione edilizia (BONFANTE, 1981). Tutto ciò sfociò in un testo unico del 1958, nel quale di fatto si favorivano l'evasione e l'elusione fiscale, per accedere ai benefici garantiti alle cooperative (VERRUCOLI, 1979). Così facendo si impediva sostanzialmente il funzionamento del sistema delle cooperative.

Il decennio successivo vide l'avvio di governi del cosiddetto centro-sinistra¹⁴¹, che avrebbero dovuto aprire maggiori spazi per la cooperazione, ma in realtà non fu così, “come dimostrava il sostanziale disinteresse verso l'istituto della maggior parte dei piani programmatici che affollavano il periodo, e soprattutto la povertà di una legislazione, [...] che ponesse la cooperativa al centro di un piano di riforma organico dei nostri nodi di crisi” (BONFANTE, 1981, p.236). Più importante sarà invece la riforma del 1971.

Tale riforma è il risultato dei dibattiti intercorsi durante il decennio precedentemente, senza alterare le strutture essenziali.”La legge, subito battezzata mini-riforma, si segnalava, [...], soprattutto per il rafforzamento economico dell'impresa conseguente all'aumento a 2 milioni del limite della partecipazione di ciascun socio e per una certa generosità nella concessione dei benefici fiscali” (BONFANTE, 1981, p.238), favorendo dunque ipotesi speculative. I meccanismi impresariali, sempre più presenti, contribuirono a creare conflitti sociali all'interno delle cooperative, che cessavano come vedremo di essere un sistema mutual-solidaristico, per divenire uno strumento di sfruttamento dei lavoratori, tramite la riduzione del costo del lavoro.

E d'altra parte gli anni settanta, con l'aumento del conflitto sociale, sarebbero stati anni propizi in tal senso, ma non lo furono. In questa fase si registrò infatti una relazione difficile con i sindacati che, mirando a organizzare sindacalmente la forza lavoro anche nel settore delle cooperative, si scontravano con la pretesa delle cooperative di essere già parte del movimento dei lavoratori, non avendo quindi bisogno dei sindacati. In ogni caso in questo decennio nacquero

¹⁴¹Con tale espressione si intendono governi che vedevano l'alleanza della DC con il PSI, per la realizzazione di riforme sociali nel paese.

nuove cooperative nel settore del turismo e dei servizi socio-sanitari, dimostrando una notevole vivacità del movimento cooperativo (FERACO, 2011). Nonostante la crisi il movimento sembrava costituire quello che l'allora presidente della Lega delle cooperative chiamava una forza anti-crisi, evitando da un lato gli squilibri generati dal sistema capitalista e dall'altro i fenomeni di burocratizzazione tipici dell'ambito statale (GALETTI, 1975).

Lo spegnersi del movimento operaio dopo la fine del decennio produssero l'idea di fare della cooperazione una terza via tra pubblico e privato, che superasse i limiti di entrambe; tutto ciò favorito dall'istituzione delle regioni nel 1970, con la possibilità a livello locale di incentivare la formazione delle cooperative. In ogni caso ancora a fine del decennio era presente l'ambiguità rispetto al modo in cui definire il rapporto tra cooperazione e speculazione finanziaria, rendendo possibile il mantenimento di quell'ambiguità che avrebbe portato addirittura nei decenni successivi gruppi di cooperative a cercare scalate bancarie (FRAU, 2010).

Dal punto di vista legislativo, negli ultimi venti anni si sono susseguite importanti riforme. Nel 2001¹⁴² il governo ha introdotto una revisione dello status giuridico e previdenziale del socio lavoratore di una cooperativa, per evitare i fenomeni con cui si utilizzava tale strumento per ridurre il costo del lavoro.

Come detto in precedenza il secondo governo Berlusconi è intervenuto pesantemente sul tema delle cooperative. Prima nel 2002¹⁴³ ha riformato le modalità di controllo sull'attività delle stesse, ponendo l'accento sulla necessità che i soci partecipino delle decisioni assembleari, poi nel 2003 ha riformato il codice civile¹⁴⁴, con la netta distinzione tra cooperative a prevalente mutualità e non, specificando che solo le cooperative che rispettano i principi della legge Basevi sul divieto di distribuire utili finanziari ai soci delle cooperative, stabilendo che solo le prime avessero diritto a godere dei benefici fiscali; infine con la legge 30 del 2003 ha ulteriormente modificato la questione dei diritti sindacali dei soci delle cooperative, in contraddizione con la legge del 2001, stabilendo che perdessero il posto di lavoro nel caso fossero esclusi dalla cooperativa (FRAU, 2010).

4.4 Il movimento cooperativo nell'attualità

Il movimento cooperativo italiano appare negli ultimi anni, nonostante la crisi, in forte crescita. L'ultimo rapporto dettagliato¹⁴⁵, del 2016, evidenzia una crescita del fatturato del 40 per cento circa

142 Cfr. <https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:legge:2001;142#:~:text=1%20Soci%20lavoratori%20di%20cooperativa,organizzazione%20del%20lavoro%20dei%20soci>.

143 Cfr. https://def.finanze.it/DocTribFrontend/decodeurn?urn=urn:dotrib::DLG:2002-08-02;220_art12#:~:text=220&text=Norme%20in%20materia%20di%20riordino,alla%20posizione%20del%20socio%20lavoratore%22.

144 Il testo dell'art 2512 di tale codice riporta: "Sono società cooperative a mutualità prevalente, in ragione del tipo di scambio mutualistico, quelle che svolgono la loro attività prevalentemente in favore dei soci, consumatori o utenti di beni e servizi".

145 Cfr. ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, "Le cooperative attive in Italia".

tra il 2006 e il 2015; una crescita però che non è stata uniforme, ma che ha riguardato soprattutto il settore delle cooperative attive nei servizi sociali e meno gli altri settori. Le cooperative attive a fine 2015 erano circa 80.000, con un numero di addetti totali di oltre un milione, con una distribuzione territoriale differente, infatti quasi il 50 per cento delle cooperative si trova in regioni del Sud, il 35 per cento al Nord e solo il 20 per cento nel Centro Italia¹⁴⁶. “La crescita del numero di nuove cooperative in Italia, oltre a rappresentare uno dei fattori di trasformazione e modernizzazione del sistema produttivo, conferma la forte radicalizzazione del movimento cooperativo nel territorio¹⁴⁷”, (ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, 2016, p.3) con un radicamento che in alcuni casi supera le 25 cooperative ogni 10 mila abitanti.

Nel corso degli ultimi decenni le cooperative si sono specializzate nel settore terziario, intervenendo in settori come i servizi sociali, il settore della ristorazione e del turismo, il settore del credito e assicurativo¹⁴⁸, espansosi fino a creare dei consorzi. Tra di essi ve ne sono alcuni di grande importanza nel settore del consumo, come l'Associazione nazionale Cooperative di consumatori, fondata nel 1995; il settore dei trasporti e della logistica è invece rappresentato dal Consorzio nazionale Servizi, fondato nel 1977; alcune di esse sono addirittura quotate in borsa¹⁴⁹, arrivando a definire un ruolo di Amministratore unico invece del Consiglio d'amministrazione. I dati sull'occupazione nel rapporto citato sono positivi, visto che nel settore delle cooperative l'occupazione è in crescita arrivando a circa il 7 per cento degli occupati totali e con l'indotto si supererebbe anche il 10 per cento.

Di particolare interesse è rilevare la crescente percentuale di lavoratori stranieri impiegati dalle cooperative. Dai dati dell'ultimo rapporto Asia¹⁵⁰ emerge infatti come i lavoratori occupati in questo settore siano circa il doppio dei lavoratori italiani, con particolare risalto alle cooperative della logistica, dove spesso gli stranieri sono vicini al 25 per cento della composizione e tra di essi vi sono molti lavoratori extra- comunitari(provenienti da paesi non UE). In più nell'ultimo rapporto¹⁵¹ della FILT CGIL emerge come non solo i lavoratori stranieri siano massicciamente presenti nel settore, ma che essi sono collocati nei settori più a rischio di infortuni e a più bassa retribuzione, che hanno normalmente contratti peggiori dei loro colleghi italiani dal punto di vista della durata dei contratti e della retribuzione. Tale presenza dei lavoratori extra-comunitari è confermata dai dati¹⁵² che riguardano le cooperative sociali, dove vi è una forte presenza di

146 Cfr. ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, “*Le cooperative attive in Italia*”.

147 ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, “*Le cooperative attive in Italia*”, p. 3.

148 Cfr. ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, “*Le grandi cooperative in Italia nel periodo 2008-2014*”.

149 Cfr. <https://www.ilsole24ore.com/art/profitti-calco-e-finanza-dolori-sistema-coop-AESKSFW>

150 Cfr. ASIA ISTAT, “*Rapporto annuale 2018*”.

151 Cfr. http://www.fondazionebrodolini.it/sites/default/files/pubblicazioni/file/lavoro_e_organizzazione_della_logistica_4.0.pdf

152 Cfr. ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, “*Le cooperative attive in Italia*”.

lavoratrici stranieri, molto maggiore che in altri settori.

4.4.1 La specificità delle cooperative sociali

Le cooperative sociali sono un particolare tipo di cooperativa, nata negli anni Sessanta con l'intento di offrire servizi utili alla società, senza avere come obiettivo la realizzazione di alcun guadagno. Per Feraco(2011, p. 49): “Questa tipologia di cooperazione si sviluppa in virtù dell'ampliamento del concetto stesso di mutualità, tanto caro alla tradizione cooperativa; la solidarietà e la mutualità, infatti, non erano più di carattere interno, tra i soci, ma venivano rivolte verso l'esterno, alle persone più in difficoltà”. Tale sviluppo mostra l'insufficienza della capacità dello Stato di erogare questo tipo di servizi che, unito al progressivo smantellamento dello Stato sociale e all'invecchiamento della popolazione italiana, ha prodotto un progressivo aumento della domanda di tali servizi, senza che corrispondesse un'adequata offerta pubblica. Dopo l'esplosione sociale provocata dai movimenti del 1968, cominciarono a determinarsi le prime esperienze cooperative. Nei primi anni di vita, a causa della loro natura “ibrida” tali cooperative non riuscivano a trovare una collocazione chiara all'interno del movimento cooperativo. “Fino a che, nell'ottobre del 1980, [...] , l'Alleanza Cooperativa internazionale presentò un interessante rapporto sul futuro del movimento cooperativo, dove non faticò a introdurre la cooperazione sociale come senza dubbio appartenente alla tradizione cooperativa”(FERACO, 2011, p.50).

Di grande importanza per tale movimento fu la legge 381 del 1991, dove si definivano le cooperative sociali come attività che hanno come obiettivo “l'interesse generale della comunità alla promozione umana e all'integrazione sociale dei cittadini attraverso: a) la gestione di servizi socio-sanitari ed educativi; b) lo svolgimento di attività diverse- [...] - finalizzate all'inserimento lavorativo di persone svantaggiate¹⁵³”, indicando all'art 4 quali fossero i soggetti da inserire(disabili, ex detenuti, tossicodipendenti ecc.).

Come avvenuto in passato all'origine del movimento cooperativo, anche nel settore delle cooperative sociali vi è stata una distinzione tra cattolici e sinistra, i primi hanno creato Federsolidarietà nel 1988, i secondi Legacoopsociali nel 2005. Anche il modello gestionale è stato differente: i cattolici hanno puntato su un sistema a rete formato da imprese di piccole dimensioni mentre Legacoopsociali ha puntato su una maggiore autonomia delle cooperative in merito alla gestione interna. La crescita di tale tipo di cooperative, distinte tra cooperative di tipo A che si occupano di servizi educativi e socio -sanitari, e di tipo B, che si occupa dell'inserimento di persone svantaggiate, è stata favorita dalla progressiva esternalizzazione dei servizi da parte delle pubbliche amministrazioni(FERACO, 2011). Come detto in precedenza una parte delle cooperative sociali ha anche preso in gestione beni confiscati dallo Stato alle organizzazioni mafiose.

153 http://www.cliclavoro.gov.it/Normative/Legge_8_novembre_1991_n.381.pdf, p.1.

Secondo i dati dell'ultimo rapporto Legacoop il numero delle cooperative sociali attualmente esistenti in Italia è di 10.697, con un totale di occupati di 448.490, in aumento del 0.3 per cento rispetto all'anno precedente¹⁵⁴. Le cooperative sociali stanno allargando negli ultimi anni i loro orizzonti, integrando attività che in precedenza non facevano parte dei loro ambiti, anche per reggere la concorrenza diffusa nel settore privato. Per Feraco(2011, p.55):“Il pericolo che corre oggi la cooperazione in questo settore è quindi quello che la diffusione di tali approcci, fortemente connotati da innovazioni [...] finanziarie, snaturi e modifichi la mission sociale originaria di queste imprese, trasformandole a tutti gli effetti in organizzazioni <<for-profit>>”.

Ma soprattutto il mondo delle cooperative sociali è stato investito negli ultimi da numerose inchieste giudiziarie, volte ad accertare episodi di mala gestione dei soldi pubblici, relativi agli appalti per la gestione di centri di accoglienza per stranieri(AMOROSI, 2016). Tra di esse la più importante è stata soprannominata “Mafia capitale”, per sottolineare il ruolo criminale avuto da imprese di tipo cooperativo nella città di Roma, che ha portato in secondo grado alla condanna a oltre dieci anni di reclusione a Buzzi e Carminati, due dei principali protagonisti di questo schema criminale¹⁵⁵, dimostrando come le cooperative sociali che facevano capo ai due soggetti in questione fossero state in grado di rendere l'immigrazione un vantaggioso e ben remunerativo business.

4.5 La trasformazione delle cooperative: dalla solidarietà agli scandali finanziari e di gestione degli appalti pubblici

Gli episodi descritti in precedenza e la realtà degli ultimi decenni, con il progressivo inserimento delle cooperative nel mercato finanziario e nella speculazione, descrivono una realtà ben diversa dalle aspirazioni teoriche e pratiche dei fondatori del movimento cooperativo, che avevano voluto creare un sistema fondato sul mutualismo e sulla solidarietà tra lavoratori. Diversi sono stati i libri che nel corso degli ultimi anni hanno cercato di far luce su questo mondo, con l'obiettivo di farne emergere limiti e contraddizioni¹⁵⁶.

Amorosi in particolare, per la scrittura del suo libro pubblicato nel 2016, si avvale della testimonianza anonima di un ex dirigente del movimento cooperativo, che gli spiegò come il partito comunista era stato in grado soprattutto in Emilia, ma non solo, di creare un vero e proprio sistema economico integrato, dove il PCI riusciva, grazie alle sue capacità di mobilitazione, a far avere appalti pubblici alle cooperative, che in cambio versavano una parte dei fondi nelle casse del partito. Un sistema così ben oliato che riuscì a sopravvivere alla tempesta passata alla storia come Tangentopoli e che coinvolse in pieno gli altri partiti, permettendogli anzi di allargare il proprio

154 Cfr. <https://areastudi.legacoop.coop/wp-content/uploads/2020/10/Legacoop-in-cifre.pdf>

155 Cfr. <https://www.fanpage.it/roma/mafia-capitale-sentenza-dappello-bis-buzzi-condannato-a-12-anni-e-10-mesi-e-carminati-a-10-anni/>

156 Tra gli altri abbiamo sicuramente il già citato FRAU “*La coop non sei tu*” e il libro di Amorosi “*Coop connection*”.

giro d'affari, invece che restringerlo. Ma un sistema oggi molto più frammentato per il regionalismo e per la crescente presenza di dirigenti locali in lotta per la spartizione degli appalti pubblici. Una struttura, che sembrava fatta apposta per dribblare la legge anche attraverso l'uso di fondazioni, apparentemente priva di difetti(AMOROSI, 2016).

La testimonianza a cui abbiamo fatto riferimento sembra lasciare pochi dubbi rispetto alle caratteristiche strutturali di tale sistema. AMOROSI(2016, p.20):

Nel secondo dopoguerra del secolo scorso le cooperative sono cresciute tramite la protezione e il controllo del partito Comunista, che le gestiva tramite Legacoop. [...]. Con la caduta del muro di Berlino e la fine dei paesi dell'Est il dominio del partito si è sbriciolato e oggi non è più determinante. [...]. I dirigenti della cooperazione conquistano un'autonomia immensa e diventano inamovibili dagli incarichi. Restano però strettamente collegati al partito egemone della sinistra, PDS, DS, e oggi PD, costituendo un altro vertice della catena di quel potere.

Così facendo si è potuto creare un vero e proprio impero economico, rafforzato dopo il 2007 dalla fusione tra Margherita(area cattolica) e DS(democratici di sinistra), unificando cattolici e coop “rosse”¹⁵⁷. Come detto in precedenza le cooperative si dividono in due tronconi: quelle a mutualità prevalente e che hanno i maggiori benefici fiscali, e le altre; infatti già solo il fatto di essere una cooperativa permette di pagare le tasse non sul fatturato totale, ma solo su una parte di esso, di solito prossimo al 70 per cento¹⁵⁸.

Il sistema delle cooperative si regge sul controllo di molti supermercati legati al mondo della grande distribuzione alimentare. “E la Grande distribuzione è nelle nostre società il soggetto che guadagna di più dalla vendita dei beni e riesce a determinarne il prezzo, spesso a discapito dei produttori. Quando nel 2009-2013 quasi tutti i fatturati della GDO crollano, [...] Coop incrementa il suo fatturato con +5,2 %”(AMOROSI, 2016, p.30), ciò ha creato problemi anche per l'eccessivo potere economico acquisito, portando a provvedimenti dell'ente regolatore del mercato, l'Antitrust. Ma allo stesso tempo le cooperative sono entrate nel mondo della finanza, grazie al prestito sociale¹⁵⁹ con cui possono raccogliere denaro dai propri soci e investirli tramite società controllate, ciò gli ha permesso di avere miliardi investiti in titoli di Stato e bancari. Il caso triestino, con la sparizione di decine di milioni di euro posseduti dai soci delle coop operaie, hanno evidenziato l'opacità di tale sistema e la pressoché totale assenza di controlli, nonostante le sentenze di assoluzione per i vertici, arrivate a gennaio 2021¹⁶⁰. Ad aggravare la situazione vi è anche il fatto

157 Cfr. https://www.repubblica.it/politica/2017/10/13/foto/fusioni_scissioni_vittorie_e_sconfitte_10_anni_di_pd-178145698/1/

158 Cfr. <https://www.diritto.it/il-regime-fiscale-delle-societa-cooperative-e-le-principali-agevolazioni-tributarie-previste-per-quelle-a-mutualita-prevalente-dopo-il-decreto-legge-1122008/>

159 Cfr. <https://www.formazionefinanza.com/conti-deposito/prestito-sociale-coop/>. Spesso le adesioni vengono raccolte senza spiegare previamente i rischi di tale sistema.

160 Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/01/21/coop-operaie-di-trieste-il-crac-del-2014-resta-senza-colpevoli-gli-ex-vertici-assolti-dalle-accuse-di-bancarotta-e-false-comunicazioni/6074205/>

che per la loro particolare natura le cooperative hanno un altro grado di autonomia, che gli consente di fatto di essere pressoché immuni da controlli statali, che possono avvenire solo se vi sono esposti o segnalazioni. Ciò gli consente ad esempio di fare dei fallimenti “volontari”(o meglio pilotati) che consentono a cooperative indebitate di fallire per non pagare i creditori e dipendenti, rinascendo poco dopo con un altro nome e senza debiti; o di operare un'evasione fiscale “legale” dato che per i suoi presunti fini mutualistici può pagare meno tasse(AMOROSI, 2016).

Intere regioni d'Italia sono di fatto un monopolio del sistema cooperativo, che controlla tutte le principali attività economiche cittadine, come nel caso di Imola. E proprio da Imola viene Poletti, ex ministro del lavoro durante i governi Renzi e Gentiloni, responsabile dei mancati controlli sulla coop 3Elle, dove nonostante il fallimento imminente i soci hanno dovuto continuare a versare le quote mancanti¹⁶¹.

Per poter funzionare questo sistema ha bisogno di personale dirigenti che sia di fiducia del partito di riferimento, per questo motivo normalmente i dirigenti di Legacoop sono stati iscritti del PCI, PDS o PD e hanno già avuto incarichi politici, con una prassi che comincia nel 1947, quando l'allora PCI di Togliatti riesce ad ottenere la maggioranza nella Lega delle cooperative, eleggendo a presidente Cerreti¹⁶², scelto dallo stesso Togliatti. Per Amorosi(2016, p.42):“Con gli anni le rigide linee di comando, emanazioni di pochi uomini, non sono state sostituite ma si sono evolute. Verso una dimensione ancora più criptata e nascosta. Accessibile solo a ristrette cerchie di uomini adatti ai cambiamenti, ma che mantengono un saldo legame con la propria storia”. Tutto ciò consente alle cooperative di finanziare massicciamente i partiti politici, anche grazie alla legge del 2013¹⁶³ che permette di non dichiarare il nome del finanziatore se l'importo della donazione è tra 5000 e 100.000 mila euro, aprendo spazio per finanziamenti illeciti od occulti, volti ad ottenere favori politici o appalti pubblici.

La crisi del 2008 non ha indebolito tale sistema, semmai lo ha rafforzato, concentrando il potere nella dimensione locale, che ha prevalso su quella nazionale. Tutto ciò ha provocato faide interne al mondo delle cooperative, nel momento in cui sono cominciate le inchieste giudiziarie su quel mondo, che hanno riguardato anche vertici regionali di partiti politici¹⁶⁴, spesso in relazioni anche con esponenti della criminalità organizzata. Per poter funzionare il sistema si regge su un numero di lavoratori che sono pressoché invisibili, senza contratto e dunque senza diritti. Per

161 Cfr. <https://www.ilrestodelcarlino.it/imola/economia/3elle-quote-sociali-coop-1.400860>

162 Cfr. <https://siusa.archivi.beniculturali.it/cgi-bin/pagina.pl?>

TipoPag=prodpersona&Chiave=45124&RicProgetto=personalita

163 https://www.camera.it/leg17/465?tema=finanziamento_partiti

164 Cfr. ad esempio <https://ilcicolaccio.it/2019/01/08/i-grandi-affari-delle-cooperative-rosse-e-le-distrazioni-della-giustizia/>

Amorosi(2016, p.56):“Quasi mai le somme previste coincidono con il pagamento finale, i contratti sono fittizi, il denaro lo ricevi in contante dal caporale e le ore lavorate sono almeno il doppio di quelle pagate. [...]. Mentre lavori ogni spazio di vita è uno spreco, andare al gabinetto o mangiare un panino è tempo rubato”, costringendo addirittura alcune migranti che lavorano nel settore delle pulizie a prostituirsi per arrotondare il magrissimo “stipendio”. Tutto ciò aggravato dalla riforma del mercato del lavoro del 2015, nel cui articolo 81 si estingue il reato di somministrazione fraudolenta di manodopera che di fatto risolve alla radice il problema, estinguendo il reato possibile e rendendo tale fattispecie pienamente legittima¹⁶⁵. Oltretutto essendo soci di una cooperativa i lavoratori devono anche versare una quota iniziale a fondo perduto, che li porta a partecipare del rischio d'impresa.

Il progetto che più ha fatto discutere è stata la tentata scalata alla BNL del 2005 da parte del mondo delle coop unito al gruppo di assicurazioni Unipol¹⁶⁶, che avrebbe di fatto consentito al mondo delle cooperative di aver accesso a due mondi, quello assicurativo e quello bancario, con grandi disponibilità economiche. Una scalata che, pur fallita, ha portato a diverse condanne¹⁶⁷ e ha portato alla luce le contraddizioni di tale sistema.

Ma ovviamente questo non è stato l'unico caso che è arrivato alle cronache giornalistiche e giudiziarie. Nel 2008 ad esempio vengono ritrovate migliaia di tonnellate di rifiuti tossici nel centro di Bologna, nel cantiere controllato dalla società bolognese Hera, municipalizzata che gestisce molti servizi per conto del comune. Nonostante il mancato processo per vizi di forma, il problema non è stato risolto, anzi diversi dirigenti hanno ottenuto aumenti di retribuzione¹⁶⁸. Il caso è poi riemerso mediaticamente nel 2014 con un servizio della trasmissione d'inchiesta Report¹⁶⁹, ma anche in questo caso non si va oltre qualche contestazione politica, nonostante siano emersi legami di Hera anche con la camorra napoletana.

Un sistema come detto così ben oliato che consente a politici di essere prima dirigenti di cooperative, poi deputati e senatori, che possono far avere consulenze fittizie a uomini di loro fiducia, spesso senza che queste consulenze esistano realmente¹⁷⁰.

Però è solo con il 2015 e con l'inchiesta Aemilia¹⁷¹, che viene realmente alla luce la

165 Cfr. <https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/2015/06/24/15G00095/sg>

166 Cfr. AMOROSI, A. “*Coop connection*” e FRAU, A. “*La coop non sei tu*”.

167 <https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/05/30/processo-bnl-unipol-10-imputati-assolti-condannati-solo-consorte-e-sacchetti/246501/> Molte di più sono state però le assoluzioni, dimostrando la difficoltà di scalfire, anche dal punto di vista giudiziario, tale struttura.

168 Cfr. <https://www.ravennatoday.it/politica/ancisi-hera-dirigenti-premiati-anche-dopo-lo-scandalo-rifiuti-della-primavera-scorsa.html>

169 Cfr. <https://www.raiplay.it/video/2014/11/In-buone-acque---Anteprima-e545df5c-b068-45ad-912>

170 Cfr. <https://www.ilgiornale.it/news/interni/grande-torta-delle-coop-rosse-scandali-e-soldi-dagli-amici-1018108.html>

171 I cui processi si sono conclusi nel 2018 con decine di condanne. Cfr.

<https://incronaca.unibo.it/archivio/2020/02/19/tutte-le-tappe-del-caso-aemilia>

penetrazione camorristica nelle aziende emiliane, una penetrazione così profonda da riuscire a sembrare quasi invisibile. Per Amorosi(2016, p.72):“La criminalità organizzata insegue il denaro. È un fenomeno incapace di incepparsi e le grandi opere ne sono gli asset fondamentali. [...] Dei 150 miliardi di euro incassati da camorra, ndrangheta e Cosa nostra, 20 arrivano dalla patria delle coop¹⁷²”. Ma il problema rischia di essere che data la situazione di partenza, la condanna di alcuni criminali potrebbe semplicemente lasciar spazio ad altri. In Emilia, a giudicare dall'inchiesta citata, si sono sovrapposti gruppi criminali diversi, che hanno trovato forme di convivenza, dividendosi il territorio emiliano in aree di influenza, per non pestarsi i piedi tra loro. E forti a tal punto da far rilasciare un proprio uomo, in custodia per violenza aggravata, dopo un tentato assalto alla caserma dei carabinieri¹⁷³. AMOROSI(2016, P.75):

La mafia non è un fenomeno territoriale, un virus che invade un corpo sano, [...] E' il frutto di un lavoro di anni. [...] Non va in qualsiasi luogo, ma dove c'è domanda di mafia e ricchezza. [...] La mafia non si chiama neanche mafia. [...] Si chiama sistema, società, Cosa nostra o al massimo criminalità organizzata. È un pezzo fondamentale dell'imprenditoria italiana. E non è neanche il prodotto di un'invasione del Nord Italia, di qualcuno che arriva dal Sud, ma uno scambio reciproco iniziato in un tempo ormai lontano.

È piuttosto un sistema fatto di controllo del territorio e di rapporti clientelari, che permettono a politici emiliani di eleggersi grazie all'appoggio di calabresi che risiedono in Emilia e che sono legati a clan della ndrangheta. La polizia bolognese comincia a seguirne le tracce nel 2008, con il lavoro di Fabio Bernardi, che è riuscito a far arrestare diversi boss¹⁷⁴. E ciò che è preoccupante è che spesso la magistratura copre questa situazione, evitando di operare con imparzialità ed attribuire le giuste pene, difendendo il cosiddetto sistema emiliano, un sistema che non ha bisogno di tangenti perché partito e cooperative, legati a doppio filo l'uno con l'altro, si spartiscono tra di loro i fondi(AMOROSI, 2016). E così può finire che i poliziotti che denunciano gli illeciti vengano emarginati, che i magistrati si rifiutino di intervenire e che i carabinieri stessi abbiano una propria cooperativa¹⁷⁵.

L'ulteriore sviluppo del settore cooperativo è stato determinato grazie alla progressiva esternalizzazione del settore dei servizi sanitari, che ha permesso alle cooperative di inserirsi in un settore con rendite pressoché sicure, anche a causa dello smantellamento del servizio sanitario pubblico¹⁷⁶. Le cooperative possono così offrire piani sanitari a coloro che altrimenti resterebbero esclusi dall'erogazione di prestazioni specialistiche, potendo offrire tariffe molto più vantaggiose

172AMOROSI, A. “Coop connection”, p. 72.

173 Cfr. <https://mafiesottocasa.com/santagata-bolognese-assalto-alla-caserma-dei-carabinieri/>

174 Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/02/23/bologna-nettuno-doro-capo-della-mobile-lega-preparano-proposta/193538/>

175 Cfr. <https://www.cooperativeitalia.it/indagato-presidente-legacoop-bologna-per-minacce-al-sindaco-di-san-lazzaro-di-savena/>

176 Cfr. https://www.quotidianosanita.it/studi-e-analisi/articolo.php?articolo_id=70344

rispetto alla media, rischiando anche il conflitto di interesse, visto che i medici di base potrebbero prescrivere visite presso altri colleghi della cooperativa. AMOROSI(2016, p.102):

L'esternalizzazione di pezzi dell'attività ospedaliera, affidata a società che con propri addetti svolgerà le mansioni, è il mantra del settore. Avviene in massima parte tramite cooperative di soci che lavorano per anni senza ferie, malattia, contributi e con uno stipendio mensile massimo di 600-800 euro per otto ore giornaliere. La struttura societaria si presta perfettamente ai vari compiti. [...] Tra subappalti e commesse, in molti casi gli ospedali italiani non sanno neanche quantificare la propria manodopera.

Ma il “business” delle cooperative si è esteso negli ultimi ad altri settori, come quello alimentare. In particolare è il marchio Eatitaly di Farinetti ad essere emerso negli ultimi anni, mescolando presunta sostenibilità ambientale con evasione fiscale e riduzione del costo del lavoro¹⁷⁷. Una realtà fatta anche di solidi legami con la politica, soprattutto di centro-sinistra che gli consente di avere appalti in modo rapido, senza dover sottostare ai tempi lunghi della burocrazia. I costi del lavoro vengono invece abbattuti grazie al ricorso ai contratti precari di somministrazione con le agenzie interinali, rinnovati fino al limite massime e inquadrando i lavoratori economicamente sotto la mansione che andranno effettivamente a svolgere; un sistema contro cui hanno manifestato molte volte anche i lavoratori precari¹⁷⁸ e che gli ha consentito di creare Fico(fabbrica italiana contadina) a Bologna, vicino ad un inceneritore di rifiuti.

E a rimanere esterno a questo sistema non c'è nemmeno il settore della lotta contro la mafia, infatti se come detto in precedenza molti beni confiscati alla mafia vengono assegnati a cooperative sociali, il legame tra l'organizzazione Libera¹⁷⁹ e il mondo delle cooperative non è privo di contraddizioni. In un contesto infatti così complesso come la lotta alla mafia, la contiguità tra Libera e esponenti dei governi di centro-sinistra nazionali, rischiano di minarne la credibilità e l'indipendenza, finendo per fare di un'istituzione che a parole combatte la criminalità, uno strumento per lavarsi la coscienza di politici coinvolti in fatti poco chiari(AMOROSI, 2016). Al di là del merito dei singoli casi, emerge una gestione opaca anche dei rapporti di lavoro e una sovraesposizione mediatica del fondatore del movimento¹⁸⁰. Ma è soprattutto nella gestione dei beni confiscati alla mafia ed assegnati a Libera che si concentrano i maggiori dubbi. AMOROSI(2016, pp. 155-6):

Il totale dei beni confiscati è un tesoro immenso, difficile da stimare; si aggirerebbe tra i 10 e i 34 miliardi di euro. Neanche gli addetti ai lavori e l'agenzia nazionale beni confiscati sembrano avere dati certi. [...] Per conoscere l'identità degli assegnatari bisogna chiederlo a ogni Comune e sperare in una risposta. È una sorta di segreto di Stato. [...] I beni assegnati a Libera nelle grandi città appaiono pochi. Colpisce però che a venti minuti a

177 Cfr. <https://www.wired.it/economia/business/2017/08/01/inchiesta-eataly-oscar-farinetti/>

178 Cfr. <https://www.today.it/cronaca/sciopero-eataly-firenze.html>

179 È un'importante organizzazione antimafia guidata da un prete, Don ciotti. Vedi https://www.libera.it/?gclid=Cj0KCQjwsqmEBhDiARIsANV8H3aFonrzD00Je0bwnXCSyII_UPwxQ2MtnfAr4hsrUMcGRfV3fbyquHsaAISIEALw_wcB

180 Cfr. https://www.huffingtonpost.it/2016/01/13/libera-ciotti-querela-zag_n_8970004.html

pie di dalla sede di Roma dell'agenzia ci sia la sede nazionale di Libera, [...] un palazzo prestigioso, di valore superiore a 900.000 mila euro, ubicato tra il Quirinale e piazza Venezia, confiscato al boss Michele Zaza.

Ma l'elemento che fa più specie, ed il più interessante per le nostre ricerche, è il business che alcune cooperative, comprese alcune coinvolte nell'inchiesta Mafia capitale, hanno montato sul tema dell'accoglienza ai migranti, un settore in costante crescita, nonostante gli accordi di respingimento stipulati con la Libia. Il CARA di Mineo in Sicilia rappresentava un luogo simbolo di questo business, dato che gestiva decine di milioni di euro annui e che aveva centinaia di dipendenti ed è stato chiuso in un'operazione più propagandistica che risolutiva dall'allora ministro dell'Interno Salvini¹⁸¹. Ma numerosi sono gli scandali che hanno riguardato questo settore, che vanno dalla gestione opaca dei fondi¹⁸² ai maltrattamenti ai danni dei migranti¹⁸³, dimostrando come tale settore sia uno di quelli in cui la penetrazione della criminalità organizzata è stata più ampia.

4.5.1 Una testimonianza diretta sulla trasformazione del mondo delle cooperative

Il libro di Mario Frau, *“La Coop non sei tu”*, pubblicato nel 2010, rappresenta uno strumento fondamentale per comprendere questo cambiamento, visto che l'autore ha lavorato per oltre venti anni nel settore cooperativo, assumendo anche incarichi dirigenziali, potendo constatare con mano l'allontanamento dallo spirito originario del movimento cooperativo, convincendolo ad allontanarsene. Evidentemente molto è cambiato se dai principi solidaristici e mutualistici della dichiarazione di Rochdale si è arrivati nel 2005 addirittura a cercare di acquisire una banca, con una scalata fallita che avrebbe portato le cooperative a possedere il terzo gruppo bancario italiano, grazie all'appoggio politico del PD-DS (FRAU, 2010, cap.1).

L'analisi si concentra principalmente sullo sviluppo del movimento cooperativo nella regione del Piemonte (la cui capitale è Torino), regione di cui è originario l'autore. Qui, come altrove nel Nord Italia, alla fine del XIX secolo nacque un forte movimento cooperativo, grazie all'appoggio dei partiti socialista prima e comunista poi, sviluppo interrotto solo dalla dittatura fascista e ripreso nel secondo dopoguerra, con la progressiva restituzione delle proprietà della cooperativa ai soci fondatori, sebbene la situazione di crisi a partire dagli anni 70 del secolo scorso si fece sempre più forte, costringendoli a chiudere la vecchia cooperativa e a riaprire una *ex novo* (FRAU, 2010, cap.2). Nel resto della regione si provvide a incorporare tra loro cooperative di piccole dimensioni, per poter reggere meglio la concorrenza del mercato. Secondo Frau (2010, p.42): “I vertici aziendali furono sostituiti con una nuova squadra di persone dotate di adeguate

181 Cfr. <https://www.meltingpot.org/CARA-di-Mineo-dopo-otto-anni-chiude-il-ghetto-voluto-dalla.html#.YIrUpLUzZPY>

182 Cfr. ad esempio

https://www.repubblica.it/solidarieta/immigrazione/2016/02/26/news/rifugiati_la_mappa_nera_dell_accoglienza_stilata_da_lasciatecentrare_-134289005/

183 https://www.ilmattino.it/primopiano/cronaca/latina_immigrati_gestori_centro_accoglienza_arresti-3819642.html

professionalità provenienti da Coop Italia e da altre cooperative, guidate dal vecchio cooperatore comunista emiliano Luciano Calanchi, [...] che si fermò per alcuni anni a guidare il risanamento”. Nonostante ciò alla fine degli anni 80 il movimento cooperativo piemontese scontava ancora problemi strutturali e mancava di progettualità a lungo periodo.

Tale decennio fu caratterizzato da un'importante trasformazione della rete dei punti vendita, con la progressiva decisione di costruire una rete di ipermercati, in luogo dei supermercati, più diffusi capillarmente sul territorio ma meno lucrativi. “Il clima che si respirava era quello dello scimmiottamento delle imprese capitalistiche concorrenti e della ricerca del business e del profitto: il rischio era quello dell'omologazione totale e completa all'impresa di capitali”(FRAU, 2010, p.57). La preoccupazione dell'autore che così facendo si perdesse lo spirito originario si scontrò con la pretesa di chi voleva fare delle cooperative un puro mezzo di guadagno. Nonostante ciò, il seminario del 1988 si preoccupò di tentare una conciliazione tra la tutela dei soci consumatori e gli obiettivi di guadagno garantiti dagli ipermercati, FRAU(2010, p. 66):

La verità è che in quel periodo il sistema coop non aveva né la cultura, né il know-how, né le risorse sufficienti per sviluppare con successo tale tipologia distributiva in modo intensivo. [...] Le coop diventavano sempre più grandi, slegate dal controllo dei soci, in mano a caste oligarchiche e alla ricerca del profitto a ogni costo.

La situazione delle cooperative tendeva a peggiorare con l'aggravarsi della crisi economica, rendendo necessario un ripensamento della strategia da adottare e conducendo ad un progressivo accentramento delle decisioni nelle mani di pochi dirigenti. Per Frau(2010, p.76)“La Legacoop regionale diventa così un soggetto [...] subordinato all'umore di pochi potentissimi personaggi che hanno la prerogativa di stringere o allargare i cordoni della borsa quando devono versare i contributi associativi che diventano l'unico sostentamento dell'organizzazione”, così facendo si abbandonava progressivamente uno dei principi costitutivi, quello che garantiva la democraticità delle decisioni. La “nuova” Coop era dunque qualcosa di sempre più lontano dalle origini, e sempre più vicina a un'impresa capitalistica a tutti gli effetti, completando quella mutazione genetica a cui fa riferimento l'autore fin dal titolo(FRAU, 2010). Le rivalità interne, che si creavano tra i vari dirigenti per raggiungere le posizioni più rilevanti di comando, acuivano la situazione di crisi in cui si incontravano le cooperative.

Una delle questioni dirimenti era il rapporto da mantenere con i partiti della sinistra, che storicamente avevano una forte influenza sulle decisioni da prendere all'interno delle cooperative. Secondo Frau(2010, p.136): “In quel periodo nella Legacoop c'era il vizzo di piangersi addosso, sostenendo che il movimento cooperativo era diventato un gigante economico ma era rimasto un nano politico, [...] che sottintendeva la subordinazione nei confronti dei partiti storici della

sinistra[...]. La relazione spesso era difficoltosa perché gli interessi spesso erano divergenti, esponendo i reciproci esponenti a giravolte necessarie per giustificare le decisioni prese, fino al ciclone Tangentopoli, che, sconvolgendo il sistema politico italiano, produsse un terremoto nell'ambito delle relazioni tra cooperative e partiti.

Storicamente infatti le cooperative finanziavano i vari partiti della galassia della sinistra in cambio di appoggio politico. Tali contributi erano ricorrenti e non riguardavano solo il livello nazionale, ma anche quello regionale e locale.

“Insomma anche in Piemonte ha sempre funzionato il sistema dei vasi comunicanti tra partito e cooperative, fondato sullo scambio reciproco di favori”(FRAU, 2010, pp. 149-50). Tali favori spaziavano dal sistemare negli organi dirigenziali politici non rieletti, fino al far assumere gli stessi figli dei dirigenti. Le intercettazioni telefoniche relative al tentativo di scalata alla Bnl descrivono bene questa relazione malsana¹⁸⁴, una scalata che seppur non riuscita dimostra quanto i principi mutualistici fossero stati totalmente abbandonati.

In ogni caso Tangentopoli fu un'inchiesta giudiziaria che colpì maggiormente il partito socialista rispetto agli altri partiti della sinistra, e chi tra i gruppi cooperativi aveva di più investito su questa relazione si trovò spiazzato. Molti dirigenti decisero dunque di passare armi e bagagli al neonato PDS(erede del disciolto PCI) che in quanto appena costituito era rimasto fuori dagli scandali. In particolare fu l'allora presidente del Comitato esecutivo della Novacoop Gillone ad orchestrare un'operazione di entrismo all'interno del PDS, silurando gli altri componenti e accentrando su di sé la direzione(FRAU, 2010).

La gestione di Villone si caratterizzò per un grande conservatorismo nella gestione delle finanze e degli investimenti, che a lungo andare fece in modo di far sì che i costi superassero i benefici, contrariando le sue aspettative di guadagno. Egli inoltre condusse a conclusione il processo di esclusione dei soci dal processo decisionale, eliminando la pur residuale partecipazione democratica. Dal punto di vista della gestione finanziario egli riteneva che le cooperative dovessero adottare un modello simile a quello delle imprese, mantenendo però i vantaggi fiscali dell'essere cooperativa(FRAU, 2010).

E neanche sul fronte della corrispondenza tra i principi dichiarati e la loro osservazione la Coop si è mostrata coerente. Se infatti storicamente tale catena si fregia di difendere l'ambiente e di non comprare prodotti che siano stati ottenuti attraverso sfruttamento del lavoro¹⁸⁵, la realtà dei suoi dipendenti è ben diversa. L'autore del libro a cui stiamo facendo riferimento riporta molti esempi di

184 Cfr. <https://www.repubblica.it/2007/06/sezioni/politica/anto-intercetta/deposito-intercetta/deposito-intercetta.html>

185 Cfr. ad esempio <https://www.e-coop.it/campagne/una-buona-spesa-puo-cambiare-il-mondo>

ciò. Innanzitutto descrive come in diversi casi gli operai delle cooperative siano stati costretti a lavorare in luoghi pieni di amianto, sostanza estremamente cancerogena la cui inalazione può provocare serissimi danni ai polmoni; poi l'utilizzare un impianto di condizionamento vecchio alimentato ad altre sostanze cancerogene, sostituendolo con grave ritardo e solo dopo forti pressioni da parte della propria base; oppure semplicemente si costruiva un centro commerciale dove avrebbe dovuto sorgere un grande parco naturale nei pressi di un torrente, riuscendo a far cambiare sottotraccia il piano regolatore e i vincoli idrogeologici che gravavano su di esso e infine costruire un supermercato al posto di una scuola anche questa volta cambiando le carte in tavola con dei sotterfugi ben poco trasparenti e legali(FRAU, 2010).

Ma il sistema delle cooperative è entrato anche nel settore dell'edilizia popolare, cercando anche in questo settore occasioni di guadagno. Per ottenere infatti l'alloggio a canone agevolato costringeva i soci a finanziare un fondo, “devolvendo allo stesso cifre che vanno da 5 mila a 10 mila euro per alloggio, costringendo i poveretti ad indebitarsi o a sopportare grandi sacrifici per avere l'alloggio, pena la perdita di tale diritto o la rinuncia all'assegnazione della casa”(FRAU, 2010, pp. 238-9), evitando così anticipatamente problemi di mancato pagamento da parte degli inquilini, discriminando, invece di aiutare, coloro che hanno una situazione economica sfavorevole. Per Frau(2010, p.246):“Sono i frutti della mutazione genetica introdotta nelle cooperative di abitazione che si sono trasformate a tutti gli effetti in società immobiliari dedite unicamente alla ricerca del profitto fine a sé stesso”.

I gruppi dirigenti delle cooperative tesero con il tempo a sclerotizzarsi, riproponendo sempre le stesse figure, che non ne volevano sapere di rinunciare a posizioni di comando acquisite nel tempo e ben retribuite. Il tentativo di riorganizzazione fatto all'inizio degli anni 90 per accentrare le decisioni a livello nazionale non portò ai risultati sperati per via dell'ostilità dei potentati locali, timorosi di perdere i posti di comando. Si giunse così ad un compromesso che rafforzò ulteriormente i presidenti locali, “che hanno in mano un potere smisurato e privo di controllo. Da quel momento si autodeterminano persino il trattamento economico e ogni altro aspetto che riguarda il proprio status di presidenti e di amministratori delegati”(FRAU, 2010, p.253). Ovviamente a questa concentrazione del potere non corrispose un efficientamento della gestione, ma un ulteriore aumento delle prebende a livello locale, con la produzione di un elefantiaco apparato burocratico per poter meglio distribuire gli incarichi.

E anche sui rapporti con le organizzazioni sindacali si scelse una strada volta a ridurre le tutele dei lavoratori, non ad aumentarle, attraverso il sistema che fa dei lavoratori della cooperativa anche dei soci della stessa, vincolati all'interesse economico della stessa e dunque meno propensi alla rivendicazione.

Di grande interesse per la nostra ricerca è ciò che avvenne negli anni 90 nei due poli logistici di Leinì e Galliate. Per Frau(2010, p.322): “Il centro logistico di Galliate non aveva mai dato grandi problemi sotto il profilo delle tensioni e dei conflitti sindacali [...] ma quello di Leinì era un continuo focolaio di tensioni e conflitti a causa dell'alta sindacalizzazione degli addetti”, ciò condusse alla decisione di esternalizzare il servizio di facchinaggio a due cooperative, per ridurre il potere contrattuale dei sindacati. Ciò produsse la possibilità di ridurre il costo del lavoro in maniera molto consistente, aumentando in modo consistente i turni come denunciato dalla CUB¹⁸⁶. I lavoratori delle cooperative sono stati peraltro esclusi nel 2001 dall'allora governo di centro-sinistra dalla possibilità di reintegro in caso di licenziamento illegittimo, previsto dall'art 18 dello Statuto dei lavoratori. FRAU(2010, p.326):

Il licenziamento sarebbe immediato e non ci sarebbe alcuna possibilità di riottenere il posto di lavoro. In altre parole è stato reintrodotta lo schiavismo. [...] Le cooperative oggi non hanno nulla a che fare con quelle che venivano fondate cent'anni fa da lavoratori che volevano gestirsi il loro lavoro senza essere comandati da un padrone: allora erano uno strumento di libertà, oggi sono un perfezionatissimo strumento di oppressione. Consegnare ai padroni della cooperazione uno strumento come la libertà di licenziare vuole dire regalare ai nipotini del conte Dracula la chiave di un centro di raccolta sangue!

Un altro caso balzato agli onori delle cronache nazionali è stato il licenziamento, successivamente eliminato dal giudice del lavoro, contro alcuni dipendenti della Unicoop, accusati di aver mangiato merendine altrimenti destinate al macero perché difettose. Per Frau(2010, p.336):“Il sospetto che Unicoop, con tale iniziativa, volesse liberarsi di una parte molto sindacalizzata dei propri dipendenti, [...] non era da escludere. I sette licenziati, [...] si rivolsero al Tribunale del lavoro che per ben due volte diede loro ragione riconoscendone la buona fede”, di fatto riconoscendo che il provvedimento di licenziamento era sproporzionato rispetto al danno arrecato, visto che si trattava di merce che in ogni caso sarebbe stata buttata. La vicenda assurse toni ancora più grotteschi quando se ne parlò addirittura in una trasmissione televisiva¹⁸⁷, in cui emersero con ancora più forza le ragioni dei lavoratori e i torti della cooperativa.

Nel Centro Italia le cooperative si sono invece date all'evasione fiscale per ridurre le tasse da pagare. Nello specifico la Lega avrebbe sovra fatturato un pagamento per uno studio sulla costruzione di un supermercato pagato oltre un milione di euro, nonostante l'importo reale dell'opera fosse di poche centinaia di euro, per poter giustificare un pagamento a una società amica. FRAU(2010, p.47):

Per i pubblici ministeri il sistema delle false fatturazioni funzionava in questo modo: Giancarlo Lo forte e altri fingevano operazioni emettendo fatture false che poi Giombini avrebbe pagato con assegni bancari, gli stessi venivano trasformati in denaro contante e ripresi per nove decimi da chi aveva emesso gli assegni. Il servizio delle false fatture

186 Cfr. CUB, “*La Coop sei tu? Ma mi faccia il piacere!!*”

187 Cfr. “*Mi manda Raitre*”, 12 dicembre 2008.

sarebbe stato remunerato con il 10 per cento dell'importo totale.

Altrove, come nel caso del post terremoto dell'Aquila, si cercava di scaricare sui lavoratori l'esproprio di un terreno su cui avrebbe dovuto sorgere un supermercato, causato dalla necessità di costruire alloggi temporanei per le vittime del sisma. Solo l'accanita resistenza del sindaco, della popolazione locale e del sindacato riescono a convincere la Coop del posto a fare marcia indietro rispetto a quest'assurda decisione¹⁸⁸.

Addirittura in Lombardia si era arrivato a sviluppare un sistema di controllo dei dipendenti e dei dirigenti, rivelato dal giornale *Libero* nel gennaio 2010¹⁸⁹. Dall'articolo in questione emerge come la dirigenza centrale delle cooperative avesse predisposto fin dal 2004 un sistema di registrazione delle conversazioni tra i dipendenti, al fine di controllarne le opinioni e poterle utilizzare eventualmente come arma di ricatto, in spregio alla Costituzione e allo Statuto dei lavoratori¹⁹⁰. E la pratica di controllare i dipendenti non era unicamente lombarda, ma diffusa in tutto il paese. Nonostante questa situazione di palese illegalità la tradizionale connivenza dei sindacati con la direzione delle cooperative ha impedito che si facesse realmente luce sull'accaduto.

L'autore sottolinea nei capitoli finali del libro come abbandonati pressoché totalmente i principi mutualistici che ne avevano ispirato la fondazione, le cooperative si siano trasformate in surrogati di istituti bancari, più preoccupati degli utili che del benessere dei soci. Dimostrazione di ciò è stato l'abbandono dell'istituto del ristorno, con cui si ridividevano tra i soci i guadagni delle cooperative derivanti dagli acquisti realizzati tramite questo strumento (FRAU, 2010). Per poter diventare imprese senza rinunciare alla posizione privilegiata che gli viene riconosciuta dalla Costituzione e dal regime fiscale le cooperative si sono trasformate in imprese senza rinunciare, solo teoricamente, a quei principi che gli garantiscono un'effettiva situazione di privilegio. Per Frau (2010, p. 428): “Le grandi Coop sono tali solo di nome essendo diventate << organismi geneticamente modificati >>, avendo perso ogni connotazione mutualistica e solidaristica. Il rispetto dei requisiti mutualistici è un elemento inscindibile dei vantaggi fiscali riservati a tali tipologie di imprese¹⁹¹”.

Altro elemento che dimostra la tesi dell'autore è l'aumento delle politiche di prestito e di cessione del credito dei soci da parte delle cooperative. La scelta di concedere prestiti ai soci, inizialmente residuale, è aumentata in modo costante visti i guadagni che portava. “Il rendimento

188 Cfr. “*Il Centro*”, giornale dell'Aquila 5 novembre 2009.

189 Cfr. NUZZI, G. “*La coop ti spia*”, 14 gennaio 2010.

190 Formulato e approvato nel 1970, esso rappresenta un'insieme di articoli che costituiscono diritti e norme a tutela dei lavoratori.

191 FRAU, M. “*La Coop non sei tu*” p.428

finanziario del prestito dei soci così realizzato rappresenta un vantaggio che consente di finanziare i corposi programmi di sviluppo a costi più bassi rispetto ai concorrenti, di pagare i fornitori in tempi più brevi con vantaggi sui listini delle merci destinate agli scaffali”(FRAU, 2010, p.428). Oltretutto il rendimento ottenuto è molto inferiore rispetto al rischio connesso a operazioni finanziarie rendendo molto probabilmente non conveniente l'investimento, nonostante le pubblicità che le varie Coop fanno a ogni piè sospinto, senza peraltro avere le garanzie di un titolo di Stato(FRAU, 2010, p.432)¹⁹². Alla luce di ciò rimane in piedi l'esigenza di distinguere tra le cooperative che rispettano i principi mutualistici descritti, aventi diritto alle agevolazioni, e quelle che invece abusano dei benefici fiscali, da sanzionare.

Tale possibilità è garantita alle Coop dal collegamento con partiti legati all'area di centro-sinistra, che promettono favori in cambio di voti. Per mantenere i vantaggi fiscali le cooperative inventarono l'istituto della mobilità esterna. Secondo Frau(2010, p.442):“Per supplire all'affievolirsi della << mutualità interna>> ad ogni singola cooperativa si trattava di costituire un <<fondo mutualistico esterno>> alimentato da una quota marginale degli utili di tutte le cooperative, da destinare allo sviluppo e alla promozione della cooperazione”, opportunità riconosciuta con la legge 59 del 1992. Le riforme successive della fine degli anni 90 ebbero l'obiettivo di favorire l'afflusso di capitali esterni e rendere più penetrabile il mondo della cooperazione alla finanza¹⁹³.

Anche le cooperative di consumo vennero progressivamente svuotate della loro funzione originaria, ossia quella di fornire prodotti ai soci a prezzi inferiori a quelli di mercato. Secondo i dati di Altro consumo(organizzazione dedita a tutelare i diritti dei consumatori) però la Coop non è la rete di supermercati più conveniente, ma la sua concorrente Esselunga¹⁹⁴. Ma mentre i suoi rivali in affari pagano le tasse “normalmente” le Coop hanno un trattamento fiscale agevolato. L'autore, che pensa possibile riformare il capitalismo, crede necessario permettere una libera concorrenza sul mercato dei prodotti, eliminando la situazione di monopolio in cui si è venuto a creare l'universo Coop soprattutto in alcune zone del paese(FRAU, 2010).

Infine anche la partecipazione dei soci alle decisioni della cooperative è irrisoria o inesistente, vista la politica di fidelizzazione dei clienti promossa dalla sua rete di supermercati, che ha fatto sì che molti di essi diventassero contemporaneamente anche soci. Perciò a partecipare sono quote estremamente minoritarie di essi, che a volte non superano nemmeno il 10 per cento del totale degli iscritti(FRAU, 2010).

Detto ciò è evidente come l'allontanamento dai principi mutualistici sia ormai definitivo e le cooperative siano ormai la foglia di fico dietro cui nascondere comitati d'affari o come vedremo nel

192 Cfr. La Stampa, 25 gennaio 2010.

193 Cfr. *La Repubblica*, 12 aprile 1999.

194 Cfr. Dati presenti in www.altroconsumo.it.

campo della logistica organo di sfruttamento legalizzato della forza-lavoro soprattutto quella immigrata e quindi più facilmente ricattabile visto il vincolo perverso che lega la perdita del lavoro alla perdita del permesso di soggiorno.

Capitolo 5: La logistica italiana nel contesto di crisi globale: tra sfruttamento e lotte sindacali

5.1 Logistica italiana: sviluppo e prospettive

La logistica ha assunto con il passare del tempo una molteplicità di significati diversi. Innanzitutto si parla di logistica in rapporti ufficiali di organi statistici italiani ed europei(Istat, Eurostat, ecc.); poi ci sono le analisi economiche che inseriscono la logistica come ramo del processo produttivo, relativo alla distribuzione delle merci prodotte e gli studi critici che la considerano come elemento del processo di valorizzazione del capitale, di sempre maggiore importanza visto che l'esternalizzazione della produzione rende sempre più necessario il ruolo della fase di distribuzione(FANA, 2015).

Per Grappi(2018, p. 9):

Riconosciuta come logica dal valore eminentemente politico, la logistica è dunque un punto di osservazione decisivo per mettere a fuoco tratti salienti dello sviluppo capitalistico e del neoliberalismo, di cui la logistica mostra i caratteri di disomogeneità, frammentazione e connessione che modificano le coordinate politiche e richiedono capacità di innovazione concettuale.

Per Giuntini(2018) sulla questione della mobilità siamo di fronte ad un vero e proprio passaggio di fase, dove ad uno sviluppo integrato tra mezzi di trasporto e di comunicazione, fa da contraltare un approccio fondato invece dove la mobilità stesso diviene elemento organizzativo, quasi costitutivo dei processi di distribuzione. “L'ispirazione transnazionale spinge verso il superamento dei confini nazionali, non in una mera ottica di comparazione, piuttosto insistendo sulla genesi e il funzionamento delle reti in un quadro sganciato dall'egida dello stato-nazione in virtù anche delle nuove tecnologie”(GIUNTINI, 2018, p.89).

Il settore di questa ricerca che interessa la nostra ricerca è proprio il settore distributivo, dove si sono concentrate nel corso dell'ultimo decennio molte lotte da parte dei facchini, spesso immigrati. Normalmente la logistica distributiva divide la sua attività tra depositi centrali, più vicini ai siti di partenza delle merci e magazzini periferici, vicini ai luoghi di effettiva distribuzione delle merci.

Secondo Ouenniche, R”(2015, pag.30)

Essa riveste un ruolo centrale per quanto concerne il servizio al cliente in termini di tempestività di: a) tempestività di consegna, [...]; b) frequenza di evasione degli ordini; c) flessibilità, che viene calcolata in base alle capacità di reazione dell'azienda ad adattarsi alle variazioni derivate dal cliente circa il prodotto ordinato; d) affidabilità del servizio che misura l'autenticità della merce evasa in relazione ai termini del contratto pattuito con il cliente.

L'importanza della logistica è cambiata nel corso del tempo, nata inizialmente con scopi unicamente militari, quali quelli di organizzare le necessarie provviste per gli eserciti in guerra, essa assume a partire dagli anni Settanta dello scorso secolo un ruolo sempre più importante, in virtù della progressiva disgregazione del processo produttivo (FERROZZI, SHAPIRO, 2010). In precedenza infatti il settore della logistica era trascurato, o comunque non lo si riteneva fondamentale, una semplice componente a valle del processo produttivo, a cui si dava la priorità. Le ragioni per cui si è determinato questo ritardo sono probabilmente da attribuirsi “da una parte, la scarsa diffusione delle tecnologie dell'informazione e della comunicazione [...] e delle tecniche quantitative, dall'altra invece la relativa stabilità dei mercati, sostenuti da una forte domanda, che riusciva ad assorbire la merce prodotta [...]¹⁹⁵” (Ouenniche, 2015, p.38).

Per Stefano Harvey invece l'origine della logistica non va riferita all'ambito militare, ma piuttosto a quello commerciale, in particolare alla tratta degli schiavi. E questo perché (HARNEY, 2018, p. 123):

inquanto <<scienza capitalista>>, la logistica commerciale ha dunque origine nella tratta atlantica, che può essere certamente considerata come il primo grande, voluminoso e grottesco movimento globale di merci della storia. E proprio lì, peraltro, nel commercio degli schiavi, che possiamo trovare i primi intrecci tra logistica e finanza, un binomio iconico del capitalismo contemporaneo.

Testimonianza di quale fosse la mentalità è indubbiamente il caso della nave negriera Zong, dove una parte degli schiavi fu annegata perché si ritenne più redditizio incassare l'assicurazione piuttosto che venderli una volta arrivati a destinazione¹⁹⁶. Ma in questi viaggi della morte e della disperazione nacquero anche le prime forme di solidarietà e organizzazione, che sarebbero sfociate nella rivolta di Haiti, duramente repressa dal governo francese.

In ogni caso dall'organizzazione schiavistica del lavoro nelle piantagioni nacque sostanzialmente una commistione tra le necessità della produzione di ridurre i tempi e aumentare il ritmo di lavoro e l'organizzazione logistica di questo lavoro.

Per Harney (2018, p.125): “La produttività individuale diviene un mezzo per misurare e migliorare l'intera linea di produzione. [...] Non ci fu mai più un esempio più brutale di riduzione della logistica alla logistica: ogni tentativo di portare aiuto a qualche compagno in difficoltà veniva punito ferocemente”. La rivoluzione industriale rese necessario un salto di qualità nella

¹⁹⁵OUENNICHE, R”*Logistica civile: condizioni di lavoro e le lotte dei lavoratori e delle lavoratrici*”, p.38.

¹⁹⁶Cfr. <https://www.possibile.com/cosa-ci-insegna-la-storia-dello-zong/>

produzione schiavistica, per poter aumentare la produzione nella misura in cui aumentava la domanda di materie prime da destinare all'industria. L'integrazione tra i fenomeni inizialmente distinti ma in realtà interconnessi della produzione e della distribuzione avrebbe cominciato a determinarsi nella seconda metà del XX secolo(HARNEY, 2018). Al tempo stesso però l'emergere di questi soggetti, spesso neri e africani, creava elementi di minaccia nella bianca società occidentale(DU BOIS WILLIAM, 1995). Sebbene dunque non sia possibile sottostimare le innovazioni del secondo dopoguerra, rimane però il colonialismo l'elemento originario della rivoluzione logistica che, unita ai cambiamenti tecnologici, ha consentito di realizzare il kaizen, che possiamo tradurre come management totale. Secondo Harney(2018, p.127):“Adesso ogni singolo soggetto è individualmente responsabile non soltanto del flusso della linea d'assemblaggio, ma anche del suo continuo miglioramento, a prescindere se esso sia o meno formalmente coinvolto(assunto) e legato ad un contratto di lavoro”. Gli scioperi, o comunque le lotte che si sono determinate, rappresenterebbero un tentativo di opporsi agli irrigentamenti imposti e al peggioramento delle condizioni di lavoro.

La già citata crisi di valorizzazione del capitale agli inizi degli anni 70 rese necessario un cambio di paradigma, dove la distribuzione non era più un elemento marginale a valle del processo produttivo, ma piuttosto un elemento centrale, da integrare necessariamente con gli altri. In particolar modo si assiste a una forte attenzione al cliente, attraverso sempre più importanti strategie di marketing. Per Ouenniche(2015, p.40):“Il motto non è più quello <<tutto ciò che si produce si vende>> bensì <<si produce solo ciò che si riesce a vendere>>”, mutando totalmente l'approccio riguardo la logistica e favorendone una centralizzazione delle attività e un maggior coordinamento, permettendo al tempo stesso una riduzione del costo marginale e una maggior soddisfazione del cliente-consumatore.

In questo contesto diventa sempre più importante definire una corretta gestione della catena di distribuzione delle merci (in inglese tale processo si chiama *supply chain management* il cui acronimo è SCM)“La SCM si configura come una rete globale complessa, articolata e più o meno estesa, composta da vari nodi, ovvero le imprese (sia industriali che commerciali) che godono di una propria autonomia gestionale, decisionale, infrastrutturale e strategica.”(OUENNICHE, 2015, P.43). a catena ha bisogno per funzionare di un'integrazione non antagonista con gli altri anelli della catena stessa.

Non mancano tentativi di ottimizzare i tempi del trasporto, come dimostrato dall'avveniristico progetto Hyperloop, che consentirebbe di eliminare quasi totalmente i camion attraverso treni superveloci che attraverserebbero tutta l'Europa in poche ore utilizzando la forza magnetica. Tale progetto, seppur in forma embrionale e probabilmente eccessivamente avveniristico per funzionare

ha però già ottenuto i primi finanziamenti a livello europeo¹⁹⁷. Per poter funzionare tale tecnologia avrebbe infatti bisogno di una riorganizzazione della rete stradale delle città che intende collegare, cosa ancora ben aldilà da venire.

Come visto in precedenza (in particolar modo nel primo capitolo) l'adozione del metodo di produzione toyotista (cosiddetto just in time) favorisce questo processo, cercando di ridurre al minimo i problemi derivanti dalla sovrapproduzione delle merci attraverso una riduzione al minimo delle scorte di merci. Per i già citati Ferrozzi e Shapiro si assiste ad un processo che potremmo definire “just in time 2,0”(FERROZZI, SHAPIRO, 2010) nel quale il rapporto tra cliente e fornitore è così ampio che il secondo conosce esattamente e in anticipo le quantità che il cliente gli domanderà; un processo che oltrepassa i confini della singola azienda e le frontiere nazionali. Per Christopher(2021, p.3) si tratta di: “una rete di organizzazioni collegate e interdipendenti che lavorano vicendevolmente e cooperando verso il controllo, la gestione e il flusso dei materiali e delle informazioni dai clienti agli utenti finali”.

La modalità della competizione è cambiata in profondità perchè ad entrare in competizione non sono più semplicemente imprese differenti, ma piuttosto diversi modelli di supply chain management, in un contesto in cui le componenti di un singolo prodotto sono prodotte in diversi continenti e dunque un qualsiasi blocco alla circolazione delle merci può essere fatale per gli scambi¹⁹⁸.

Ovviamente lo sviluppo della tecnologia, in particolar modo quella informatica, ha favorito una modifica della logistica, proprio a partire dalle possibilità aperte dalla tecnologia. Per Ouenniche(2015, P.47):

L'insieme delle ICT funge da una parte come strumento di <<back office>> il cui obiettivo è ottenere vantaggi competitivi, dall'altra parte come risorsa di <<front office>> a supporto di attività fondamentali come la funzione marketing e l'ufficio vendite. I dati, le informazioni e le comunicazioni che si generano attraverso i programmi e le tecnologie diventano un pilastro portante e indispensabile per un buon funzionamento sincronizzato del sistema logistico. [...] Un approccio sistemico a livello del processo aziendale unitario(e/o SCM) non si sarebbe potuto realizzare senza un adeguato supporto da parte di un complesso sottosistema di informazioni che procede parallelamente al movimento eseguito dalla merce ma nel senso inverso, da valle a monte, [...], dall'utilizzatore finale al fornitore delle materie prime.

Grandi aziende, come Amazon¹⁹⁹ hanno organizzato sofisticati sistemi per allineare la produzione al consumo e ridurre i costi dell'immagazzinamento delle merci, grazie a una più rapida ed efficace comunicazione(BARTEZZATI L., BIANCHI F., 2012). La riduzione dei costi e dei

197 Cfr. <https://video.repubblica.it/green-and-blue/tecnologia/hyperloop-15-milioni-per-finanziare-il-primo-progetto-come-funziona-il-super-treno-green/399797/400507>

198Cfr. ciò che è avvenuto quest'anno per il blocco temporaneo del canale di Suez, che ha causato danni per miliardi di euro. Vedi www.infobuild.it articolo del 30 marzo 2021.

199Cfr. BARTEZZATI L., BIANCHI F. “Just in time. Produrre a ritmo di mercato”.

tempi permette una riduzione anche dei posti di lavoro, da meno magazzinieri a meno commessi ecc²⁰⁰.

In ogni caso la rete logistica italiana sconta una serie di ritardi che ne limitano fortemente lo sviluppo, e che nella crisi degli approvvigionamenti derivatasi nell'attuale fase economica e causati almeno in parte dalle misure restrittive della pandemia da Covid 19, la rendono ancora più vulnerabile²⁰¹. Una parte dei ritardi è sicuramente da attribuire alla giungla normativa presente in Italia(almeno a sentire le imprese) ma non è evidentemente solo quello il problema²⁰². Ad esempio la redazione dei piani logistici non è centralizzata ma definita a livello regionale, il che rende tutto più complesso e dispersivo.

Il settore logistico sembra comunque in pieno sviluppo e dopo il calo del fatturato del 2020 derivante dalle restrizioni pandemiche(tale calo è stato prossimo al 10 per cento) i dati per il 2021 prevedono un fatturato di 86 miliardi di euro, molto vicino agli 87 miliardi del 2019²⁰³, con un'occupazione totale che ha superato i 2,5 milioni di lavoratori e lavoratrici²⁰⁴, con possibilità di riduzione di oltre mezzo milione di lavoratori entro il 2027 se non sarà adeguatamente riorganizzato il lavoro in relazione da un lato allo sviluppo tecnologico dall'altro alla sempre più necessaria riconversione ecologica della produzione.

La quota della logistica sul Prodotto interno lordo nazionale è pari al 5 per cento annuo, con possibilità di un ulteriore aumento del 2 per cento se venissero superate le inefficienze del sistema logistico²⁰⁵. Con lo sviluppo economico si è assistito anche in questo settore a una crescente concentrazione dei carichi di lavoro tra poche imprese, sempre più grandi e in grado di far fuori dal mercato i rivali più piccoli e quindi meno competitivi²⁰⁶.

Oltretutto l'Italia per la sua particolare collocazione all'interno del Mediterraneo potrebbe assumere un ruolo ancor più importante perché si trova all'incrocio di molte direttive commerciali ma nonostante ciò spesso ai porti italiani sono preferiti porti del Nord-Europa, meno comodi dal punto di vista logistico ma più efficienti dal punto di vista della ricezione delle merci e

200Cfr. www.safetysecuritymagazine.com “2021 Trend: Supply chain e logistica resilienti”.

201 Vedi ad esempio <https://www.quotidiano.net/economia/crisi-trasporto-merci-1.6887216> o <https://www.logisticamente.it/Articoli/11953/logistica-inefficienze-pesano-fino-al-2-del-pil/>

202Cfr. ad esempio i dati presenti nel sito <https://www.sr-m.it/index.php>, che evidenziano le differenti tempistiche per la realizzazione di un'infrastruttura tra Italia e altri paesi europei.

203Cfr. <https://www.osservatori.net/it/ricerche/comunicati-stampa/settore-logistica-trend-fatturato>

204<https://www.innovationpost.it/2019/12/02/le-9-sfide-per-il-futuro-del-lavoro-nella-logistica/#:~:text=>

[La%20logistica%20conta%20complessivamente%](#)

[202,%2C5%25%20nello%20stesso%20periodo.](#)

205, Dati del 2019, prima della pandemia.

206Tra di esse si sono distaccate nel corso degli ultimi anni il gruppo Dal Bene, il tedesco DHL e il corriere Bartolini.

Vedi i dati presenti in <http://stradafacendo.tgcom24.it/2020/09/18/le-mille-imprese-italiane-che-trainano-il-settore-dei-trasporti-e-della-logistica/>

dell'organizzazione del trasporto.²⁰⁷ E questo a maggior ragione nell'attuale periodo storico, caratterizzato dall'ascesa dell'economia cinese, che con la Belt and Road initiative(da tradursi in italiano come via della Seta) mira a costruire corridoi globali per le proprie merci che rendono strategico il nostro paese²⁰⁸.

Le strutture logistiche di transito delle merci non sono distribuite in modo uniforme sul territorio nazionale, ma sono concentrate nell'area nord-orientale del paese, per intercettare i corridoi di scambio internazionali, e che vedono città come Bologna, Padova e Trento come strategiche²⁰⁹. La funzione degli interporti diventa dunque fondamentale, nell'ottica di costituire una rete che consenta un migliore scambio tra le merci che si spostano con mezzi di trasporto diversi. L'interporto: “ricopre un ruolo di integratore di flussi, in quanto nodo fondamentale di una rete di relazioni che ha, quali interlocutori di riferimento, il sistema ferroviario, quello portuale, gli operatori logistici e gli altri nodi di rete presenti nel nostro Paese e all'estero”²¹⁰. L'importanza di costruire una rete di interporti che permetta di evitare situazioni di stallo è ancor più importante oggi, in un contesto in cui la dinamica di globalizzazione della produzione e conseguentemente degli scambi conduce a frequenti pericoli di creazione di colli di bottiglia, come nel caso già citato del blocco del canale di Suez. La definizione giuridica di interporto è: “un complesso organico di strutture e servizi integrati finalizzati allo scambio di merci tra le diverse modalità di trasporto, comunque comprendente uno scalo ferroviario idoneo a formare o ricevere treni completi e in collegamento con porti, aeroporti e viabilità di grande comunicazione²¹¹”.

In ogni caso in Italia manca ancora una politica specifica che permetta una maggiore integrazione tra le differenti reti di trasporto, mancando come detto un coordinamento a livello centrale. La capacità produttiva della logistica italiana, che oggi è installata su oltre 20 milioni di mq, potrebbe essere quasi raddoppiata se si sfruttasse a pieno la superficie disponibile, pari a circa 37 milioni di mq²¹². Gli interporti sono gestiti normalmente in maniera mista tra società pubbliche e private, con una partecipazione maggioritaria degli enti locali pubblici. Come detto la distribuzione non è uniforme ma il Nord del paese concentra oltre il 70 per cento degli interporti, lasciando al Centro-Sud solo il 30 per cento(DE ANDREAIS MASSIMO, PANARO

207Cfr. ad esempio <https://www.veneziacittametropolitana.eu/pensarevenezia/3-1-2-internazionalizzazione-e-traffici-merci/>

208L'accordo è stato firmato nel marzo del 2019 tra governo italiano e quello cinese, nonostante le reticenze statunitensi che ne rendono più difficile l'attuazione. Vedi a tal proposito <https://www.ilsole24ore.com/art/via-seta-italia-e-cina-firmano-memorandum-ABDPg> E <https://www.ilsole24ore.com/art/via-seta-italia-e-cina-firmano-memorandum-ABDPgGhB>

209Vedi dati presenti sul sito <https://www.unioneinterportiriuniti.org/> in relazione al 2020.

210DE ANDREAIS Massimo, Panaro Alessandro, Buonfanti Arianna in Studi e ricerche per il Mezzogiorno, “*Logistica e sviluppo economico. Scenari economici, analisi delle infrastrutture e prospettive di crescita*”, p.20.

211Legge 4-8.1990 n. 240 art.1.

212Cfr. i dati più recenti presenti nel sito <https://www.unioneinterportiriuniti.org/>

ALESSANDRO, BUONFANTI ARIANNA, 2013).

La struttura degli interporti si differenzia da altre strutture come i terminal e i gateway perché “hanno la peculiarità di fungere in forma ampia e completa, al medesimo tempo, sia come luoghi di transito e stoccaggio sia come luoghi dove si possono fornire una molteplicità di servizi alle imprese[...], ai mezzi di trasporto [...], alle persone [...]” (OUENNICHE, 2015, p.58).

La gran parte del trasporto delle merci in Italia avviene ancora su gomma e utilizzando la rete stradale e autostradale, nonostante questo metodo sia più costoso e spesso anche poco efficiente, determinando un notevole guadagno solo alle compagnie autostradali che hanno la concessione della rete autostradale costruita con soldi pubblici e ai distributori di benzina lungo il tragitto, cui i camionisti sono costretti a rivolgersi durante i loro lunghi viaggi²¹³.

Più articolata è invece la questione per quanto concerne il trasporto marittimo. Il mezzo di trasporto fondamentale in questo contesto è rappresentato dal container che, inventato tra le due guerre per trasportare merci evitando di romperle, conobbe un importante sviluppo nel secondo dopoguerra, imprimendo una modifica tale nel commercio mondiale da contribuire a rendere necessario la costruzione di snodi logistici (GIUNTINI, 2018).

La flotta marittima mondiale supera le centomila unità con l'Italia collocata al ventunesimo posto mondiale con 1353 unità e al quarto posto tra i paesi europei²¹⁴. Spicca tra le altre la produzione di navi da guerra da parte della società a capitale pubblico Finmeccanica.²¹⁵ L'Italia ha attualmente 15 autorità di sistema portuali, che organizzano il traffico merci con l'estero, che corrisponde ad oltre il 50 per cento del totale delle merci scambiate nel settore degli armatori, e dell'undici per cento sul totale complessivo²¹⁶. Una parte consistente di essi utilizza l'Italia solo come transhipment di container, ossia solo come punto di appoggio e non di scarico, delle merci. Nonostante la crisi in corso, generata dai blocchi delle merci causa pandemia, il settore del trasporto marittimo ha ancora ampi margini di crescita.

Sebbene non siano mancate le richieste in ambito europeo, il traffico ferroviario italiano rimane legato ancora fortemente al trasporto passeggeri e meno a solo marginalmente al traffico merci. Il progetto TENT-T, in particolare, mira a creare una rete di trasporti delle merci integrata a livello europeo, e in questo contesto l'Italia dovrebbe essere attraversata da quattro corridoi terrestri e uno marittimo²¹⁷.

213Cfr l'ultimo rapporto(2020) dell'associazione nazionale filiera industria automobilistica disponibile sul sito <https://www.anfia.it/it/>

214I dati del 2019 sono presenti in <https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?v=120&l=it>

215Cfr. <https://www.fincantieri.com/it/prodotti-servizi/navi-militari/>.

216Cfr. https://www.bancaditalia.it/pubblicazioni/indagine-trasporti-internazionali/2021-indagine-trasporti-internazionali/statistiche_ITM_14062021.pdf su dati del 2020.

217Cfr. <https://www.rfi.it/it/rete/in-europa/corridoi-ten-t.html>

Tutto questo in un contesto in cui in Italia solo l'undici per cento circa delle merci viaggia su rotaia, rendendo necessari grandi investimenti per compensare questo deficit, aggravato dalle difficili condizioni di trasporto di treni con convogli molto lunghi, a causa dell'irregolarità della struttura ferroviaria, spesso con binari unici o con tragitti molto impervi²¹⁸.

Ultimo per importanza è il traffico aeroportuale, che nel caso dell'Italia ha un ruolo totalmente marginale e concentrato in pochi aeroporti: Milano Malpensa, Bergamo Orio al Serio e Roma Fiumicino. Normalmente le merci viaggiano nelle stive degli aerei passeggeri e ciò ha provocato nel corso del 2020 un'aumento del costo del trasporto, provocato dalla riduzione dei voli disponibili.²¹⁹ Il limitato uso del trasporto aereo come veicolo di trasporto delle merci si deve alle carenze strutturali nel settore, che vanno dalla frequente assenza di collegamenti con la rete ferroviaria alla mancanza di personale durante le ore notturne.

Diverse sono le dinamiche che hanno favorito questo sviluppo della logistica. Tra le altre possiamo elencarne tre: il processo di frammentazione della filiera produttiva, che ha disperso la produzione in tutto il mondo, rendendo strategico il collegamento tra i diversi siti produttivi; la privatizzazione del settore dei trasporti, con l'apertura a vettori privati di settori storicamente pubblici; infine la liberalizzazione del settore della consegna postale, favorito da un lato dallo sviluppo tecnologico (con specifico riferimento a Internet) e alla progressiva privatizzazione in tutta Europa di questo settore(FANA, MASSIMO, 2019). Ciò che è ancora più interessante ai fini della nostra ricerca è stato l'impatto occupazionale di questa privatizzazione, infatti gli ex occupati nel settore pubblico non sono stati assunti direttamente dai nuovi vettori privati, ma in “quelle attività connesse alla consegna pacchi e alla movimentazione merci che i corrieri privati esternalizzano”(MENTO, 2016, p.7) con l'utilizzo di lavoratori immigrati assunti tramite cooperative, per ridurre i costi e arginare il contratto della logistica, più oneroso, facendo leva sulla maggiore ricattabilità di questi soggetti rispetto ai loro colleghi italiani e su un contesto dove i tassi di sindacalizzazione della forza lavoro erano tradizionalmente bassi.

Come visto nel precedente capitolo di questa tesi, le cooperative già da tempo avevano abbandonato i principi mutualistici, per trasformarsi in comitati di affari e di sfruttamento della forza-lavoro. Anche nel settore dei trasporti infatti a partire dal XIX secolo erano sorte cooperative volte a tutelare gli operai dallo strapotere padronale e a organizzarli da un punto di vista sindacale(SAPELLI, 1983). Inizialmente un tutt'uno con il sindacato progressivamente esse concentreranno la loro attività nelle cosiddette regioni rosse: Emilia-romagna, Toscana,Veneto. In tali zone le cooperative cercavano, aderendo almeno parzialmente all'ideale mazziniano, di

218<https://www.trasportoeuropa.it/notizie/ferrovia/il-piano-di-rfi-per-rilanciare-le-merci-su-rotaia/>

219Cfr. <https://www.trasportoeuropa.it/notizie/ferrovia/il-piano-di-rfi-per-rilanciare-le-merci-su-rotaia/>

determinare un'assetto economico alternativo, almeno questo era l'intento, al capitalismo industriale, giudicato eccessivamente conflittuale, creando un'etica del lavoro più incline al compromesso. Per Fana, Massimo(2019, p.47):“Le relazioni industriali che si sviluppano nelle cooperative(organizzate in leghe) risentono di questa ambiguità, mai fatto stesso che si sviluppasse una contrattazione in cui i sindacati erano controparte, indicava essa già una progressiva“imprenditorializzazione”. Tutto ciò in un contesto in cui storicamente le cooperative grazie alle loro capacità di lotta e organizzazione erano riuscite con il tempo ad ottenere un trattamento fiscale e previdenziale più favorevole. Il numero delle cooperative nel settore logistico è in costante crescita, se si considera che alla sola Legacoop aderiscono 500 cooperative, con oltre quarantamila addetti, che movimentano un fatturato di quasi tre miliardi annui²²⁰.

Per quanto concerne la provenienza della forza-lavoro gli anni Novanta rappresentano un momento di svolta, derivante dall'emigrazione crescente dai paesi del Nordafrica e dell'Est europeo. Molte delle nuove cooperative sono formate da ex dipendenti, italiani o stranieri(in questo caso il reclutamento avviene normalmente all'interno della propria cerchia di connazionali) che, grazie ai collegamenti con la loro ex azienda, riescono facilmente ad ottenere commesse, sfruttando l'agevolato sistema cooperativo per ridurre i costi e violando il CCNL per ridurre i salari. MENTO(2015, p.9):

La violazione avviene attraverso alcuni meccanismi replicabili ovunque; il pagamento di una parte del monte salari sotto voci straordinarie che non maturano istituti previdenziali, lo scioglimento periodico delle cooperative finalizzato al non riconoscimento dell'anzianità maturata dai soci-lavoratori in termini di qualifica e Tfr; pagamenti esplicitamente inferiori ai minimi contrattuali; non riconoscimento delle ore lavorate. Queste condizioni rendono il settore così come si è conformato una domanda di lavoro ideale per la parte più marginale dell'offerta, che si può sommariamente identificare negli italiani con un basso titolo di studio e nella popolazione straniera che in quegli anni aumenta velocemente la sua presenza.

In questo contesto la citata legge 142 del 2001 cercava di fare chiarezza sull'ibrida figura del socio-lavoratore, che si prestava a numerose problematiche giuridico-legali. Infatti egli in quanto lavoratore aveva diritto alle tutele previste dallo Statuto dei lavoratori, ma solo nel caso permanesse la sua condizione di socio, nel caso contrario egli non avrebbe avuto strumenti giuridici a cui appellarsi. In ogni caso al di là delle violazioni descritte da Mento si è operato anche in altri due modi: da un lato creando contratti capestro con organizzazioni sindacali compiacenti con livelli retributivi ben inferiori agli standard di legge, oppure attraverso deroghe peggiorative ai contratti vigenti, sebbene queste fossero vietate dalla legislazione(FANA, MASSIMO, 2019). La successiva legge del febbraio 2003²²¹ ha consentito un'ulteriore imprenditorializzazione delle cooperative, lasciando ampie possibilità alle assemblee dei soci delle cooperative per decidere gli importi degli

220Cfr.<https://legacoop.produzione-servizi.coop/settore-logistica-e-trasporti/>

221Legge n. 30 14 febbraio 2003(anche detta legge Biagi dal nome del suo redattore)

stipendi, sebbene la Corte di Cassazione abbia escluso a più riprese la deroga *in pejus* ai contratti nazionali²²². Per Fana, Massimo(2019, p.51):“Un altro sistema di cui dispongono le cooperative è quello dello stato di crisi, che permette anch’esso deroghe di cui è stato fatto spesso un ricorso abusivo”.

La violazione delle norme non va intesa in questo caso dal punto di vista formale della legge, ma da quello più sostanziale dei rapporti di forza all'interno di quello specifico settore di produzione. Esso è un settore in cui pochi oligopolisti controllano praticamente tutto il mercato e che possono approfittare della tradizionale maggiore ricattabilità dei lavoratori stranieri rispetto a quelli italiani, visto il vincolo perverso che esiste tra permesso di soggiorno e contratto di lavoro. Ma è anche a partire da questi soggetti immigrati che sono partite le prime forme di lotta e resistenza.

La logistica infatti con la sua pretesa di organizzare tutto si dimentica che, seppur meccanizzato, il processo di distribuzione delle merci necessita di uomini e donne che lo movimentino, rendendolo suscettibile a blocchi, scioperi, picchetti ecc. che, riscattando vecchie ma collaudate forme di lotta del movimento operaio ha permesso agli immigrati in lotta di ottenere risultati estremamente significativi. Il semplice fatto che gli immigrati si muovano dal loro paese di origine in modo spontaneo o comunque non organizzato direttamente da chi è intenzionato a sfruttarne il lavoro secondo Grappi, (2018, p.21):

è perciò un problema per l'organizzazione politica, ma rappresenta anche un elemento perturbante per la logistica, poiché pone il potere logistico di fronte all'evidenza che il governo del lavoro migrante è una delle poste in gioco per la sua riproduzione. I tentativi in atto in ambito europeo di incanalare all'interno di un paradigma logistico il governo delle migrazioni, particolarmente evidenti a seguito della cosiddetta <<crisi dei rifugiati>> esplosa nel 2015, segnalano come la mobilità dei migranti sia un elemento essenziale per il mercato del lavoro europeo e il bisogno di governarla al fine di renderla pienamente funzionale.

Interessante è rilevare a tal proposito come un singolo episodio possa mettere in difficoltà l'intero sistema logistico, visto che nell'estate del 2015 il blocco perpetrato da un gruppo di migranti in Grecia, nella città di Idomeni(svincolo del porto del Pireo, nodo strategico della via della Seta) ha costretto un importante multinazionale, HP, a ridirezionare il suo carico in Slovenia, con un danno stimato in più di un milione di euro.

Non a caso diversi studiosi delle migrazioni si sono avvicinati nel corso degli ultimi anni al tema della logistica, vista l'alta incidenza del lavoro degli immigrati in questo settore. In un'intervista del 2018 Mezzadra ad esempio ha affermato che: “la logistica consente di assumere uno sguardo molto efficace sulle trasformazioni del capitalismo, e dal punto di vista logistico, ciò che più conta è il nuovo paradigma della mobilità che sta emergendo attraverso le disposizioni

222Cfr. Cass. civile, 20 settembre 2016 n. 18422.

logistiche”(MEZZADRA, BOJADZIEV, 2018, p. 109) Questo perché evidentemente se il settore della logistica ha bisogno di lavoratori, possibilmente immigrati e facilmente ricattabili, le migrazioni, non controllabili direttamente dai capitalisti, si innestano nel conflitto tra capitale e lavoro come ulteriore elemento destabilizzante. MEZZADRA, S. BOJADZIEV M(2018, p.110):

Considerando il confine in senso metaforico, la logistica consente di osservare questi attriti non unicamente a partire dalla trasgressione dei confini nazionali, ma anche a partire da come la logistica interrompe una complessa serie di altri ordini e confini, come ad esempio quello tra produzione e riproduzione sociale nel platform capitalism e il modo in cui esso è connesso con la costruzione della vita quotidiana, o da come guarda alla riproduzione attraverso il tema dei trasporti, del food delivery o al limite dell'abitare.

Oltretutto è parso evidente a partire dall'estate 2015 che ad essere colpiti da misure repressive non sarebbero stati unicamente i migranti in transito, ma anche e soprattutto coloro che, in forma spontanea o organizzata, prestavano assistenza e aiuto a tali soggetti²²³. Ovviamente l'analisi del processo migratorio deve essere necessariamente sociale e non individuale, per evitare di adottare un approccio liberale o comunque puramente soggettivo ad una tematica di portata globale. Per Mezzadra,bojadziev(2018, p.112): “Io penso che l'angolo logistico ci aiuti ad enfatizzare di nuovo questa dimensione sociale dell'autonomia, che deve essere indagata e compresa attraverso i modi in cui il movimento delle migrazioni si confronta con il controllo delle agenzie governamentali e del capitale”, intendendo le lotte all'interno di questo settore come elemento di organizzazione avversa alle pretese di irrigimentamento del sistema logistico.

Il rischio che si corre secondo Sergio Bologna, importante storico operaista degli anni Settanta del Novecento, che aveva già cominciato ad analizzare il tema della logistica e dei trasporti in quel decennio²²⁴, è quello di sopravvalutare l'importanza della logistica, “cerchiamo di evitare che la logistica, scoperta con trenta anni di ritardo, diventi il nuovo paradigma interpretativo del capitalismo, la nuova lente con cui leggere tutto e il contrario di tutto”(BOLOGNA, 2018,p.119).

Per una migliore comprensione del fenomeno sarebbe dunque necessario comprendere come il processo di distribuzione delle merci si componga di più passaggi, ciascuno dei quali connesso direttamente con gli altri, rendendo un blocco, anche se solo temporaneo, di una parte del processo, come destabilizzante per un periodo di tempo prolungato sull'intera catena. BOLOGNA, S.(2018, p.120):

Quindi nella logistica, proprio perché è una catena che coinvolge una molteplicità di attori su una dimensione globale, le lotte hanno lo stesso effetto che poteva avere un fermata al reparto verniciatura nella vecchia fabbrica d'auto, solo proiettato su un orizzonte di tempo infinitamente più vasto. Quindi noi vediamo la singola lotta ma non vediamo gli effetti dell'onda d'urto. Vediamo solo la punta dell'iceberg.

223Cfr. o specificamente guardando al caso italiano http://www.ristretti.org/index.php?option=com_content&view=article&id=104470:fruli-venezia-giulia-chi-aiuta-i-migranti-rischia-di-finire-in-carcere&catid=220:le-notizie-di-ristretti&Itemid=1 o <https://www.amnesty.it/pierre-mumber-aiuto-migranti-condannato/>

224Cfr. il dossier trasporti del 1978 disponibile sul sito <https://www.autistici.org/operismo/PrimoMaggio/I%20quaderni/Quaderni%20di%20Primo%20Maggio%20%231.pdf>

Questa dinamica determina l'importanza delle lotte che si sono sviluppate soprattutto nell'ultimo decennio, che come vedremo più approfonditamente in seguito, hanno permesso a componente di lavoratori, immigrati e non, sfruttati in cooperative create al solo scopo di contenere i salari e comprimere i diritti, grazie alla complicità dei grandi sindacati confederali, di organizzare scioperi e picchetti che hanno portato alla riduzione dello sfruttamento, all'applicazione pressoché ovunque del CCNL logistica e al miglioramento complessivo delle condizioni salariali e di lavoro.

L'analisi dei dati fatta in precedenza ci consente di abordare lo sviluppo di queste lotte a partire dalle condizioni materiali e di lavoro in cui esse sono sorte e si sono sviluppate, ottenendo come vedremo risultati estremamente significativi in termini di avanzamento dei diritti.

La distribuzione per nazionalità all'interno dei diversi settori della logistica non è uniforme, infatti la componente immigrata tende a essere maggioritaria nei settori a bassa qualificazione e con contratti di lavoro peggiori e temporanei(ASIA ISTAT, 2018). Fana, M., Francesco M(2019, p.57):

È però stata protagonista nel ciclo di mobilitazioni cominciato nella seconda metà degli anni Duemila in uno specifico segmento della logistica di distribuzione: le reti dei corrieri espresso e della grande distribuzione concentrate nei grandi poli della Pianura padana. I facchini si sono mobilitati in maniera apparentemente improvvisa, riunendosi in comitati di base (Adl-Cobas e SiCobas) e cogliendo di sorpresa committenti, direzioni delle cooperative e sindacati confederali.

A guidare il movimento dei lavoratori è stato un sindacato di base, il SI Cobas, di recente costituzione, che ha promosso nel corso dell'ultimo decennio una decina di scioperi generali, oltre a centinaia di picchetti e proteste in tutto il paese(sebbene la cintura principale sia quella del Nord-est) che hanno consentito quasi ovunque di ottenere successi tangibili in termini di miglioramento delle condizioni di lavoro e di salario.

5.2 L'insorgere delle lotte e la necessità del sindacato: gli operai si raccontano

Il libro “*Carne da macello*”²²⁵(SI COBAS, 2017), scritto dai militanti del sindacato Si Cobas nel 2017, rappresenta una testimonianza diretta dello sviluppo delle lotte nell'ambito logistico nel corso dell'ultimo decennio, della repressione che hanno subito, delle conquiste che hanno ottenuto. Le lotte sono cominciate nel giugno del 2008, quando alcuni lavoratori immigrati che lavoravano per cooperative collegate al colosso dei supermercati Bennet, si sono rivolti allo SLAI Cobas per ricevere assistenza. “Lo scenario che lo SLAI Cobas si trova di fronte a Origgio è quello di uno sfruttamento di tipo schiavistico: condizioni di lavoro bestiali, mansioni orari e turni gestiti in maniera arbitraria e senza il minimo rispetto del CCNL [...], multe e licenziamenti per chi osa protestare [...]”(SI COBAS, 2017, p.11).I sindacalisti con più esperienza nel settore gli danno ascolto, aprendo spazi di collaborazione.

I primi scioperi avvengono tra il giugno e il luglio del 2008, ma alle rassicurazioni a parole

²²⁵Cfr. SI COBAS “*Carne da macello*”.

dell'azienda non seguono mai i fatti. È così che tra l'ottobre e il dicembre dello stesso anno nuovi scioperi, con la partecipazione della totalità dei lavoratori, seguiti al licenziamento di un attivista sindacale, costringono la ditta a cedere e ad accettare totalmente la piattaforma rivendicativa. È un primo successo di estrema rilevanza perché implica l'applicazione integrale del CCNL di categoria, sistematicamente disatteso grazie alle complicità delle direzioni sindacali compiacenti, in un contesto lavorativo dove i lavoratori hanno spesso più di una controparte con cui relazionarsi. Per il Si cobas(2017, p.14):

Perché, da un lato, c'è la cooperativa, [...], la quale si aggiudica gli appalti unicamente in base al criterio del massimo ribasso, consentito dal taglio indiscriminato del costo del lavoro sia per la parte salariale [...] sia per quella degli istituti contrattuali [...]; e dall'altro, dietro e sopra la cooperativa, c'è la cosiddetta committenza, l'impresa appaltante, [...] che, grazie a un sistema di scatole cinesi, può assicurarsi facilmente manodopera a basso costo senza neanche doverla assumere direttamente alle proprie dipendenze.

Ad aggravare tutto ciò c'è la complicità dei principali sindacati, che in virtù di amicizie o peggio connivenze con la dirigenza delle cooperative, avvallano questa situazione di palese illegalità. Ma l'elemento di maggior interesse per queste lotte viene dalla grande partecipazione della componente immigrata, che contraria tutte le teorie razziste o xenofobe, che considera unicamente l'immigrato come un elemento strumentale al capitale per ridurre i salari²²⁶, o comunque un soggetto attivo e non passivo del processo.

Di grande importanza è sottolineare come il ciclo di lotte nella logistica esploda in un momento di crisi capitalistica, che rende necessario scaricare sui lavoratori i costi di essa. In questa fase anche lavoratori tradizionalmente garantiti si trovano ad affrontare una fase in cui lo spettro della disoccupazione o comunque della cassa integrazione si fa sempre più pressante²²⁷. La riforma del lavoro operata dal governo Renzi nel 2015(cosiddetto “Job's act”) ha provveduto con l'eliminazione dell'art 18(che proibiva di licenziare i lavoratori per le loro idee politiche o sindacali) e l'estensione del precariato a milioni di lavoratori, a determinare una crisi della capacità di mobilitazione dei sindacati, non solo di quelli principali, tradizionalmente concertativi, ma anche a quelli di base, che pure avevano costituito per lungo tempo una valida alternativa. Per il Si Cobas(2017, p.17):(“Nella stragrande maggioranza dei lavoratori italiani la (mancata) reazione all'aggressività dei padroni e delle misure di austerità decise dai governi Monti, Letta, Renzi, si sostanzia in una sola parola: paura”, amplificata dalla logica menopeggistica che è stata sempre propagandata in Italia in campo politico e sindacale.

Come detto, l'elemento che più di ogni altro ha fatto sì che questo ciclo di lotte cominciasse nella logistica è stata la numerosa componente immigrata in questo settore, storicamente collocata

226Contro questa retorica si è espresso a più riprese l'importante economista Emiliano Brancaccio, vedi ad esempio https://www.lantidiplomatico.it/dettnews-brancaccio_migranti_capro_espatrio_del_capitale/11_41032/

227Cfr.https://www.repubblica.it/economia/2015/04/29/news/il_lavoro_negli_anni_della_crisi_l_italia_paga_il_conto_l_a_disoccupazione_e_cresciuta_del_108_-112996138/

nelle mansioni peggiori e con salari di molto inferiori a quelli dei loro omologhi italiani. “Un ciclo di lotte volutamente nascosto da gran parte dei media di regime, che vede intrecciarsi il doppio filo del protagonismo e della combattività operaia dal basso con quello dell'intervento del sindacato SI Cobas(e nel Nord-Est dell'ADL Cobas)”(SI COBAS, 2017, pp. 19-20).

I successi ottenuti alla Bennet producono un'estensione della lotta ad altri magazzini gestiti da cooperative nel Nord-Est del paese. In particolare lo SLAI Cobas riesce ad organizzarsi in un magazzino della DHL, tra i principali operatori come detto del settore logistico, dopo che la cooperativa che gestiva l'appalto aveva fatto dimettere i lavoratori con un escamotage, potendo così evitare il pagamento del TFR, conquiste ottenute attraverso un duro sciopero nel giugno 2009. In un altro caso nel dicembre 2009 a Brembio lo sciopero viene duramente represso dalle forze dell'ordine, ma nonostante ciò riesce ad ottenere i risultati sperati. SI COBAS(2017, p.23):

La presenza nutrita, intimidatoria, [...], di polizia e carabinieri nelle lotte della logistica è stata, in questi dieci anni, una costante, e dimostra due cose: 1) tutti i discorsi ufficiali degli organi dello Stato contro il lavoro nero, sommerso e irregolare sono soltanto chiacchiere che non riescono a nascondere la verità: gli organi dello stato, inclusa quasi sempre la magistratura, proteggono il supersfruttamento nella logistica, nelle campagne e altrove; 2) i lavoratori devono essere preparati a fronteggiare l'intervento degli organi repressivi dello Stato e possono farlo in modo efficace serrando le fila e facendo appello alla solidarietà di classe, allargando il fronte della lotta.

Ma ancora più rilievo ha assunto la lotta dei facchini quando è riuscita a raggiungere il distretto cardine della logistica in Italia, quello situato tra Bologna e Piacenza in Emilia-Romagna²²⁸, strategico sia perché da esso passano la gran parte delle merci che vengono poi smistate in Italia, ma anche per la presenza di numerose cooperative, che come visto nel capitolo precedente sono il grimaldello legale attraverso cui favorire il più bieco sfruttamento. Infatti “uno dei meriti sociali e politici più rilevanti della lotta dei facchini è stato quello di riuscita a sbrogliare questa matassa e di avere risalito l'intera filiera delle cooperative, svelando come il confine che separa la legalità e l'illegalità sia di fatto inesistente”(SI COBAS, 2017, p. 25). La lotta comincia nel giugno del 2011 e produce uno sciopero di alcune centinaia di facchini l'8 luglio, a cui fa seguito un blocco delle merci di tre giorni, cominciato il 15 luglio e conclusosi definitivamente il 23, ottenendo la piena applicazione del CCNL²²⁹.

D'altra parte la forma dello sfruttamento è profondamente con lo sviluppo del capitalismo(MARX, 2016), visto che il lavoratore non è più uno schiavo, vincolato anche fisicamente vincolato al suo padrone, ossia colui che lo aveva acquistato, ma un individuo formalmente libero di scegliere l'occupazione che preferisce (di solito quella che banalmente gli permette di non morire di fame) e con un padrone che non ha più l'obbligo di mantenerlo e che può liberarsi di lui in qualsiasi momento. Nella logistica lo sfruttamento si determina molto

²²⁸Tale area è anche detta “polo della logistica”.

²²⁹cr. <https://www.ilpiacenza.it/cronaca/tnt-accordo-sindacale-cobas.html>

semplicemente tramite il sistema del cambio di appalto. SI COBAS(2017,p.28):

Il sistema, ampiamente diffuso e collaudato nella logistica è il seguente: per evitare sul nascere le <<grane>> con i giudici di eventuali vertenze legali, pressapoco ogni due anni l'azienda committente provvede a revocare l'appalto alla cooperativa che impiega gli operai o viceversa. Contestualmente viene creata una nuova cooperativa, che all'apparenza è nuova di zecca ma in realtà è formata dalla stessa dirigenza e dallo stesso personale amministrativo [...]. A questo punto, un minuto prima che la nuova cooperativa subentri formalmente nell'appalto, la vecchia[...] convoca i lavoratori alla presenza della società committente e di <<sindacalisti>> compiacenti di FILT-FIT-UILT e li obbliga a firmare un verbale di conciliazione in cui è dichiarato che il lavoratore rinuncia a ogni pregresso. In gergo questo tipo di accordo si chiama tombale, e nella tomba vanno in fumo ogni rapina e ogni maltolto fin lì perpetrati.

Ovviamente tutto ciò favorito dalla condizione di perenne ricattabilità dei lavoratori immigrati, che sanno che perdere il lavoro significherebbe con ogni probabilità perdere il permesso di soggiorno ad esso collegato e dunque essere espulsi dal paese e dalla già citata riforma Biagi del 2003, che ha previsto la possibilità di licenziare il lavoratore dipendente della cooperativa semplicemente rimuovendolo dallo stato di socio. In più le cooperative riescono attraverso trucchi contabili a evadere il fisco, creando un danno non solo al lavoratore ma anche all'erario dello Stato²³⁰. Spesso inoltre le cooperative sono infiltrate da soggetti vincolati in forma diretta o indiretta con la criminalità organizzata, come dimostrato nel caso della già citata Mafia Capitale o come emerso da diverse inchieste della Direzione nazionale anti-mafia.²³¹

Secondo il Si Cobas(2017, p.29):“E' alla luce di questo quadro, [...] che tutte le battaglie condotte dai facchini del SI Cobas e dell'ADL Cobas assumono ovunque un comune denominatore [...] : l'abolizione del sistema delle cooperative e il passaggio diretto dei facchini alle dipendenze delle imprese committenti”. Ovviamente tale obiettivo risulta il più difficile da ottenere perché sconvolgerebbe tutta la catena, in ogni caso i risultati ottenuti dalle lotte dei lavoratori stanno rendendo sempre meno conveniente affidarsi a ditte esterne. Non a caso il governo Draghi nel luglio 2022 è intervenuto modificando l'articolo 1677 del Codice civile, stabilendo che nel settore della logistica non si applica la responsabilità in solido della committenza, impedendo così ai sindacati di “rifarsi” sull'azienda principale qualora la cooperativa o azienda appaltatrice non pagasse quanto di spettanza ai lavoratori²³².

I primi anni del decennio 2010-2020 vedono un'estensione a macchia delle lotte in tutto il Nord-Est del paese, grazie al legame sempre più forte tra sindacato e lotte e lo sviluppo di forme di solidarietà tra i diversi magazzini. Tra le battaglie principali vi è quella nel 2011 alla Esselunga di

230 Vedi <https://www.ilpiacenza.it/cronaca/buste-paga-ridotte-e-orari-falsati-obbligo-di-diventare-soci-e-niente-sindacato.html> ma gli esempi potrebbero essere molti altri.

231 Cfr. <https://www.meltingpot.org/I-migranti-rendono-piu-della-droga-come-la-mafia-si-e.html#.Yalh6tDMJPY> o <https://unita.news/2019/03/20/mafie-al-nord-non-si-tratta-piu-di-infiltrazioni-ma-di-sistema-strutturato-e-radicato/>

232 Cfr. a tal proposito <http://sicobas.org/2022/07/18/contributo-con-la-scusa-del-pnrr-padroni-e-governo-draghi-allattacco-dei-lavoratori-non-solo-della-logistica/>, dove un lavoratore del SI Cobas spiega bene gli impatti che questa modifica avrà sulle lotte sindacali, modifica non a caso salutata con favore da tutto l'arco parlamentare, prono agli interessi di Assologistica.

Pioltello, dove i capi reparto arrivavano addirittura ad utilizzare la violenza contro chi si ribellasse agli atroci ritmi di lavoro. Lo sciopero dell'ottobre 2011, duramente represso, riesce comunque a portare alla luce le modalità pressoché schiavistiche di lavoro²³³. SI COBAS(2017, p.32):

Con ogni evidenza, il settore del trasporto merci è quello in cui i meccanismi di valorizzazione del capitale sono più vulnerabili anche in termini tecnici: in un comparto che vede i corrieri competere quasi unicamente sui tempi di consegna di merci che si muovono prevalentemente in direzione nord-sud, passando attraverso i nodi strategici degli hub [...] basta qualche ora di blocco delle attività per generare un <<effetto-domino>> in grado di inceppare l'intero sistema a livello nazionale.

Tutto ciò fa sì che gli operai con scioperi a sorpresa possano infliggere gravi danni dal punto di vista economico, rendendo i padroni necessariamente più inclini a fare concessioni, visto che anche l'intervento repressivo può avere risultati a posteriori e non a priori. L'esperienza di lotta della Esselunga è significativa anche perché si recupera uno strumento che ha fondamenta storiche nel XIX secolo, la cassa di resistenza operaia che consente agli operai di avere un supporto economico nelle fasi di lotta²³⁴. Tra l'altro nello stabilimento Esselunga citato diversi sono i soggetti in odore di criminalità e non a caso diversi sono i momenti di tensioni che sfociano addirittura nell'utilizzo di una ruspa per sciogliere il presidio(SI COBAS, 2017).

Nel 2012 la lotta si estende a diversi supermercati nella zona di Basiano. Anche qui attraverso un sistema di scatole cinesi il committente si serve di varie cooperative per le diverse fasi del lavoro, risparmiando così su costi e diritti dei lavoratori. Nel maggio 2012 comincia lo sciopero che ben presto si allarga ad altre cooperative²³⁵, aprendo un'importante breccia e creando un'importante sponda tra operai di cooperative diverse e con diversi stipendi, che però comprendono che se un'attacco passa sugli uni inevitabilmente poi si ripercuoterà sugli altri. L'unione tra i lavoratori delle due cooperative permette di non scompaginare il fronte della lotta dopo la dura repressione seguita allo sciopero dell'8 giugno, dopo il quale molti operai si avvicinano al SI Cobas. Il lunedì successivo un nuovo sciopero produce una repressione ancora più violenta che sfocia in numerosi cariche che portano diversi operai all'ospedale²³⁶. Finalmente a fine giugno un vertice in prefettura tra Ministero del Lavoro, regione, ditte e sindacati riconosce la legittimità delle rivendicazioni del sindacato, soprattutto riguardo alla cosiddetta “clausola sociale”, con la quale “è espressamente previsto che la ditta o la cooperativa subentrante debba rilevare tutti gli operai impiegati nell'appalto prima del cambio. [...] Negli accordi nazionali [...] tale tutela viene finalmente estesa a tutti i magazzini [...] in Italia in cui SI Cobas e ADL Cobas sono presenti”(SI COBAS, 2017, pp. 37-8).

233Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2011/11/04/esselunga-lavoratori-delle-cooperative-in-sciopero/168500/>

234Uno strumento utile ancora oggi, vedi <https://ilmanifesto.it/gkn-parte-la-cassa-di-resistenza-solidarieta-operaia-con-birmingham/>

235Cfr. <https://www.operaicontra.it/2012/06/10/74531dc/>

236Cfr. <https://www.cub.it/index.php/contatti/194-comunicati-stampa/8564-sciopero-ai-magazzini-del-gigante-di-basiano-sette-operai-in-ospedale>

Contemporaneamente a questa lotta il sindacato comincia ad estendersi anche nei magazzini del gruppo IKEA, multinazionale tra le principali nel settore dell'arredamento della casa e almeno a parole difensora dell'ambiente ma molto meno dei diritti dei lavoratori, viste le persistenti denunce di maltrattamento e l'applicazione di un contratto diverso da quello della logistica per ridurre i costi. Anche qui uno sciopero represso nel giugno²³⁷ conduce comunque al riconoscimento del SI Cobas come sindacato presente nei magazzini, alla pari degli altri. Un nuovo sciopero a metà ottobre reagisce ad un'azione unilaterale dell'azienda, che aveva ridotto i volumi di lavoro arbitrariamente per ricattare i lavoratori. Lo sciopero viene attribuito dalla dirigenza dell'azienda all'ignoranza dei lavoratori immigrati, che sarebbero stati traviati dal sindacato.

Per il sindacato Si Cobas(2017, p. 40): “Le affermazioni di La Spezia hanno il dono di sintetizzare [...] il vero punto di vista dei padroni: accoglienti [...] e antirazzisti fin quando hanno a disposizione schiavi a basso costo; rabbiosamente xenofobi qualora gli schiavi iniziano ad alzare la testa e a reclamare quanto gli spetta”. Nascono anche campagne di boicottaggio contro IKEA, che vede quindi minacciata la sua immagine positiva, soprattutto dopo la messa in cassa integrazione di più di 100 lavoratori²³⁸. Nel gennaio 2013 i lavoratori sospesi verranno comunque reintegrati, ma nel corso dell'anno la repressione dell'azienda, unita a quella giudiziaria contro i leader sindacali più coinvolti a cui vengono comminati fogli di via. “Nonostante ciò, gran parte dei licenziati [...], non abbandonano la lotta. La sconfitta parziale in IKEA diviene palestra per l'intera organizzazione nell'altrettanto dura, lunga, mobilitazione in Granarolo, guidandola alla vittoria”(SI COBAS, 2017, p.42).

La lotta alla Granarolo, tra le più difficili per l'organizzazione sindacale, si è svolta tra marzo del 2013 e dicembre del 2014, avendo di fronte un colosso del sistema cooperativo. Il magazzino principale di smistamento si trova a Cadriano, piccola frazione del comune di Granarolo dell'Emilia. Anche qui i facchini si avvicinano al sindacato nel marzo del 2013, per reagire a una decurtazione dello stipendio di oltre il 30 per cento, giustificata da un supposto stato di crisi della cooperativa, in realtà solo apparente. Tra marzo e aprile diversi scioperi sono animati dagli operai di questi due magazzini, che coinvolgono decine di lavoratori, che vengono temporaneamente sospesi come forma di rappresaglia dalla direzione. Un successivo sciopero nel maggio dello stesso anno termina con l'investimento di due operai da parte di un camionista crumiro, ma anche con lo sviluppo di una campagna di solidarietà con gli operai che culmina in un grande corteo a inizio giugno, che contesta la direzione sindacale della CGIL, rea di aver accettato la decurtazione salariale²³⁹. Per il SI

237Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/06/15/ikea-facchini-bloccano-i-cancelli-la-polizia-sgombera-con-la-forza/264319/>

238Cfr. <https://www.cub.it/index.php/contatti/176-organizzazioni-cub/flaicauniti-cub-commercio-e-servizi/8703-pessima-ikeapessima-ikea-107-ragioni-per-boicottare-ikea/ikea>

239Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2013/06/01/bologna-facchini-in-piazza-per-difendere-diritto-di->

Cobas(2017,p.47):

In un clima già rovente si inserisce Legacoop la quale, per dichiarazione diretta dei suoi vertici nazionali [...] si pone come capofila della linea dura, contraria a qualsiasi tipo di trattativa che legittimi il SI Cobas come controparte. La lotta assume sempre più i caratteri di uno scontro tutto politico. La posta in gioco per Granarolo e Legacoop è altissima: l'ingresso all'interno dei gangli vitali della multinazionale di un sindacato conflittuale in luogo dei firmatutto di CGIL-CISL-UIL, può mettere seriamente a repentaglio quel sistema di sfruttamento su cui si poggiano le fortune e i fatturati a nove zeri della fliera del latte e, con essa, di tutto l'agroalimentare.

I facchini sospesi vengono poi assunti da un'altra cooperativa del gruppo, dimostrando come lo stato di crisi non fosse reale. Il lungo presidio fuori dai cancelli del deposito vede un primo stop a metà giugno, quando si cerca un accordo ma il SI Cobas rifiuta perché gli impegni presi sono troppo vaghi. Finalmente un accordo transitorio viene trovato a metà luglio, con l'assunzione diretta di una parte dei facchini e un percorso per l'integrazione degli altri. “Si tratta dunque di una <<tregua armata>>: l'armistizio sarà definitivo solo quando il contenuto dell'accordo diventerà effettivo”(SI COBAS, 2017, p. 49). Nel novembre ai mancati impegni fa seguito una ripresa della mobilitazione, ma anche un aumento della repressione. Partono infatti decine di denunce contro sindacalisti e solidali, accusati di violenza privata e addirittura di limitare le assunzioni. Con la ripresa degli scioperi riprende anche la violenza contro i lavoratori, con calci e botte contro il presidio dei lavoratori, che riesce ad ottenere i risultati sperati, visto che il blocco della produzione impedisce di distribuire il latte prodotto²⁴⁰. La vertenza si conclude positivamente nell'estate 2014, con il reintegro di tutti i lavoratori licenziati e il ritiro di tutte le denunce. Per il Si Cobas(2017, p. 51):“L'esito finale della sentenza Granarolo è un successo straordinario, forse non il più importante da un punto di vista strettamente sindacale ma di certo, data la forza della controparte, il più pesante da un punto di vista politico generale”.

Altrove sono le donne, in un settore di lavoro a prevalenza maschile, a mobilitarsi, quando anche loro costrette a lottare contro condizioni di lavoro ai limiti dello schiavismo, come nel caso della cooperativa Mr Job attiva nel bolognese, dove oltre allo sfruttamento si aggiungono le minacce e le molestie sessuali da parte del capo della cooperativa²⁴¹. Gli scioperi dell'estate 2014 producono un vertice che non porta agli obiettivi prefissati, costringendo il sindacato a rivolgersi al Tribunale per denunciare le molestie subite; il processo si conclude con la condanna del capo della cooperativa al risarcimento delle lavoratrici²⁴².

Nell'estate del 2016 una nuova lotta nasce nei magazzini XPO nella zona di Pavia, contro la nota multinazionale dell'abbigliamento H &M. Per il Si Cobas(2017, p. 52):“Oltre ai <<soliti>> furti in busta paga e ai ritmi di lavoro insostenibili, le lavoratrici e i lavoratori lamentano qui

[sciopero/613317/](https://www.wumingfoundation.com/giap/2014/02/con-i-lavoratori-della-logistica-oggi-corteo-a-bologna/)

240Cfr. <https://www.wumingfoundation.com/giap/2014/02/con-i-lavoratori-della-logistica-oggi-corteo-a-bologna/>

241Cfr. <https://sicobas.org/2014/06/15/yoox-molestie-sessuali-sulle-facchine-ora-basta-e-sciopero/>

242Cfr. INFOAUT” *Abbiamo spalancato la porta e siamo uscite. Voci di lotta alla Yoox*”.

l'assenza di giornate di riposo e il continuo rinnovo di contratti a tempo determinato senza alcuna prospettiva di assunzione stabile". Gli scioperi cominciano a luglio ma è ad agosto che le facchine del magazzino di Stradella riescono a fare uno sciopero di quattro giorni consecutivi. Progressivamente la mobilitazione si estende a macchia d'olio in tutti i magazzini H & M, contemporaneamente alla crescita degli iscritti al sindacato, fino alla stabilizzazione progressiva delle lavoratrici a partire da settembre²⁴³. "Nel mese di dicembre XPO accetta un tavolo di confronto nazionale, nel quale viene sancito il principio del rispetto integrale del CCNL in tutti i magazzini e la regolarizzazione delle problematiche territoriali attraverso la stipula di singoli accordi di secondo livello"(SI COBAS, 2017, p.54).

Nel piemontese lo sviluppo del sindacato è cominciato dapprima nei grandi centri delle multinazionali e poi nel CAAT, tra i principali del paese, dove lavorano centinaia di immigrati, nelle condizioni descritte in precedenza. Nel maggio 2014 uno sciopero viene duramente attaccato dalla polizia, ma ottiene la convocazione di un vertice al termine del quale l'azienda si impegna al pieno rispetto dei diritti. Gli importanti scioperi dell'autunno successivo servono a garantire il rispetto di tali accordi²⁴⁴.

Nel frattempo l'azione del SI Cobas si estende, anche grazie alla collaborazione con l'omologo ADL Cobas, a tutti i principali magazzini del territorio nazionale, riuscendo ad ottenere due importanti accordi in cui si riconosce integralmente il CCNL logistica, l'eliminazione delle clausole peggiorative dell'ambito cooperative, introduzione di buoni pasto, aumento delle ore di permesso retribuito e infine clausola sociale per tutelare i lavoratori nel caso di cambio appalti²⁴⁵.

Per poter ottenere questi risultati è stato fondamentale per il sindacato estendere la lotta oltre i primi magazzini in cui essa si era sviluppata, facendo in modo che gli scioperi e le altre forme di lotta si estendessero su tutto il territorio nazionale in caso di attacco. Per il SI Cobas(2017, p.58):"E' questo tessuto di forte solidarietà operaia, sintetizzata dallo slogan <<toccano uno, toccano tutti>> che costituisce la garanzia principale del rispetto e della durata degli accordi molto più di mille verbali di intesa scritti sulla carta". Per evitare però che le conquiste ottenute in un singolo magazzino fossero vanificate semplicemente cambiando sede e ditta, SI Cobas e ADL Cobas hanno dato vita a numerosi scioperi, finalizzati a rinnovare il CCNL Logistica, scaduto nel 2015 e rinnovato l'ultima volta nel marzo del 2020²⁴⁶, proponendosi con le lotte non solo di difendere ciò che si ha, ma anche ottenere di più.

243Cfr. <http://www.iltafferuglio.org/2016/08/27/scioperi-e-picchetti-ai-magazzini-hm-nel-nord-italia-intervista-alle-lavoratrici/>

244Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2014/10/16/torino-protesta-dei-facchini-del-caat-scontri-con-la-polizia-commerciantemorto-dinfarto/1157178/>

245Cfr. <https://www.agoravox.it/Contratti-firmato-importante.html>

246Cfr. <https://www.informaimpresa.it/item/trasporto-merci-rinnovo-ccnl-e-tabelle-retributive>

Ma le lotte nella logistica non hanno dovuto lottare solamente contro i nemici esterni al movimento, ma anche contro quelli interno ad esso, soprattutto camionisti, spesso inclini al crumiraggio. Tra gli episodi peggiori sono da segnalare l'attacco contro i lavoratori in scioperi nel magazzino di Corcolle (piccola cittadina vicino Roma) dove alcuni crumiri sono ricorsi a mazze e manganelli contro i lavoratori in sciopero²⁴⁷. Prima di condannare in modo esplicito questi lavoratori bisogna considerare le condizioni in cui versano questi camionisti e autisti spesso contrattualizzati con false partite iva costretti dunque a sobbarcarsi la maggior parte dei costi del trasporto. SI COBAS(2017, PP. 60-61):

In un tale contesto, diventa facile per i committenti e per i boss delle cooperative usare driver e camionisti alla stregua di bande paramilitari in funzioni anti-sciopero: se il magazzino è fermo non fai consegne e, se non fai le consegne, non porti il pane a casa. È questa la clava agitata dai padroni per spingere gli autisti ad un'assurda guerra tra poveri contro i facchini.

Ma spesso nonostante ciò si sviluppa comunque una solidarietà tra lavoratori, coscienti che il nemico è comune. Una tragedia accade però a Piacenza nel settembre del 2016, quando durante uno sciopero fuori da un magazzino un camionista investe e uccide Abd El Salam, attivista dell'USB. Tutto ciò provoca una grande ondata di mobilitazione e due giorni di sciopero, con un grande corteo che attraversa la città di Piacenza e che unisce le diverse sigle sindacali nella lotta²⁴⁸. L'autista che guidava il camion è invece stato assolto, perché non è stata dimostrata la volontarietà del suo gesto²⁴⁹. Episodi come quello appena descritto non sono purtroppo isolati, ma ricorrenti, come testimoniato da un episodio analogo avvenuto nel 2021. Anche nel giugno di questo anno infatti un facchino è stato investito e ucciso da un camionista che ha forzato il blocco²⁵⁰, scatenando solidarietà e mobilitazione.

5.2.1 La lotta nei magazzini romani della SDA

A Roma il SI Cobas si radica più tardi che nel Nord-Est del paese, cominciando la sua attività nell'estate del 2013. Non avendo la città un interporto, le merci si distribuiscono in più poli logistici, di cui il più importante è situato a Corcolle, una piccola frazione del comune di Roma. I lavoratori si avvicinano al SI Cobas dopo che la CGIL non aveva difeso i lavoratori che avevano scioperato. Per Mento(2016, p.11): "Il contatto tra i lavoratori e il sindacato di base avviene tramite "passa parola" con altri lavoratori della stessa etnia e nazionalità che lavorano nei magazzini Sda del Nord Italia e in cui la presenza del Si Cobas era già radicata da qualche anno." Alle solite rivendicazioni per l'attuale del contratto nazionale e la riduzione dei carichi da lavoro si aggiunge in

247Cfr. <http://www.osservatoriorepressione.info/roma-squadracce-fasciste-caricano-i-facchini-in-sciopero-4-feriti/>

248<https://ilmanifesto.it/a-piacenza-il-corteo-dell'indignazione-per-la-morte-di-abd-el-salam-ahmed-el-danf/>

249Cfr. <https://www.piacenzasera.it/2020/07/morte-di-abd-el-salam-durante-la-protesta-alla-gls-assolto-l'autista-del-tir/346961/>

250Cfr. <https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/06/18/novara-sindacalista-muore-travolto-da-camion-durante-uno-sciopero-arrestato-l'investitore-ha-forzato-il-blocco-ora-si-trova-in-carcere/6233934/>

questo caso la richiesta di allontanare i capi-reparto che sono razzisti con i lavoratori. Dopo uno sciopero effettuato a dicembre al termine del quale la committenza, rappresentata in questo caso da SDA, aveva accettato le richieste dei lavoratori senza darvi attuazione, il 3 gennaio 2013 un grande sciopero attraversa i tre magazzini romani, con adesioni prossime al novanta per cento. Un nuovo grande sciopero si è determinato nel maggio 2013, visto che l'azienda non aveva ancora dato seguito ad una parte degli accordi sottoscritti a febbraio²⁵¹. Ad un accordo con i principali sindacati confederali che propone l'assunzione diretta dei lavoratori presso una società terza i lavoratori del SI Cobas oppongono un secco rifiuto, coscienti che(MENTO, 2016, pp.12-3):

mantenere l'esternalizzazione a cooperative di lavoro in cui viene fatto rispettare il CCNL può comportare un maggiore costo e meno flessibilità nell'utilizzo della forza lavoro rispetto a una ditta in esternalizzazione e con propri dipendenti diretti, che può comunque derogare legittimamente al CCNL grazie all'articolo 8 del decreto legge 13 Agosto 2011 n. 138 e ai recenti accordi interconfederali (Testo Unico sulla Rappresentanza, Gennaio 2014),

decidendo di non cedere su nessuna possibilità di miglioramento.

Nell'autunno del 2013 un'altra vertenza comincia contro la TNT, altra grande compagnia di trasporti, anche in questo caso per ottenere l'attuazione del CCNL Logistica e l'assunzione diretta dei lavoratori alle dipendenze della ditta committente. Per Mento(2016, p.13):“La vertenza aperta a Roma alla Tnt ha una sua specificità in quanto si inserisce in un momento in cui l'azienda sta effettuando una ristrutturazione produttiva che prevede un maggior disimpegno dell'azienda in Italia e quindi perdita di posti di lavoro”. Va fatto osservare come a partire dalle lotte nel Nord-Est del paese il sindacato riesca anche nei magazzini romani a partire dal maggio 2014 ad ottenere un accordo estremamente migliorativo, con l'ottenimento di buoni-pasto e l'estensione degli istituti contrattuali a tutti i lavoratori. MENTO(2016, p.14):

L'esperienza di questa due vertenze, insegna come la nascita dell'organizzazione sindacale avvenga ad opera di lavoratori stranieri già sindacalizzati che non trovavano però nel sindacato confederale un supporto organizzativo. Nel primo caso SDA l'adesione ad un sindacato conflittuale che propone scioperi e picchetti ha coinvolto anche la minoranza di lavoratori italiani, sia perché l'arbitrarietà delle condizioni riguardava una parte di loro (il lavoratore anziano), sia perché l'efficacia delle pratiche si è resa evidente. Nel caso della TNT, in cui i risultati sono stati più lenti ad arrivare, la linea di demarcazione etnica appare più netta (non vi sono italiani iscritti al Si Cobas). In compenso, anche con il supporto degli attivisti dei movimenti che talora si sovrappongono al ruolo sindacale i delegati hanno avuto un percorso di crescita formativa, che li ha portati ad una iniziale consuetudine con la prassi di contrattazione aziendale. In entrambe le aziende i momenti decisionali sono stati sempre assunti collettivamente. Questo metodo è riuscito a sedimentare il senso di appartenenza ad un movimento collettivo di lavoratori della logistica che ha portato i lavoratori dei due magazzini a partecipare a fasi alterne e in numero significativo a scioperi e manifestazioni nazionali di solidarietà con gli altri lavoratori.

Nel caso descritto la lotta non ha seguito i canoni classici del conflitto fordista, visto che a mobilitarsi sono stati lavoratori privi di esperienza sindacale, che sono stati organizzati da un piccolo sindacato di base. Fondamentale perché questo conflitto si producesse è stata la particolare

²⁵¹Cfr. <https://www.pane-rose.it/files/index.php?c3:o38584:e1>

tipologia della situazione, quella di un settore dove grazie all'utilizzo strumentale del contratto cooperative l'irregolarità era la regola e non l'eccezione, creando oggettivamente le condizioni affinché tale conflitto si producesse. Per Mento(2016, p. 14):“Nella dimensione oggettiva includiamo, sia l’elevato sfruttamento salariale, sia la negazione di diritti normalmente salvaguardati dalla normativa nazionale, sia le condizioni organizzative del settore, sia l’autoritarismo sul posto di lavoro”. Indubbiamente poi il tipo di lavoro, che crea una situazione di lavoro ripetitivo e concentrato in pochi poli logistici, favorisce l'unione tra i lavoratori e rende più efficace un blocco anche temporaneo della produzione.

Dal punto di vista soggettivo lo sviluppo della lotta non si sviluppa a partire dal sindacato, che entra in contatto con i lavoratori per cercare di mobilitarli, ma a partire da singoli gruppi di lavoratori(spesso ma non sempre accomunati dalla stessa origine nazionale o etnica)., che si rivolgono al sindacato una volta conosciuti i risultati ottenuti in altre località. Un'ipotesi interessante, ma limitata, è quella che ritiene che tali legami derivino dalla comune esperienza migratoria(ENNINX, ROOSBLAD , 2000) sottovalutando che non sempre tale legame, che precede quello di classe, sia positivo, perché potrebbe condurre una parte dei lavoratori a fare scelte sbagliate in virtù di legami nazionali o etnici. Inoltre se il tema fosse unicamente quello bisognerebbe chiedersi perché non avviene lo stesso in altri contesti in cui c'è un'alta concentrazione di immigrati, come nel caso citato dei braccianti agricoli nelle campagne del Sud Italia o nel settore edilizio.

5.2.2 La repressione giudiziaria contro il movimento sindacale

Lo sviluppo delle lotte e i risultati ottenuti dal sindacato fanno sì che sempre più lavoratori si avvicinino al SI Cobas, anche esterni al mondo della logistica, come il caso dei lavoratori del modenese attivo nel settore macellazione e produzione salumi, che si rivolgono al sindacato per ottenere l'applicazione del giusto contratto di lavoro visto che a loro è applicato quello della logistica, nonostante siano operai. Per il Si Cobas(2017, pp. 64-5):“Questa anomalia, manco a dirlo, trova la sua unica ragion d'essere nel fatto che, a parità di prestazione lavorativa, la busta paga <<tabellare>> di un facchino è più leggera di quella di un operaio del comparto alimentare”. Il sindacato si estende progressivamente in molti salumifici, ma sarà quello del gruppo Levoni a determinare i maggiori problemi dal punto di vista giudiziario al sindacato. Qui infatti diversamente da quanto avviene in altri stabilimenti, dopo aver accettato un accordo volto a garantire a tutti i lavoratori perlomeno la totale attuazione del CCNL alimentare, la committenza del gruppo Levoni nel novembre 2016 dispone che sia disdetto l'appalto, giudicando troppo oneroso il compromesso raggiunto. Ripartono gli scioperi²⁵² e la repressione contro il sindacato, che denuncia gli illeciti

252Vedi <https://www.infoaut.org/precariato-sociale/macelli-dello-sfruttamento>

relativi all'interposizione illecita di manodopera²⁵³.

Il modenese è uno dei settori dove si è affermata con più forza quella perversa relazione, descritta nel capitolo precedente di questa tesi, tra cooperative, sindacalismo e sinistra parlamentare. Per il Si Cobas(p.67):

Il rapporto tra cooperative, sindacalismo confederale e sinistra parlamentare è un meccanismo ben oliato, che vede i singoli attori alimentarsi a vicenda: alle Coop vanno gli appalti[...]; a CGIL-CISL-UIL vanno le tessere sindacali [...] nonché il succulento indotto rappresentato da CAF, Pstronati e fondi integrativi; al partito e ai suoi singoli esponenti vanno i voti ma, soprattutto, fiumi di denaro nella campagna elettorale o, appunto, mazzette.

Il fatto che il ministro del lavoro all'epoca dei fatti fosse un esponente del mondo della cooperazione non ha potuto far altro che rafforzare questo processo di sostanziale continuità tra mondo della cooperativa e della politica.²⁵⁴ Un mondo quello delle cooperative che, come descritto, si è allontanato sempre di più dal suo carattere mutualistico e sociale, per abbracciare totalmente la logica del profitto. La situazione nel settore carni è talmente grave che anche la stampa più vicina al PD, il quotidiano *“La Repubblica”* è costretta a darvi notizia. In un'inchiesta del febbraio 2016 vengono mostrate le terribili condizioni di lavoro a cui sono costretti a sottostare gli operai: turni anche di 15 ore con mansioni estremamente ripetitive che rendono molto facili gli infortuni, lo sfruttamento della manodopera irregolare, l'evasione fiscale sulle buste-paga attraverso il sistema che prevede una parte dell'orario di lavoro classificata come trasferta(in realtà mai avvenuta) in modo da non pagare i contributi realmente dovuti²⁵⁵. Di particolare interesse sulla questione degli infortuni nel settore carni è una tabella allegata al volume dei SI Cobas, scritta da Dario Fontana(SI COBAS, 2017).

Egli infatti osserva come sebbene il numero delle denunce per infortunio sul lavoro stia diminuendo, nel settore carni del modenese il dato è il quadruplo della media nazionale. FONTANA(2017, pp.72-3):

E' legittimo quindi cercare la natura dell'apparente diminuzione in criteri di natura soggettiva come per esempio un aumento del ricatto nel luogo di lavoro. Da notare infatti che, all'interno delle lavorazioni industriali, il settore dell'industria alimentare [...] è al secondo posto dopo l'industria tessile per percentuale di lavoro nero secondo le ultime statistiche ISTAT sul tasso di irregolarità(media 2011-4). Dunque oltre alla sottostima strutturale delle denunce di malattia professionale e infortunio[...] si può legittimamente supporre che nel settore carni l'effetto della sottostima sia superiore alla media in un contesto di forte ricatto occupazionale che di certo non favorisce l'emersione dei problemi di salute e sicurezza sul lavoro.

Ma il teorema giudiziario contro il sindacato²⁵⁶ descritto dalla Procura è relativo a un

253 Con tale fattispecie di reato si punisce chi abbia un guadagno illecito dal suo collocarsi come intermediario tra il padrone e la forza-lavoro.

254 Cfr. <https://www.legacoopmarche.it/articoli/giuliano-poletti-ministro-del-lavoro-e-delle-politiche-sociali3>

255 Cfr. https://inchieste.repubblica.it/it/repubblica/rep-it/2016/01/18/news/il_mattatoio_dei_diritti-131109609/

256 Cfr. <https://www.clap-info.net/2017/01/comunicato-si-cobas-ignobile-canea-mediatica-per-colpire-le-lotte/>

tentativo di estorsione(poi rivelatosi come vedremo non sussistente), che il coordinatore dei SI Cobas Aldo Milani avrebbe fatto con un'imprenditore che poi si scoprirà essere un truffatore, Aldo Piccinini. Egli infatti si presenta al dirigente sindacale come amico dei Levoni, con cui c'è da risolvere il problema di 55 licenziati, offrendosi come mediatore. Gli incontri si svolgono in maniera privata, teoricamente per una maggiore sincerità , in pratica come vedremo per tendere una trappola al sindacato. Le richieste sindacali del sindacato sono chiare: reintegro dei lavoratori licenziati, pagamento delle mensilità arretrate. Nei successivi incontri con Piccinini egli propone al sindacato di dilazionare il pagamento in più tranches. Per il Si Cobas(2017, p.76):“Questi passaggi pubblici che vedono il coinvolgimento diretto dei lavoratori smentiscono clamorosamente il teorema della Questura di Modena, secondo cui ci sarebbe stata una trattativa riservata di cui i diretti interessati sono all'oscuro, finalizzata a estorcere denaro ai Levoni”.

Oggetto della supposta estorsione sarebbe il contributo richiesto dal sindacato per avere contribuito a conciliare le parti, una prassi consolidata che fa riferimento ad una piccola cifra (spesso intorno ai 100 euro) che di solito è destinata ad una cassa per i lavoratori licenziati. Secondo il Si Cobas(2017, p.77):“In Tribunale questo elemento è stato contestato dai PM, i quali sostengono che dietro la quota sindacale per le conciliazioni si annidi la cifra dell'estorsione. Se ciò fosse vero, tutte le organizzazioni sindacali e d'Italia e nel mondo sarebbero una sorta di associazioni a delinquere...”. Uno strumento storico del movimento operaio, come è la cassa di resistenza, viene presentato come frutto di un'estorsione, capovolgendone totalmente storia e significato.

Fatto stà che Aldo Milani e Piccinini vengono entrambi arrestati²⁵⁷ con l'accusa di estorsione ai danni dei Levoni, supposte vittime dell'estorsione. I giornali e i mass media hanno buon gioco così a presentare Piccinini come membro del sindacato, ed elemento chiave dell'estorsione, nonostante il sindacato avesse escluso fin da subito che egli appartenesse all'organizzazione. “Dietro questa sapiente opera di taglia e cucì si materializza quel che i militanti del SI Cobas già notano da tempo ovvero il tentativo di zittire con ogni mezzo una lotta che comincia a mettere i bastoni tra le ruote ai piani alti del potere, istituzionale, padronale e mafioso²⁵⁸”(SI COBAS, 2017, p.80). Non avendo funzionato la repressione violenta ci si gioca la carta della macchina del fango. La risposta dei lavoratori non si fa attendere, e in poche ore scioperi spontanei attraversano tutta la penisola, essendo coscienti i lavoratori che un attacco fatto al leader della loro organizzazione sindacale sia un attacco fatto a tutti loro. Durante le udienze appare chiaro diverso fosse l'intento tra Milani e Piccinini e che quindi diverso debba essere il loro destino giuridico. La settimana successiva, la prima di febbraio, un grande corteo attraversa la città di Modena per chiedere

257 Cfr. <https://ilmanifesto.it/arrestato-aldo-milani-si-cobas-e-una-trappola/>

258SI COBAS “*Carne da macello*”, p. 80.

l'assoluzione di Milani e la fine della persecuzione giuridica contro i SI Cobas, occupando la stazione ferroviaria e bloccando i treni per oltre un'ora²⁵⁹.

La lotta nelle settimane successive continua, così come la repressione, soprattutto visto che il movimento è riuscito ad allargarsi oltre gli stretti confini del modenese e ad allargarsi su tutto il territorio nazionale. Ad aggravare la situazione ci si è messo l'approvazione del pacchetto sicurezza Minniti e Orlando²⁶⁰ che consente misure repressive nei confronti di chi leda "l'ordine costituito" consentendo di limitare la libertà di quei soggetti, come i movimenti di lotta per la casa o gli stessi facchini, che in qualche modo attentino a tale ordine²⁶¹.

Fondamentale è stato per il sindacato allargare la rete di solidarietà, coinvolgendo soggetti dell'antagonismo politico e sindacale e pezzi di sindacalismo di base, riuscendo ad aumentare la massa critica e consentendogli di costruire una mobilitazione che ha portato Aldo Milani ad essere assolto da tutte le accuse che gli erano state rivolte²⁶². Per il Si Cobas(2017, pp.86-7):

Come già ricordato, il patrimonio più importante che le lotte nella logistica trasmettono all'intero proletariato italiano e internazionale non riguarda tanto l'aspetto delle singole rivendicazioni sindacal-vertenziali, quanto piuttosto l'indicazione di un metodo e di una pratica di lotta alla classe nel suo insieme. [...]. Quel che è certo è che, in questi anni, attorno al protagonismo dei facchini a un primo, embrionale processo di ricomposizione di quasi tutte le lotte più significative presenti nel paese.

Questa unità d'azione è relativa alla coscienza per cui il facchino non è un soggetto unicamente legato al suo ambito lavorativo, quello della logistica, ma è un soggetto inserito in un contesto metropolitano con gli affitti perennemente in crescita, un immigrato perennemente sotto il possibile ricatto del mancato rinnovo del permesso di soggiorno. Tutto ciò ha portato ad una grande manifestazione nazionale il 12 novembre 2016 a Roma²⁶³, in cui un corteo di migliaia di facchini, braccianti e militanti del movimento di lotta per la casa hanno manifestato per ottenere maggiori tutele in tema di permessi di soggiorno e sul lavoro, rivendicando anche la fine delle guerre imperialiste che costringono milioni di persone ogni anno all'emigrazione. Contro ad ogni ipotesi di chiusura nazionalistica o di conciliazione di classe, il SI Cobas si propone di (SI COBAS, 2017, p.90) :

rimettere al centro della propria azione il conflitto capitale-lavoro e, a partire da questo, rilanciare un percorso di unità di classe su basi chiaramente anti-capitalistiche.

259 Cfr.

https://bologna.repubblica.it/cronaca/2017/02/04/news/sindacalista_arrestato_a_modena_operai_si_cobas_occupano_i_binari-157574287/

260 Cfr. <https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/2017/02/17/17G00026/sg>

261 A tal proposito vedi <https://sicobas.org/2021/11/16/contributo-ai-disoccupati-e-alle-disoccupate-del-movimento-7-novembre-tir/e> <https://dirittipertutti.gnumerica.org/2014/02/14/giu-le-mani-dal-movimento-di-lotta-per-il-diritto-alla-casa-liberta-per-gli-arrestati-presidio-stasera/>

262 La sentenza di assoluzione parla di non aver commesso il fatto, vedi a tal proposito

<https://sicobas.org/2019/05/14/comunicato-aldo-milani-assolto-per-non-aver-commesso-il-fatto-gli-unic-estorsori-sono-i-padroni/>

263 Cfr. <https://campagneinlotta.org/roma-12novembre-manifestazione-nazionale-contro-il-regime-di-controllo-della-mobilita-e-contro-lo-sfruttamento/> e <https://www.youtube.com/watch?v=hGag7ksZAc4>

Parafrasando un vecchio slogan della lotta delle donne e del movimento operaio statunitense: << Lottiamo per il pane ma anche per le rose>>, con rivendicando per il proletariato di tutti i paesi non solo il salario ma la vita stessa in tutta la sua pienezza sociale. Più che l'aumento di qualche centinaio di euro in busta paga, è proprio la costruzione e il perseguimento di questa prospettiva di emancipazione e liberazione integrale dei lavoratori e delle lavoratrici dal giogo del capitale, che il movimento dei facchini italiani del SI Cobas ha messo in moto, a far paura ai padroni e ai loro reggicoda negli apparati istituzionali e repressivi dello Stato. È questo il grande compito con cui dovrà misurarsi nel prossimo futuro l'intero movimento di classe italiano e internazionale. Avanti fino alla vittoria!

5.3 Quale tipo di sindacato? Il congresso fondativo del SI Cobas nel maggio 2015

Il sindacato SI Cobas è nato nel 2010, da un gruppo di lavoratori usciti dal sindacato SLAI Cobas per creare uno strumento sindacale adeguato per rispondere alla crisi economica, che aveva investito anche il sindacato. Il primo congresso si è tenuto dunque a cinque anni dalla fondazione, per fare un bilancio degli ultimi anni e per rilanciare il conflitto, vista anche l'attenzione che gli apparati repressivi dello Stato rivolgono a questo settore, ultima in ordine cronologico la circolare dello scorso giugno²⁶⁴(2021) ai prefetti, con la quale li si invitavano a predisporre interventi volti a limitare gli scioperi bianchi e i sabotaggi che avevano fatto seguito all'approvazione del reato di blocco stradale.

Il documento programmatico si apre con un'analisi marxista della crisi del 2007-8, che non viene presentata come una crisi finanziaria che si è poi trasferita nell'economia reale, contrariando i mass media tradizionali e i principali *think thank* finanziari, che presentano la crisi come una tempesta in un organismo sano come è quello del sistema di produzione capitalistico, fondato sul profitto, ma SI Cobas(2015, p.4):

come crisi di valorizzazione, come impossibilità per il capitale di sostenere il suo proprio sviluppo a partire dai livelli dati da un saggio di profitto decrescente a seguito dell'aumento della composizione organica del capitale, cioè della preponderanza del capitale costante sul totale del capitale investito. [...] Esiste un punto critico in cui il lavoro non riesce a valorizzare il capitale investito(macchine, materie prime ecc.) A partire da questo momento, il capitale cerca di correre ai ripari, e questi si incentrano sull'aumento del tasso di plusvalore, cioè sullo sforzo per aumentare il grado di sfruttamento della forza lavoro. Proprio il settore in cui il SI Cobas è maggiormente radicato offre a questo riguardo un quadro esemplare. Qui si realizza con evidenza particolare il plusvalore assoluto, con l'allungamento a dismisura della giornata lavorativa, né più né meno che la vita del lavoratore divorata dai ritmi aziendali.

E dunque se l'attuale crisi è una crisi di valorizzazione ne discende che tutti gli scoppi di bolle finanziarie sono manifestazioni della crisi, ma non la sua causa. Come già visto nel primo capitolo di questa tesi la crisi finanziaria del 2007-08 è stata favorita dalla deregolamentazione del settore finanziario cominciata negli anni 70, che ha permesso la fine della distinzione tra banche di deposito e di investimento che, unita a prodotti finanziari puramente speculativi come i derivati, ha creato una bolla gigantesca di capitale fittizio, che solo l'intervento delle Banche centrali ha

264 Cfr. https://www.interno.gov.it/sites/default/files/2021-06/circolare_logistica_gabinetto_10.6.2021.pdf

contribuito a mitigare, scaricando i costi del salvataggio sugli Stati e dunque sulla collettività²⁶⁵.

Per analizzare la situazione è dunque necessario comprenderla dal punto di vista economico-internazionale, uscendo da una prospettiva puramente nazionale del conflitto. “E' più che mai necessario allargare il nostro campo visivo, fissando nuovamente il principio per il quale nella società capitalistica ogni scelta politica è il risultato del conflitto capitale/lavoro”(SI COBAS, 2017, p.7). In questa ottica l'Italia andava considerata come parte del gruppo dei paesi cosiddetti PIIGS, in cui con la scusa della crisi del debito pubblico si sono adottate politiche anti-popolari, che hanno attaccato i lavoratori nei tre elementi del salario: diretto, indiretto, differito²⁶⁶. Per il Si Cobas(2015, p.8): “Il settore logistico ha assunto una centralità che va al di là delle specifiche condizioni di sfruttamento che si manifestano nel nostro paese, presentandosi come il settore centrale per la circolazione del capitale e della sua valorizzazione”, restando anch'esso coinvolto nei processi di ristrutturazione produttiva. Ma ovviamente in un'ottica internazionalista va compreso come l'attacco sferrato non riguardi solo il proletariato italiano o europeo, ma piuttosto quello mondiale. I paesi periferici hanno infatti sofferto duramente per la crisi, sia a causa della loro strutturale fragilità economica, sia a causa della fragilità politica che ne è scaturita, favorendo l'emigrazione in massa verso i paesi europei, che usano le masse immigrate per incolpare esse della riduzione dei diritti dei lavoratori, da loro stessi provocata. “Ancora una volta, riaffermiamo che il nemico è in casa nostra”(SI COBAS, 2015, p.9).

Per i motivi suddetti il SI Cobas è un sindacato a vocazione internazionalista, che mira a costruire un sindacato che superi le barriere nazionali, etniche e religiose tra i diversi gruppi di lavoratori. Ciò rende quasi una conseguenza diretta il cercare legami con altre centrali sindacali in giro per il mondo. E' il caso della brasiliana Conlutas o della Rete europea dei sindacati di base e alternativi²⁶⁷.SI COBAS(2015, p.10):

Il SI Cobas ritiene importante stabilire rapporti di collaborazione con tutte le organizzazioni sindacali che portano avanti lotte in una prospettiva anticapitalista. La presenza nel SI Cobas di lavoratori provenienti da tutte le aree del mondo crea le condizioni migliori per promuovere collegamenti internazionali.

Fatte queste dovute premesse il tipo di sindacato che si sarebbe dovuto creare doveva essere qualcosa di radicalmente alternativo rispetto ai modelli tradizionali di sindacato. Il primo congresso del SI Cobas si è tenuto in un momento in cui il primo ciclo di lotte aveva ottenuto risultati estremamente positivi, come descritto in precedenza. Per il Si Cobas(2015, p.13): “Caratteristica di questo settore è non solo quella di aver messo in campo obiettivi salariali, ma di averlo fatto in

265 Secondo il vecchio adagio che consiglia di “privatizzare gli utili e socializzare le perdite”.

266 Basti citare tra le altre il pareggio in bilancio in Costituzione(che modificava l'art 81 della Costituzione), la riforma Fornero che ha allungato a dismisura l'età pensionabile e il Job's act del 2015, che ha ulteriormente precarizzato il mondo del lavoro.

267 Cfr. <https://www.cub.it/index.php/contatti/149-cub-internazionale/sindacati-europei/317-rete-europea-dei-sindacati-alternativi-e-di-base-dichiarazione-di-principi-per-un-sindacalismo-di-lotta-e-di-trasformazione-sociale>

un'ottica egualitaria, di maggior peso degli operai nel rapporto con i capi, [...] nel perseguimento dell'unità operaia e tra i Cobas all'interno delle lotte e dei picchetti”.

L'idea è quella di uscire dalla logica immediatista del risultato economico immediato, per abbracciare un'ottica di più largo respiro, in un contesto caratterizzato dall'assenza di un soggetto politico che possa rappresentare le istanze dei lavoratori, costringendo il sindacato a svolgere anche questo ruolo. D'accordo con il Si Cobas(2015, p.13):

Non pensiamo che oggi sia possibile riconquistare i sindacati confederali o rigenerare un'azione rivoluzionaria nei sindacati di regime. Pensiamo che sia necessario riconquistare la massa dei lavoratori a un'azione di classe che abbia uno stretto legame con l'organizzazione rivoluzionaria che, qualora nascesse e si sviluppasse, sarebbe come un <<lievito>> politico per le lotte stesse.

E d'altra parte i sindacati di base nonostante le critiche corrette al sindacalismo confederale non sono stati in grado di rappresentare un'alternativa rivoluzionaria per i lavoratori, limitandosi spesso ad una proposta riformista, seppur radicale. Ma è altrettanto importante sottolineare come non sarebbe possibile per il settore della logistica ottenere risultati sul medio-lungo periodo senza un'allargamento delle lotte ad altri settori. “Per queste ragioni, il SI Cobas esprimerà nel Congresso la volontà di promuovere organismi unitari tra i lavoratori dei magazzini, delle fabbriche, tra occupati, precari e disoccupati”(SI COBAS, 2017, p.14). E questo perché il sindacato spesso è stato irrigimentato nelle maglie dello Stato o attraverso la repressione violenta (come avvenuto nella Germania degli anni Venti), o integrandolo direttamente nelle maglie dello Stato(come nel caso del fascismo italiano) o più semplicemente creando aristocrazie operaie a cui si concede qualcosa per negare tutto a tutti gli altri(come spesso accade con gli accordi separati con le organizzazioni sindacali confederali nel pubblico impiego²⁶⁸).

Ciò ha condotto il dibattito in campo marxista a considerare il sindacato come strumento di trasmissione della coscienza dal partito, non essendo possibile per il lavoratore autonomamente prendere coscienza per sé, ma al massimo in sé, potendo sviluppare autonomamente solo una coscienza economicista²⁶⁹. Per il Si Cobas(2015, p.14):

L'inclinazione delle organizzazioni politiche verso il riformismo (che sfocerà nel “tradimento” del 1914) è data dalle condizioni oggettive di sviluppo nelle metropoli. Non è la permanenza del sindacato in quanto tale, e neppure il suo riferimento effettivo a rivendicazioni immediate della classe (in quanto classe del capitale) a qualificare il carattere rivoluzionario o meno del movimento operaio; qualificante è la funzione che l'organizzazione immediata è costretta a svolgere in relazione a condizioni oggettive che tendono a spezzare il legame di <<cointeressenza>> tra borghesia e proletariato e, con ciò, l'influenza che la borghesia esercita nella classe tramite l'aristocrazia operaia, che è ad essa legata a doppio filo e che opera come <<agente infiltrato>> tra i lavoratori per imprigionarli nell'idolatria dell'infinito sviluppo borghese.

Nell'attuale fase storica di crisi capitalistica, è evidente che le concessioni che in fase di crescita economica e di lotta sindacale erano consentite(anche per un diverso contesto politico

268 Cfr. <https://www.lavoroediritti.com/leggi-e-prassi/nuove-retribuzioni-statali>

269 Cfr. <https://www.lacittafutura.it/cultura/lenin-contro-l-economicismo>

internazionale), non sono più possibili. In questa fase spesso i sindacati confederali sono stati chiamati a svolgere un ruolo di accettazione della politica di sacrifici scelta dai governi²⁷⁰, reprimendo esse stesse le minoranze più conflittuali che si creavano all'interno delle organizzazioni sindacali. Secondo il Si Cobas(2015, p.16):

E' necessario comunque guardare dove è collocata la massa dei lavoratori, perché è necessario conquistare quelli che ancora militano all'interno dei sindacati confederali, costituendo sindacati e coordinamenti dall'esterno affinché l'azione possa tendere concretamente a unificare tutte le forze del proletariato: fronte unico dal basso, quindi, con tutti i lavoratori iscritti e non iscritti ai sindacati che si vogliono battere contro le politiche borghesi.

E questo per cercare di intercettare la fuoriuscita disordinata dai sindacati confederali e unire i lavoratori in un percorso che unisca i lavoratori sul piano sindacale e gli proponga un progetto anche politico, in un processo più ampio che vedrà i lavoratori protagonisti assoluti del cambiamento e del rivoluzionamento del sistema.

5.3.1 Gli obiettivi del sindacato

Nella situazione che l'Italia stava vivendo e che vive tuttora di una quota rilevante di persone in stato di disoccupazione, soprattutto tra i più giovani²⁷¹, gli obiettivi a medio termine non possono che incardinarsi su due elementi: salario minimo garantito e riduzione dell'orario di lavoro a parità di salario. Sul primo punto molte sono le critiche, in particolar modo perché si correrebbe il rischio di schiacciare tutti i salari al livello minimo previsto(MARX, 2018) in un contesto però come quello italiano dove non esiste un salario minimo per legge o di creare una forma di assistenzialismo a favore dei disoccupati ai danni della fiscalità generale, ma secondo il sindacato: “rispondiamo che invece è vero il contrario: conquistare un salario medio garantito per i disoccupati e i precari significherebbe mettere in discussione con la lotta il piano politico del padronato, che tende a separare i lavoratori diminuendo il costo complessivo del salario con una forza-lavoro ricattabile”(SI COBAS, 2015, p.18). È chiaro che per ottenere tale obiettivo sarebbe necessario lottare affinché sia la classe padronale a pagarne i costi e non i lavoratori. In più la rivendicazione di salario garantito e non di reddito evita di creare meccanismi di elemosine da parte dello Stato in una dinamica ricattatoria di Workfare²⁷², per il Si Cobas(2015, p.18):

al contrario, per noi la rivendicazione del salario garantito poggia sulla convinzione della netta inconciliabilità del conflitto tra capitale e lavoro e si pone l'obiettivo strategico della ricomposizione di un fronte di classe omogeneo e combattivo. “Dunque, non <<reddito per tutti>>, bensì salario garantito per i proletari a spese del padrone.

Importante è anche la campagna sul salario indiretto, con una necessaria lotta per il

270 Basti pensare alla sola ora di sciopero contro la riforma delle pensioni Fornero nel 2012, o alla pressoché totale assenza di mobilitazione contro il Job's act.

271 Gli ultimi dati ISTAT dell'ottobre 2021 riportano una disoccupazione al 9,4 per cento, mentre quella giovanile si attesta ad un drammatico 28.4 per cento, nonostante siano conteggiati tra gli occupati anche coloro che hanno contratti precari da poche ore settimanali. Vedi <https://www.istat.it/it/archivio/264247>

272 Come avviene con l'odierno “Reddito di cittadinanza”, che prevede la perdita del beneficio dopo due rifiuti di un'offerta di lavoro giudicata congrua da chi la propone.

miglioramento del sistema dei trasporti, con una riduzione delle tariffe e un aumento delle corse, una mobilitazione per l'emergenza abitativa, con il sostegno alle occupazioni di immobili sfitti e/o abbandonati. Sulla questione del salario diretto va affermato il principio di un salario minimo intercategoriale a prescindere da contratti e settori di lavoro, affiancandogli una lotta per l'aumento dei salari.

Sul tema del salario minimo nulla è stato fatto in ambito europeo, visto che rimangono profonde disparità tra i salari dei diversi paesi europei, favorendo una concorrenza al ribasso dei salari tra i differenti paesi europei e al contempo incentivando le imprese a trasferirsi in questi paesi, specialmente quelli dell'Est europeo, dove più bassi sono i salari e minori sono le tutele dei lavoratori. Per reagire a ciò sarebbe errato predicare l'uscita dalla UE o dall'euro dell'Italia, che nessun apporto positivo porterebbe ai suoi lavoratori, ma piuttosto è necessario per il Si Cobas (2015, p. 19):

organizzare i proletari in una lotta a tutto campo per l'equiparazione dei salari e dei contratti in tutta Europa quale elemento di ricomposizione materiale delle condizioni materiali dei proletari su scala continentale, al fine di aprire una nuova stagione di scontro di classe dispiegato in una nuova dimensione adeguata ai livelli di attacco sferrati dalla classe padronale.

E d'altra parte invece la logica adottata attualmente nel sussidio di disoccupazione ribattezzato Naspi²⁷³ (acronimo di Nuova assicurazione sociale per l'impiego) va nella direzione di ricattare il lavoratore, perché a partire dal quarto mese è previsto un taglio dell'importo del tre per cento al mese, costringendolo di fatto ad accettare pressoché qualunque offerta di lavoro per non morire di fame.

Infine forse l'obiettivo più importante: la riduzione generalizzata della giornata lavorativa a parità di salario. Questo per costruire un elemento aggregante tra le diverse lotte, evitando di scivolare nel vertenzialismo. Per il sindacato Si Cobas(2015, p. 20):

La difesa delle condizioni della forza -lavoro, essendo essenzialmente <<coalizione>>, [...], non può non rivendicare la riduzione dell'orario di lavoro per aumentare la domanda di lavoro favorendo l'offerta, ostacolando la disoccupazione. [...] L'ulteriore riduzione dell'orario di lavoro è l'unica risposta che i lavoratori possono contrapporre alla disoccupazione dilagante, alla precarietà e all'allungamento di fatto della giornata lavorativa. È inoltre una risposta all'aumento della produttività, oltre che all'automazione e all'incremento dei ritmi con cui il tempo di lavoro è saturato a scapito della salute. [...] Infine, come insegnano le lotte nella logistica, nessuna battaglia di carattere migliorativo può essere portata a termine in maniera efficace senza farsi carico della difesa degli operai colpiti dal licenziamento.

273 Cfr. <https://job.fanpage.it/naspi-guida-completa/#:~:text=La%20Naspi%20%C3%A8%20l'indennit%C3%A0,Aspi%20e%20la%20Mini%20Aspi.&text=Si%20tratta%20della%20NASpI%2C%20l,ultimi%204%20anni%20di%20lavoro.>

Cap 6: Interviste a militanti e dirigenti del SI Cobas

6.1 Introduzione

In questa fase della tesi abbiamo deciso di fare alcune interviste a militanti e dirigenti del SI Cobas attivi presso il magazzino di Passo Corese, in provincia di Roma. Tali interviste sono servite per comprendere meglio alcuni aspetti del lavoro che il sindacato svolge a più livelli e per dare sostanza al lavoro teorico svolto nei capitoli precedenti.

Abbiamo scelto di privilegiare persone immigrate di vari paesi per conoscere anche la loro esperienza migratoria, ma abbiamo intervistato anche un lavoratore italiano iscritto al sindacato da oltre 10 anni.

6.2 Interviste

6.2.1 intervista RSA SI Cobas magazzino TNT FEDEX di Roma realizzata il 28/03/2022

1) Puoi farmi per cominciare una presentazione personale e sindacale: da dove vieni, come ti chiami, che lavoro fai?

S: Ho 64 anni, sono italiano e vengo da Roma. Faccio il driver e sono entrato in contatto con il sindacato per problemi lavorativi non risolti dal sindacalismo confederale. Il pagamento era infatti a cottimo non vi era un fisso mensile garantito, costringendoci a lavorare molte ore al giorno per ottenere uno stipendio decente.

M: Quali cambiamenti avete ottenuto tramite il sindacato?

S: L'intervento del sindacato ha portato innanzitutto all'attuazione del CCNL Logistica di 39 ore più un'indennità di presenza a forfait, qualora l'orario si estenda oltre il limite orario del CCNL.

Abbiamo anche un buono pasto da 8 euro per ogni giornata lavorata. 14 mensilità di stipendio e altri benefit integrativi come l'assicurazione sanitaria. È inoltre possibile finire prima l'orario di lavoro qualora siano state terminate le consegne del giorno. L'orario di uscita dal magazzino invece è variabile e dunque anche il volume delle consegne, essendo possibile che ci siano tempi morti tra una consegna e l'altra.

M: Come è composto il magazzino, italiani-stranieri, uomini e donne?

S: La composizione del magazzino è variegata: ci sono italiani, rumeni, moldavi, ivoriani,

nordafricani. Le donne non lavorano nel trasporto ma solo nel settore amministrativo facendo lavori di contrattualistica e di segreteria.

M: Quanti sono gli iscritti al sindacato nel tuo magazzino?

S: Su 40 driver 12 sono iscritti al SI Cobas tutti italiani, mentre normalmente nella logistica il sindacato ha un'alta quota di immigrati. Generalmente gli italiani sono meno inclini al conflitto, più inclini al compromesso. Tendono ad accontentarsi di avere un lavoro garantito e evitano di coinvolgersi in un conflitto sindacale, anche se ovviamente ci sono numerose eccezioni.

2) Come è andato il lavoro durante la pandemia da Covid-19?

S: La gestione del sindacato del conflitto sindacale durante il lockdown è stata inizialmente dura, con uno sciopero a marzo 2020 che si è concluso solo con la dotazione dei necessari dispositivi di sicurezza individuale con la solidarietà anche da parte di altri colleghi non iscritti al sindacato. La merce non era caricata sui furgoni in attesa che venissero fornite le mascherine e gli altri dispositivi di protezione individuale. Le consegne erano effettuate senza contatto e quindi senza firma sul dispositivo mobile per la firma digitale per evitare il contatto e dunque diminuire le possibilità di contagio. Spesso i pacchi erano lasciati in ascensore o davanti la porta dei clienti. Gli operatori erano forniti di mascherine, gel, guanti ecc e periodicamente i mezzi erano sanificati per evitare il contagio. La stessa azienda è stata costretta ad adeguarsi per evitare che blocchi prolungati danneggiassero il fatturato, in una epoca in cui le consegne erano molto aumentate di volume a causa dell'impossibilità di muoversi per molte persone. Lo sciopero dunque, seppure è uno strumento da non utilizzare con molta frequenza per non delegittimarlo e non fargli perdere di efficacia è fondamentale per fare riconoscere i propri diritti.

Le consegne, che avrebbero dovuto riguardare solo i beni cosiddetti essenziali (alimentari, farmaci ecc.) hanno invece riguardato qualsiasi genere di bene, in sfregio a qualsiasi norma sanitaria e al decreto di lockdown²⁷⁴ (di paralisi dell'economia con deroghe limitate). I carichi di lavoro sono ovviamente aumentati e le attenzioni non sono calate neanche dopo la fine del lockdown e l'inizio del periodo di convivenza con il virus a partire dal 4 maggio del 2020. La fine dell'emergenza Covid nel 2022 ha prodotto una sostanziale fine di tutte le misure di sicurezza individuali e un aumento della circolazione virale, mitigata solo dai vaccini e dai dispositivi di protezioni individuale.

M: Com'è andata la gestione della campagna vaccinale e del green pass nel 2021?

S: Sulla questione del green pass il sindacato ha lasciato libertà di scelta ai propri iscritti, non imponendo la vaccinazione ma neanche disincentivandola. Alcuni lavoratori(3) hanno scelto di non vaccinarsi e si sono fatti tamponi a loro spese, finché non è entrato in vigore l'obbligo o si è

²⁷⁴Con tale decreto del marzo 2020 si stabiliva che per ridurre il contagio solo le attività cosiddette essenziali e definite in un elenco apposito avrebbero potuto continuare ad esercitarsi.

ammalato di Covid, esentandosi dall'obbligo in forma indiretta. Io mi sono vaccinato, ritenendo più sicuro farlo, ma non critico chi non lo ha fatto, indipendentemente dalla ragione. Il green pass è stato in ogni caso un ricatto ai danni di lavoratori che non si sono voluti vaccinare e che temevano i possibili effetti collaterali a lungo termine, quindi come tale è stato giusto avversarlo, distinguendo la questione sanitaria da quella politica dell'obbligo vaccinale indiretto introdotto tramite questo strumento.

3) Quali sono gli obiettivi di lotta nel tuo magazzino? Su cosa state lavorando?

S: Il sindacato si pone come obiettivo nel breve periodo di mantenere i diritti acquisiti e ove possibile di allargarli ma allo stato attuale sembra difficile farlo. Il sindacato sta allargando il fronte ad altri sindacati e a categorie come gli studenti, i disoccupati ecc e partecipa a mobilitazioni contro la guerra, per l'ambiente ecc. per connettere settori diversi che hanno però obiettivi comuni. E' un sindacato intercategoriale e a vocazione internazionalista quindi cerca di fare alleanze anche con altri sindacati europei e mondiali.

4) Come organizzate la convivenza tra lavoratori di differenti nazionalità e culture?

S: Molti lavoratori vengono dal Nordafrica, dal Medio Oriente e dall'Asia ma ciò non pregiudica il lavoro quotidiano. In generale si cerca di creare un clima non di prevaricazione ma di collaborazione.

Noto che i lavoratori immigrati tendono a sovrastimare l'aspetto economico a scapito di quello politico e quindi su questo il sindacato deve articolare un intervento che aiuti a dimostrare anche l'importanza dell'ambito politico facendo in modo che i lavoratori riescano ad allargare lo sguardo oltre un ambito meramente economicistico. Tra di loro esistono però leader che riescono a compattare il gruppo e favoriscono lo sviluppo delle lotte.

M: Spesso a livello di propaganda si cerca di mettere i lavoratori l'uno contro l'altro, sia italiani contro stranieri sia che stranieri tra loro, avverti questo pericolo?

S: Sì, ma è necessario superare il contrasto tra lavoratori immigrati e autoctoni orchestrato dai media. La collaborazione tra lavoratori di differenti nazionalità favorisce l'ottenimento dei diritti da parte di tutti quindi in nessun caso il contrasto può favorire i lavoratori. L'esercito industriale di riserva di marxiana memoria, non è tale se con la lotta produce un miglioramento della sua condizione e quindi di quella di tutti. Molti immigrati hanno dovuto affrontare lunghi viaggi per arrivare in Italia ma ciò non gli impedisce di fare gruppo; anzi spesso le esperienze di lotta pregresse favoriscono la disponibilità alla lotta degli immigrati quando arrivano in Italia.

I diritti devono essere uguali per tutti e gli immigrati non devono pagare il prezzo della loro origine, ad eguale lavoro deve corrispondere uguale salario; La strategia del *Divide et impera* serve a dividere i lavoratori tra di loro e a contrapporli, evitando che si costituiscano come soggetto

autonomo di conflitto. A volte a qualcuno sono concesse regalie per metterlo in cattiva luce nei confronti degli altri, creando delle situazioni di privilegio, le concessioni viceversa devono essere estorte con la lotta e devono essere motivate e per tutti, in caso contrario si tratta di concessioni che nel giro di poco tempo possono essere tolte o utilizzate come arma di ricatto.

Il ruolo del sindacato è evidentemente proprio quello di superare i possibili antagonismi e di favorire invece la collaborazione e la solidarietà tra i soggetti sfruttati.

M:Quali sono i periodi di lavoro più intenso?

Di solito il periodo compreso tra ottobre e gennaio, prima per le offerte del Black Friday e poi per i regali natalizi. Da febbraio il lavoro si stabilizza e tra luglio e agosto ci sono i picchi in basso e ci sono le ferie.

5) Che ruolo hai nel sindacato? Segui il sindacato a livello nazionale e internazionale?

S: Sono un RSA(Rappresentante sindacale aziendale) all'interno del mio magazzino ormai da diversi anni e mi trovo molto bene.Sono poco focalizzato sul tema internazionale ma so che sono presenti alleanze. Sul piano nazionale abbiamo sviluppato un'alleanza con alcuni sigle del sindacalismo di base(ADL Cobas, USB ecc) che ha prodotto un riuscito sciopero generale nell'ottobre 2021 e ha previsto una due giorni di mobilitazione nel dicembre 2022(sciopero il 2/12 e manifestazione il 3/12).

A mio avviso è necessario mantenere quest'alleanza e allargarla anche ai lavoratori non iscritti ai sindacati ed evitare di contrapporsi tra i diversi sindacati per aumentare il numero degli iscritti. A mio avviso necessario coinvolgersi nelle lotte altrui e coinvolgerli nelle proprie lotte. Il SI Cobas basa il mantenimento delle tessere sindacali sui risultati, finché ci saranno quelli sarà più facile convincere i lavoratori a mantenere la fiducia nel sindacato. Solo qualora il sindacato si imborghesisse il lavoratore si potrebbe guardare intorno e potrebbe fare scelte diverse. Invece coinvolgere i lavoratori in un progetto reale di cambiamento ne favorisce l'adesione e la partecipazione, impedendo che abbandonino la lotta. La critica ai confederali non deve diventare occasione di guerra ai lavoratori iscritti a questi sindacati ma solo favorire il coordinamento tra lavoratori iscritti a diversi sindacati spostandoli su obiettivi di lotta più avanzati rispetto a quelli concertativi del sindacalismo confederale che spesso nel settore logistico svolge il ruolo della controparte invece che quello del difensore dei diritti dei lavoratori. Mi ricordo che una volta una lavoratrice iscritta alla CGIL durante uno sciopero aveva contattato il suo referente per sapere se lui li avrebbe supportato e candidamente lui le aveva fatto osservare che al termine della telefonata con ogni probabilità si sarebbe dimenticato di lei.

6) Conclusioni: vuoi aggiungere qualcosa rispetto a quanto ci siamo detti?

S: Sono soddisfatto del mio lavoro , ormai sono alla fine della mia esperienza lavorativa(tra

pochi anni potrò andare in pensione) mi ritengo felice di avere negli ultimi anni assunto un ruolo di organizzazione sindacale, cerco di lavorare anche con i lavoratori iscritti ai sindacati confederali costruendo alleanze che migliorino le condizioni di vita di tutti. Spesso i confederali ignorano le rivendicazioni dei lavoratori o le trattano con superficialità visto che pensano più a migliorare la propria posizione all'interno del sindacato piuttosto che a difendere i lavoratori; molti lavoratori iscritti a questi sindacati non partecipano attivamente alla vita del sindacato, favorendo la formazione di logiche gerarchico-burocratiche. Per me tutti i lavoratori sono uguali, un occhio di riguardo per i propri iscritti è normale ma senza trascurare gli altri o sminuirli perché non sono iscritti al tuo stesso sindacato.

6.2.2.1 Analisi intervista 1

In questa prima intervista abbiamo scelto di dialogare con un lavoratore italiano al termine della sua carriera lavorativa e con molta esperienza lavorativa e sindacale alle spalle. Dall'intervista è emerso innanzitutto che l'ingresso del sindacato conflittuale e non concertativo ha prodotto un cambiamento radicale nella vita dei lavoratori dal punto di vista retributivo, dei ritmi di lavoro e delle tutele. L'applicazione del contratto collettivo nazionale di categoria, che dovrebbe essere la base dei rapporti di lavoro, è stato spesso in settori come quello della logistica, l'eccezione e non la regola. Il sindacalismo confederale (CGIL-CISL-UIL) invece di costituire uno strumento di difesa dei lavoratori è stato di frequente fonte di legittimazione degli illeciti della controparte padronale o di giustificazione degli accordi al ribasso in caso di passaggi aziendali.

Interessante è anche osservare come un lavoratore italiano rilevi come in un magazzino composto da molte nazionalità diverse i lavoratori italiani siano quelli meno propensi al conflitto, un po' per migliori condizioni contrattuali che spesso si trovano ad avere rispetto ai loro colleghi immigrati ed un po' perché negli ultimi decenni il sindacalismo italiano nella sua grande maggioranza ha abdicato al conflitto in favore della concertazione.

Abbiamo deciso poi di fare domande sulla gestione del lavoro durante la pandemia perché i lavoratori della logistica sono stati tra i pochi che hanno continuato a lavorare a pieno ritmo anche nei periodi più duri del lockdown deciso il 9 marzo del 2020, visto che tale settore è stato classificato come essenziale, e dunque esonerato dall'applicazione delle restrizioni. Dal dialogo è emerso come, in sfregio alle disposizioni governative i lavoratori non erano stati dotati dall'azienda dei dispositivi di protezione individuale necessari per contenere il contagio e che le consegne non si limitavano ai beni cosiddetti essenziali ma hanno riguardato ogni genere di oggetto.

L'anno successivo con l'arrivo dei vaccini e l'imposizione della vaccinazione attraverso lo strumento ricattatorio del green pass ha costretto il sindacato e i lavoratori a fare una scelta. L'intervistato ha scelto di vaccinarsi ma ha anche sostenuto le ragioni di chi non ha voluto farlo.

Sul fronte degli obiettivi di lotta a medio e lungo termine da distaccare da è l'impegno a migliorare sempre per quanto possibile le condizioni di lavoro, dall'altro quello di allargare il più possibile il fronte di lotta agli altri sindacati conflittuali e agli settori sociali colpiti dalla crisi e in mobilitazione in questo periodo storico(giovani ambientalisti di Fridays for future, disoccupati, immigrati in lotta per la regolarizzazione ecc.).

Tra le questioni più degne di nota per la nostra ricerca c'è stata senza dubbio il tema dell'organizzazione di un sindacato così variegato dal punto di vista culturale e delle origini dei lavoratori che lo compongono. L'intervistato ha dimostrato di non cadere nella contrapposizione, spesso orchestrata dai media, tra lavoratori italiani e immigrati, essendo cosciente di come tale conflitto possa essere solo deleterio per la classe lavoratrice nel suo complesso. Interessante è stata anche la sua critica al tradunionismo²⁷⁵ di cui rischiano di essere vittime gli immigrati che, in assenza di un partito politico di riferimento che elevi la loro coscienza dal piano meramente economico a quello politico della rivendicazione, devono essere stimolati dal sindacato a compiere questo passaggio che è tutto fuorché automatico. Da notare anche come il sindacato istruisca i lavoratori a non accettare regalie e concessioni slegate da un contesto di lotta.

Il ruolo del lavoratore come RSA lo ha condotto anche alla comprensione di non potersi limitare a difendere i lavoratori iscritti al proprio sindacato ma alla necessità di fare in modo che anche i lavoratori iscritti ad altre sigle sindacali o non iscritti debbano partecipare alle iniziative del sindacato anche perché spesso i lavoratori iscritti al sindacalismo confederale non sono coscienti del ruolo deleterio assunto da queste organizzazioni nei confronti del miglioramento delle condizioni di lavoro, isolarli avrebbe l'effetto di annullare i possibili effetti benefici del contatto con i lavoratori più conflittuali.

6.2.2 Intervista 2 delegato SI Cobas, realizzata il 25/11/2022

1) Puoi farmi per cominciare una presentazione personale e sindacale: da dove vieni, come ti chiami, che lavoro fai?

M: Ho 46 anni, sono eritreo, ho tre figli nati in Italia. Non sono mai andato a scuola perché non ho avuto la possibilità di farlo, ho imparato a parlare solo lavorando e attraverso l'attività sindacale. Sono in Italia dal 2006, lavoro in SDA a Passo corese, vicino Roma, dal 2016; prima ho fatto il manovale in un cantiere e poi dal 2016 sono entrato nel mondo della logistica come facchino. Sono entrato nel sindacato otto anni fa per ottenere migliori condizioni lavorative; nel mio magazzino ci sono circa 200 lavoratori, sia italiani che stranieri, in maggioranza sono uomini ma ci sono una decina di donne(impiegate nel ramo amministrativo). Il 90 per cento dei lavoratori sono iscritti al SI

²⁷⁵Su questo tema già Lenin nel 1905 nel suo "*Che fare?*" aveva già evidenziato come i lavoratori spontaneamente potessero sviluppare unicamente una coscienza economicistica, solo l'intervento del partito dall'esterno avrebbero potuto elevarli oltre questo momento e creare il momento politico della rivendicazione.

Cobas.

MB:Quali sono gli orari di lavoro?

M: Normalmente il lavoro si articola in tre turni: 10-18, 18-2, 2-10 sempre lo stesso orario. I lavoratori preferiscono fare sempre lo stesso orario per permettere una migliore organizzazione della propria vita e per conciliare meglio il lavoro con le esigenze familiari. Dal punto di vista organizzativo il lavoro si svolge attraverso il carico e scarico di merci presenti in magazzino su dei furgoni che poi vengono portati dai driver. L'orario è di 39 ore settimanali su 5 giorni, con la possibilità e non l'obbligo di svolgere del lavoro straordinario nella giornata del sabato, con una maggiorazione salariale del 50 per cento.

MB:Quali sono i periodi di maggiore intensità del lavoro?

Ci sono picchi di lavoro in prossimità delle festività natalizie, ma in ogni caso il lavoro si intensifica già a partire dal mese di settembre per le offerte autunnali come il Black Friday di Amazon, poi da novembre a inizio gennaio il lavoro si svolge ad alta intensità, mentre febbraio e i mesi di luglio-agosto sono i periodi di calo, dove di solito i lavoratori prendono le ferie.

Come sei arrivato in Italia? Sei entrato in maniera legale o irregolare?

M: Sono arrivato in Italia dopo essere fuggito dall'Eritrea nel 2006 in modo irregolare, poi ho attraversato il deserto del Sudan e dopo alcuni giorni sono riuscito a partire in nave dalla Libia. Adesso sono in possesso del permesso di soggiorno per lavoro e vivo in Italia con mia moglie e i miei tre figli che sono nati in Italia.

2) Come è andato il lavoro durante la pandemia da Covid-19?

M: La situazione è stata fin da subito molto complicata, poiché inizialmente non vi erano dispositivi di protezione individuale e dunque si è scioperato per ottenere i necessari strumenti. Dopo un mese di sciopero e una parte dei dipendenti in cassa integrazione aziendale²⁷⁶ all'80 per cento dello stipendio con l'ottenimento dei dispositivi di protezione individuale si è potuti tornare al lavoro. Al ritorno i lavoratori avevano costituito un comitato Covid di cui faccio parte per garantire il distanziamento sociale e il rispetto delle misure di sicurezza individuale, come l'utilizzo delle mascherine, la disinfezione delle mani e dei mezzi di lavoro ecc. I gruppi di lavoratori addetti al carico e scarico delle merci era stato ridotto da cinque lavoratori addetti a tale attività a tre appunto per evitare il diffondersi del contagio, allungando i tempi di lavoro ma riducendo contemporaneamente anche i rischi. I lavoratori non potevano entrare al lavoro senza mascherine, guanti, gel disinfettante e il comitato vigilava sull'attuazione delle regole.

MB:Com'è andata la gestione della campagna vaccinale e del green pass nel 2021?

²⁷⁶La CIG è uno strumento con cui lo Stato italiano sostiene le imprese in caso di crisi aziendale, di ristrutturazione aziendale o come in questo caso la sospensione delle attività produttive per il contenimento del Covid-19.

M: Nel 2021 si è posto il problema del vaccinarsi o meno in relazione alla questione del green pass e il sindacato ha deciso di lasciare la libertà ai lavoratori per evitare di creare contrapposizioni su una questione sanitaria e con ricadute individuali, la maggior parte dei lavoratori ha deciso in ogni caso di vaccinarsi, solo un piccolo numero ha deciso di non farlo (5-6 persone). Io mi sono vaccinato per evitare i contagi in famiglia. Al lavoro al momento ancora si utilizzano le mascherine ma i lavoratori non sono più obbligati ad utilizzarle anche se molti le utilizzano per maggiore precauzione.

3) Quali sono gli obiettivi di lotta nel tuo magazzino? Su cosa state lavorando?

M: Gli obiettivi sono ambiziosi: dopo avere ottenuto il rispetto del CCNL, Tredicesima, quattordicesima e i buoni pasto da 8 euro, ferie, ecc. adesso si lavora sulla contrattazione integrativa e sull'estensione dei diritti conquistati ad altri magazzini. Prima dell'avvento del sindacato non esistevano diritti, qualsiasi protesta, seppur minima, era punita con il licenziamento o con il trasferimento in una sede più lontana o mal collegata. L'orario di lavoro era puramente aleatorio, capitava di essere convocati ad un orario e dover attendere diverse ore per cominciare a lavorare. Adesso invece c'è solidarietà tra i lavoratori, indipendentemente dalla sigla sindacale, ci si supporta a vicenda. Infatti i miglioramenti ottenuti con le lotte valgono per tutti non solo per chi ha lottato.

Gli altri sindacati non difendevano a sufficienza i lavoratori. Dopo tante lotte si è riusciti ad ottenere quanto prima era solo sulla carta. Gli obiettivi di lotta devono comunque essere mantenuti alti perché un eccessivo rilassamento può portare in poco tempo a fronte di un attacco frontale a perdere quanto conquistato in precedenza. L'individualismo, riassunto nella formula “se sto bene io chissene frega degli altri” è da rigettare. Il miglioramento deve essere collettivo, non individuale. Se i padroni guardano i loro interessi, i lavoratori devono fare lo stesso. L'obiettivo deve essere fare star meglio tutti i lavoratori, non solo una piccola parte di essi. L'esempio delle lotte degli anni 70 in Italia ci deve servire ma bisogna evitare di cadere negli errori fatti in precedenza. Si è imposto un approccio menefreghista.

Gli scioperi non sono per fare “casino” come spesso denunciato propagandisticamente dai mass-media ma per garantire il miglioramento delle condizioni dei lavoratori. Il sindacato deve indicare la strada ma la lotta deve essere fatta dai lavoratori in prima persona.

MB. Come è composto il magazzino, italiani-stranieri, uomini e donne?

M: La composizione è mista, ci sono sia lavoratori italiani che stranieri, una parte consistente dei lavoratori è straniera di varia provenienza, peruviani, eritrei, moldavi ecc.

4) Come organizzate la convivenza tra lavoratori di differenti nazionalità e culture?

M: Nel mio magazzino all'inizio era solo eritrei e ciò ha creato una comunità molto coesa, in più

il passaparola all'interno della comunità ha portato a diffondere la voce dei risultati ottenuti nelle lotte. Ovviamente le lotte vinte hanno favorito un'aggregazione tra i lavoratori, che si sono spostati su posizioni più conflittuali, abbandonando i sindacati riformisti. I lavoratori si sono cominciati a fidare dei sindacalisti quando li hanno visti più presenti nelle lotte e nella repressione si è rinsaldato il legame dietro lo slogan “la lotta non si processa” e con la solidarietà portata anche dai e nei confronti di altri magazzini. Ciò porta al fatto che i nuovi lavoratori entrati in azienda aderiscono facilmente al sindacato ma c'è un'alto ricambio dei delegati sindacali perché non tutti sono mentalmente predisposti ad un ruolo così difficile, per questo motivo a volte si chiede aiuto ai delegati più esperti per spiegare esattamente il contenuto della lotta ai lavoratori. La polizia infatti spesso è intervenuta per sgomberare i picchetti dei lavoratori e le aziende si sono servite di picchiatori privati per pestare i lavoratori in sciopero.

MB: Come si è sviluppato il lavoro del sindacato nel tuo territorio?

M: Lo sciopero è cominciato nel 2013 per ottenere il riconoscimento del contratto e piano piano si è allargato a tutto il territorio a tutti i magazzini della provincia di Roma con diverse aziende come controparte. Dentro il magazzino purtroppo ci sono dei crumiri che protestano contro i blocchi della produzione e difendono la parte padronale, sostenendo l'inutilità degli scioperi o comunque il fatto che non producano i risultati attesi. Non ci sono contrasti tra lavoratori di differenti nazionalità ma si cerca il più possibile di collaborare. Il rapporto tra i vertici sindacali e i delegati è quotidiano, non c'è un semplice rapporto gerarchico, il sindacato è sentito molto vicino dai lavoratori, quasi come se si fosse tutti in una grande famiglia. Tutto ciò rafforza i vincoli di solidarietà e aiuta i lavoratori a mantenersi saldi nelle lotte per contrastare la repressione.

5) Che ruolo hai nel sindacato? Segui il sindacato a livello nazionale e internazionale?

M: Sono un delegato sindacale del SI Cobas all'interno del mio magazzino. Attualmente sono impegnato nella costruzione dello sciopero del 2 dicembre in tutti i magazzini d'Italia. Partecipo alle assemblee sindacali del sindacato, nato nel Nord- Italia ma che pian piano sta estendendo la sua influenza anche in tutta Italia, a livello numerico ci sono più iscritti nel Nord a causa dell'alto numero di magazzini. Non riesco a seguire il sindacato a livello internazionale. Mi ritengo molto soddisfatto del mio lavoro all'interno del sindacato che mi ha anche aiutato a imparare l'italiano visto che non ho potuto frequentare la scuola nel mio paese di origine.

6) Conclusioni: vuoi aggiungere qualcosa rispetto a quanto ci siamo detti?

M: Sono soddisfatto del mio lavoro, sindacale e non, punto ad allargare il conflitto ed evitare che gli obiettivi conquistati in precedenza siano persi in seguito, non bisogna dimenticare le lotte passate ma guardare sempre verso il futuro e al miglioramento possibile.

7) segui la politica italiana? Ti interessa qualche partito nello specifico?

M:Non sono interessato alla questione politica italiana e non sono preoccupato del nuovo governo ma mi aspettano che mantengano la parola data in campagna elettorale e siano fedeli a quanto promesso. Le scelte politiche dei governi italiani mi lasciano indifferente, indipendentemente se tali governi si dichiarino di destra, di centro o di sinistra.

MB:Sei sicuro che non esistano queste differenze? A volte i governi più sbilanciati verso destra sono quelli che adottano politiche peggiori nei riguardi degli immigrati...

M:Sinceramente parlando non riesco ad individuare con nettezza le differenze tra i vari governi che si sono succeduti nell'ultimo periodo sulla questione migratoria. Non leggo comunque i giornali, al massimo guardo qualche telegiornale ogni tanto per sentire le principali notizie del giorno. Sono focalizzato esclusivamente sulle lotte della logistica. Non parlo bene italiano ma sto cercando di migliorarlo tramite l'istruzione dei figli, che vanno a scuola in Italia e spesso mi correggono quando commetto errori grammaticali, e le lotte sindacali.

6.2.2.1 Analisi intervista 2

In questa seconda intervista ad essere interpellato è stato un lavoratore eritreo con un percorso migratorio estremamente complesso alle spalle e con una storia personale e sindacale molto affascinante. Egli infatti ha dovuto illegalmente varcare la frontiera tra il suo paese e il Sudan, attraversare a piedi il deserto e poi dopo molte peripezie giungere in Italia via nave dalla Libia. L'ingresso irregolare nel nostro paese lo ha costretto a fare lavori in nero e malpagati, solo successivamente è riuscito a regolarizzare la sua posizione attraverso il lavoro nella logistica come facchino.

Le esperienze di vita e di lotta precedenti lo hanno portato a mio giudizio ad aderire più facilmente ad aderire ad un sindacato conflittuale come il SI Cobas e ad ergersi all'interno del suo gruppo di lavoro e di comunità d'origine(nel suo caso specifico quella eritrea), come uno dei leader più attivi, tutto ciò agevolato dal fatto che lo sviluppo del sindacato al quale anche lui ha contribuito ha portato i lavoratori del magazzino ad ottenere diritti mai visti in precedenza, quali ferie, malattie ecc.

La pandemia è stata indubbiamente scioccante per un lavoro come il suo, visto che il lavoro di facchinaggio all'interno dei magazzini è per sua stessa natura luogo di assembramento e quindi a rischio contagio. Anche in questo caso fondamentale è stato il ruolo del sindacato che dapprima ha scioperato per ottenere i dispositivi di protezione individuale, la riduzione dei carichi di lavoro per contenere il contagio e successivamente ha spinto i lavoratori a costituire un comitato per la vigilanza sulle misure di sicurezza sanitaria, di cui il nostro intervistato è stato ed è parte integrante. Anche sulla questione dei vaccini egli seguendo le orientazioni del sindacato ha scelto di vaccinarsi denunciando però al contempo il ricatto costituito dalla necessità di essere in possesso del Green

pass per poter lavorare.

Ma è indubbiamente sulla questione dell'organizzazione sindacale che il nostro interlocutore ha dimostrato la maggiore maturità. Infatti egli si è dimostrato in grado di comprendere perfettamente quanto un approccio individualista a problemi collettivi dei lavoratori sia da rigettare e che bisogna necessariamente lavorare affinché i miglioramenti valgano per tutti e non solo per qualcuno. Al tempo stesso gli è chiara la necessità di rilanciare sempre sugli obiettivi di lotta da conquistare, per evitare che si verifichino fenomeni di rilassamento tra i lavoratori o che peggio, le conquiste ottenute vengano erose con il tempo, come negli ultimi decenni è avvenuto con molti dei diritti dei lavoratori. Notevole anche il fatto che riconosca un ruolo di guida al sindacato ma che contemporaneamente comprenda che è unicamente il protagonismo dei lavoratori a determinare il buon esito della lotta.

Il rapporto tra i lavoratori di differenti nazionalità nel magazzino SDA in cui è impiegato è a quanto descritto abbastanza buono, anche per la presenza di poche comunità nazionali ma molto numerose(eritrei, peruviani ecc.) che favorisce l'aggregazione, ma al tempo stesso anche dai risultati ottenuti dalle lotte, che rinsaldano i legami tra i lavoratori, contribuiscono ad evitare che si instaurino razzismi o contrapposizioni legati a nazionalità, culture o religioni d'origine. In più il sindacato aiuta anche i lavoratori ad integrarsi meglio nel luogo dove vivono e lavorano, visto che come nel caso dell'intervistato il dover dirigere le lotte lo ha portato a migliorare il suo italiano, molto basico vista la sua impossibilità di istruirsi adeguatamente.

Venendo a una prospettiva più ampia egli è attivo nel sindacato anche a livello nazionale e ha contribuito al buon esito dello sciopero generale proclamato dai sindacati di base il 2 dicembre scorso contro la guerra e l'inflazione che scarica i costi sui lavoratori e sui loro già bassi salari e la manifestazione nazionale del giorno dopo, che ha visto decine di migliaia di lavoratori iscritti a diverse sigle sindacali manifestare a Roma contro il governo Meloni e le sue politiche anti-popolari.

Infine abbiamo deciso di chiedere al nostro interlocutore visto che è un immigrato residente in Italia da oltre 15 anni se segue la politica nel nostro paese. La sua risposta è stata negativa, non segue la politica nazionale se non a livello di notiziari televisivi e, sollecitato ad individuare eventuali differenze tra i governi di vario colore politico sulla questione delle politiche migratorie affermava l'incapacità di rilevarle. Su questo punto nello specifico ci sembra di dover dare ragione al primo intervistato, quando affermava che una parte degli immigrati iscritti al SI Cobas tendono a sovrastimare l'ambito economico, trascurando i risvolti politici delle lotte intraprese. A nostro giudizio in ogni caso il ruolo svolto dal sindacato in questo senso è indubbiamente meritorio, d'altra parte non si può certo impuntare al sindacato di non svolgere un sufficiente lavoro politico, visto l'assenza di un'organizzazione politica unitaria non è compito di cui possa farsi carico un sindacato

come il SI Cobas e dunque non si può fargliene certamente una colpa.

6.2.3 intervista 3 RSA Magazzino SDA a Passo Corese in provincia di Roma

Trascrizione intervista fatta l'11 dicembre 2022.

1) Puoi farmi per cominciare una presentazione personale e sindacale: da dove vieni, come ti chiami, che lavoro fai?

J: Sono peruviano, ho 41 anni, sono in Italia dal 1993. attualmente faccio il magazziniere presso l' SDA di Passo Corese in provincia di Roma. Il mio turno di lavoro ordinario è 19-3.30. Sono in SDA dal 2007, ho lavorato per un primo periodo poi se ne è andato nel 2011 per le disastrose condizioni di lavoro, sono tornato nel 2014 e nel periodo di intermezzo ho lavorato come pizzaiolo-aiuto cucina in un ristorante.

MB: Com'era la situazione prima dell'intervento del sindacato?

J: Nel periodo precedente all'intervento del sindacato bisognava lavorare 6 giorni su 7 per almeno 10-12 ore giornaliere. Lo stipendio inoltre era la metà dell'attuale (circa 5,40 l'ora, ora circa 10 euro l'ora) perché il CCNL logistica era solo sulla carta, non essendo applicato realmente. La malattia inoltre non veniva pagata dall'azienda ma solo per la parte di competenza dell'Inps²⁷⁷. Il contratto prevedeva il vincolo con una cooperativa e non con il committente principale presso il quale effettivamente si lavorava. Non esistevano ferie né buoni pasto e a qualsiasi contestazione si rispondeva con il licenziamento. A causa delle mie proteste ero stato trasferito in un'altro magazzino più lontano e difficilmente raggiungibile per obbligarmi a rassegnare le dimissioni.

A partire dall'intervento del sindacato si è applicato il CCNL Logistica, cui aggiungere accordi di secondo livello a livello aziendale, (Ultimo accordo FEDIT-SI Cobas giugno 2022) ad esempio con l'integrazione della malattia da parte dell'azienda per evitare che il lavoratore possa subire diminuzioni del reddito e con un aumento del buono pasto da 5,29 a 8 euro. Il lavoro si svolge su 5 giorni dal lunedì al venerdì, eventuali straordinari sono pagati a parte. Ci sono 14 mensilità più una retribuzione di risultato che corrisponde quasi ad una mensilità aggiuntiva PDR da erogare in due tranches, maggio e febbraio, a partire dal 2023, che varrà a livello nazionale.

MB: Come sei arrivato in Italia?

J: Mia madre è venuta nell'89, lui è venuto con lo zio nel 1993 con il permesso di soggiorno per ricongiungimento familiare. Non ho mai voluto prendere la cittadinanza perché non interessato ma vorrei prenderla adesso per risolvere i problemi economici e burocratici legati alla necessità di rinnovare i documenti ogni cinque anni.

2) Come è andato il lavoro durante la pandemia da Covid-19?

²⁷⁷La malattia in Italia normalmente è pagata per i primi tre giorni dall'azienda e in seguito in percentuali variabili dall'Inps.

J: Noi lavoratori della logistica non ci siamo mai fermati, pur non avendo all'inizio i necessari strumenti di protezioni individuale, ottenuti solo dopo uno sciopero. Una parte dei lavoratori non ha voluto lavorare ed è stato attivato il FIS²⁷⁸ ma lui fa parte di quelli che pur a rischio ha scelto di continuare. Il periodo di FIS è durata circa un mese e mezzo. Il sindacato non ha dato un'indicazione chiara, ha lasciato la libertà dei lavoratori di scegliere il da farsi, visto che esistevano legittime paure che potessero determinarsi contagi in famiglia, supportandoli poi con la lotta, indipendentemente dalla scelta fatta. All'inizio i DPI non erano quelli ufficiali da protocollo Covid, non erano a norma, sembravano assorbenti. I primi due giorni dopo la dichiarazione del lock down sono stati i peggiori, poi piano piano la situazione è migliorata con la riorganizzazione del lavoro.

MB: Come vi siete posizionati sulla questione vaccino e green pass?

J: I lavoratori del SI Cobas si sono tutti vaccinati, ma non si è creato uno scontro con i lavoratori che non volevano vaccinarsi. Il Sindacato ha denunciato il green pass come un'arma di ricatto ma non il vaccino come presidio sanitario, visto che è una questione personale sanitaria, non sindacale. Era inutile impuntarsi su una questione così delicata anche per evitare di spaccare il fronte dei lavoratori.

MB: Com'è la composizione del magazzino?

Mista, sia italiani che stranieri, inizialmente erano più gli stranieri per le condizioni di lavoro che non attraevano lavoratori italiani che riuscivano a trovare qualcos'altro. Successivamente con il miglioramento delle condizioni di lavoro e retributive il lavoro si è fatto più attrattivo anche per i lavoratori italiani.

MB: Quanti sono gli iscritti al SI Cobas all'interno del tuo magazzino?

J: Il SI Cobas attualmente ha come iscritti circa l'80 per cento dei lavoratori ma vi è una collaborazione con i lavoratori iscritti ad altri sindacati sulle problematiche comuni di magazzino che vengono coinvolti il più possibile visto che i progressi ottenuti con le lotte valgono per tutti e non solo per qualcuno.

3) Quali sono gli obiettivi di lotta nel tuo magazzino? Su cosa state lavorando?

J: Dopo aver ottenuto il rispetto del CCNL Logistica si lavora molto sugli accordi di secondo livello, visto che il contratto nazionale è molto limitante per quanto riguarda i vantaggi per il lavoratore riguardando spesso solo la base dei diritti e non prevedendo ulteriori benefit.

Il sindacato ha dunque un ruolo estremamente importante a livello di singola azienda e magazzino, ma in assenza di conflitto in molti contesti il contratto integrativo è molto ridotto.

²⁷⁸ Tale fondo erogato dall'INPS serve per consentire ai lavoratori di avere almeno una parte del salario nei casi in cui l'attività lavorativa sia sospesa o ridotta.

Invece ad esempio nel mio magazzino vi è un'assicurazione per visite mediche che copre le proprie spese sanitarie al 90 per cento pagata dal datore di lavoro e con una integrazione è possibile estenderla anche ai propri familiari pagando dieci euro al mese. Essa comprende una visita dentistica ogni anno più la pulizia dei denti e un check up completo per ogni lavoratore.

4) Come organizzate la convivenza tra lavoratori di differenti nazionalità e culture?

J: A Roma nel suo magazzino non vi sono stati conflitti, i lavoratori sono di 3 gruppi di provenienza: Corno d'Africa(Etiopia, Eritrea), Perù, Italia. Ultimamente, durante il periodo di picco per il lavoro delle festività natalizie sono stati assunti lavoratori del Senegal, della Nigeria e da altri paesi con agenzia internale e con contratti precari. Un recente accordo sindacale a livello nazionale impone che dopo 6 mesi di lavoro un lavoratore precario ha la prelazione per un'assunzione a tempo determinato rispetto ad un altro lavoratore e dopo 18 mesi di lavoro matura i requisiti per la stabilizzazione.

MB:Spesso a livello di propaganda si cerca di mettere i lavoratori l'uno contro l'altro, sia italiani contro stranieri sia che stranieri tra loro, avverti questo pericolo?

J: Il rischio dei pregiudizi è sempre presente, bisogna evitare che ciò succeda e favorire la solidarietà tra i lavoratori, in vista dell'obiettivo comune, sicuramente in altri contesti ciò avviene ma compito del sindacato è evitare che ciò avvenga. Il capitale infatti cerca di mettere i lavoratori l'uno contro l'altro per evitare che i lavoratori si coalizzino. Inoltre bisogna cercare di installare una cultura del rispetto tra i lavoratori, ad esempio nel mio magazzino vi sono lavoratori musulmani, cristiani, atei ecc. e non c'è conflitto tra di loro, anzi vengono rispettati i momenti di preghiera delle diverse confessioni anche da chi non le professa. Io mi chiamo Jesus perché vengo da una famiglia cristiana e cattolica ma sono ateo e nonostante ciò evito di confliggere con chi ha una religione. In Sudamerica quasi tutti sono religiosi, con varie chiese e con nomi di persona derivanti spesso dalla Bibbia ma sono pochi quelli che professano l'ateismo. La religione può fungere da ancora a cui aggrapparsi in contesti molto difficili.

Si sono creati vincoli di amicizia anche fuori dall'ufficio e questo favorisce il legame tra i lavoratori, ad esempio c'è la tradizione di fare un brindisi l'ultimo giorno di lavoro tra i lavoratori prima di Natale e Capodanno.

MB:Quali sono i periodi di picco a lavoro?

J: Il periodo di maggior carico è quello che va da fine settembre a fine dicembre-inizio gennaio causa Natale e altri periodi promozionali come il Black Friday a novembre, poi a Pasqua c'è un altro picco e invece agosto e febbraio sono i picchi in basso dove il lavoro si riduce e i lavoratori svolgono convenzionalmente il loro periodo di ferie. Il periodo peggiore a livello di carichi di lavoro è in ogni caso quello compreso tra fine novembre e inizio dicembre.

5) Che ruolo hai nel sindacato? Segui il sindacato a livello nazionale e internazionale?

J: Seguo le trattative a livello nazionale a cui il sindacato coinvolge tutte le RSA. Sono molto cresciuto dal punto di vista umano e personale da quando sono dentro al sindacato. Ad esempio la trattativa sul PDR è stata condotta a partire da decisioni e proposte dei lavoratori, che poi il sindacato a livello nazionale ha integrato per migliorarle ulteriormente. Io sarei perfettamente in grado di spiegare il contenuto dell'accordo ad un lavoratore perché lo ho scritto io in prima persona insieme ad altri delegati. Altri sindacati, come la CGIL, non sarebbero in grado di farlo perché gli accordi vengono fatti a livello nazionale e alla base dei lavoratori non resta che ratificare decisioni prese altrove. Gli accordi vengono portati già firmati agli RSA, che di fatto non conoscono quello che hanno firmato ma poi devono risolvere i problemi creatisi a livello locale dalle decisioni prese altrove. Questo li squalifica nei confronti dei lavoratori, infatti accordi presi senza consultarli potrebbero addirittura essere deleteri per gli stessi lavoratori. Una RSA deve essere in grado di spiegare l'accordo al sindacato. Nei grandi sindacati si è determinato un progressivo scollamento tra base e vertice, è il vertice a prendere decisioni e poi a comunicarle agli iscritti e non viceversa. Il problema comunque non è la dimensione del sindacato ma piuttosto il rapporto che si instaura tra i diversi livelli, vista la necessità di effettuare mediazioni.

6) Segui la politica italiana? Ti interessa qualche partito nello specifico?

J: Non seguo la politica italiana, non ho un partito di riferimento. Potrei definirmi di sinistra visto il mio impegno sindacale e le lotte che faccio, ma non milito in nessun partito, perché manca qualcuno che mi rappresenti. La sinistra si è progressivamente allontanata dalla propria base sociale di riferimento. Sono molto disilluso sulla politica italiana e sulle possibilità di cambiamento a livello politico. Mi sento molto italiano, sono circa 30 anni che vivo qui, non tornerei a vivere in Perù perché ho la mia famiglia qui e mi trovo bene. Non farei mai a cambio.

6.2.3.1 analisi intervista 3

Nella terza intervista abbiamo parlato con un lavoratore peruviano che vive in Italia da quasi 30 anni seppur non in possesso della cittadinanza italiana per propria scelta, è pienamente integrato nel nostro paese, visto che ha anche fatto qui le scuole. La sua esperienza lavorativa presso il magazzino è stata molto interessante ai fini della nostra intervista, visto che egli ha lavorato sia prima che dopo l'ingresso del sindacato, potendo constatare i notevoli cambiamenti ottenuti attraverso le lotte di cui lui stesso è stato protagonista, giungendo oggi ad avere una retribuzione molto più alta della media salariale italiana²⁷⁹. Il suo percorso migratorio è stato relativamente più semplice di altri intervistati, visto che la possibilità di ottenere il ricongiungimento familiare con la

²⁷⁹L'Italia è uno dei pochi paesi europei che non ha un salario minimo, esso è stabilito a livello di singola categoria in accordo tra sindacati e organizzazioni padronali, potendo quindi variare molto a seconda del quadro economico e soprattutto in relazione al grado di conflittualità espresso dai lavoratori.

madre ha reso tutto più semplice; più complessa è stata invece la questione della cittadinanza italiana, di cui per ora non è ancora entrato in possesso ma ad esempio le sue due figlie sono entrambe italiane.

Nel periodo pandemico il suo ruolo di RSA lo ha condotto a essere in prima fila nella lotta per l'ottenimento dei necessari dispositivi di protezione individuale e al contempo nella predisposizione di idonei ammortizzatori sociali per i lavoratori che non se la sentivano di rischiare di andare a lavorare; il sindacato in questo particolare frangente storico ha svolto il ruolo di supporto ai lavoratori nelle loro scelte, qualunque esse fossero; ed eventualmente di guida. Anche sulla questione sanitaria dei vaccini si è scelto di adottare un approccio che venisse incontro il più possibile alle scelte fatte dai lavoratori, evitando inutili contrapposizioni.

Sulla questione degli obiettivi di lotta l'intervistato ha partecipato attivamente come RSA alle trattative per il nuovo contratto integrativo e all'ottenimento del PDR che seppur diviso in 2 parti costituisce di fatto una mensilità aggiuntiva per i lavoratori che hanno già la quattordicesima.

Il magazzino dove lavora questo secondo intervistato è lo stesso del precedente e quindi la composizione è analoga. Interessante è stato comunque osservare come al fine di evitare contrapposizioni sterili, si rispettino silenzi e momenti di preghiera anche da parte di coloro i quali professano altre religioni o, come l'intervistato, sono atei. Questo aiuta a creare legami tra i lavoratori in un contesto in cui alta è la conflittualità ma è forte anche la repressione padronale vista la crescente importanza del settore logistico nel contesto attuale di sempre maggiore esternalizzazione produttiva.

Peraltro un altro elemento da tenere in considerazione è la lotta alla precarietà di cui il sindacato si è reso protagonista, per fare in modo che il personale assunto per un tempo determinato sia progressivamente stabilizzato, evitando il turn-over costante dei lavoratori e la ricattabilità derivante da contratti perennemente in scadenza che rendono difficile l'organizzazione sindacale di tale lavoratori.

Il suo ruolo all'interno del sindacato ne ha fatto una persona indubbiamente più matura e la sua partecipazione alle trattative per i rinnovi contrattuali lo rendono ancora più invogliato ad evolversi. In altri contesti sindacali per sua stessa ammissione e a nostro giudizio con ragione tutto ciò non avrebbe potuto determinarsi, per il crescente deterioramento del rapporto tra base e vertice nei grandi sindacati confederali ma anche per la trasformazione di tali sindacati in organi concertativi e inclini al compromesso e non strumento del conflitto per i lavoratori. Il problema evidentemente non è numerico ma di visione ideale e dunque di modello organizzativo scelto.

Infine anche nel suo caso abbiamo dovuto rilevare il totale disinteresse verso la politica italiana, nonostante viva qui ormai da quasi 30 anni l'intervistato si è dimostrato totalmente

indifferente alle questioni politico-governative, preferendo concentrare l'attenzione unicamente sulle questioni sindacali. Anche questo caso denota a nostro avviso l'assenza di un'organizzazione politica che faccia da collante tra i vari momenti, politico, sindacale, economico ecc.

6.2.4 Intervista 4- iscritto SI Cobas magazzino SDA Passo Corese realizzata il 13/01

1) Puoi farmi per cominciare una presentazione personale e sindacale: da dove vieni, come ti chiami, che lavoro fai?

J: Sono peruviano, ho 34 anni, vivo in Italia dal maggio 2011. Lavoro a SDA dal 2011, prima in Zona Tiburtina, oggi al nuovo magazzino di Passo Corese. Ho visto molto le differenze culturali quando sono arrivato in Italia, poi piano piano mi sono integrato. Normalmente faccio il turno pomeridiano 16-24 anche se il turno non è fisso, ci possono essere variazioni.

MB. Quali erano i problemi prima dell'arrivo del sindacato? Era già presente il sindacato nel magazzino?

J: Quando sono arrivato in magazzino non c'era il sindacato SI Cobas, si lavoravano 10-12 ore, 13 ore al giorno, che non corrispondevano alle ore pagate in busta paga, per una retribuzione mensile variabile tra 950 e 1200 euro. I lavoratori erano solo stranieri, per gli italiani non era attrattivo a causa delle drammatiche condizioni di lavoro. Il sindacato è arrivato nel 2014, prima c'era solo la CGIL ma non difendeva i lavoratori ad esempio una cooperativa aveva dichiarato fallimento per non pagare la liquidazione a dei lavoratori e la CGIL non aveva preso nessuna iniziativa di lotta.

MB:Qual'è la situazione oggi? Quanto è lo stipendio?

J: Oggi si rispetta il CCNL Logistica, 8 ore al giorno per 5 giorni. Oggi la mensilità è quasi di 1800 mese per un mese completo per 14 mensilità, molti italiani adesso lavorano con noi. Inoltre da quest'anno ci sarà un PDR erogato in due tranches, che corrisponde a una mensilità in più. Prima non c'erano le coperture assicurative in caso di infortunio. Adesso sì. Ora c'è anche un'assicurazione integrativa per il lavoratore e la sua famiglia.

MB:Come sei arrivato in Italia?

J: Ho ottenuto tramite mia sorella un permesso di soggiorno per lavoro, successivamente al termine di quel contratto sono entrato in magazzino. Attualmente sono qui con la mia famiglia, mia moglie e mia figlia di tre anni, nata in Italia.

2) Come è andato il lavoro durante la pandemia da Covid-19?

J: Le prime settimane del lockdown sono stati molto scioccanti, il lavoro era confusionario e non c'erano le mascherine. Il sindacato ha chiesto i dispositivi di protezione, i gel disinfettanti e tutti gli altri presidi sanitari e la disinfezione degli strumenti di lavoro. Abbiamo fatto in modo di

costringere l'azienda a fornirci tutti questi elementi e di vigilare sul mantenimento del distanziamento. Dopo alcuni giorni infatti la situazione si è normalizzata.

MB: Ci sono stati scioperi?

J: Sì, all'inizio l'azienda non voleva fornire i dispositivi. Il sindacato ci ha supportato nella nostra lotta per la tutela della nostra salute. Il rischio sanitario era tutto sui lavoratori, diversi si sono ammalati e poi morti. C'era la paura di trasmettere la malattia a qualche familiare. La sensazione era che l'azienda volesse approfittare della situazione per licenziare parte dei lavoratori per ridurre i costi una volta che la pandemia fosse passata, la differenza era che ad alcuni lavoratori era dato un trattamento privilegiato rispetto agli altri.

MB: Com'è andata la gestione della campagna vaccinale e del green pass nel 2021?

J: Alcuni lavoratori non volevano vaccinarsi per sospetti sull'efficacia dei vaccini e sugli interessi economici dietro di essi ma poi per l'obbligo vaccinale e per il green pass i lavoratori sono stati quasi "obbligati" a vaccinarsi. Il sindacato ha chiesto i controlli per verificare il possesso del titolo sanitario necessario. Alcuni lavoratori si sono sentiti ricattati, visto che senza green pass non si poteva lavorare. Il sindacato ha difeso i lavoratori ma gli ha consigliato di vaccinarsi per non avere un problema. Alcuni lavoratori si sono messi in ferie o in malattia per evitare di essere sospesi senza retribuzione durante il periodo dell'obbligo.

MB: Com'è la composizione del magazzino? Italiani-stranieri o mista?

J: Adesso siamo misti, ci sono sia italiani che stranieri. Il miglioramento delle condizioni di lavoro ha favorito l'avvicinamento di lavoratori italiani che prima non avrebbero accettato. La convivenza è stata sempre molto tranquilla visto che c'erano molti lavoratori storici, nel nuovo magazzino c'è più dispersione e quindi è più difficile creare vincoli di amicizia. Gli stranieri sono più peruviani, eritrei, etiopi, e rumeni e moldavi. Nel picco natalizio ci sono stati lavoratori anche dal Medio Oriente (Iran, Afghanistan) e Nigeria.

3) Quali sono gli obiettivi di lotta nel tuo magazzino? Su cosa state lavorando?

J: Il sindacato cerca in primo luogo di far stare tranquilli i lavoratori sul piano lavorativo e retributivo, inoltre ogni anno cerca di ottenere per quanto possibile dei miglioramenti. È importante anche ottenere il rispetto da parte dell'azienda di tutte le esigenze dei lavoratori che hanno famiglia, problemi economici ecc. ogni anno si lotta non solo per il proprio magazzino ma anche per gli altri che abbiano diritti simili, per questo andiamo sempre a dare sostegno agli altri lavoratori in lotta. È importante anche mantenere alta l'attenzione per evitare che l'azienda possa ridurre con delle manovre i diritti acquisiti.

4) Come organizzate la convivenza tra lavoratori di differenti nazionalità e culture?

J: La mia esperienza è positiva, ho trovato un buon clima tra i lavoratori visto che siamo

ormai insieme da molti anni. Cerchiamo di far valere la nostra esperienza nella lotta contro le ingiustizie del popolo peruviano con gli altri lavoratori. In ogni caso cerchiamo di prendere le influenze positive e le culture di lotta da tutti i punti di vista. In generale nelle riunioni si cerca il confronto ma anche l'accordo evitando di prevaricarsi. La convivenza di tutti i giorni e le lotte comuni favoriscono l'unità.

MB: Ci sono problemi tra le differenti religioni?

J: In generale no. A volte capita di parlare di religione tra i colleghi ma con rispetto. Se qualcuno prega durante il turno si cerca di fare silenzio. Il tentativo è quello di accettare i colleghi per come sono e non per come vorremmo che fossero, facendo emergere le loro caratteristiche proprie e valorizzando le differenze.

MB: Spesso a livello di propaganda si cerca di mettere i lavoratori l'uno contro l'altro, sia italiani contro stranieri sia che stranieri tra loro, avverti questo pericolo?

J: Il pericolo c'è ma cerchiamo di contrastarlo e l'esperienza comune ci favorisce perché lavoriamo insieme tutti i giorni e conosciamo bene qual è la nostra realtà. Non crediamo a chi da fuori vuole imporci una visione del mondo che non condividiamo. Il sindacato ci aiuta con la sua ideologia di lotta per far prevalere gli interessi comuni su quelli individuali. .

MB: Quali sono i periodi di lavoro più intenso?

J: Il periodo di Natale da settembre a inizio gennaio. Prima con le offerte del Black Friday e poi con i regali natalizi. A febbraio cala e da marzo in poi è più regolare. Il periodo estivo di solito c'è una riduzione del lavoro e si va a turno in ferie.

5) Che ruolo hai nel sindacato? Segui il sindacato a livello nazionale e internazionale?

MB: Sono un semplice iscritto, non ho ruoli nel sindacato. Seguo solo a livello del mio magazzino, ora ho famiglia e dopo il lavoro vado a casa. Non riesco a seguire le riunioni a livello nazionale e internazionale del sindacato.

Quanti sono gli iscritti del sindacato nel tuo magazzino?

J: Circa 120 persone sono iscritte al SI Cobas. Abbiamo la maggioranza dei lavoratori.

6) Segui la politica italiana? Ti interessa qualche partito nello specifico?

J: In Italia vedo solo il telegiornale, non seguo con interesse. Seguo invece molto attivamente la politica peruviana, tutti i giorni.

MB: Che opinione hai dell'attuale presidente, Castillo?

J: Lui è stato una persona creata dal sistema politico peruviano, visto che la classe politica peruviana è molto corrotta e viene spontaneo votare chiunque purché non appartenente a questo sistema. Meglio uno che non si conosce che uno che ha già commesso crimini conclamati, come corruzione, violenza, ecc.

MB: Ci sono proteste a suo favore?

J:Lui ha preso decisioni sbagliate e la classe politica ha fatto di tutto per ingigantire i suoi errori in modo da metterlo in difficoltà e poi farlo fuori. Le persone non stanno manifestando a suo favore ma contro l'attuale sistema politico-economico. Se dipendesse da chi manifestasse manderebbero via l'intera classe politica.

MB: Hai partecipato di qualche movimento politico in Perù? Torneresti a vivere in Perù?

J:Non ho partecipato a movimenti politici in Perù. Mi piacerebbe tornare lì tra qualche anno, ma non so ancora quando. Mi trovo bene in Italia ma vorrei stare più vicino a dove sono nato e dove sono cresciuto. In Italia sicuramente c'è più stabilità ma comunque il Perù è il mio paese.

7) Conclusioni: vuoi aggiungere qualcosa rispetto a quanto ci siamo detti?

J:Più che altro vorrei capire il punto di vista dei padroni, che a volte non mi è chiaro. Dal mio punto di vista i padroni dovrebbero avere l'interesse a far star bene i lavoratori, perché se sta bene il lavoratore lavora meglio. Spesso invece si cerca di stare sempre addosso al lavoratore in attesa che sbaglia per togliergli qualche diritto o per licenziarlo. In teoria se sono felice lavoro meglio, ho meno voglia di fare sbagli ecc, visto che se lavoro meglio posso ottenere un aumento di stipendio, più benefit ecc. molti di noi ovviamente lavorano per lo stipendio e quindi aspirano ad aumentarlo. Non capisco perché i padroni non la pensano allo stesso modo.

MB: In realtà gli interessi tra lavoratori e padroni spesso sono divergenti, a volte si risparmia sulla sicurezza, mettendo a rischio il lavoratore. Come mai hai subito un'infortunio?

J:È stato fortuito, stavo guidando un muletto(piccolo trasportatore) per trasportare una pedana molto pesante e stavo lasciandola quando una persona che era dietro di me che mi ha colpito mentre stavo lasciando la pedana.. Ho avuto una frattura del secondo metatarso del piede e 20 giorni di prognosi.

MB: Purtroppo queste cose possono capitare ma è importante che i lavoratori siano uniti per contrastare i padroni, sei d'accordo?

J:È una tattica che abbiamo adottato da sempre, cerchiamo di favorire la naturale unità tra i lavoratori ed evitare i possibili contrasti per aumentare la possibilità della vittoria.

6.2.4.1 Analisi intervista numero 4

In quest'ultima intervista abbiamo scelto di consultare un semplice iscritto al sindacato, senza incarichi particolari, anche per vedere le differenze di percezione con i delegati sindacali. Anche lui come altri intervistati in precedenza ha cominciato a lavorare nel magazzino prima dell'ingresso del sindacato, potendo constatare le enormi differenze che questo ha comportato. Già l'applicazione del CCNL ha significato poter conciliare tempo di vita e di lavoro, lavorando circa 8 ore al giorno invece che 12, ottenendo peraltro notevoli aumenti in busta paga. Tutto ciò ha portato

anche italiani, che prima non avrebbero accettato a causa delle drammatiche condizioni di lavoro, a lavorare presso il magazzino SDA.

Il suo percorso migratorio è stato fortunatamente meno burrascoso di altri e ciò ne ha favorito l'integrazione, nonostante ciò egli non ha chiuso i rapporti con il paese di origine e conta di tornarci nel giro di qualche anno.

Lo scoppio della pandemia è stato anche per lui scioccante, visto che non si conoscevano le conseguenze della malattia e non c'erano i necessari dispositivi di protezione; nonostante ciò egli ha partecipato alle lotte per ottenere le necessarie tutele e si è anche reso conto che l'azienda stesse cercando di approfittare della situazione per ridurre la forza-lavoro all'interno del magazzino, magari partendo da quella più sindacalizzata.

Per quanto concerne l'attività sindacale egli ha un ruolo abbastanza basico come detto di semplice iscritto, ma nonostante ciò ha dimostrato nel corso dell'intervista sia la necessità di operare la solidarietà tra i lavoratori in lotta, anche se di magazzini diversi dal proprio, sia quella di non abbandonare le lotte intraprese per evitare di tornare indietro sulle conquiste acquisite.

Sulla questione della convivenza tra diverse culture e nazionalità anche lui appartiene alla comunità peruviana, una delle più numerose all'interno del magazzino e tra le più coese, ciò gli consente di fare gruppo ma al tempo stesso di rispettare le culture altrui, rifiutando le contrapposizioni portate dall'esterno ben cosciente che esse in nessun modo possono avvantaggiare i lavoratori e difendendo il punto di vista dei lavoratori come il più adeguato a decidere se una cosa è giusta o sbagliata.

Visto il suo disinteresse per la politica italiana gli abbiamo poi rivolto alcune domande sul suo paese di origine, a cui rimane ancora oggi molto legato. Egli pur non essendo un sostenitore dell'attuale presidente Castillo gli riconosce dei caratteri di diversità rispetto al resto dell'apparato politico peruviano che oggi lo osteggia, ma al tempo stesso afferma che le manifestazioni che si sono sviluppate nel corso delle ultime settimane più che essere in suo sostegno siano di rigetto nei confronti dell'attuale classe politica, da rifiutare in blocco.

Infine nelle conclusioni l'intervistato ha manifestato a nostro giudizio una certa ingenuità nel non comprendere come l'interesse dei padroni sia sempre o quasi opposto a quello dei lavoratori, visto che ha ritenuto contrario agli interessi padronali far soffrire i lavoratori. In ogni caso sollecitato sul tema riconosceva che l'unità dei lavoratori è il principale strumento tramite il quale riuscire ad ottenere delle vittorie e contrastare l'arroganza padronale.

6.3 Commento alle interviste

Abbiamo scelto di intervistare soggetti con provenienza nazionale, lavorativa e personale diversa, al fine di dare un quadro che rispecchiasse il più possibile fedelmente la situazione del

principale magazzino in cui è attivo il SI Cobas di Roma, quello di Passo Corese, nel quale lavorano tre intervistati su quattro. Il fatto che pur con traiettorie diverse siano giunti allo stesso luogo di lavoro ci ha permesso di vedere sia gli elementi di analogia che di differenza nella percezione che lavoratori diversi iscritti allo stesso sindacato hanno del loro posto di lavoro.

Ad esempio tutti e tre sono stati in grado di identificare nettamente le differenze a livello di diritti e retribuzione tra pre e post intervento del SI Cobas, differenze che loro stessi hanno contribuito a determinare grazie alla partecipazione alle lotte. Anche sulla questione lavorativa durante la pandemia hanno assunto posizioni simili, criticando il ricatto costituito dal green pass e al tempo stesso difendendo la vaccinazione come strumento per il contenimento del contagio. Per quanto riguarda gli obiettivi di lotta sebbene tutti abbiano chiare quali devono essere le priorità i primi tre si sono dimostrati, visto il loro ruolo sindacale, in grado di definire esattamente qual'è lo stato dell'arte a livello delle trattative e alcuni di loro hanno partecipato in prima persona alla definizione del nuovo contratto integrativo, l'ultimo intervistato si è limitato a rilevare quanto di buono si è riusciti a conquistare.

Viceversa sulla questione del razzismo e più in generale sulla contrapposizione costruita a tavolino tra lavoratori di differenti nazionalità tutti e 4 si sono dimostrati concordi nel rigettarla e nel definirla come mezzo per dividere i lavoratori tra di loro e indebolirli; da notare con estremo interesse che i lavoratori stranieri intervistati tendano a rispettare molto le usanze e le tradizioni di ognuno di loro(preghiere, silenzi ecc.) proprio al fine di favorire l'unità tra i lavoratori.

A livello più generale tre su quattro degli intervistati seguono il sindacato anche a livello nazionale, mentre l'ultimo solo a livello del suo magazzino, e risulta essere il più arretrato tra di loro a livello ideologico e concettuale, forse anche a causa del fatto di percepirsi come temporaneo in Italia e quindi preoccupato unicamente in migliorare la propria condizione dal punto di vista economico-retributivo visto che nei prossimi anni ha intenzione di tornare in Perù.

La scelta di intervistare un lavoratore italiano al termine della sua lunga carriera lavorativa e sindacale va ricondotta invece alla volontà da parte nostra di comprendere come un lavoratore italiano sindacalizzato veda il ruolo degli immigrati all'interno del sindacato. Egli si è dimostrato scevro di pregiudizi nei confronti dei lavoratori immigrati e cosciente del fatto che il padronato cerchi di pagarli meno per favorire una corsa al ribasso sulle retribuzioni, per questo motivo ha riconosciuto nel corso dell'intervista l'importanza di coinvolgerli il più possibile nelle lotte. Al tempo stesso però non è mancata una sagace critica all'economicismo in cui rischiano di cadere parte di questi lavoratori che non rivolgono a suo giudizio sufficiente importanza alla questione politica, in ciò evidentemente il sindacato può provare a fare di più ma sconta come detto in precedenza l'assenza di un'organizzazione politica che faccia da collante alle lotte.

Peraltro interessante è stato osservare come egli non manchi di criticare i propri omologhi italiani, definiti dispregiativamente “mammoni”, troppo inclini al compromesso e troppo poco al conflitto mentre elogia la propensione al conflitto di chi, come i colleghi africani, venendo da contesti complessi e fortemente conflittuali, si porta dietro il proprio sostrato di lotte e può temere meno di altri lavoratori la repressione padronale e poliziesca. Infine da distaccare è stata la sua capacità di comprendere l'importanza di costruire un fronte di lotta tra tutti i lavoratori indipendentemente dal sindacato di appartenenza²⁸⁰, per evitare che prevalgano le logiche di tessera sindacale sulle reali esigenze dei lavoratori.

²⁸⁰Spesso i sindacati di base sono accusati dalle grandi organizzazioni concertative di settarismo, ma tali testimonianze dimostrano che non è così e che è la divergenza di obiettivi e strategie che determinano più spesso la diversa collocazione sindacale.

Conclusione

In questa tesi di dottorato abbiamo cercato per quanto possibile di spiegare la realtà della logistica in Italia, nello specifico cercando di mostrarne una parte piccola ma di estrema rilevanza, quella delle lotte organizzate dal SI Cobas che hanno visto gli immigrati come protagonisti insieme e non contro i loro colleghi italiani. Nel corso di questo testo abbiamo provveduto a far emergere le aporie dei discorsi razzisti dei nostri mass-media, che tendono sempre a presentare gli immigrati come causa di tutti i mali o quasi della nostra società (giornali e televisioni di destra) o come soggetti passivi bisognosi di aiuto e compassione nel caso dei mass-media più “progressisti” o presunti tali. In nessuno dei due casi gli immigrati possono avere un ruolo consapevole e da protagonista sulle loro scelte di vita, da quelle che riguardano le proprie scelte di vita lavorativa, a quelle su dove abitare, su come pensarla in politica, a quale sindacato iscriversi ecc.

Negli spazi inevitabilmente ristretti di questa tesi abbiamo costatualizzato la logistica, e le lotte che all'interno di essa si sono sviluppate, nel contesto di crisi del capitalismo in cui siamo immersi da decenni quasi senza soluzione di continuità, nel quadro di crescente esternalizzazione produttiva che sposta la produzione sempre più lontano dal consumatore finale, rendendo le catene logistiche sempre più strategiche nel processo di valorizzazione del capitale.

Siamo partiti nel primo capitolo dal lungo ciclo della crisi di accumulazione capitalistica, che cominciata negli anni 70 non ha ancora visto i paesi capitalistici occidentali riprendere i ritmi di accumulazione precedenti al 1974, alternando cicli di recessione prolungata a cicli di espansione, spesso gonfiate da bolle speculative drogate dal sistema finanziario, senza che si riuscisse a vedere un periodo di crescita stabile e duratura, oggi ad esempio dopo il crollo economico del 2020 causata dalle misure di contenimento del contagio da Covid-19 e il blocco delle catene logistiche e il rimbalzo economico avuto nel 2021-22 già si preannuncia l'ennesima fase di stagnazione economica, aggravata dalla crescente inflazione da domanda. Per farlo abbiamo ripercorso le varie fasi di questa crisi, concentrandoci tra l'altro sulla crisi dei debiti sovrani, con l'attacco speculativo che ha coinvolto i paesi cosiddetti PIIGS e le conseguenti politiche di austerità imposte a questi paesi, con il piano straordinario di acquisto dei titoli di Stato intrapreso nel 2012 dall'allora governatore della BCE Mario Draghi per evitare che il valore dell'Euro crollasse, compromettendo

la stabilità dell'Eurozona.

Dopo aver rilevato attraverso la prospettiva di Chesnais che l'attuale fase storica più che di globalizzazione va considerata come una mondializzazione visto che molti paesi sono stati inglobati in questo processo senza averlo potuto in nessun modo discutere e quindi senza avere avuto voce in capitolo, abbiamo provato a considerare le particolari caratteristiche del nostro paese in questo contesto a partire dal Secondo dopoguerra attraverso l'analisi di Luciano Vasapollo. Il capitalismo italiano che rinasce dalle ceneri della guerra e del fascismo a cui doveva parte consistente dei suoi guadagni nei decenni precedenti è ripartito negli anni del cosiddetto “boom economico” grazie allo sfruttamento estremo della forza-lavoro, uscita devastata dal fascismo e dalle difficoltà belliche.

Progressivamente però la sindacalizzazione dei lavoratori e la fase storica che si stava attraversando hanno consentito di migliorare le condizioni di vita e di lavoro, producendo miglioramenti sostanziali per i lavoratori ma anche una riduzione dei profitti dei capitalisti. Gli anni 70 e lo scoppio della crisi del 1974 hanno portato al tentativo di scaricare la crisi sui lavoratori da un lato, dall'altro all'esigenza da parte dello Stato italiano di sostenere i capitalisti italiani, incapaci di innovarsi dal punto di vista tecnologico, aumentando così il proprio grado di indebitamento. I decenni successivi videro una grande ristrutturazione produttiva, accompagnata dall'attacco frontale ai diritti dei lavoratori conquistati negli anni precedenti, senza la necessaria o comunque insufficiente opposizione da parte dei partiti e sindacati della sinistra. L'Italia che arrivava allo scoppio della crisi del 2008-9 era dunque un'Italia in depressione economica, con una sinistra politica e sindacale disgregata e incapace di incidere. Abbiamo scelto di chiudere la trattazione sullo sviluppo economico del paese con la crisi del 2008 perché è stata molto rilevante nell'operare una trasformazione del nostro paese, da paese industriale a paese di terziario avanzato e di servizi, con un'importanza sempre più crescente del settore logistico.

Nel secondo capitolo abbiamo definito, attraverso un excursus storico, la storia dell'immigrazione verso il nostro paese, che è sempre stato un paese di grande emigrazione, a causa dell'estrema povertà di intere regioni del suo territorio. Dopo decenni di emigrazione verso il nostro paese relativamente ridotta abbiamo potuto constatare attraverso vari studi come negli ultimi decenni ci sia stato un consistente aumento, prima a partire dai paesi dell'Europa orientale e poi successivamente dai paesi del Nordafrica, da cui provengono anche africani dell'area sub-sahariana.

Abbiamo cercato poi usando criticamente il libro di Smith *“Fuga verso l'Europa”* a individuare le motivazioni che spingono centinaia di migliaia di africani ogni anno a tentare questo viaggio, spesso difficile e irto di pericoli, e se davvero l'Africa è in fuga verso il nostro paese o più semplicemente decenni di politiche di espropriazione da parte delle vecchie e nuove potenze coloniali non abbiano spogliato l'Africa di gran parte delle sue ricchezze, naturali e non solo,

rendendo di fatto l'immigrazione più una scelta obbligata che una scelta pensata e voluta, per coloro i quali hanno i mezzi economici per intraprendere questo viaggio, talvolta disperato.

Successivamente abbiamo provveduto ad un'analisi socio-economica delle migrazioni, cercando di dare a tale argomento uno sguardo che possa superare la consueta binarietà, immigrati come esercito industriale di riserva che abbassa diritti e salari degli autoctoni o come puro elemento benefico, tentando di produrci in un'analisi qualitativa oltre che quantitativa. La logistica si inserisce in questo contesto perché la mobilità delle persone dentro il continente europeo influisce, seppur indirettamente, sulle capacità di valorizzazione del capitale, in un quadro di sempre maggiore mobilità dei capitali. Dal punto di vista politico l'immigrazione, sempre più un fenomeno globale e destinato con ogni probabilità nei prossimi decenni causa mutamenti climatici e guerre, rende necessario rivedere la politica dei confini e anche della cittadinanza, ancora troppo legata al vetusto *ius sanguinis*²⁸¹ e da un'impostazione tendente ad etnicizzare gli immigrati o a presentarli come un blocco unitario, non riconoscendone le differenze e le ricchezze culturali.

Dal saggio di Luca Alteri citato nel paragrafo 6 del secondo capitolo abbiamo tratto l'importanza di comprendere quanto il pregiudizio nei confronti degli immigrati non vada demonizzato ma compreso e contestualizzato, visto il bombardamento mediatico di cui i lavoratori italiani sono bersaglio volto a presentare gli immigrati come causa di tutti o quasi i mali del nostro paese, senza ovviamente giustificarlo; ma rifiutando al contempo lo stigma populista-xenofobo e l'approccio compassionevole di gran parte della sinistra, volto a presentare l'emigrazione come un fenomeno puramente positivo, provvedendo a inserire gli immigrati lavoratori nel contesto politico-sindacale del conflitto.

Nel terzo capitolo abbiamo cercato di fare un'analisi del razzismo in un paese come il nostro, che ha vissuto il ventennio fascista e che ha visto frequentemente la propria classe dirigente politica farsi promotrice del razzismo, sia a livello di politiche istituzionali, sia a livello di discorso ideologico.

Per farlo siamo partiti da una definizione del razzismo a livello storico nel continente europeo, per poi evidenziare in che modo la classe dirigente liberale che si definisce a partire dall'Unità d'Italia dia adito a politiche razziste nei confronti delle popolazioni africane per legittimare le proprie avventure coloniali.

Con il fascismo il razzismo subisce un'evoluzione perché diventa parte integrante della politica totalitaria dello Stato italiano che, con le leggi razziali del 1936 definisce una distinzione netta tra italiani e non²⁸², ma anche perché si vuole dargli una copertura ideologico-spirituale, volta

281 Con tale politica si attribuisce la cittadinanza in base alla nazionalità di sangue e non in base a dove si esce.

282 Particolare attenzione verrà data agli ebrei, perseguiti anche per garantirsi l'alleanza con la Germania di Hitler.

a presentare l'esistenza di una razza di signori, non definita necessariamente dal punto di vista nazionale, destinata a comandare su una razza di schiavi, destinata a soccombere e a cui deve essere impedito di prendere il sopravvento combattendo le tendenze egualitariste e democratiche dell'epoca moderna.

Gli ultimi decenni hanno visto invece una recrudescenza del razzismo a livello sia di discorso pubblico che di politiche istituzionali, come contraltare della fase che ha seguito il secondo dopoguerra, dove forti erano stati i movimenti di decolonizzazione e di liberazione nazionale, guidati spesso dai comunisti. In Italia, come abbiamo visto, la legge Bossi-Fini approvata dall'allora governo di centro-destra nel 2003 e mai più rivista, subordina il mantenimento del permesso di soggiorno all'ottenimento del lavoro, perso il lavoro si perde. Gli anni successivi hanno acuito la tendenza con il Pacchetto Sicurezza del 2009, e la guerra alle ONG che effettuano soccorsi in mare tra il 2018 e il 2019. Al tempo stesso si è potuto constatare un aumento della repressione nei confronti degli immigrati, dalla loro reclusione nei CIE e dagli attacchi quotidiani che hanno subito da molti cittadini italiani in episodi di crescente xenofobia. Oggi con l'attuale governo costituito nell'ottobre 2022 non c'è da attendersi nulla di buono per gli immigrati, regolari e non, ma con ogni probabilità assisteremo ad un attacco frontale ai pochi diritti che essi hanno ottenuto nel corso degli ultimi decenni, ma tutto ciò potrebbe scatenare anche lotte sociali.

Nel corso di questo capitolo abbiamo raccontato seppur parzialmente anche la situazione dei braccianti immigrati nelle campagne, con le loro condizioni di vita e lavoro prossime alla schiavitù, ma anche con le loro lotte per il riconoscimento, grazie alla costituzione della Lega dei braccianti. Il tema delle campagne italiane non ci è stato per ragione di spazio possibile approfondirlo, ma resta centrale nello sviluppo della coscienza sociale degli immigrati²⁸³ e nella comprensione da parte dei lavoratori italiani che un miglioramento delle loro condizioni di vita produrrà con ogni probabilità un miglioramento delle condizioni di lavoro e salariali dell'intera classe lavoratrice.

Riguardo le prospettive della lotta anti-razzista i venti che soffiano nella fase di attuale crisi economico-sociale indubbiamente indicano che i prossimi anni saranno indubbiamente molto difficili, ciò non toglie a nostro giudizio che è onere dei movimenti politici, sociali e partitici quello di costruire le basi affinché si costituisca un'alleanza strutturale tra lavoratori italiani e stranieri attorno a poche e chiare parole d'ordine: a eguale lavoro eguale salario, un salario minimo orario di almeno 10 euro l'ora e una grande battaglia per la riduzione dell'orario di lavoro a parità di salario.

In seguito abbiamo definito una storia del movimento cooperativo in Italia , facendo

²⁸³Anche i bassi prezzi delle merci di origine agricola è da spiegarsi in gran parte con lo sfruttamento a cui tali lavoratori sono soggetti.

emergere la sua mutazione genetica, da strumento di solidarietà e di tutela dei lavoratori a strumento di sfruttamento degli stessi, utilizzando il contratto da socio-lavoratore per esternalizzare parti del lavoro su pseudo-cooperative che sono in realtà cooperative solo sulla carta.

Per farlo ci siamo avvalsi di libri e testimonianze dirette di chi nel settore ci ha lavorato, che sia come dirigente nel caso di Mario Frau esplicitato nel libro *“La Coop non sei tu”*, che sia come lavoratore come nel caso dei sindacalisti del SI Cobas nel libro *“Carne da macello”*. Non è un caso che uno dei principali obiettivi di lotta che si è posto il sindacato è stato proprio quello di superare il sistema delle cooperative, ottenendo che i lavoratori fossero assunti direttamente dai committenti principali con il CCNL Logistica. Molto rimane comunque da fare sul superamento del sistema delle cooperative come strumento di riduzione dei diritti dei lavoratori, in tutti i settori in cui ciò avviene, non solo nel settore logistico, ma evidentemente a livello legislativo si è lavorato per favorire questo sistema e non per avversarlo. Rimarrebbe per un prossimo lavoro lo studio di tutti i settori in cui le cooperative sono presenti, distinguendo tra le poche realmente frutto dell'autorganizzazione dei lavoratori e le molte che invece sono “sfruttatori legalizzati” e che dovrebbero essere proibite nell'esercizio della propria attività.

Infine nell'ultima parte della tesi abbiamo scelto di concentrare l'attenzione sul settore della logistica prima descritto dal punto di vista economico e collocata nella fase distributiva del ciclo di valorizzazione del capitale, in seguito analizzata attraverso gli occhi di chi lavora in quel settore e si organizza sindacalmente, prima descritti nel libro *“Carne da Macello”*, poi intervistati da noi nel corso degli ultimi mesi. Abbiamo avuto modo di constatare l'importanza assunta da questo settore, vista la crescente esternalizzazione produttiva, e la sua progressiva crescita in un paese come il nostro, collocato in una posizione strategica nel mar Mediterraneo, ma che sconta tutta una serie di ritardi nello sviluppo di reti logistiche integrate nell'ambito europeo, possedendo pochi porti efficienti e tutti concentrati nella regione Nord-orientale del paese e da trasporti delle merci che si sviluppano quasi esclusivamente su gomma.

Abbiamo visto attraverso diversi studi come nella logistica sia molto utilizzato lo schema di affidare parti consistenti o totali del lavoro della committenza principale a cooperative che sono cooperative solo sulla carta, è qui che si è innestato l'oggetto principale della nostra tesi, sulle lotte che si sono determinate per ottenere l'assunzione dei dipendenti delle cooperative direttamente presso la committenza principale.

Attraverso il libro *“Carne da macello”* abbiamo potuto seguire l'evoluzione di queste lotte, dalle prime lotte isolate alla Bennet di Origgio nel 2008 alla progressiva estensione in molti magazzini del Norditalia delle lotte anche grazie al passaparola tra i lavoratori che era finalmente arrivato un sindacato conflittuale e non concertativo, che non aveva paura della repressione

padronale e istituzionale²⁸⁴ e che finalmente otteneva che i lavoratori lavorassero direttamente per la committenza e non per finte cooperative, che ottenessero il rispetto del CCNL di riferimento, quello della logistica, e che li conducesse progressivamente ad ottenere miglioramenti su tutti gli istituti contrattuali.

Successivamente abbiamo scelto di concentrare l'attenzione sulle lotte avvenute nel quadrante dove abitiamo, quello romano, dove il sindacato è arrivato più tardi che altrove, nel 2013, e a seguito di passaparola tra i lavoratori visti i successi ottenuti altrove. Anche qui ad analisi più accurata è emerso come le rivendicazioni fossero comuni ad altre zone d'Italia: assunzione diretta, rispetto CCNL Logistica, miglioramento graduale ma costante degli istituti contrattuali; il caso romano, principalmente nel caso del magazzino SDA di Corcolle, si presenta però diverso dagli altri, non è stato infatti il sindacato ad andare verso i lavoratori, ma singoli nuclei di lavoratori hanno contattato il sindacato per i successi ottenuti altrove.

Inoltre abbiamo avuto modo di constatare come il SI Cobas abbia progressivamente allargato il suo raggio d'azione ad altri settori ulteriori oltre quello della logistica, come quello della macellazione carni, dove guarda caso era applicato il CCNL Logistica, in luogo di quello alimentare, perché più conveniente dal punto di vista dell'azienda.

Abbiamo provveduto ad analizzare anche il SI Cobas, nato nel 2015, quindi oltre cinque anni dopo l'inizio delle lotte, come sindacato, che si pone obiettivi estremamente ambiziosi in una fase come l'attuale, in cui la classe lavoratrice non ha un soggetto politico di riferimento. Considerata l'attuale fase di crisi come una crisi di valorizzazione del capitale internazionale il sindacato deve dunque muoversi su una prospettiva di lungo periodo, dove i risultati di breve periodo devono servire come “palestra” per risultati a più ampio spettro complessivo. Tra gli obiettivi più importanti che si pone il sindacato vi sono la riduzione dell'orario di lavoro a parità di salario e una campagna per il salario minimo garantito, che in un paese come il nostro, privo di un salario minimo legale, non produrrebbe affatto un abbassamento dei salari più elevati di quel livello, ma squarcerebbe a nostro giudizio il velo di ipocrisia sui livelli salariali italiani, spesso prossimi alla mera sussistenza²⁸⁵.

Il SI Cobas si è giustamente definito come sindacato intercategoriale e internazionalista, per evitare le contrapposizioni tra lavoratori italiani e stranieri e per evitare il dumping tra lavoratori europei di differenti paesi, che spinge all'esternalizzazione di attività produttive verso i paesi dell'Europa orientale, dove i salari sono più bassi, e paesi come l'Irlanda dove è più bassa la

284Nel corso di questa tesi abbiamo dovuto più volte constatare come spesso questi due elementi camminassero a braccetto, come alla Granarolo nel 2013.

285Il 25 per cento dei lavoratori italiani guadagna un salario mensile inferiore a 780 euro, livello considerato come necessario per ottenere il Reddito di Cittadinanza, sussidio pensato esattamente per ridurre la povertà nel paese. Vedi <https://quifinanza.it/lavoro/reddito-di-cittadinanza-busta-paga-piu-bassa-per-il-23-dei-lavoratori/656556/>

tassazione sui profitti delle imprese. Al tempo stesso il sindacato ha operato un'alleanza con altri sindacati di base come USB, Cobas, USI ecc, che ha prodotto due grandi scioperi generali uno nell'ottobre 2021 e un'altro nel dicembre 2022, con adesioni molto alte in diverse realtà produttive. Quello che mancherebbe sarebbe riuscire a superare le divisioni tra i diversi sindacati di base, favorendo la costruzione di un'unico sindacato di base, da contrapporre ai sindacati confederali, sempre più concertativi, ma indubbiamente è un compito estremamente arduo e ci deve essere la volontà di tutte le parti in causa. Per esigenze di analisi è rimasto fuori da questa tesi il lavoro meritorio svolto da altri sindacati, come l'USB, nella logistica, ma abbiamo deciso di concentrarci sull'esperienza più significativa sia a livello numerico che a livello di risultati ottenuti.

Nell'ultimo capitolo abbiamo deciso di intervistare 4 iscritti al sindacato SI Cobas con diverse provenienze lavorative, personali e sindacali in modo da poter verificare i differenti punti di vista sulle questioni del sindacato; abbiamo intervistato un lavoratore italiano di 64 anni, prossimo alla pensione, 2 lavoratori peruviani e un lavoratore eritreo. Abbiamo avuto modo di evidenziare tramite le interviste l'importanza avuta dal sindacato nel miglioramento costante dei diritti dei lavoratori e nell'aumento dei livelli di coscienza dei lavoratori, che hanno imparato attraverso la lotta a fare fronte comune contro le ingiustizie e la repressione. Tutti e quattro infatti hanno vissuto la fase prima e dopo l'avvento del sindacato, il passaggio dall'assenza di un orario di lavoro fisso e una retribuzione stabile, ad avere 14 mensilità e un contratto integrativo di tutto rispetto, hanno dovuto sudarsi le conquiste fatte e hanno evidenziato l'importanza di non mollare per evitare che le conquiste ottenute in precedenza possano svanire con il tempo. Abbiamo evidenziato nel corso dell'analisi come i lavoratori immigrati intervistati tendano a cadere nell'economicismo, focalizzandosi quasi esclusivamente sull'ambito retributivo e trascurando il resto, ma al tempo stesso abbiamo riconosciuto come l'assenza di un soggetto politico di riferimento renda più difficile fare ciò. Nonostante ciò abbiamo potuto constatare una loro disponibilità al conflitto anche superiore ai loro omologhi italiani grazie al meritorio lavoro svolto dal SI Cobas e alle loro esperienze pregresse, che li hanno portati spesso nei loro paesi d'origine a dover fronteggiare regimi dittatoriali o militari in cui la repressione è forte anche più che nel nostro paese.

Abbiamo scelto nel corso delle interviste di non toccare il tema della guerra in Ucraina perché più complesso e meno impattante in modo diretto²⁸⁶ sulle vite dei lavoratori della logistica di quanto non siano state le esperienze del lavoro durante la pandemia da Covid-19 e le lotte sindacali pregresse.

Per quanto riguarda questa ricerca infine rimangono da analizzare in maniera più

²⁸⁶Ovviamente in termini indiretti tutti noi subiamo le conseguenze della guerra in termini di rialzo dei costi, di inflazione ecc. ma abbiamo preferito non entrare nel merito di una questione così ampia.

approfondita le tendenze macro-strutturali del settore della logistica dopo la riorganizzazione delle catene di scambio seguite alla guerra in Ucraina e ai blocchi produttivi causati dalle misure di contenimento della pandemia da Covid-19 e uno studio più approfondito sulle strategie che un sindacato potrà mettere in atto per allargare il conflitto attraverso alleanze politico-sociali.

Bibliografia- Referencias

ALTERI, Luca, “*Populismo e migrazioni*” in BARRILE, Alessandro, “*Il secondo tempo del populismo*”, Momo edizioni, 2021.

ALVES, Giovanni, “*Trabalho e subjetividade*”, Boitempo, 2018.

AMBROSINI, Massimiliano, “*Utili invasori. L'inserimento degli immigrati nel mercato del lavoro italiano*”, Angeli, 1999.

AMOROSI, Antonio, “*Coop connection*”, Chiarelettere, 2016.

ANTONELLI, Cristiano, “*New information technology and industrial change: the italian case*”, 1988.

ARISTOTELE “*Politica e costituzione di Atene*”, Utet, 2021.

BALES Kevin, “*I nuovi schiavi. La merce umana nell'economia globale*”, Feltrinelli 2002.

BALIBAR, Etienne WALLERSTEIN, Immanuel “*Razza nazione classe. Le identità ambigue*”, Asterios, 2020.

BARCA, Fabrizio, “*Italia frenata*”, Donzelli, 2006.

BARRILE, Alessandro, “*Il secondo tempo del populismo*”, Momoedizioni, 2020.

BARTEZZATI L., BIANCHI F. “*Just in time. Produrre a ritmo di mercato*”, Guerini e associati, 2012.

BASSO, Pietro, “*Razze schiave e razze signore*”, Francoangeli. 2011.

BASSO, Pietro, “*Tutto è già scritto, nulla è già deciso*”, in BASSO, Pietro, “*Razzismo di Stato*”, Francoangeli, 2010.

BASSO, Pietro, “*Razzismo di Stato*”, Francoangeli, 2010.

BECATTINI, Giacomo, “*I sistemi locali nello sviluppo italiano*”, in “*Il distretto industriale*”, Rosenberg & Sellier, Torino 1999.

BERTONE, Ugo, “*Capitalisti d'Italia*”, vol 1-2, Borolli editore, 2005.

BIANCO, Ilario, “*Il movimento cooperativo italiano-Storia e ruolo nell'economia nazionale*”, Centro studi per la cooperazione, 1975.

- BONFANTE, G. *“La legislazione cooperativistica in Italia dall'unità a oggi”* in *“Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi”*, Einaudi, 1981.
- BORRETTI, B. *“Da Castel Volturno a Rosarno. Il lavoro vivo degli immigrati tra stragi, pogrom, rivolte e razzismo di stato”* in BASSO, P. *“Razzismo di Stato”*, Francoangeli, 2010.
- BOURGUINAT, Henry, *“Finance international”*, 1994.
- BRACCINI, Barbara, *“I giovani di origine africana. Integrazione socio-culturale delle seconde generazioni in Italia”*, tesi di laurea, 2000.
- BRIGANTI, W. *“Il movimento cooperativo in Italia, 1926-62”*, APE, 1978.
- CAMPANI, G. *“Migranti nel mondo globale”*, Sinnos, 2008.
- CANTERI, Celestino, *“Memorie del nostro '900. Circoli comunisti, lotte e vita nella Torino capitale operaia”*, Jacabook, 2004.
- CAPALDO Jeronim *“The Trans-Atlantic Trade and Investment Partnership: European Disintegration, Unemployment and Instability”*, 2014.
- CAREY, M. *“Survival is Political”. Hystory, Violence and Contemporary Power Struggle in Sierra Leone”*, 2006.
- CASTRONOVO, Valerio, *“Storia d'Italia”*, Einaudi, 2021.
- CENSIS *“I lavoratori stranieri in Italia: studio elaborato dal Censis nel 1978”*, 1978.
- CHESNAIS, FRANCOIS, *“A mundialização do capital”*, Xama, 2006.
- CHIARETTI, G. *“C'è posto per la salute nel nuovo mercato del lavoro? Medici e sociologi a confronto”*, monografia, 2005.
- CIUFFOLLETTI, Z. *“Dirigenti e ideologie del movimento cooperativo”* in SAPELLI, G. *“Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi”*, Einaudi, 1981.
- COALE, A. , HOOVER, J.” *Population Growth and Economic Development in Low-Income Countries* “, 1958.
- COGLIOLO, P. e RODINO, L, *“Codice delle società cooperative”*, Barbera, 1903.
- COLUCCI MICHELE, *“Storia dell'immigrazione straniera in Italia”*, Carocci editore, 2018.
- CONTE, Leandro, *“Credito e cooperazione. La singolare storia della Banca Popolare dell'Emilila Romagna”*, il Mulino, 2010.
- DE ANDREAIS Massimo, Panaro Alessandro, Buongiantoni Arianna in Studi e ricerche per il Mezzogiorno, *“Logistica e sviluppo economico. Scenari economici, analisi delle infrastrutture e*

- prospettive di crescita*”, Giannini, 2013.
- DE BEINOST, A. “*Le idee a posto*”, Akropolis, 1983.
- DE BEINOST, Alain -TAGUIEFF P.A. “*Razzismo e anti-razzismo*”, La roccia di Erec, 2007.
- DEGL'INNOCENTI, M. “*Geografia e strutture della cooperazione in Italia*” in SAPELLI, G. “*Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi*”, Einaudi, 1981.
- DE GOBINEAU, A. “*Saggio sulla diseguaglianza delle razze umane*”, Rizzoli, 1998.
- DE LAPOUGE Vagner, “*L'Aryen. Son role social*”, Ars magna, 2016.
- DE LOURDES JESUS M. , “*Racordai. Vengo da un'isola di Capo Verde*”, Sinossi, 2002.
- DU BOIS, William, “*The Philadelphia negro*”, University of Pennysilvania, 1995.
- DURKHEIM, Emile, “*La divisione del lavoro sociale*”, il Saggiatore, 2021.
- ENGELS, Friedrich “*L'origine della famiglia, della proprietà privata e dello Stato*”, Editori riuniti, 2019.
- ENNINX R., ROOSBLAD J., “*Trade unions, immigration and immigrants in Europe 1960-1993). A comparative study of trade unions in seven West European countries. Berghahn Books, New York*”, 2000.
- EVOLA, Julius “*Il cammino del cinabro*”, Edizioni mediterrane, 2014.
- EVOLA, Julius “*Rivolta contro il mondo moderno*”.Edizioni mediterrane, 2014.
- EVOLA, Julius, “*Sintesi di dottrina della razza*”, Hoepli, 1941.
- FABBRI, Fabio, “*Il movimento cooperativo nella storia d'Italia 1854-1975*”, Feltrinelli, 1979.
- FALLOPPA, F. “*Razzisti a parole(per tacer dei fatti)*”, Laterza, 2011.
- FANA, Marta, “*Non è lavoro, è sfruttamento*”, Laterza, 2017.
- FANA, M., Francesco Massimo, “*La logistica*” in Somma, Alessandro “*Lavoro alla spina*”.
- FANON, Frantz, “*I dannati della terra*”, Einaudi, 2007.
- FANON, Frantz, “*Opere scelte*”. Einaudi, 1971.
- FERRAJOLI, Luigi, “*Politiche contro gli immigrati e razzismo istituzionale in Italia*” in BASSO, Pietro, “*Razzismo di Stato. Stati uniti, Europa, Italia*”, Francoangeli, 2010.
- FERRERO M. “*Il pacchetto sicurezza: dall'integrazione subalterna degli immigrati alla loro criminalizzazione*” in BASSO, P. “*Razzismo di Stato*”, Francoangeli, 2010.

- FERROZZI C. SHAPIRO R., “*Dalla logistica al supply chain management*”, ISEDI, 2010.
- FONDAZIONE LEONE MORESSA, “*Rapporto annuale sull'economia dell'immigrazione*”, Il mulino, 2015.
- FONTANA, Dario, “*Infortuni e malattie professionali nel settore carni a Modena: un'analisi comparata*” in SI COBAS “*Carne da macello*”, Red Star press, 2017.
- FRAU, Mario, “*La Coop non sei tu. La mutazione genetica delle Coop. Dal solidarismo alle scalate bancarie*”, Editori riuniti, 2010.
- FUBINI A., CORSICO F., “*Aree metropolitane in Italia*”, 2005.
- GALETTI, Vincenzo, “*Cooperazione. Forza anti-crisi*”, Feltrinelli, 1975.
- GARIN, Eugenio, “*Rinascite e rivoluzioni. Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*”, Oscar Mondadori, 1995.
- GIDDENS, Antony “*Fondamenti di sociologia*”, Il mulino, 2022.
- GIOVANNINI Elio, “*L'Italia massimalista. Socialismo e lotta sociale e politica nel primo dopoguerra italiano*”, Ediesse, 2001.
- GIUSTI, M. “*Ricerca interculturale e metodo autobiografico: bambini e adulti immigrati. Un progetto, molte storie*”, La nuova Italia, 1999.
- GLIOZZI, Giuliano, “*La scoperta dei selvaggi*”, Principato, 1971.
- GOBBI, Ulisse, “*La cooperazione dall'economia capitalistica all'economia corporativa*”, Giuffrè, 1932.
- GRAPPI. Giorgio, “*Nuova logistica europea e mobilità logistiche*” in “*Le reti del valore. Migrazioni, produzioni e governo della crisi*”, Derive approdi, 2017.
- GRAMSCI, Antonio “*Quaderno 19*” sul Risorgimento da “*I quaderni dal carcere*”, ET Biblioteca, 2014.
- GRAMSCI, Antonio, “*Quaderni del carcere*”. Et biblioteca, 2014.
- HARDING, J. “*Border Vigils. Keeping Migrants out of the Rich World*”, Verso books, 2012.
- HERNNSTEIN R. MURRAY, C. “*The Bell Curve. Intelligence and Class Structure in American Life*”, Sage, 2010.
- HILFERDING, Rudolf, “*Il capitale finanziario*”, Mises edizioni, 2011.
- HITLER, Adolf, “*La mia battaglia*”, Rusconi, 2018.
- HOBSBAWN, Eric, J. “*Il secolo breve 1914-91*”. Rizzoli, 2014.
- INSOLERA, I. “*Roma per esempio. Le città e l'urbanista*”, Donzelli, 2010.

- LABRIOLA, Antonio, “*Le due politiche. Fascismo e riformismo*”, Razzi, 1923.
- LABRIOLA, Antonio, “*Scritti politici*”, Laterza, 1970
- LABRIOLA, Antonio, “*Scritti politici e filosofici*”, Einaudi, 1973.
- LENIN, Vladimir, *Imperialismo. Fase suprema del capitalismo*”, La città del sole, 2006.
- LENIN, Vladimir, *Che fare? Problemi scottanti del nostro movimento*”, Editori riuniti, 2019.
- LEOGRANDE, Alessandro “*La frontiera*”, Feltrinelli 2015.
- LOCKE “*Due trattati sul governo*”, Edizioni Plus, 2007.
- LORETO, Fabrizio, “*Sindacati e immigrazione straniera in Italia dalla fine degli anni settanta ai primi anni novanta*”, 2018.
- LOSAVIO, Nicolò, “*Il salario e le istituzioni che lo debbono modificare*”, 1874.
- LUKACS, Gyorgy “*La distruzione della ragione*”, Mimesis, 2011.
- LUXEMBURG, Rosa, “*The Accumulation of Capital*”, Martino Fine books, 2015.
- LUXEMBURG, Rosa, “*Scritti politici*”, Editori riuniti, 1970.
- LUZZATTI, Luigi, “*La diffusione del credito e le banche popolari*”, istituto veneto di scienze, 1997.
- MACIOTI, Maria Immacolata, PUGLIESE, Enrico, “*L'esperienza migratoria. Immigrati e rifugiati in Italia*”, Laterza, 2010.
- MANDEL, Ernst “*Neocapitalismo e crisi del dollaro*”, Serendipity, 1973.
- MARX, Karl, *Critica al programma di Gotha*”. Bordeaux, 2018.
- MARX, Karl, “*Il capitale, II volume*”, Utet, 2016.
- MARX, Karl, “*Il Capitale*”, libro III, Utet, 2016.
- MARX, Karl, “*Lineamenti di critica dell'economia politica*”. Ets, 2015.
- MARX, K., ENGELS, F. “*Manifesto del partito comunista*”, Laterza, 2008.
- MARX, K, “*Manoscritti economico-filosofici*”, Pgreco, 2022.
- MARX, Karl, “*Il Capitale*”, libro I, Utet, 2016.
- MESZAROS, Istvan, “*Oltre il capitale*”, Edizioni Punto rosso, 2016.

- MICHAILOF, S. *“L'Africanistan”*. Oxford university press, 2016.
- MINISTERO DEL LAVORO E DELLE POLITICHE SOCIALI, *“L'immigrazione per lavoro in Italia. Evoluzione e prospettive. Rapporto 2011”*.
- MOLA, ALDO A. *“L'imperialismo italiano. La politica estera dall'unità al fascismo”*, Editori riuniti, 1980.
- MOLTENI, L. *“Anti-Immigrant Prejudice in Europe: Contact, Threat Perception and Preferences for The Exclusion of Migrants”*, 2003.
- MOEUBIUS, P.J. *“L'inferiorità mentale della donna”*, Abe books, 2021.
- MUSSO, S. *“Storia del lavoro in Italia dall'Unità a oggi”*, 2002.
- MUSSOLINI, Benito, *“La dottrina del fascismo”*, 1932.
- NIETZSCHE, FRIEDRICH, *“La volontà di potenza”*, Bompiani, 2001.
- OLOPADE, Dayo, *“The Bright Continent. Breaking Rules and Making Change in Modern Africa”*, Houghton Mifflin Harcourt, 2014.
- OUENNICHE, Rabi, *“Logistica civile: condizioni di lavoro e le lotte dei lavoratori e delle lavoratrici”*, tesi di laurea, 2015.
- PALA, Gianfranco, *“Il salario sociale. La definizione di classe del valore della forza lavoro”*, La città del Sole, 2006.
- PEROCCO, Fabrizio, *“L'Italia, avanguardia del razzismo europeo”* in BASSO, Pietro, *“Razzismo di Stato”*, Francoangeli, 2010.
- PEROCCO Fabrizio, *“Dall'islamofobia al razzismo anti-musulmano”* in BASSO, Pietro, *“Razzismo di Stato”*, Francoangeli, 2010.
- PETTENO' M. *“Sulla violenza contro le immigrati e gli immigrati”* in BASSO, P. *“Razzismo di Stato”*, Francoangeli, 2010.
- PLATONE, *“La Repubblica”*, Laterza, 2007.
- PIKETTY, Thomas, *“Il Capitale nel XXI secolo”*, Bompiani, 2016.
- RABBENO, Ugo, *“La cooperazione in Italia”*, Nanupress, 2012.
- RAMELLA F. *“Immigrazione e traiettorie sociali in città: Salvatore e gli altri negli anni sessanta”*, Donzelli, 2003.
- REVELLI, Marco, POLO, Gabriele, *“FIAT: I relegati di reparto”*, Unilibro, 1992.
- RICCIARDI, M. *“Appunti per una teoria politica delle migrazioni”* in *Le reti del valore*.

- Migrazioni, produzioni e governo della crisi*”, Derive approdi, 2017.
- RIGO, E. “*Leggi, migranti e caporali. Prospettive critiche di ricerca sullo sfruttamento del lavoro in agricoltura*”, Pacini editore, 2016.
- ROBERTS. Michael, “*La teoria moderna della moneta*”, Asterios editore, 2020.
- ROBERTS. Michael, *The long Depression*”, Chicago, 2016.
- RODINO, L. “*La riforma del diritto della cooperazione*”, Barbera, 1903.
- ROSSELLI, Nello, “*Mazzini e Bakunin*”, Westindian, 2014.
- SACCHETTO, DEVI, “*Migrazioni e lavoro nella sociologia italiana*” in Mezzadra Sandro, Ricciardi M. (a cura di), “*Movimenti indisciplinati. Migrazioni, migranti e discipline scientifiche*”, Ombre Corte, 2013.
- SACCHETTO, Devi, CHIGNOLA, Sandro “*Le reti del valore. Migrazioni, produzioni e governo della crisi*”, Derive approdi, 2017.
- SALVADORI, R. “*Esodo dalle campagne. Cenno storico su utopia e realtà sociale*”.
- SALVEMINI, Gaetano, “*Movimento socialista e questione meridionale*”, Feltrinelli, 1963.
- SAPELLI, Guido, “*Costruendo l'Italia nuova*”, Einaudi, 1981.
- SAPELLI, Guido, “*Il movimento cooperativo in Italia. Storia e problemi*”, Einaudi, 1983.
- SAYAD, Abdelmalek, “*La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*”, Raffaello cortina editore, 2004.
- SCHETTINO, Francesco, CLEMENTI Fabio, “*Crisi, diseguaglianze e povertà*”, La città del Sole, 2021.
- SEVERINO Jean, Ray, Olivier “*Les temps de l'Afrique*”, Odile Jacob, 2011.
- SI COBAS “*Carne da macello*”, Red star press, 2017.
- SMITH, Stephen, “*Fuga in Europa*”, Einaudi editore, 2018.
- SOUHAMORO, Aboubakar, “*Umanità in rivolta. La nostra lotta per la libertà e il diritto alla felicità*” Feltrinelli, 2019.
- SPINELLI, Oscar, “*Mazzini e la cooperazione*” Nistri-Lischi, 1956.
- SPRIANO, Paolo, “*Storia del Partito comunista italiano*”, Einaudi, 1977.
- SWEEZY, P.M. “*The triumph of financial capital*,” 1994.
- TASCA, Angelo, “*Nascita e avvento del fascismo*”, Neri Pozza, 2021.

- TAYLOR, F.W., *“Principi di organizzazione scientifica del lavoro”*, Francoangeli, 1975.
- TAYLOR, Charles, e HABERMAS, Jurgen, *“Multiculturalismo. Lotte per il riconoscimento”*, Feltrinelli, 2008.
- TYLLY, Charles, *“Democracy”*, Cambridge university press, 2012.
- TRAMONTIN, Silvio, *“La figura e l'opera sociale di Luigi Cerruti”*, Marcelliana, 1969.
- VASAPOLLO, Luciano, *“La crisi del capitale”*, Jacabook, 2009.
- VASAPOLLO, Luciano *“Storia di un capitalismo piccolo piccolo”*, Jacabook, 2008.
- VERGAGNINI, Antonio, *“Oggi e domani nel pensiero di un cooperatore”*, Como, 1922.
- VERRUCOLI, P. *“La riforma della legislazione sulle cooperative”*, Giuffrè, 1979.
- VIANELLO, F.A. *“Lavoratrici e lavoratori migranti tra flessibilità, disoccupazione e lavoro nero”* in *“Le reti del valore”*, Deriveapprodi, 2017.
- ZAMAGNI Stefano, ZAMAGNI. Vera *“La cooperazione. Tra mercato e democrazia economica”*, il Mulino 2008.
- ZUCCHETTI, Enrico, *“Il lavoro indipendente degli immigrati: regole e eccezioni”*, 2006.
- ZIBORDI, Giovanni, *“Saggio sulla storia del movimento operaio in Italia. Camillo Prampolini e i lavoratori reggiani”*, Laterza, 1930.
- WEININGER, Otto, *“Sesso e carattere”*, Mimesis, 2012.
- WOLLEMBORG, Leone, *“Scritti”*, Fratelli Bricca, 1935.

Riviste e periodici

- ANCI et al, *“Rapporto sulla protezione internazionale in Italia”*, 2017.
- ALLEANZA DELLE COOPERATIVE ITALIANE, *“Le grandi cooperative in Italia nel periodo 2008-2014”*.
- ASIA ISTAT, *“Rapporto annuale 2018”*.
- BECATTINI G., *“La fioritura della piccola impresa e il ritorno dei distretti industriali”* IN «Economia e Politica Industriale», n. 103.
- BECATTINI, G., *“Il distretto industriale marshalliano come concetto socio-economico”* in *“Stato e mercato”*
- BELLUCCI et al., *Introduction. Labour in Transport*, in *“International Review of Social History”*, n. 59, 2014, cc. 1750-1950, <https://doi.org/10.1017/>

- BOLOGNA, Sergio, “*Il rovescio della litania. Historiae magistra vitae*” in Zapruder 46 “*Block the box. Logistica, flussi, conflitti*”.
- DEGLI INNOCENTI, M. “*Sindacalismo rivoluzionario e cooperazione*”, in “*Ricerche storiche*”, 1978.
- FERACO, Martina, “*La mutazione genetica della cooperazione*” tesi di laurea.
- GALLI, Carlo, “*Multiculturalismo. Ideologie e sfide*”, Il mulino, 2006.
- GIUNTINI, Andrea, “*Logistica e mobilità*” in Zapruder 46 “*Block the box. Logistica, flussi, conflitti*”
- GRAPPI, Giorgio,, “*Contro la trappola logistica*”, in Zapruder 46 del 2018 “*Block the box. Logistica, flussi, conflitti*”, Odradek, 2018.
- HARDIN, Rebecca “*Concessionary politics. Property, patronage and political rivalry in Central African Forest*”, 2011.
- HARNEY, S. “*Genealogie della logistica*” in Zapruder 46 “*Block the box. Logistica, flussi, conflitti*”.
- Il Centro*”, giornale dell'Aquila 5 novembre 2009
- INEA, “*Gli immigrati nell'agricoltura italiana*”, 2009.
- INAIL, “*Rapporto annuale sull'andamento infortunistico*”, 2007.
- ISMU, “*Bilancio demografico cittadini stranieri:acquisizione di cittadinanza, anni 2002-2016*” in https://www.ismu.org/wp-content/uploads/2021/03/Acquisizione-cittadinanza-italiana_Anni-2002-2019.xls
- ISTAT, “*Migrazioni interne e internazionali della popolazione residente*”. 2020.
- ISTAT “*Distribuzione percentuale del tipo di occupazione per paese di nascita*“, dati 2019 del gruppo ASIA.
- Statistica delle elezioni generali politiche per la XXV legislatura. (16 novembre 1919), in <https://ebiblio.istat.it/SebinaOpac/resource/statistica-delle-elezioni-general-politiche-per-la-25-legislatura-16-novembre-1919/IST0004319>
- LA STAMPA, 25 gennaio 2010.
- LA CONTRADDIZIONE, numero 89, articolo di Gianfranco Pala, “*Il conflitto tra aree valutarie*”.
- La Repubblica, 12 aprile 1999.
- LEONARD, C. “*Liberation or Capture. Youth in Between Hakuma and Home during Civil War and its Aftermath in Southern Sudan*” in <https://www.csrf-southsudan.org/repository/liberation-capture-youth-hakuma-home-civil-war-aftermath-southern-sudan/>

- LOPEZ E., *“L'attività della missione portoghese in Italia”* in *“Servizio migranti”*, VIII, 1972.
- MINISTERO DELL'INTERNO- OSSERVATORIO SULLA PROSTITUZIONE E SUI FENOMENI AD ESSA CONNESSI, *“Relazione sulle attività svolte”*, 2010.
- MENTO, Leonardo, *“Immigrati alla ribalta”*, 2016.
- MEZZADRA, Sandro, BOJADZIEV Manuela, *“Logistica delle migrazioni”* in Zapruder *“Block the box. Logistica, flussi, conflitti”*,
- MOLTENI, Gianmario, *“Civiltà cooperativa. Trattati di storia della cooperazione in Italia”*, Raccolto, 2006.
- MOSCA Luigi, *“Castelvoturno. Un pezzo di Africa in Italia”* in Zapruder, 2/2008.
- NATALE M, *“Fonti e metodi di rilevazione della popolazione straniera in Italia”* in *“La presenza straniera in Italia. L'accertamento e l'analisi”*, Studi emigrazione 71.
- NUZZI, Gianluigi, *“La coop ti spia”*, 14 gennaio 2010.
- OLAWALE, Ismail, *“The dialectics of Junction and Base: Youth, Securo Commerce and the crises of Order in Downtown Lagos”*, 2009.
- PERROTTA, Mimmo *“Lotte nella logistica. Amazon, SDA e dintorni”* in *“Gli Asini”*, 8 febbraio 2018.
- POOLGREEN, L. *“In Zimbabwe Land Takeover; a Golden Lining”* in <https://www.nytimes.com/2012/07/21/world/africa/in-zimbabwe-land-takeover-a-golden-lining.html>.
- PRODI Romano, *“L'Italia è diversa e mancano i negri”* in *“Corriere della sera”*, 19 agosto 1977.
- SCENARI IMMOBILIARI *“Un nuovo protagonista nel mercato della casa: l'immigrato”*.
- STUDI E RICERCHE PER IL MEZZOGIORNO, *“Logistica e sviluppo economico. Scenari economici, analisi delle infrastrutture e prospettive di crescita”*.
- SULLIVAN, R., *“Managing Modernity. African responses to rapid population Growth”*, 2007. *“The security demographic. Population and civil conflict after the Cold War”* in <https://www.wilsoncenter.org/event/the-security-demographic-population-and-civil-conflict-after-the-cold-war>.
- TURATI, Filippo, *“Critica sociale”*, 1° dicembre 1895.
- TURATI, Filippo, *“La conquista delle campagne”*.
- TURATI, Filippo, *“Il miraggio delle cooperative”* in *“Critica sociale”*, agosto 1897.
- UNITED NATIONS POPULATION DIVISION, *“Replacement Migration. Is it a Solution to Declining and Ageing Populations?”*, 2000.

UNITED NATIONS POPULATION DIVISION, “*World Population Prospects. The 2015 Revision*”
https://population.un.org/wpp/publications/files/key_findings_wpp_2015.pdf

WAGNER.I. “*The political Economy of Borders in a Borderless European Labour Market* in
“Jornal common labour market”

WSJ “*Hedge funds try to “carrer trade” against euro*, 26-2-2010.

Sitografia

<http://www.adir.unifi.it/rivista/2013/ragusa.htm>

<https://www.alleanzacooperative.it/uffici-studi/documento/n-41-le-cooperative-attive-italia-2015/>

COMMISSIONE DELLE COMUNITÀ EUROPEE, “*Lo sviluppo futuro della politica dei trasporti*”, in

<https://www.alleanzacooperative.it/l-alleanza/la-fondazione.html>

www.altroconsumo.it.

<https://www.amnesty.it/pierre-mumber-aiuto-migranti-condannato/>

<https://www.agoravox.it/Contratti-firmato-importante.html>

<https://www.anfia.it/it/>

https://www.ansa.it/sito/notizie/speciali/2018/10/03/il-3-ottobre-2013-a-lampedusa-la-piu-grande-tragedia-dellimmigrazione_7506a9e5-fcc1-472d-ba5d-00525d474243.html

<https://areastudi.legacoop.coop/wp-content/uploads/2020/10/Legacoop-in-cifre.pdf>

<https://www.autistici.org/operaismo/PrimoMaggio/I%20quaderni/Quaderni%20di%20Primo%20Maggio%20%231.pdf>

https://bologna.repubblica.it/cronaca/2017/02/04/news/sindacalista_arrestato_a_modena_operai_si_cobas_occupano_i_binari-157574287/

<https://www.europarl.europa.eu/factsheets/it/sheet/123/politica-comune-dei-trasporti-principi-general>

https://www.bancaditalia.it/pubblicazioni/indagine-trasporti-internazionali/2021-indagine-trasporti-internazionali/statistiche_ITM_14062021.pdf

https://www.camera.it/leg17/465?tema=finanziamento_partiti

. <https://campagneinlotta.org/roma-12novembre-manifestazione-nazionale-contro-il-regime-di-controllo-della-mobilita-e-contro-lo-sfruttamento/>

<https://cepr.org/content/independent-study-outlines-benefits-eu-us-trade-agreement>

<https://www.clap-info.net/2017/01/comunicato-si-cobas-ignobile-canea-mediatica-per-colpire-le-lotte/>

https://www.cliclavoro.gov.it/Normative/Legge_8_novembre_1991_n.381.pdf, p.1.

<https://www.conibambini.org/osservatorio/alunni-stranieri-oltre-la-meta-e-in-ritardo-alle-superiori-2/>

www.contraddizione.it

<https://www.cooperativeitalia.it/indagato-presidente-legacoop-bologna-per-minacce-al-sindaco-di-san-lazzaro-di-savena/>

https://www.corriere.it/cronache/08_settembre_19/rivolta_castelvoturno_immigrati_de6698dc-8635-11dd-bef9-00144f02aabc.shtml

Corriere della sera”, 24 giugno 2006.

<http://www.cronachediordinariorazzismo.org/il-successo-della-lega-i-media-e-le-crisi-migratorie/>

<https://www.cub.it/index.php/contatti/194-comunicati-stampa/8564-sciopero-ai-magazzini-del-gigante-di-basiano-sette-operai-in-ospedale>

<https://www.cub.it/index.php/contatti/149-cub-internazionale/sindacati-europei/317-rete-europea-dei-sindacati-alternativi-e-di-base-dichiarazione-di-principi-per-un-sindacalismo-di-lotta-e-di-trasformazione-sociale>

<https://www.cub.it/index.php/contatti/176-organizzazioni-cub/flaicauniti-cub-commercio-e-servizi/8703-pessima-ikeapessima-ikea-107-ragioni-per-boicottare-ikea>

https://def.finanze.it/DocTribFrontend/decodeurn?urn=urn:doctrib::DLG:2002-08-02;220_art12#:~:text=220&text=Norme%20in%20materia%20di%20riordino,alla%20posizione%20del%20socio%20lavoratore%22.

<https://www.diritto.it/il-regime-fiscale-delle-societa-cooperative-e-le-principali-agevolazioni-tributarie-previste-per-quelle-a-mutualita-prevalente-dopo-il-decreto-legge-1122008/>

<https://dirittipertutti.gnumerica.org/2014/02/14/giu-le-mani-dal-movimento-di-lotta-per-il-diritto-alla-casa-liberta-per-gli-arrestati-presidio-stasera>

<http://dream.luiss.it/2017/01/30/trans-pacific-partnership-le-prime-iniziative-di-donald-trump/>

https://ebiblio.istat.it/digibib/Elezioni/IST0003263Compendio_stat_elett_ita1848_1934_Vol2.pdf

<https://www.e-coop.it/campagne/una-buona-spesa-puo-cambiare-il-mondo>

EUROPEAN COMMISSION, “*EU Emplotment and Social Situation*” in

<https://ec.europa.eu/social/main.jsp?catId=113&langId=en>

<https://espresso.repubblica.it/plus/articoli/2019/10/07/news/decreti-sicurezza-mostruosita-1.339494>

<http://www.fncc.it/categoria-news/cooperadive-di-comunita/#:~:text=La%20caratteristica%20discriminante%20%C3%A8%20quindi,un%20gruppo%20sociale%20ristretto%20come%2C>

<https://www.fanpage.it/roma/mafia-capitale-sentenza-dappello-bis-buzzi-condannato-a-12-anni-e-10-mesi-e-carminati-a-10-anni/>

<https://www.fincantieri.com/it/prodotti-servizi/navi-militari/>.

http://www.fondazionebrodolini.it/sites/default/files/pubblicazioni/file/lavoro_e_organizzazione_del_la_logistica_4.0.pdf

<https://www.formazionefinanza.com/conti-deposito/prestito-sociale-coop/>.

<https://www.greenme.it/consumare/acqua/acqua-borsa-mercato-azionari/>

<https://italianonprofit.it/risorse/definizioni/cooperative-sociali/>

https://www.huffingtonpost.it/2016/01/13/libera-ciotti-querela-zag_n_8970004.html

<https://ilcircolaccio.it/2019/01/08/i-grandi-affari-delle-cooperative-rosse-e-le-distrazioni-della-giustizia/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/01/21/coop-operaie-di-trieste-il-crac-del-2014-resta-senza-colpevoli-gli-ex-vertici-assolti-dalle-accuse-di-bancarotta-e-false-comunicazioni/6074205/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2020/05/21/decreto-rilancio-i-braccianti-in-sciopero-contro-i-termini-della-regolarizzazione-spot-per-mera-utilita-di-mercato-non-e-lotta-allo-sfruttamento/5808344/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/02/23/bologna-nettuno-doro-capo-della-mobile-lega-preparano-proposta/193538/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/05/30/processo-bnl-unipol-10-imputati-assolti-condannati-solo-consorte-e-sacchetti/246501/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2013/06/01/bologna-facchini-in-piazza-per-difendere-diritto-di-sciopero/613317/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2012/06/15/ikea-facchini-bloccano-i-cancelli-la-polizia-sgombera-con-la-forza/264319/>

https://inchieste.repubblica.it/it/repubblica/rep-it/2016/01/18/news/il_mattatoio_dei_diritti-131109609/

www.infobuild.it

<https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?v=120&l=it>

<https://www.informaimpresa.it/item/trasporto-merci-rinnovo-ccnl-e-tabelle-retributive>

<https://www.ilrestodelcarlino.it/imola/economia/3elle-quote-sociali-coop-1.400860>

https://www.ilgazzettino.it/nordest/padova/migranti_inchiesta_coop_viceprefetti-4405456.html

<https://www.ilgiornale.it/news/crac-parmalat-sp-valut-male-rating-adesso-costretta.html>

<https://www.ilgiornale.it/news/crisi-premier-i-paesi-dellunione-europea-hanno-vissuto-sopra.html>

<https://www.internazionale.it/notizie/2015/07/13/crisi-greca-cronologia>

<https://www.ilgiornale.it/news/interni/grande-torta-delle-coop-rosse-scandali-e-soldi-dagli-amici-1018108.html>

https://www.ilmattino.it/primopiano/cronaca/latina_immigrati_gestori_centro_accoglienza_arresti-3819642.html

<https://www.ilsole24ore.com/art/la-grecia-e-crisi-che-non-finisce-piu-cosa-spinge-giovani-emigrare-AFF5OIL>

<https://www.ilsole24ore.com/art/via-seta-italia-e-cina-firmano-memorandum-ABDPgGhB>

<https://job.fanpage.it/naspi-guida-completa/#:~:text=La%20Naspi%20%C3%A8%20l'indennit%C3%A0,Aspi%20e%20la%20Mini%20Aspi.&text=Si%20tratta%20della%20NASpI%2C%20l,ultimi%204%20anni%20di%20lavoro>

<https://www.ilsole24ore.com/art/profitti-calò-e-finanza-dolori-sistema-coop-AESKSFwE>

<https://www.ilsole24ore.com/art/il-debito-greco-lunga-storia-errori--AEPQskFF>
<https://impreserecuperate.it/>

<https://incronaca.unibo.it/archivio/2020/02/19/tutte-le-tappe-del-caso-aemilia>

https://www.inps.it/docallegatiNP/Mig/Dati_analisi_bilanci/Attivita_ricerca/Studi_e_analisi/2022/Analisi_ISEE_e_RdC_2_03_def.pdf

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2014/10/16/torino-protesta-dei-facchini-del-caat-scontri-con-la-polizia-commerciante-morto-dinfarto/1157178/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2011/11/04/esselunga-lavoratori-delle-cooperative-in-sciopero/168500/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2021/06/18/novara-sindacalista-muore-travolto-da-camion-durante-uno-sciopero-arrestato-linvestitore-ha-forzato-il-blocco-ora-si-trova-in-carcere/6233934/>

<https://www.ilfattoquotidiano.it/2014/10/16/torino-protesta-dei-facchini-del-caat-scontri-con-la-polizia-commerciante-morto-dinfarto/1157178/>

<https://ilmanifesto.it/gkn-parte-la-cassa-di-resistenza-solidarieta-operaia-con-birmingham/>

<https://ilmanifesto.it/a-piacenza-il-corteo-dellindignazione-per-la-morte-di-abd-el-salam-ahmed-el-danf/>

<https://ilmanifesto.it/arrestato-aldo-milani-si-cobas-e-una-trappola/>

<http://www.integrazionemigranti.gov.it/Documenti-e-ricerche/CampaniaDossier%20Radici%20Rosarno%202012%20FondazioneIntegrazione.pdf>

https://www.interno.gov.it/sites/default/files/2021-06/circolare_logistica_gabinetto_10.6.2021.pdf

<https://www.infoaut.org/approfondimenti/inchiesta-operaie-yoox-abbiamo-spalancato-la-porta-e-siamo-uscite>

<https://www.infoaut.org/precariato-sociale/macelli-dello-sfruttamento>

<https://www.innovationpost.it/2019/12/02/le-9-h>

<https://www.ilpiacenza.it/cronaca/tnt-accordo-sindacale-cobas.html>

<https://www.ilpiacenza.it/cronaca/buste-paga-ridotte-e-orari-falsati-obbligo-di-diventare-soci-e-niente-sindacato.html>

<http://www.iltafferuglio.org/2016/08/27/scioperi-e-picchetti-ai-magazzini-hm-nel-nord-italia-intervista-alle-lavoratrici/>

<https://www.istat.it/it/archivio/252815>

<https://www.istat.it/it/archivio/177521> *L'integrazione degli stranieri e dei naturalizzati nel mercato del lavoro”.*

<https://www.istat.it/it/files//2022/10/Report-cittadini-non-comunitari-2022.pdf>

<https://www.istat.it/it/files//2019/02/Report-Stime-indicatori-demografici.pdf>

<https://www.iusinitinere.it/la-nuova-via-della-seta-uniniziativa-economica-di-pechino-19236>

https://it.wikisource.org/wiki/Italia_-_9_maggio_1936,_Discorso_di_proclamazione_dell_%27Impero

<https://www.lacittafutura.it/cultura/lenin-contro-l-economicismo>

https://www.lantidiplomatico.it/dettnews-brancaccio_migranti_capro_espiatorio_del_capitale/11_41032/

<https://www.lastampa.it/cronaca/2010/01/08/news/la-rivolta-nera-di-rosarno-1.37028179>

<https://www.lavoroediritti.com/leggi-e-prassi/nuove-retribuzioni-statali>

<https://legacoop.produzione-servizi.coop/settore-logistica-e-trasporti/>

<https://www.legacoopmarche.it/articoli/giuliano-poletti-ministro-del-lavoro-e-delle-politiche-sociali>

https://www.libera.it/?gclid=Cj0KCQjwsqmEBhDiARIsANV8H3aFonrzD00Je0bwnXCSyII_UPwxQ2MtnfAr4hsrUMcGRfV3fbyquHsaAlSIEALw_wcB

<http://www.libertaciviliimmigrazione.dlci.interno.gov.it/it/documentazione/circolari/carta-dei-valori-della-cittadinanza-e-dellintegrazione>

<https://www.logisticamente.it/Articoli/11953/logistica-inefficienze-pesano-fino-al-2-del-pil/>

<https://mafiesottocasa.com/santagata-bolognese-assalto-alla-caserma-dei-carabinieri/>

www.meltingpot.org/ comunicato dei lavoratori immigrati di Rosarno.

<https://www.meltingpot.org/CARA-di-Mineo-dopo-otto-anni-chiude-il-ghetto-voluto-dalla.html#.YIrUpLUzZPY>

<https://www.meltingpot.org/I-migranti-rendono-piu-della-droga-come-la-mafia-si-e.html#.Yalh6tDMJPY>

https://milano.corriere.it/notizie/politica/18_gennaio_15/attilio-fontana-immigrati-razza-bianca-difendere-candidato-centrodestra-regione-lombardia-bcf74404-f9e8-11e7-b7a0-515b75eef21a.shtml

https://milano.repubblica.it/cronaca/2021/04/01/news/glazie_plego_facciamo_plesto_nel_libro_per_le_elementari_i_bambini_cinesi_parlano_cosi_polemica_su_twitter-294699310/?ref=RHTP-BH-I0-P1-S8-T1

<https://www.money.it/riunione-bce-12-settembre-2019-attese-previsioni-qe-taglio-tassi-forward-guidance>

<https://www.normattiva.it/uri-res/N2Ls?urn:nir:stato:legge:2001;142#:~:text=1%20Soci%20lavoratori%20di%20cooperativa,organizzazione%20del%20lavoro%20dei%20soci.>

<https://www.osservatori.net/it/ricerche/comunicati-stampa/settore-logistica-trend-fatturato>

<https://www.operaicontra.it/2012/06/10/74531dc/>

<http://www.osservatoriopressione.info/roma-squadracce-fasciste-caricano-i-facchini-in-sciopero-4-feriti/>

<https://www.pane-rose.it/files/index.php?c3:o38584:e1>

<https://www.piacenzasera.it/2020/07/morte-di-abd-el-salam-durante-la-protesta-alla-gls-assolto-lautista-del-tir/346961/>

<https://www.possibile.com/cosa-ci-insegna-la-storia-dello-zong/>

<https://quifinanza.it/lavoro/reddito-di-cittadinanza-busta-paga-piu-bassa-per-il-23-dei-lavoratori/656556/>

https://www.quotidianosanita.it/studi-e-analisi/articolo.php?articolo_id=70344

<https://www.quotidiano.net/economia/crisi-trasporto-merci-1.6887216>

<https://www.raiplay.it/video/2014/11/In-buone-acque---Anteprima-e545df5c-b068-45ad-912>

<https://www.ravennatoday.it/politica/ancisi-hera-dirigenti-premiati-anche-dopo-lo-scandalo-rifiuti-della-primavera-scorsa.html>

i: <https://www.repubblica.it/online/politica/bossibari/lodi/lodi.html>

<https://www.repubblica.it/2007/06/sezioni/politica/anto-intercetta/deposito-intercetta/deposito-intercetta.html>

https://www.repubblica.it/cronaca/2018/06/04/news/migrante_ucciso_a_fucilate_in_calabria_incendio_nella_vecchia_tendopoli_e_oggi_sciopero_dei_braccianti-198089266/

https://www.repubblica.it/solidarieta/immigrazione/2016/02/26/news/rifugiati_la_mappa_nera_dell_accoglienza_stilata_da_lasciatecienrare_-134289005/

https://www.repubblica.it/economia/2015/04/29/news/il_lavoro_negli_anni_della_crisi_l_italia_pag_a_il_conto_la_disoccupazione_e_cresciuta_del_108_-112996138/

https://www.repubblica.it/cronaca/2015/08/18/news/morta_nei_campi_per_due_euro_l_ora_la_mia_paola_merita_giustizia_-121150267/?ref=search

. <https://www.rfi.it/it/rete/in-europa/corridoi-ten-t.html>

https://www.repubblica.it/cronaca/2018/06/04/news/migrante_ucciso_a_fucilate_in_calabria_incendio_nella_vecchia_tendopoli_e_oggi_sciopero_dei_braccianti-198089266/

http://www.ristretti.org/index.php?option=com_content&view=article&id=104470:friuli-venezia-giulia-chi-aiuta-i-migranti-rischia-di-finire-in-carcere&catid=220:le-notizie-di-ristretti&Itemid=1

https://www.repubblica.it/politica/2017/10/13/foto/fusioni_scissioni_vittorie_e_sconfitte_10_anni_d_i_pd-178145698/1/

<https://ricordare.wordpress.com/perche-ricordare/167-cooperative-rosse/>

www. Safetysecuritymagazine.com “2021 Trend: Supply chain e logistica resilienti”.

<https://www.savethechildren.it/blog-notizie/tratta-e-sfruttamento-italia-crescita-lo-sfruttamento-sessuale>

<https://www.secondowelfare.it/primo-welfare/lavoro/working-poor-in-europa-10-lavoratori-sotto-la-soglia-di-povert-un-progetto-per-combattere-le-dis.html>

<https://siusa.archivi.beniculturali.it/cgi-bin/pagina.pl?TipoPag=prodpersona&Chiave=45124&RicProgetto=personalita>

<https://sicobas.org/2021/11/16/contributo-ai-disoccupati-e-alle-disoccupate-del-movimento-7-novembre-tir/e>

<https://sicobas.org/2014/06/15/yoox-molestie-sessuali-sulle-facchine-ora-basta-e-sciopero/>

<http://sicobas.org/2022/07/18/contributo-con-la-scusa-del-pnrr-padroni-e-governo-draghi-allattacco-dei-lavoratori-non-solo-della-logistica/>,

<https://sicobas.org/2019/05/14/comunicato-aldo-milani-assolto-per-non-aver-commesso-il-fatto-gli-uni-estorsorisono-i-padroni/>

<https://sicurezzainternazionale.luiss.it/2020/12/20/immigrazione-oltre-3-174-migranti-morti-nel-2020/>

<https://www.sr-m.it/index.php>,

<http://stradafacendo.tgcom24.it/2020/09/18/le-mille-imprese-italiane-che-trainano-il-settore-dei-trasporti-e-della-logistica/>

<https://www.studiperlapace.it/documentazione/europconv.html>.

<https://tg24.sky.it/cronaca/approfondimenti/pastori-sardi-protesta-latte-sardegna-perche>

<https://www.today.it/attualita/bambino-nero-libro-polemica-razzismo.html>

<https://www.today.it/cronaca/sciopero-eataly-firenze.html>

<https://www.trasportoeuropa.it/notizie/ferrovia/il-piano-di-rfi-per-rilanciare-le-merci-su-rotaia/>

<https://www.unioneinterportiriuniti.org/>

<https://unita.news/2019/03/20/mafie-al-nord-non-si-tratta-piu-di-infiltrazioni-ma-di-sistema-strutturato-e-radicato/>

<https://www.veneziacittametropolitana.eu/pensarevenezias/3-1-2-internazionalizzazione-e-traffici-merci/>

<https://video.repubblica.it/green-and-blue/tecnologia/hyperloop-15-milioni-per-finanziare-il-primo-progetto-come-funziona-il-super-treno-green/399797/400507>

<https://www.wired.it/economia/business/2017/08/01/inchiesta-eataly-oscar-farinetti/>

<https://www.worldbank.org/en/programs/africa-regional-studies/publication/african-cities-opening-doors-to-the-world>

<https://www.wumingfoundation.com/giap/2014/02/con-i-lavoratori-della-logistica-oggi-corteo-a-bologna/>

<https://www.youtube.com/watch?v=hGag7ksAc4>

<https://www.zalab.org/le-monde-sulla-crisi-migratoria>

Leggi e mozioni

COTA, R. “Mozione del 16/09/2008”.

Circolare Ministero della pubblica Istruzione n 205, 26 luglio 1990.

Cass. civile, 20 settembre 2016 n. 18422.

<https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/2017/02/17/17G00026/sg>

<https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/2020/03/09/20A01558/sg>

<https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/2015/06/24/15G00095/sg>

<https://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1983/05/25/083A3100/sg>

Legge 4-8.1990 n. 240 art.1.

Legge n. 30 14 febbraio 2003(anche detta legge Biagi dal nome del suo redattore).

